



Em 1928, foi fundada a revista A ESTRELA, substituindo O ARAUTO DA ESTRELA, que veiculava palestras e poesias de J. **Krishnamurti** (então com 32 anos); nela também encontramos entrevistas com Krishnamurti, escritos de Annie Besant, Emily Lutyens, C. Jinarajadasa, D. Rajagopal e outros Teosofistas que acompanharam “os anos do despertar” de J. Krishnamurti. Eis alguns textos:

A ESTRELA – Volume I – No 1

A União Simples – J. Krishnamurti

O Menino e o Instrutor – por Annie Besant

Krishnaji – por Jinarajadasa

A ESTRELA – Volume I – No 2

O Mendigo no Santuário – Krishnamurti

Para Ninguém Olho, Ao Teu Lado (Poema) - Krishnamurti

Busca a Tua Alma, Amigo (Poema) – Krishnamurti

Libertação, A Meta Final – Krishnamurti

Discurso de Krishnaji – Na Sala Adyar, Paris

A ESTRELA – Volume I – No 3

O Portal da Libertação – Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 4

Anda à Luz do Meu Amor e Não Terás Nenhuma Sombra (Poema) – Krishnamurti

Revolta Inteligente – Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 5

O Topo da Montanha – Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 6

Meu Coração Pesa Com Seu Amor (Poema) - Krishnamurti

A Harmonia Dos Veículos - Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 7

A Verdade Que É Libertação E Felicidade - Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 8

O Oleiro (Poema) - Krishnamurti

A Necessidade de Modificar - Krishnamurti

Felicidade e Libertação - Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 9

Uma Parábola - Krishnamurti

Krishnaji - Annie Besant

Entrevista com Krishnamurti

O Instrutor do Mundo e a Ordem da Estrela

A ESTRELA – Volume I – No 10

A Centelha e a Chama - Krishnamurti

Os Desconhecidos (Poema) - Krishnamurti

Verdade ou Lealdade - Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 11

A Busca do Bem Amado (Poema) - Krishnamurti

O Tempo da Colheita da Vida - Krishnamurti

O Bem Amado em Tudo (Poema) - Krishnamurti

A ESTRELA – Volume I – No 12

Eu Sou Tudo (Poema) - Krishnamurti

Não Podes Limitar a Verdade (Poema) - Krishnamurti

Não Posso te Ensinar a Orar (Poema) - Krishnamurti

Os Objetivos da Ordem da Estrela - Krishnamurti

É Prática a Mensagem de Krishnamurti? (Discussão no Acampamento de Ommen)

Boletim Internacional A ESTRELA No 9

Perguntas e Respostas (I)

Perguntas e Respostas (II)

A ESTRELA Ano II Nº 1 e 2 - Janeiro e Fevereiro de 1929

Um Sonho me Advém por entre Multidão de Desejos (Poema) – Krishnamurti

Tempo (Poema) – Krishnamurti

Há Uma Montanha... (Parábola) – Krishnamurti

Oh, Ama a Vida (Poema) – Krishnamurti

A Verdade não é Bem nem Mal (Poema) - Krishnamurti

A Aurora que Vem – Krishnamurti

Boletim Internacional da ESTRELA Ano II No 1 e 2 (da anual em Inglês) – Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

Discussão em Eerde

O Fim no Começo - C. Jinarajadasa

A Chama – Krishnamurti

Construir sobre o Entendimento – Krishnamurti

O Ouvinte Ideal – C. Jinarajadasa

Propaganda – Krishnamurti

A ESTRELA Ano II No 3 e 4 Março e Abril de 1929

O Desejo é Vida (Poema) - Krishnamurti

Uma Visão da Vida (Poema) - Krishnamurti

Não Tenho Nome (Poema) - Krishnamurti

O Perfume do Mundo (Poema) - Krishnamurti

O Rio da Vida – Krishnamurti

Boletim Internacional da ESTRELA Ano II No 5 e 6 (da anual em Inglês) – Fevereiro e Março de 1929

Em meu Jardim... (Parábola) – Krishnamurti

Expectativa e Consecução – Emily Lutyens

Meditação Coletiva – Krishnamurti

O Valor da Individualidade – Krishnamurti

A ESTRELA Ano II No 5 e 6 Maio e Junho de 1929

Há uma Pequena Cidade... (Parábola) – Krishnamurti

As Portas do Eterno – Krishnamurti

Dois Poemas – Krishnamurti

A Consecução da Verdade – Krishnamurti

Boletim Internacional da ESTRELA Ano II No 7 e 8 (da anual em Inglês) – Abril e Maio de 1929

A Verdadeira Base da Vida (Poema) - Krishnamurti

Uma Entrevista com Krishnaji – R. L. C.

Krishnamurti e o músico Stokowski – Uma Palestra

A Vida em Liberdade (comentários pela Dra. Besant do livro) - Annie Besant

O Objetivo do Acampamento Indiano da Estrela – (fragmentos da mensagem de Krishnaji)

Discernimento – Krishnamurti

A ESTRELA No 7 Julho de 1929

A Verdade na Limitação (Poema) – Krishnamurti

Uma Entrevista com Krishnaji sobre Problemas da Época Atual

Havia certa vez um homem... (Parábola) – Krishnamurti

A ESTRELA e Boletim Ano II No 8 e 9 Agosto e Setembro de 1929

Poemas - Krishnamurti

Renúncia e Transigência – Krishnamurti

A Dissolução da Ordem da Estrela – Krishnamurti

Dissolução da Ordem – D. Rajagopal

Boletim Internacional da ESTRELA Ano II No 10

Excertos – Krishnamurti

Vislumbres do Acampamento de Ojai

Antes do Acampamento de Ojai - Anônimo

Que o Entendimento Seja a Lei - Krishnamurti

A UNIÃO SIMPLES

J. Krishnamurti

Escuta-me, Oh! Amigo
Sejas Yogi, ou Sacerdote ou Monge,
Um devoto amante de teu Deus,
Um peregrino em busca da ventura,
Banhando-te nos Santos Rios,
Freqüentando os Sacros altares,
O ocasional cultuador de um dia,
Um grande ledor de livros,
Ou um construtor de muitos templos;
Meu amor dói-me por ti,
Eu sei o caminho para o coração do Bem Amado.

Esta luta vã,
Este longo afã,
Esta tristeza intérmina,
Este prazer cambiante,
Esta dúvida que queima,
Este prezar da vida,
Tudo isso cessará, oh! Amigo.
Meu amor doi-me por ti.
Eu sei o caminho para o coração do Bem Amado.

Peregrinei pela terra,
Amei os reflexos,
Cantei, entoando em êxtase.
Cobri a fronte de cinzas,

Ouvi os sinos dos templos,
Envelheci no estudo,
Procurei.
Perdi-me?
Oh! sim, muito aprendi.
Meu amor doi-me por ti,
Eu sei o caminho para o coração do Bem Amado.

Amigo,
Amarás os reflexos
Quando eu posso propiciar-te a realidade?
Lança fora teus sinos, teu incenso,
Teus temores e deuses,
Põe de lado teus credos e filosofias.
Vem, põe de lado tudo isso.
Eu sei o caminho para o coração do Bem Amado.

Amigo,
A simples união é a melhor.
Este é o caminho para o coração do Bem Amado.

(A Estrela, Vol. I, N. 1 – Janeiro de 1928)

O MENINO E O INSTRUTOR

Annie Besant

Muitas têm sido as mudanças que vi, operadas em **Krishnamurti**, desde o dia 11 de Janeiro de 1910 em que eu e o meu venerando irmão, C. Leadbeater, estivemos de pé, por detrás dele e dos seus dois padrinhos, nossos Irmãos mais Velhos, na presença radiante do Senhor Maitreya, o futuro Buddha, sobre cuja cabeça brilhava a Fulgente Estrela, ao passo que o Senhor Buddha, sentado bem alto, no espaço, abençoava a criança que ia pôr os seus frágeis pés no Caminho trilhado pelos Tatagathas, desde que o nosso globo recebeu os Filhos do Fogo.

Após as costumadas perguntas e respostas e depois de um breve pausa, o Hierofante olhando ternamente para aquele pequenino, perguntou se, em vista da tão tenra idade do corpo do candidato, queriam alguns irmãos vivendo no mundo físico, toma-lo a seu cargo e velar por ele, até atingir a maioridade.

Respondemos, meu irmão e eu, que gostosamente aceitávamos o encargo, porque o estimávamos muito.

Tendo-se-lhe perguntado se ele nos aceitava como seus tutores durante a sua adolescência, ele em uma frase cheia de amor, mostrou desejar acolher-se à nossa proteção.

Com algumas frases sublimes, foi-nos transmitido esse sagrado encargo, formando-se, entre ele e nós, um elo que jamais poderá ser quebrado.

Passaram-se os anos; o jovem tornou-se um adolescente e o adolescente um homem que atravessou vários estados e muitas maneiras de pensar e de sentir. Houve períodos de franca alegria de criança; outros de languidez em relação ao seu destino, períodos de revolta mental e de uma forte e íntima aspiração pela liberdade de pensar e independência de julgamento, cumulando o irmão de perguntas, com a sua mente brilhante. Mas ficou sempre, através de tudo, a mesma criatura, gentil, amável, graciosa, cheia de compaixão para tudo quanto era fraco, para os animais, para as criancinhas, ligado, sempre, pelo mesmo puro amor aos seus dois irmãos mais velhos, designados para seus tutores; um adolescente encantador e fascinante, conquistando os corações de quantos o conheciam. Desde 1909, ano em que seu pai o trouxe com Nityananda, para Adyar, Quartel General da Sociedade Teosófica, ambos os irmãos viveram num ambiente de Teosofia, haurindo os seus ideais, absorvendo os seus ensinamentos, acrescentando ao Hinduísmo, em que nasceram, a liberdade de pensamento inseparável da Teosofia. Assim, afirmou ele no castelo de Herde ao seu círculo de estudantes: "a base dos meus conhecimentos é a Teosofia".

A grande dor da sua vida foi a desencarnação do seu irmão, pois sempre junto dele se conservara desde o seu nascimento; mas apenas os seus corpos físicos se separaram, pois que a morte não podia romper a sua indissolúvel união.

Ele recebeu a sua Segunda Iniciação em Taormina e a terceira no seu próprio lar, no Vale de Ojai. Em 1925 teve lugar a primeira manifestação pública, mostrando que ele era o veículo escolhido pelo Grande Instrutor, quando este falou como os nossos leitores sabem, pelos seus lábios, no dia 28 de Dezembro na reunião do aniversário da Estrela, que imediatamente se seguiu a Convenção do Jubileu da Sociedade Teosófica. Desde então, as suas mudanças têm sido sucessivas e rápidas, como se pode ver nos poemas que tem escrito, chegando sua consciência a imergir na parte da consciência do Instrutor do Mundo, que se permite funcionar dentro das limitações do corpo físico humano. (Veja-se o capítulo XI do Bhagavad Gita).

As transformações têm sido notáveis. Ao falar em público na última primavera e no recente verão, mostrava-se ainda tímido, muito nervoso, por vezes hesitante, sempre com completa ausência de segurança própria. Agora, porém, tornou-se majestoso, sem a mais leve sombra de nervosismo, fluente e poético na dicção rica de imagens tiradas sempre da Natureza. Afirmou-se, plena e definitivamente, o Instrutor do Mundo, como a porta para a Libertação, como Uno com o Seu Bem-Amado. Eu, que o conheci desde criança, dou testemunho de que ele já não é o **Krishnaji** que foi. Mesmo nas suas próprias qualidades de amor e ternura, se fez uma mudança. Tornaram-se mais profundas e mais fortes, porém, impessoais, já não depende mais de ninguém. Está só, irradiando amor e felicidade para todos. Uma felicidade serena, alegre, irradia dele, brota espontânea da sua natureza última, não é superficial.

Os seus ensinamentos são Ideais e não meros detalhes; dele emana uma poderosa torrente de Vida, pouco lhe importando que ela vá quebrar as velhas fórmulas imperfeitas ou mesquinhas. A vida cria e regenera, e o Instrutor do Mundo irradia de Si a Vida, sem cuidar das formas. A dor é temporária e só a sofrem aqueles que ficam agrilhoados à forma. A alegria, porém, pertence àqueles que se encontram prontos a perder a vida inferior e estão certos de que encontrarão a Vida Eterna.

E, assim, embora Mãe e tutora do jovem, do adolescente, eu, alegremente, reverencio no Homem a presença do Senhor que adoro.

Porque O reconheço como Ele é no seu Corpo Glorioso, na Sua morada do Himalaia, onipotente e onipresente, eu O saúdo no santuário do seu corpo físico, com as limitações assim impostas, imanente no corpo terrestre, tão verdadeiro como Ele se manifesta no seu Corpo Glorioso, naquelas longínquas cordilheiras. Sou a Sua serva, seja qual for a forma que Ele revista e tomo esse serviço como o meu mais alto privilégio neste mundo inferior.

Revista "A Estrela" Volume I – N. 1 – Janeiro 1928

KRISHNAJI

C. Jinarajadasa

A feição característica de **Krishnaji** é a sua individualidade.

Como todos sabem, os seus "Pais espirituais" têm sido a Dra. Annie Besant e o Bispo C. W. Leadbeater; eu mesmo, posso incluir-me no número dos seus "irmãos espirituais".

Nós, que com ele temos vivido desde tenros anos, trabalhamos no campo Teosófico, e pensamos de um modo muito especial, quer dizer: Teosoficamente. Mas, **Krishnaji**, não pensa assim. Ele é individual e original, e quando apresenta a sua mensagem, o faz sempre sob um ponto de vista nitidamente especial. Nem a sua fraseologia nem as suas dissertações se aproximam das dos discursos que ele ouviu daqueles que o rodeiam e que foram também ouvidos por centenas de Teósofos. É nisto que se encerra o encanto de **Krishnaji** e a frescura da sua mensagem. É que, apesar de tudo, não há mais do que uma Sabedoria, quer ela seja enunciada por um Instrutor antigo ou moderno. Mas há diversas maneiras na sua apresentação, e, para mim, que busco não só a verdade, mas também a beleza, sinto um grande deleite com que **Krishnaji** nos dê, não "vinho novo em garrafas velhas", mas "vinho novo em novas garrafas". **Krishnaji** tem nos dito muitas "verdades amargas". São amargas? Apenas para aqueles que até agora se têm contentado em seguir o "caminho mais fácil", como Shri Krishna lhe chama, para atingir a Divindade Manifestada. Mas para aqueles que têm ansiado veementemente, aproximar-se da Divindade Não Manifestada, para quem a vida interior tem, não obstante, sido difícil, para esses, "as verdades amargas" de **Krishnaji** são como alimento para os famintos e água para os que morrem a sede. Se qualquer de nós, que encontrou na Teosofia, a luz da Sabedoria Divina, acha os seus ensinamentos "duros", sem luz nem conforto, mas trevas e desconforto, queixe-se apenas de si, pois, isso significa que, no seu passado, receu encarar de frente a Luz da Verdade, com medo de perder a vista.

O único remédio, agora, é ir acostumando, gradualmente, os olhos, a verem essa Luz, até que, a despeito da dor que sofra, possa crescer, graças a essa mesma luz, e regozijar-se, por fim, intensamente. Quem viu a face de **Krishnaji**, em criança, por ventura esqueceu a sua beleza?

Quem teve esse privilégio não poderá, nunca, olvidar a sua humanidade, o seu deleite em ser, no mundo, como os outros homens, como eles e não diferente deles; homem entre os homens, pesquisador entre os pesquisadores e, acima de tudo, a sua aversão a ser posto sobre um pedestal.

Agora já não é um pesquisador, mas um Mestre que fala com retidão. Porque achou o conhecimento, ele acrescentou, à sua humanidade, atributos dessa Divindade oculta no homem, com que eu há tanto sonho.

C. Jinarajadasa

O MENDIGO NO SANTUÁRIO

J. Krishnamurti

Como o pedinte,
Roto e faminto
Se senta à escada do Templos
Sacudindo a escudela vazia,
Assim me sentava, clamando
Que meu coração vazio fosse repleto.

Os cultuantes,
Em caminho para o templo
Adornados com hábitos de oferenda
Com um sorriso,
Partilhavam comigo suas dádivas.

Mas no dia vindouro
Entre os pedintes,
Retomava meu posto,
Uma vez mais,
Triste e vazio.

(A Estrela, Vol. I, N. 2 – Fevereiro de 1928)

PARA NINGUÉM OLHO AO TEU LADO

J. Krishnamurti

Para ninguém olho ao Teu lado,
Oh! meu Bem Amado.
Em mim Tu nasceste

E é que aí

Eu busco meu refúgio.

De Ti tenho lido em livros muitos.

Eles me dizem

Que muitos há que a Ti são semelhantes,

Muitos templos a Ti foram erguidos,

E muitos ritos há

Para invocar-Te.

Porém, com eles não tenho intimidade.

Pois todos são as cascas

De humanos pensamentos.

Amigo,

Busca o meu Bem Amado

Nos recessos ocultos de teu coração.

Morto é o tabernáculo

Se o coração cessar a sua dança.

Para ninguém olho ao Teu lado

Oh! meu Bem Amado

Em mim Tu nasceste,

E eis que em Ti

Encontro meu refúgio.

(A Estrela, Vol. I, N. 2 – Fevereiro de 1928)

BUSCA A TUA ALMA, AMIGO

J. Krishnamurti

E podes tu dizer-me, pois,
Amigo,
De onde vem esta enorme segurança
E o propósito dela?
A origem, desta interminável discórdia,
Desse violento desejo de bens múltiplos
Desse ansiar imenso pela vida,
Dessa luta infundável, por transitória dita?

Quão ligeiro
Se esfolha a linda rosa.
Quanto é fácil,
Amigo,
A tristeza gerar-se.

Amigo,
Não acharás tua dita perdurável
Em templo algum,
Em nenhum livro,
Nem no humano intelecto
Nem nos Deuses de tua criação.

Não vás aos santos sítios,
Nem adores em templos à beira dos caminhos.

Quão de pronto
A laguna tranqüila se perturba
E aos reflexos que encerra.

Amigo, pois,
Não busques tua dita
Nas coisas passageiras.

Procura tua alma, Amigo,
Pois só nela
Habita o teu Amado.

(A Estrela, Vol. I, N. 2 – Fevereiro de 1928)

LIBERTAÇÃO - Meta Final

J. Krishnamurti

A não ser que a Verdade nos venha sob a forma de linguagem a qual nos achamos habituados, somos inclinados a rejeitá-la e a deixá-la passar despercebida. Se uma Verdade nos aparecer através uma abertura que tenhamos conservado limpa – talvez durante muitas vidas – se nos vier por essa janela, sentimo-nos capazes de aceitá-la; se nos vier por outra que tenhamos negligenciado, não a aceitaremos; pelo fato de não estarmos habituados a essa forma de expor a Verdade, nossa mente e emoções não se afinam por ela e rejeitamo-la inconsideradamente, sem lhe prestarmos a atenção e meditação que ela requereria.

Quaisquer que sejam nossas modalidades mentais, há em nós a tendência a só aceitarmos a Verdade se nos for apresentada no “jargão”, a forma a qual nos achamos habituados. Se pertencemos a um credo especial, é preciso que a Verdade nos venha na linguagem dessa particular religião; ao Hindu, deve vir por intermédio dos Vedas e do sânscrito, segundo as formas peculiares em que já tem sido ensinada. Dá-se o mesmo com relação ao Cristão e ao Budista. Suas respectivas mentes estreitaram-se, limitaram-se as suas emoções, e daí o rejeitarem a Verdade, sejam quais forem as formas outras sob as quais ela lhes apareça.

A Verdade freqüentemente apresenta-se-nos sob formas que não aquelas as quais nos achamos habituados e aí reside o que há de grande e de trágico em relação ao assunto; nele há grandeza, porque vem inopinadamente; e tragédia porque as pessoas que buscam a Verdade não o fazem na direção em que sempre deve ela ser vista. Aqueles dentre nós, que buscam a Verdade devem, primeiro que mais nada, limpar suas mentes e corações de todo pensamento, linguagem e filosofia estreitos e sectários.

Não devemos acomodar a Verdade ao nosso modo particular de pensar; se o fizermos ela será torcida e desfigurada. Eis porque me é tão difícil expor meu pensamento sem observar seus efeitos sobre as mentes das outras pessoas, efeitos que se evidenciam em seus semblantes. Dá-se que certo pensamento é recebido pelo seu valor intrínseco em virtude da mente da pessoa se encontrar limpa neste sentido, no que respeita a este assunto particular; e é assim que seus corações o recebem com entusiasmo. Aqueles, porém, que se acham habituados a só receberem a Verdade através de um canal particular, por intermédio de uma forma peculiar ou de um molde especial, a rejeitarão sob qualquer outra forma em que ela se lhes apresente e abanarão suas cabeças como se não houvessem compreendido. Isto significa que a Verdade, - quer seja a minha ou a de outrem - não pode ser recebida: não encontra caminho, entrada adequada para tal ou qual mente ou coração. De modo que, se eu pudesse, inventaria uma nova linguagem por meio da qual todos pudéssemos escapar aos termos familiares e à forma particular de filosofia

por intermédio da qual havemos sido alimentados; de todos os símbolos, de toda a literatura, livros sagrados, quadros, devoções, afim de que renovados, pudéssemos saturar-nos da Verdade, limpos e puros como estávamos no início de todas as coisas ou como estaremos no fim de todas elas.

Para que possais aspirar o perfume das flores, é indispensável que possais respirar livremente. Se pudesse, eu destruiria essa ilusão que haveis criado, essas barreiras que a Verdade acha sempre difícil transpor; pois que a Verdade é tão ilusiva, tão tênue, que somente o limpo e puro pode dela aproximar-se, recebê-la livre e plenamente, gozá-la sem a maltratar, sem a torcer, como temo que todo o mundo faça. Todos no mundo querem que a Verdade lhes apareça sob uma forma particular, revestida de uma fraseologia também particular. A Verdade, porém, é semelhante a um ladrão que vem pela noite, silenciosa e secretamente, e, se houverdes guardado todas as entradas da vossa mente e do vosso coração com a vossa fraseologia e as vossas idéias, ela não poderá penetrar. Como, infelizmente, não me é possível inventar uma nova linguagem, eu vos peço que tomeis o que vos digo tal qual se acha, destruindo vossas frases, vossa estreiteza, vossas formas particulares, afim de que a Verdade apareça, tal qual é, nua e pura.

Assim como o oceano recebe todos os rios do mundo, assim, também, a finalidade de todos os homens é a libertação. Assim como o oceano recebe todos os minúsculos rios que vagueiam por terras inóspitas, por desertos e regiões onde não há sombras, terras assoladas pela tristeza e pela pestilência, e os rios que passam através de florestas e campinas verdejantes, vales belíssimos e países tranquilos; e os rios que descem, impetuosos, de montanha em montanha, em cataratas, cachoeiras, cheios de rumores e entrando para o oceano com um rugido; os rios que entram em contato com fábricas, cidades, com a vida alegre, o barulho, do tráfego, com os escoadouros e as impurezas, - assim também, todas as pessoas, quer pertençam a um ou outro tipo, sejam deste ou daquele temperamento, entrarão para o oceano da libertação.

Assim, cada qual deve estabelecer por si próprio esta aspiração única, este propósito único na vida. O homem só tem um fim. Todas as coisas vivas ou não vivas, os animais, os bárbaros, os civilizados, o artista, o poeta, o místico, o ocultista, o homem que conhece as tristezas e os prazeres, o Super-homem, os Deuses e o povo, só têm um fim e um propósito, e este é a libertação - a libertação está acima de todas as religiões, pois que é a finalidade de todas elas. É a finalidade de todos os pensamentos, de todas as frases, de todos os sistemas, de todos os sentimentos, de todas as ações e de todas as experiências. E, uma vez que hajais estabelecido esta meta que, para todos nós, é a realidade única, pois que está para além dos sonhos de todos os homens e de todos os Deuses, deveis moldar a vossa vida, os vossos pensamentos e sentimentos de modo a poderdes entrar nesse oceano da libertação. Para podermos verificar que este oceano existe, temos que passar através de muitas experiências, como faz o ignorante - temos que passar por seitas, por formas estreitas de religião, sociedades, culto aos Deuses, superstições - precisamos passar por isso, afim de adquirirmos experiência de tudo, afim de podermos conhecer por nós mesmos que o fim de cada um de nós é a libertação.

E, como resultado das minhas palestras que se vão seguir, desejaria que cada um de vós se retirasse tendo pelo menos verificado este fim, experimentado esta sensação de libertação por si próprio; pois que eu não vos posso proporcionar a libertação, tendes de a conquistar. A libertação vem do interior e não do exterior. Como mendigos que se sentam nos degraus do santuário, com sua paralisia, sua vacuidade e sua fome, dando-lhes cada cultuante que passa uns cobres ou uns grãos de arroz para alimentá-los, voltando eles no dia seguinte, de novo, vazios, famintos, tristes, fracos, assim é o homem que depende dos outros, o homem que não viu o fim, e que depende para sua felicidade, para seu consolo, para sua libertação, do amparo de outrem. Pelo fato de haver eu atingido a libertação é que vos posso alimentar, encher os vossos vasos; como, porem, sei que amanhã eles estarão de novo vazios, quero dar-vos, antes, o poder, a força, e a vitalidade para dardes os passos que conduzem ao Santo dos Santos, para que assim vós próprios vos torneis Deuses e possais alimentar a outros, para que possais dar força e vitalidade aos que se encontrarem vazios, famintos e esqueléticos.

Desde antigos tempos foi propósito meu inconsciente, porém agora consciente, atingir a libertação e durante muitos meses, senti que havia despedaçado todas as barreiras e sinto que agora estou liberto, mental e emocionalmente, para ir para onde quiser - talvez não fisicamente, porém esta deve ser a última das coisas a nos preocupar, sendo o físico, como é, de menor

importância. Foi esta uma libertação pela qual trabalhei durante muitas vidas, pela qual me esforcei toda esta existência, especialmente nestes últimos seis meses. Queria libertar-me dos meus próprios amigos, dos meus livros, dos meus sistemas de pensar, das minhas filosofias; e penso - não somente penso, mas sei - que estou livre e, desde que alcancei a liberdade, compete-me o dever de indicar o caminho que conduz a esta liberdade, a esta libertação. E cumpre-vos, quem quer que sejais, místicos, cerimonialistas, poetas, pintores, músicos, a todos vós compete caminhar em direção a essa finalidade, alcançar a experiência dos vossos temperamentos, tendências, inclinações, e assim chegardes a uma meta especial que existe para todos e que é a finalidade de todas as coisas.

Seria aconselhável, se o pudésseis fazer desde o começo, firmar em vossas mentes e em vossos corações aquilo que cada um de vós deseja, pois que o entendimento nasce do desejo de atingir as coisas pelas quais ansiais. A compreensão vem tanto intelectual como emocionalmente, desde que o vosso desejo por um objeto seja forte bastante, e o vosso anseio bastante imperioso; portanto, a primeira coisa que vos compete fazer é fundamentar esse desejo que atuará como uma agulha de compasso afim de guiar-vos por esse caminho que leva à libertação. O que precisais em seguida, é verificar se se trata de desejo vosso ou meu. A maioria das pessoas em virtude de sua devoção, tornam-se semelhantes aos pássaros engaiolados. São colhidos pela própria devoção e ficam, assim, sempre dependentes da pessoa a quem sua devoção se dirige. Assim pois, a despeito da individualidade, sem atender á vossa devoção por essa pessoa, deveis por vós próprios firmar este desejo o qual deve, naturalmente, nascer de vossa própria experiência.

O que vos estou dizendo agora, o que vos hei de dizer nas poucas semanas que se vão seguir, é o resultado de minha experiência, que é a experiência de todos. Pois sei que em passadas vidas fui casado, fui cerimonialista, fui vadio, perdi-me, fui taciturno, cada coisa por sua vez. Fiei na roda da vida e desse fio teci meu próprio desejo, meu anseio pela libertação o qual é de minha própria criação, inteiramente pessoal e, portanto, nada no mundo pode destruí-lo. O mesmo fato se dá com aqueles que quiserem tornar-se discípulos, seguidores, amantes desta libertação; deveis estabelecer este desejo que deve ser vosso único ponto de referência. Este desejo não deve depender de mim, da minha autoridade, da minha individualidade, pois que, se amanhã eu me retirar, perder-vos-eis. Deveis libertar-vos, não por amor de mim, porém, a despeito de mim. Talvez possa auxiliar alguns dentre vós a atingirem a libertação, posso dar-vos o meu amor, acompanhar-vos com meu ardente desejo, porém deve ser dentro de vós que deve haver este constante bater de asas no sentido de escapar para o ar livre. Deve ser o vosso próprio desejo, a vossa própria experiência, a vossa própria flor de sofrimento, tristeza e dor que vos deve guiar. E este sofrimento, esta dor, esta tristeza, são minhas também, como o são de toda a gente. O que eu digo, o que canto, é a vossa própria experiência falando através da minha boca e é a única Verdade que tem valor. O pó da experiência que colhi, que me libertou, por meio do qual construí a montanha na qual vivo, é a vossa mesma experiência. Tive os mesmos anseios, os mesmos ardores que vós tendes e somente existe um fim para tudo isso, pois que o meu fim é o vosso, minha meta é a vossa meta, minha conquista, minha felicidade, minha libertação são a vossa conquista, a vossa felicidade e a vossa libertação.

Assim pois, antes de tudo tendes que estabelecer em vossas mentes e em vossos corações esse desejo, essa resultante da vossa própria experiência. A libertação é a meta para todos, pois que todos sofrem, todos têm alegrias, todos têm prazeres, e dessas coisas passageiras, transitórias, impermanentes, nasce aquilo que é permanente e eterno - o anseio pela libertação. Assim, quer para o pobre, quer para o rico, quer para o vencido pela tristeza, sem conforto e desprezado, quer para o glorificado da terra, só existe uma finalidade, que é a libertação. Se entenderdes isso e o mantiverdes dentro da vossa mente e em vosso coração como o perfume está contido na flor, constantemente, então alcançareis o entendimento o propósito real da vida.

Só existe uma lei para todos e esta é a da conquista da libertação. Quer se trate dos que adoram - como na Índia - ídolos em minúsculos santuários e em velhos templos maravilhosos, quer dos que executam cerimônias como fazem por todo o mundo, envoltos em suntuosas roupagens, com incenso e repicar de sinos, quer se trate de místicos que desejam entrar em contato com o Eterno Espírito que interpenetra o orbe; ou quer se trate ainda de senhores de muitas posses - só existe uma lei para todos. Pois todos procuram escapar dessas coisas que ligam, sair dessas vielas estreitas em que se sentem escravizados, tolhidos, nas quais se luta como o pássaro que busca sair para o ar livre e atingir a meta. Se não possuídes este desejo

pela libertação, pela glória, pela beleza intrínseca que lhe é inerente, sereis semelhantes ao navio perdido no mar, sem aparelhos que o guiem, sereis coibidos por todos os ventos, por toda a vaga que venha e levados para todos os pontos para onde não desejardes ir. A partir do momento, porém, que tendes estabelecido este desejo, sentido este amor ardente pela libertação, então tereis descoberto o porto no oceano da vida. E, a partir do momento em que tendes descoberto esse porto, começareis a perceber que tendes que renunciar a tudo, a todas as coisas que háveis como caras, aos próprios Deuses que vos auxiliaram, pois a libertação está acima dos Deuses, acima da perfeição da humanidade. Uma vez que tendes entrado neste céu da libertação tornar-vos-eis devotos, amantes do mundo, pois que o mundo procura esta libertação e vós a haveis encontrado. Desejareis, então guiar todos esses navios que se encontram perdidos pelo oceano, para esse porto de solidão onde existe consolo, onde não há isolamento e onde, no futuro, vos tornareis verdadeiros discípulos dos que amam o mundo e para ele vão afim de ajudarem as pessoas a compreender o que é a libertação e como atingirem-na.

Por esta razão somente, afim de vos ajudar, para em vós despertar este desejo, aqui me encontro; por esta razão somente e por possuir esse amor que vos dá inspiração de modo a nascer em vós esse desejo de atingir o porto da libertação é que aqui estou; e, enquanto não houverdes atingido essa libertação sereis como animais colhidos em uma rede. Tudo que fizerdes, quaisquer que sejam as vossas ações, quaisquer que sejam os vossos pensamentos, as vossas cerimônias, sejam quais forem as vossas idéias, elas atuarão como redes no sentido de vos prenderem mais e mais, para vos escravizarem; é por essa razão que aqui me encontro, afim de cortar pela raiz essa ligadura que vos cerca, para que fiquéis livres, e, durante este mês, eu vos pediria que conservásseis diante de vós como que um espelho para que ele reflita vossos pensamentos e emoções afim de verificardes se eles coincidem, se se adaptam aos vossos sonhos, aos vossos ideais, aos vossos anseios; e aquilo que não coincidir, que for indesejável, deve ser posto de lado, pois que o nosso anseio único deve ser o da liberdade - liberdade de todas as coisas, dos próprios Mestres, dos próprios Deuses, de toda a vida e de toda a morte.

A ESTRELA – Volume I – N. 2 – Fevereiro de 1928

DISCURSO PROFERIDO POR KRISHNAMURTI

(na Sala Adyar, Paris, Setembro de 1927)

Para onde quer que fordes, qualquer que seja o clima que percorreres, verificareis que o povo busca a felicidade - felicidade que depende das circunstâncias exteriores, felicidade que podem alcançar por um momento passageiro, felicidade que é continuamente cambiante.

Esta, é a felicidade partilhada pela maioria das pessoas em todo o mundo. Felicidade que consideram tão essencial, tão vital para suas existências e que, no entanto, é flutuante, mutável, variável com os tempos. Contudo, existe na mente e no coração de cada indivíduo uma idéia definida, um distinto anseio de encontrar a felicidade real que existe por detrás deste véu das coisas transitórias.

Esta tarde é minha intenção demonstrar não ser esta felicidade objetiva, porém subjetiva. Entretanto, afim de compreenderdes o subjetivo, tendes que haver já realizado a experiência do que é objetivo. Porque, se não houverdes contemplado o mundo, e se não houverdes experimentado o que é o mundo, o mundo vos atrairá a tal ponto, que não sereis capazes de vos recolher dentro de vós mesmos para encontrardes aí a fonte desta felicidade.

Para mim só existe um propósito na vida e este é a conquista do Reino da Felicidade, que dentro de cada um deve ser encontrado e que só pode ser achado pela renúncia, pela rejeição da conquista do que é físico.

Para onde quer que vos dirijais, verificareis que as pessoas buscam a felicidade que é permanente, durável e eterna, mas são, porém, colhidas como peixes na rede má das coisas transitórias que os rodeiam, pelos aborrecimentos, pelas atrações, desprazeres, ódios, despeitos, por todas essas mesquinhas coisas que ligam o homem. É como se estivéssemos em um jardim onde há muitas flores. Cada flor se esforça por expandir-se, por viver e proporcionar seu aroma, mostrar sua beleza, seus desejos, por evidenciar ao mundo seu pleno crescimento. Durante o processo de desabrochar, de conquistar, de expandir-se, perde-se o homem no que é exterior. Surge daí a complicação e ele tem que distinguir desde o começo o que é essencial do que não é.

Tendo de momento estabelecido coma premissa que cada um de nós se encontra empenhado na busca da felicidade, olhemos em torno, afim de averiguar o que é a felicidade.

Todo indivíduo, seja ele quem for, Hindú, Budista ou Cristão, se acha limitado por sua própria religião especial, pois que toda religião externa a idéia de que, se se fizer o bem ir-se-á para o Céu e se se fizer o mal, para a Inferno.

Não existe, porém, coisa que se assemelhe ao bem e ao mal. Só existe ignorância e conhecimento; e, portanto, a conquista do conhecimento, da perfeição, da verdade, está dentro de cada um e para realizar sua conquista é necessário a experiência.

Ao acumular experiência precisamos nunca nos esquecer da meta que é a finalidade para todos, pertençam a uma religião especificada ou a nenhuma: o propósito da vida é a conquista da felicidade por meio de nos libertarmos a nós mesmos de todas os mesquinhos desejos, de tudo quanto nos liga, de todas as mesquinhas restrições.

Por toda a parte por onde fordes, verificareis que todos buscam esta felicidade permanente, durável, eterna. São, porém, colhidos como peixes pela rede.

Uma vez admitindo que a finalidade da vida é esta libertação de todos os desejos que culminam em um desejo fundamental - a saber, o da felicidade eterna - verificareis que a busca da humana felicidade por intermédio das coisas transitórias é, sob um aspecto, necessária.

Sabemos que esta felicidade existe, nós a vimos na paz, na grande imagem de visão maravilhosa colocada diante de nós; experimentamo-la já em nosso interior, e jamais poderemos duvidar.

Se admitirdes que a vida existe para a conquista da felicidade, deveis deixar de lado tudo mais que não tenha valor para essa conquista.

Minha tarefa esta tarde, não é estabelecer regulamentos, dogmas ou credos, porém expor qual a meta para toda a humanidade, tanto para o artista como para o cientista, para os que pertencem a uma religião como para os que não pertencem a nenhuma; a felicidade que produz a libertação constitui a meta para toda a humanidade.

Agora, dá-se o fato de que não podeis ir ao selvagem, ao bárbaro, ao não evoluído e indicar-lhe que a meta da vida é esta eterna felicidade; por não terem, no presente, adquirido experiência bastante, mediante a qual possam construir o arcabouço desse reino eterno. Não vos é possível modificá-los por milagre, e pelas vossas conquistas, pela vossa vida, pelo vosso desejo, forçá-los a entrarem nesse reino. Compete, porém, ao homem que entende o propósito da vida, mostrar o caminho aos outros e ser como um farol na borda de um oceano de trevas.

Para buscarmos esta felicidade, para atingirmos esta libertação que cada um de nós deseja, devemos firmar em primeiro lugar, que este reino, esta mansão, este jardim, existe dentro de cada um de nós. Não há Deus algum externo que, como tal, nos propulsione a vivermos nobre ou inferiormente; somente existe a voz da nossa própria intuição que, continuamente, pela experiência e pela prática, nos ensina a viver nobremente. É esta experiência que nos proporciona o conhecimento, que nos dá o julgamento para sopesar na balança das coisas o que é o bem e o que é o mal.

Se contemplardes um escultor em seu trabalho, haveis de apreciar como, com barro maleável, pouco a pouco, enchendo as cavidades, ele cria um semblante cheio de vitalidade.

O mesmo acontece na vida humana: é por este processo de acúmulo de experiência vida após vida, que aprendemos a ouvir a voz que está dentro de nós e que nos guiará.

Há, em cada um de nós, três entidades distintas. A mente, que pode ser comparada a uma flor; as emoções que são semelhantes a água que dá força, vida, vigor e aroma a flor; e o corpo, que é o vaso que contém a flor.

Se formardes a imagem de que, cada um de nós tem dentro de si estas três entidades, cada qual esforçando-se para criar por si mesma, para por si própria se aperfeiçoar, podereis verificar que sempre existirá desarmonia quando não houver completa união entre as três.

Verificareis, assim, que ao estabelecerdes harmonia, compreensão, síntese, entendimento sintético entre as três, deveis ter um fim em relação ao qual as três concordem. A primeira coisa que devemos dominar é pois, o corpo, visto que este é a base, pois deseja funcionar por si próprio e intervém na operação dos outros dois; devemos, portanto, gradualmente aprender a adestrar o corpo, a dominá-lo e fazê-lo obedecer à mente e às emoções.

Cada um de vós sabe bem que o corpo deve ser dominado e governado, porém nem todos sabem que o corpo constitui uma entidade separada, com seus desejos e anseios peculiares e que deve ser trazido para a linha com os outros dois corpos referidos.

O mesmo se dá com as emoções; se quisermos conquistar essa eterna felicidade que não muda, que não tem limites, é necessário que as emoções sejam impessoais. Para isto é preciso haver afeto, amor impessoal. Pois se tiverdes afetos que prendam, então vos estareis limitando a vós mesmos, vossas afeições, vossa vida, e o resultado disso é sempre a criação de karma.

Karma significa que toda a ação, seja ela qual for, todo o pensamento produz seu fruto e, enquanto houver karma, não podereis alcançar essa felicidade absoluta a qual me estou referindo.

Depois, vem a mente que é o guia, que contrabalança, que critica sempre, que investiga, experimenta, e é capaz de distinguir e sopesar.

Mente, emoções e corpo devem achar-se em harmonia absoluta, em absoluta união; então, em vós próprios estabelecerdes essa voz que será o vosso verdadeiro guia. A este guia chama-se intuição e em si mesmo ele é a consecução, a finalidade que é Deus - se me é dado usar esta palavra. Essa voz é o resultado da experiência. Tendes de realizar experiências para cultivardes essa voz e para a tornardes poderosa. Esta é a finalidade da experiência - e não o mero prazer que a experiência proporcione.

Quando esta voz for suficientemente forte, quando esta voz - resultado da experiência acumulada - for obedecida e vós próprios vos tornardes essa voz, então chegareis a ser Deus. Pois não existe Deus externo, existe apenas o Deus aperfeiçoado por meio de vossa própria experiência.

Por toda a parte por onde fordes, vereis que todos negam a autoridade, porque todos desejam evoluir, buscar, experimentar por si próprios e assim desenvolver suas faculdades e intuição.

Decorre daí que, se vos sujeitardes a obediência, criareis maiores perturbações em vós próprios; não desejaria eu porém que se determinasse uma revolução, pois que isto indicaria que não estaríeis obedecendo a lei de harmonia.

Chegareis a verificar que o que tendes como experiência vossa e vosso conhecimento evidencia o vosso modo de viver. É este o guia único, não existe outro guia, outro Deus, outro regente.

Direis porém: "Que será do bárbaro que não possui suficiente experiência para averiguar que a voz de sua intuição é correta?" Existe muita desgraça no mundo devido ao fato do homem que pensa e compreende compelir os outros a compreenderem também. Assim, pois, o bárbaro,

o selvagem que não possui suficiente conhecimento, não deverá ser forçado, porém deve-se-lhe dar a oportunidade de chegar a compreender.

Assim, o que há de mais importante na vida é chegar a desvendar este Deus interno que existe em cada um de vós. É este o propósito da vida: despertar o Deus que dorme; dar vida a centelha que existe em todos, afim de nos tornarmos chamas e nos unirmos à chama eterna do mundo.

Por muitos anos, por muitas existências, talvez, tem sido objetivo de minha pesquisa constante, de minha continua demanda, encontrar a Verdade. Pois o fato é que, o que quer que tenhais como forma objetiva, tangível, será destruído; e assim nos perdemos a nós mesmos; perdemo-nos nessas coisas transitórias enquanto andamos à busca daquilo que é eterno.

Para encontrarmos este reino, para despertarmos este Deus, para lhe darmos poder é preciso abandonar tudo pela pesquisa da Verdade.

E assim chegareis a verificar que a vida é UNA em todos os indivíduos, pois que, em cada um deles existe a centelha, dormente ou desperta. E, com o estabelecimento da paz individual, da individual conquista, vem a paz mundial e a conquista também mundial.

O propósito, a maneira de conquistar esta felicidade, de alcançar esta libertação está em vossas próprias mãos. Não está nas mãos de qualquer Deus desconhecido, ou nos templos, ou nas Igrejas, porém em vosso próprio eu. Pois os templos, as igrejas e as religiões, ligam e vós deveis estar para além de todos esses sonhos de Deus, afim de atingirdes a libertação. Para atingirdes, pois, este Reino da Felicidade que está em cada um de vós, tendes que dispor de força, coragem, conhecimento, distinguir entre o que é perdurável e o que é impermanente.

Vedes, assim, que tendes que tornar a vida muito simples, sem tantas complicações, tantas exigências, tantos desejos. Deveria haver menos Deuses, menos templos. Não que eles sejam bons ou maus; porém, porque em vós próprios reside o poder de Deus, em vós próprios está o Reino da Felicidade, para o qual vos haveis de retirar afim de construírdes a vossa própria imagem da felicidade e eternidade.

Por esse modo haveis de verificar que os Deuses que externamente cultuais fora de vós, não proporcionam força bastante, bastante vitalidade ao homem que deseja estabelecer a verdade de um modo permanente. Eles, porém, em virtude da vossa adoração, do vosso amor, podem dar-vos momentaneamente satisfações, porém jamais estabelecerão essa verdade que procurais.

Considerai como, ao ser arrebatado pela morte alguém a quem amais, não há Deus algum que vos satisfaça nessa separação. Se, porém, fordes capazes de vos unir com aquele a quem houverdes perdido, não há mais necessidade de mediador. E, ao estabelecerdes esta união, só a podereis consumir pela destruição da entidade separada, do ser separado a quem chamais "eu" ou "minha personalidade".

Assim, desde o começo verificareis que para estabelecer harmonia entre estes três corpos que existem em todos nós é indispensável a destruição do sentimento da separatividade. Pois que, se essa conquista do eu não tiver lugar, o eu sempre criará karma em virtude de seus particulares desejos, de suas exigências individualísticas, decorrendo daí a infelicidade e a constante mudança.

Aqueles que desejarem esta felicidade perdurável, este despertar do Deus que existe em cada um de nós, devem pôr de lado todas as coisas, renunciar a tudo; sua religião, seu Deus, seus pais, tudo, na pesquisa da Verdade.

Se desejardes essa água que mitiga a vossa sede, e vos dá liberdade em relação a todas as coisas, deveis deixar tudo de lado, exceto o Eterno. Deixando de lado o que é impermanente e transitório, o que é flutuante e passageiro, atingireis o perdurável, o permanente e eterno. Pois no permanente se encontra a felicidade única e o eterno que é a verdade. No que é permanente se acha estabelecido e é visto o Deus único do mundo - o vosso próprio eu purificado.

O PORTAL DA LIBERTAÇÃO

J. Krishnamurti

Mês após mês publicaremos em "A Estrela" as palestras realizadas por **Krishnaji**, para um grupo de estudantes reunidos no verão passado, no castelo de Eerde. Não foram revistas por **Krishnaji**, pois isto importaria em uma demora de muitos meses em sua publicação. Leram-nas, no entanto, cuidadosamente, vários que a elas assistiram e estes as consideram reprodução correta e exata do que então disse **Krishnaji**. O tom quase pessoal - inevitável, falando-se a um grupo de amigos - traduz com precisão a forma por que foram pronunciadas as palestras.

Na mente de alguns dentre vós que tendes estado a ouvir-me, parece haver a impressão de que, de algum modo misterioso, eu virei a moldar o vosso destino e dar-vos a libertação; de que, por algum método desconhecido, eu vos darei a fórmula exata que vos libertará de vossas tristezas e de vossos sofrimentos.

Há como que uma impressão de que, pelo fato de aqui haverdes estado a ouvir-me todas as manhãs, eu vos imprimirei um cunho todo especial, como um selo em vossas frentes, de modo que todos vos possam reconhecer como vindo de Eerde. Se algum de vós alimentar alguma idéia destas, estará incorrendo em um grande erro.

Sei que há a tentação de pensar que, pelo fato de me haverdes ouvido, já alcançastes a libertação; mas não está em minhas mãos dar-vos essa libertação. Eu sou apenas o portal através do qual podeis divisar a libertação que desejais. O poder de criar, o poder de sofrer, de alegrar-se, de ser feliz, está em vossas mãos. No momento em que puderdes pôr de lado todos os desejos de que resultam a tristeza, a dor e a alegria, começareis a passar esse portal que leva à libertação; compreenderéis, então, o que essa libertação significa; mas enquanto estiverdes envolvidos, enredados na teia de vossos desejos, de vossas paixões, de vossas aspirações, estareis somente no exterior, estareis fora desse mundo que chamamos libertação. Estareis apenas na parte exterior do portal que leva à libertação, enquanto houver essas dúvidas, ansiedades e indagações. Não quer isto dizer que não devais ter dúvidas, ansiedades ou fazer indagações - deveis tê-las, pois deveis examinar a todas as coisas - apenas, antes de vencerdes o portal da libertação, deveis ter posto de lado todas essas coisas, pois a libertação é a senda da paz; e se ainda estiverdes, como uma borboleta, a correr atrás de ilusões, passando de uma a outra coisa, a procurar descobrir a felicidade e os meios de obter a libertação, estareis, todo esse tempo, a criar karma desnecessário, atravessando tristezas, sofrimentos e lutas, que produzem karma.

Assim, a primeira coisa essencial é pôr de lado todo desejo, pois antes de alcançardes essa senda da libertação, que é a senda da paz, deveis estar libertos de vós mesmos, deveis estar prontos a renunciar a todas as coisas, a renunciar a vossos credos, a vossos deuses e a seus pregadores, e, assim, deveis passar através desse portal que é, em verdade, a via que leva ao mundo da libertação.

Mas, isto está em vossas mãos e não nas minhas; como o disse, não sou senão o portal através do qual podeis passar e, embora vindo sentar-vos junto a mim todas as manhãs, temo que vossas mentes e corações estejam bem distantes, por vos dardes sempre a traduzir quanto vos digo de modo a se vos tornar mais grato à mente e ao coração. Deveis fazer essa transposição, é certo, mas de outro e novo modo; o que significa terdes limpa a mente e sereno o coração; isto, por sua vez, implica vos libertardes do desejo, das ansiedades, das lutas por qualquer coisa, pois o próprio desenvolver-se dessa luta vos prende e vos entrava.

A primeira coisa requerida, portanto, para poderdes passar o portal que é a libertação, é que deixeis de lado tudo isso. Deveis pôr de parte todos os sistemas e até o vosso próprio modo especial de pensar, - para vos firmardes apenas no pensamento universal que jaz por detrás desse portal. Não será em uma só vida que alcançareis a libertação, nem em um momento apenas que conquistareis a paz; as lutas incessantes, as constantes indagações e aspirações é que cultivarão o jardim onde deverá crescer a árvore da paz.

Por muitos anos estive em revolta aberta com todas as coisas, - com as tradições, as leis, as filosofias - por não me satisfazerem, não me darem a tranqüilidade, a certeza e a paz; mas agora que atingi a paz, que sou essa própria paz, desejo poder dar-vos esse sentimento de certeza, trazer-vos a esse sentimento de tranqüilidade e de paz, que eu já encontrei e obtive. Porque, se não possuídes isso, não podereis convencer nem dar auxílio e conforto no mundo exterior. Por toda a parte, assim como em vós mesmos, há as alegrias passageiras, as tristezas e as dores, a mesquinhez e a ansiedade, e até as haverdes dominado todas, até alcançardes a certeza dessa libertação que está dentro em vós mesmos, desse portal que deveis vencer, até terdes inteira confiança em vossas próprias forças - estareis em agitação, sentir-vos-eis infelizes, estareis em constante revolta; e assim deve ser, pois, sem revoltas e tateamentos e sem indagações, jamais encontrareis o portal que leva à libertação. A libertação somente vem do interior e nunca do exterior; desejaria impregnar-vos desta idéia, porque ainda há entre vós o desejo de converter a outros, de procurar modelar as idéias alheias de acordo com a vossa vontade, de acordo com os vossos desejos. Desejaria poder reproduzir-me em cada um de vós porque então alcançaríeis a libertação amanhã, - ou até neste momento mesmo - mas infelizmente esse não é o caminho, muito embora esteja eu cheio desse desejo, de afeição e de amor. Vós é que deveis ter esse intenso desejo, de libertar-vos de tudo, até mesmo de mim, para que possais seguir avante e libertar todos os demais que se debatem na teia da tristeza.

E, tendo isto em mente, desejaria perguntar-vos como vindes, de que modo vos aproximais, ao adiantar-vos para o portal da libertação. Pois deveis vir com as mãos e o coração e a mente cheios e não vazios. Assim como, por exemplo, ao irdes ao templo, ao renderdes culto a uma imagem externa de algo que está dentro em vós mesmos, ao trazerdes as vossas flores e ao aspirardes o incenso, ficais em verdade cheios de coisas externas, assim ao chegardes a este portal da libertação, vosso coração e vossa mente devem estar cheios da experiência de vossas vidas passadas, de vossos passados desejos e aspirações; deveis ter, de certo modo, realizado algo, em grande parte destruído algo, e deveis ter deixado para trás tudo quanto vós mesmos havíeis plantado. Naturalmente, não há quem não leve vidas para alcançar a isto e pelo que me diz respeito, agora posso ver quantas vidas levei para atingir esse portal da libertação, onde reina a paz, a certeza, e onde não há sombra de dúvida. Aqueles dentre vós que desejarem alcançar essa libertação em uns poucos instantes, terão que sentir-se desapontados, pois a questão não é de rapidez no tempo, nem do passar do tempo, porquanto este nem sequer, existe para vós, se tiverdes o verdadeiro desejo.

Muitas maneiras há de atingir a essa libertação, de passar através desse portal, que vos levará à senda da paz. No entanto, atentai que é somente como um exemplo, uma ilustração, que uso essa imagem ou símile do portal; nem um tal portal, existe, nem deveis criá-lo em vossas mentes, ao portal ou algo de parecido com ele, materialmente, assim como ao caminho que começa por detrás do portal. Vós próprios sois esse portal, eu sou esse portal e, no momento em que o houverdes transposto, no momento em que perceberdes o portal que jaz dentro de vós próprios e que por vós mesmos deve ser aberto, tereis dado o primeiro passo. Desejei essa libertação e a alcancei, porque sempre me encontrava insatisfeito e nada tinha o poder de me deixar contente. Tive as minhas tristezas, tive prazeres, tive grandes alegrias, mas nada soube satisfazer-me jamais e nunca me satisfiz, até verificar que essa minha paz, a paz que o mundo procura, a paz que tem de ser alcançada, está dentro de mim mesmo. Até perceber isto e alcançar esse conhecimento não estava eu pronto para a libertação. Mas quando, afinal, consegui olhar através desse portal, que está dentro em meu coração, logo pude pôr de lado todas as coisas e assim pude libertar-me e tornar-me a própria senda da paz.

Deveis, pois, vir a esse portal que está em vosso coração, que é a um tempo vós e eu mesmo, - todos seguimos a mesma senda - deveis vir a esse portal e abri-lo, seja por um desejo ardente que sobrepuje a todos os demais, seja por uma imensa dor que não encontre consolo e nem possa ser calada ou apagada pela alegria superficial, seja finalmente por uma imensa felicidade que vos empolgue todo o ser e que desejeis partilhar com os outros; quando tiverdes assim o desejo, a aspiração de salvar aos outros, de dar-lhes essa felicidade eterna,

então tereis dentro em vós mesmos a capacidade necessária para entrar e abrir o portal, que leva à libertação. Ou ainda se, por haverdes em vossas posses, posição ou autoridade no mundo alcançado um êxito tal que tenhais atingido à culminância do bem estar material, vós vos disserdes: "Deve haver algo mais, para além disto deve haver um portal, por onde possa passar destas coisas materiais todas para algo de mais maravilhoso e mais belo". Ou, finalmente, ainda, se tendo-vos satisfeito com todo o conhecimento do mundo, com os ensinamentos todos que os livros, a ciência, as filosofias ou as religiões possam dar, ainda procurais o portal da libertação, ou se, sendo vós sábios e vendo ao vosso redor imensas tristezas e sofrimentos, desejais escapar a seu amplexo. Se tiverdes qualquer desses desejos de modo dominador e potente, pulsando em todo o vosso ser, então o portal abrir-se-vos-á. Mas se vierdes com as pernas fracas, de mãos vazias, esperando ser dirigido, esperando que alguém vos abra esse portal da libertação, que jaz dentro em vosso coração, então é que ainda pertenceis ao mundo exterior e ainda sobre vós reina o desejo.

Desta maneira, portanto, é que deveis vir perante mim, ante esse portal da libertação, verdadeiramente cheios de experiência e de sabedoria, que sejam os frutos de todas as experiências passadas e então perceberéis realmente que esse portal que pensáveis estar fora, bem longe de vós, está dentro em vós mesmos. Ai ele está, como o lótus que contém todo o perfume, todo o mel, e toda a glória do mundo imenso. Não deveis somente lançar os olhos por esse portal da libertação, que não é senão eu mesmo, não deveis somente olhar através dele, deveis vivê-lo, deveis tornar-vos parte dele. Em outras palavras, deveis trazer em vossos corações constantemente essa libertação, afim de poderdes obtê-la e viver com ela a vida inteira, como se fora um companheiro que jamais se altere ou mude.

Assim, pergunto-vos, e a todos vós se aplica a pergunta - não a apliqueis a outras pessoas e sim somente a vós mesmos, individualmente - "De que modo vindes?". "Que flores trazeis a esse portal, que sejam a expressão externa dessa intensa aspiração interior pela libertação?" Por haver tanta dor, tanto sofrimento, tanto penar no mundo, aqueles dentre nós que têm um pouco de conhecimento sobre esse portal, sobre essa porta entreaberta, devem sair para o mundo e dar aos outros esse conhecimento, dar-lhes essa libertação. Isso é o que me mantém em vida, e o que me dá prazer e que, finalmente, me leva de um dia ao outro. Agora que encontrei essa paz e essa libertação, ardo continuamente num desejo real de tornar os outros felizes, de dar aos outros a libertação, de levar quantos estejam em ansiedade, em tristeza e em sofrimento, até esse portal da libertação, onde há a tranqüilidade e a paz, onde a própria Senda se torna a paz e se torna o fim de todas as coisas. Pois não há aí degraus de uma contínua ascensão e sim apenas fim de todas as coisas; aí não há gradações na espiritualidade, degraus no progresso; todas as coisas deixam de existir nesse ponto e a gente a si mesmo se perde e se funde nessa senda de paz. Todas as vezes que penso nisto, e tal amiúdo acontece, desejo libertar aos outros, mostrar-lhes o portal, dar-lhes a libertação e, por haver conquistado e achado essa libertação e essa paz, naturalmente eu vô-la daria e naturalmente abrir-vos-ia o portal de modo a poderdes divisar através dele a realidade ora velada. Deveis tornar-vos apaixonados e discípulos dessa Libertação, dessa Verdade, de forma a tudo deixardes de lado e tudo submeterdes a esse desejo único. Vosso desejo deve ser tão ardente, que tudo se lhe amolde, vossas penas como vossas tristezas, vossas ansiedades como vossos ciúmes, vossa mesquinhez como vossa cólera.

Considerai por um momento um pobre homem que deseje tornar-se milionário. Tem esse desejo único de acumular riqueza, de adquirir aquilo que julga a maior felicidade no mundo. Lança-se a esse objetivo e tem que ampliar a sua visão, as suas capacidades, os seus desejos afim de conseguir esses milhões que o libertarão e lhe darão a felicidade. Se, pois, tem esse grande desejo, deverá ter uma visão ampla, impor-se grandes tarefas, possuir-se de grandes energias, de um grande impulso, para que dentro de um certo prazo possa alcançar a meta. Do mesmo modo vós deveis ter sempre presente diante de vós esse desejo de libertação, como o alvo mais alto, ao qual se deverão submeter todas as coisas mais - a vossa lealdade, o vosso amor, as vossas afeições pessoais - até vos tornardes essa própria libertação; então ela nascerá em vós.

Quando enfim houverdes atingido essa libertação - como eu a atingi - tornar-vos-eis esse próprio alvo, essa finalidade, porque nada há para além disto. De que precisa a gente no mundo, senão da Felicidade e da Libertação? Uma vez conseguida esta, tudo mais fica de lado, vós próprios sois a meta, o criador, o fim de toda a indagação, de todo o pensamento, de todas as coisas. Eis porque por haver alcançado isto, por ser a meta, a libertação e a felicidade - a

desejo compartilhar convosco. Eu faria de vós discípulos verdadeiros dessa libertação, mas primeiro deveis ter o desejo de a alcançar. Para aqueles que se acham possuídos de um tal desejo, não há escolas no mundo, nem há livros, pois tudo aprendem por si mesmos. Aqueles dentre vós que ainda se acham hesitantes, tateando ainda, colhidos no torvelinho da tristeza e do sofrimento, da ansiedade e da mesquinhez, podem ler os livros, cursar escolas onde dados sistemas de filosofias sejam ensinados, onde se pratiquem cerimônias, onde haja limitações. Para aqueles que têm esse desejo único da libertação, não há escolas. Pois, se entrasse em uma tal escola, perder-se-ia nela e perderia o seu desejo, e a revolucionaria, por não se poder submeter à autoridade e às idéias alheias. Deveis ter um desejo que tudo examine e destrua tudo quanto se interponha entre vós e a Libertação e a Felicidade.

Enquanto aqui estais, podeis perceber - e penso que percebeis até certo ponto - o portal aberto, batentes de par em par abertos, que leva a essa senda que é a paz; mas antes de poderdes compreender, de poderdes perceber essa senda claramente, sem limitações - pois estas, vós as criais e não existem na senda da paz - tendes que rasgar o véu que vos cobre os olhos, tendes que destruí-lo e manter-vos incansavelmente ativos, dentro de vós mesmos. Quando vierdes a esse portal, deveis vir prontos a revestir-vos do novo traje que vos dará a libertação e a paz, deveis vir despidos, tendo colocado de parte todas as coisas; em outras palavras, deveis renunciar a tudo, para alcançar a libertação; renunciar, para poderdes seguir a senda que leva à paz. Como o pescador de pérolas, que se lança às águas mais profundas, pronto a arriscar a vida por uma dessas pérolas inúteis, que o mundo considera de grande valor, assim deveis estar prontos a mergulhar bem fundo, despidos de tudo, a vos perder, vós mesmos, com a coragem necessária para perderdes até o próprio ser.

Porque encontrei a Libertação e a Felicidade intensa, porque sou a Senda da Paz, desejo que outros entrem na Senda. Porque eu realmente amo, porque tenho a intensa aspiração de a todos redimir, de salvá-los de seu penar, irei avante ensinando, vaguearei pela face toda da terra.

Abri o portal de vosso coração afim de poderdes entrar na Libertação, afim de vos tornardes, por vós mesmos, verdadeiros redentores da humanidade, afim de poderdes sair a campo e mostrar aos que se debatem na tristeza e no sofrimento, que a sua salvação, a sua felicidade, a sua Libertação jazem dentro deles próprios.

A ESTRELA – Volume I – N. 3 – Março de 1928

ANDA À LUZ DO MEU AMOR E NÃO DARÁS NENHUMA SOMBRA

J. Krishnamurti

Meu Bem-Amado e Eu,

Amigo, te trazemos

Em nosso coração.

A ti falo

Das profundezas do meu coração.

Unido estou ao Bem-Amado,

Sou como a pétala para a rosa;

Sou como o aroma para o jasmim.

Meu Bem-amado e Eu
Somos inseparáveis, indivisíveis.
Tal qual a lua a refletir a glória do sol,
Assim reflito a glória do meu Bem-Amado.

Macio como a sombra
De uma noite enluzada
É meu amor a ti
Amigo.
Assim como os redemoinhos que perpassam
Pelas terras
Assim é meu amor
Que espantará em derredor de ti a treva.

Como os córregos que descem
Rumorosos da montanha
Para o vale
Assim penetre em ti o meu amor.
Qual a árvore solitária
Entre as altas montanhas
Resiste aos uivantes ventos
Assim apoiar-te-á o meu amor
Nas horas de vexame e aflição.
Como o oceano ergue ondas possantes
E suplanta tudo
Assim o meu amor triunfa
Dos labores da tua vida.

Sim,

Ó amigo,
Excessivamente grande
É o meu amor para ti,
Bebe dele e não terás mais sede
Come dele e não terás mais fome.
Ata-o ao teu peito e não sentirás mais sabor de mágoa.
Grava-o nas tábuas de teu espírito
Serás o filho da sabedoria e entendimento.
Caminha sob a luz do meu amor
Não projetarás nenhuma sombra.

Ó amigo,
Vem para mim
Mostrar-te-ei a senda para o amor.
Não voltes a cabeça,
Não feches os ouvidos
Não canceles o teu coração.
Antes vem atrás de mim.
Conduzir-te-ei
À morada do amor.
Oh! meu coração por ti padece
Caso não ouças a voz do meu amor.

Porque não dás resposta ao meu apelo?
Porque te afastas de mim?
Porque escondes entre as sombras o teu rosto?
Porque procuras tu o efêmero?
Quem em ti suscita mágoa?
Porque te aprumas contra mim?
Porque és tu cego ao meu amor?

Porque te nutres das ofertas da aflição?

Ah! Responde-me

Porque estou carregado de amor.

O amor que gera mágoa,

O amor que aspa o sorriso na face aberta

O amor que muda a todo o instante

O amor que anda sozinho em sua solidão

O amor soberbo e opressivo

O amor que mata o amor aos outros

O amor que ata e limita

O amor que se consome na fogueira do Só ele

Desses não sentirás o mau sabor

Se comigo andares.

Amigo meu,

A que aspiras tu?

Qual o fim que te conduz?

Que sombras te seduzem?

Que queixumes te amargam?

Para onde vais tu?

Ó amigo,

Os dissídios do povo,

A opressão do pobre,

As guerras das nações,

A exploração do ignorante,

O ódio de classe contra classe,

A luta pela riqueza e os conseqüentes dissabores

Os enredos dos governos,

A repartição das terras,
Tudo isso desaparecerá
Sob as vestes do amor.

Não procura o homem dos campos,
Após a lida diária,
O refúgio do amor?

Não se cansa o homem,
Senhor de infindas coisas,
Das suas próprias posses,
E não procura a proteção do amor?
Não sente o guia de muitos povos
A solitude das suas ambições
E não procura o asilo do amor?
Não apela o homem do templo
Arrebatado na exaustão do culto
Para o amparo do amor?

Sim,
Todos indagam da morada
Que lhes dá a glória do amor.

Mas por que disputais
Ó amigo
Um com o outro
Em demanda do amor?
Por que esse seqüestro da alegria
No rancor de uns para os outros?

Porque essa rivalidade consumante
Que levanta uns contra os outros
E destrói a ventura totalmente?

Ó! meu coração sofre por ti
Ó amigo.
Abre de par em par teu coração,
E não consintas nele sombras negras,
Porque, sem amor,
Haverá desolação e mágoa infinda.
Mantém puro o coração
Porque, sendo ele impuro,
Haverá nele aflição e queixa.

Digo-te
Que onde quer que estejas
E seja qual for a tua pena
E seja qual for teu regozijo
O caminho para o coração do Bem-amado
É o caminho do amor;
Porque ele te conduz à simplicidade
E à fé conquistadora.
O entendimento vem pelo caminho
Do amor,
E o conhecimento dele vem.
Sim,
Ama a tudo e deixa-te ficar nisso.

Meu Bem-amado e Eu,

Amigo, te trazemos

Em nosso coração.

Falo-te

Das profundezas do meu amor.

Sou como a pétala para a rosa

Sou como o aroma para o jasmim.

Acho-me unido com meu Bem-amado;

Vem para mim

Sou o coração do amor.

(A Estrela - Vol. I - N. 4 - Abril de 1928)

REVOLTA INTELIGENTE

J. Krishnamurti

Todos os meses publicaremos em "A Estrela" as palestras feitas por Krishnaji para o grupo de estudantes que se reuniu no Castelo de Erde, no verão passado. Elas não foram revisadas por Krishnaji, pois se isto tivesse de ser feito por ele, resultaria em uma demora de muitos meses em sua publicação. Elas foram, no entanto, cuidadosamente lidas por muitos dos que se achavam presentes na ocasião, os quais crêem que são um registro exato, palavra por palavra, do que Krishnaji disse. A nota um pouco pessoal, (inevitável quando se fala a um grupo de amigos) representa com exatidão a forma pela qual as palestras foram feitas.

Eu vos tenho referido que a liberação é o abrir das portas para o Reino da Felicidade é para todos, e não para uns poucos escolhidos e preferidos, e a conquista e realização da libertação só tem lugar quando cessa em absoluto toda criação de karma. Pois o karma força todos a habitar a morada de carne de vida em vida, e o karma é a roda à qual o ser humano acha-se atado vida após vida; a roda que se mantém girando com a energia de sua própria volição e de seu próprio desejo. Assim, aquele que deseja chegar a liberação deverá primeiramente examinar sua posição em relação ao invisível girar dessa roda eterna - a que chamamos vida e morte. A fim de não abraçarmos essa roda, de não beijarmos esses seus raios que são a agonia, a ansiedade e a tristeza, deveremos aprender que a criação de karma acha-se sob o nosso próprio poder, sob as nossas próprias mãos, assim como também o fazer parar a roda. Enquanto essa roda invisível girar não haverá paz, não haverá pausa, não haverá lugar de repouso; será uma constante corrida e ansiedade, uma contínua criação de karma e uma luta, vida após vida. Em uma vida um homem poderá ser um mendigo, porém pelas suas boas ações, pela sua vida nobre, pela sua fervorosa devoção, pelos seus grandes ideais, poderá renascer em um palácio de reis, vivendo com conforto, vestido com perfeição e cercado de afetos. Mas aquele que sobe pode cair (a roda da vida e da morte não tem favoritos) e aquele que cai pode subir. Ininterrupta é essa roda da vida e da morte. Ela para somente para os que compreenderam o que é a liberação e que abriram os portais que dão acesso ao Reino da Felicidade.

Enquanto o ser humano não matar, não aniquilar o eu separado, haverá karma, (pois o eu é a causa do karma), porém, se destruídes esse eu, o eu que vos diz: eu sou, eu fui, ou eu serei, então a roda da vida e da morte, cujos raios são a ansiedade, a tristeza, a dor, e as alegrias passageiras, parará e vos tornareis o Mestre, aquele que atingiu a libertação, que atingiu o Reino da Felicidade. Enquanto não tiverdes chegado a essa libertação, enquanto não houverdes destruído o eu, sereis como o homem que semeia seu grão, quer seja sésamo, trigo, ou qualquer outro; ele o semeia e colhe na estação seguinte. Aquilo que semear colherá. Assim é a pessoa que cria karma; colhe aquilo que semeia - seus pensamentos ignorantes, seus sentimentos insensatos e suas ações loucas, criam mato entre a sementeira. Quaisquer que sejam seus pensamentos, quaisquer que sejam seus sentimentos, quaisquer que sejam suas ações, o resultado lhe corresponderá. E assim aquele que desejar atingir a libertação precisa, não só destruir esse eu separado, porém também operar retamente, pois, a ação reta, o reto sentimento e o reto pensamento produzirão a árvore que protegerá, que dará abrigo a muitos outros no caminho, na senda que conduz à paz.

Quando esse eu for destruído, então haverá libertação e as portas para o Reino da Felicidade estarão abertas. Pois, esse Reino é Kailash, é Nirvana, é Felicidade, e aquele que diz haver vida nesse Reino erra, e aquele que diz não haver vida ali, erra também; pois, ele é como uma chama da qual sobem chispas, e cada um de vós é uma chispa, e no momento em que destruí esse eu separado entrais nesse Reino e perdeis vosso ser separado na chama. Este é o alvo mais elevado a atingir, essa é a Libertação, esse é o Reino da Felicidade. Se compreenderdes isto, então vereis que esse poder de atingir, de conquistar, de forçar a abertura dessas portas, acha-se em vossas próprias mãos. Pois eu não posso parar, não posso segurar por um momento essa roda que gira e gira, inevitável e irresistivelmente. Porém, assim que reconhecerdes que existe essa imensa chama que se acha para além deste mundo, para além de qualquer mundo do ser, senciante e movente, então a roda do karma começa a diminuir sua marcha e seu poder começa a decrescer, e a medida que a chama cresce com a adição de mais lenha, assim também maior número de chispas entram nessa chama e maior é a sua glória e o seu calor. E aqueles que, como eu, atingiram a libertação são uma parte dessa chama; destruíram o seu eu separado, entraram na chama, onde não há vida e onde, no entanto, ela existe, onde não há cessação, e onde, no entanto, há cessação, e a Verdade é vista. É esse o fim de toda a evolução, de todos os pensamentos e sentimentos da humanidade.

Assim, meus amigos, deveis compreender essa verdade que é eterna, que é imperecível: que o matar do eu separado é a destruição do muro que vos aparta desse jardim, é a destruição do obstáculo que vos conserva do lado de fora desse Reino da Felicidade - é isto, a realização da libertação.

Porém, para contemplar a Verdade, ou ver o Bem Amado, ou atingir a libertação e abrir as portas da felicidade, é necessário aos que procuram, tornarem-se como o cristal, que é puro, uniforme e sereno. Eles deverão achar-se livres dos embaraços da roda dos nascimentos e das mortes, e, acima de tudo, devem ser puros como o regato da montanha, que é o resultado da neve de todo o inverno, límpidos como os céus de verão, sem uma nuvem, sem uma mancha, puros e calmos. A fim de que esse estado de bem estar mental, emocional e físico possa ser atingido, procurarei de hoje em diante, explicar o modo e os meios de vos aproximardes do portal que conduz à paz e à libertação. Para mim não há outro alvo a não ser a libertação, e eu a atingi; para mim não existe outra verdade a não ser a verdade que é a destruição do eu separado, que, de um modo natural, guia para a paz, e eu sustendo essa verdade; por o meu Bem Amado viver em mim, e eu me haver tornado o Bem Amado, é que gostaria de vos fazer semelhantes a mim. A fim de vos transformar à Sua imagem, a imagem do Bem Amado e a imagem da Verdade, eu quereria multiplicar vossa força, a força que tendes acumulado, nutrido e mantido durante vidas, a força que haveis reunido através das vossas experiências. E quereria fortalecer vosso propósito que cresceu, não só em momentos de percepção dessa libertação, porém, também, durante o correr de muitos períodos de vidas, durante a construção desse edifício a que chamamos experiência e vida; e desejaria guiar a vossa determinação de modo a vos fortificar com os vossos próprios desejos, de modo a vos fortalecer contra as vossas próprias fraquezas e aumentar o vosso amor que deverá ser o aspecto principal, o límpido lago que deverá refletir os céus abertos. Eu também amaria enobrecer os vossos desejos de modo que o vosso edifício fosse completo, sólido e bem fortificado. Gostaria de purificar as vossas mentes e os vossos corações, pois, sem cristalina pureza e grande limpidez, não podereis perceber esse grande alvo da libertação, essa verdade em toda a sua pura nudez e em toda a sua grandeza. Acima de tudo, quereria vos tornar simples como a folha que atravessou muitos invernos,

muitas primaveras e muitas estações, pois, a simplicidade é o produto de considerável experiência, de enorme conhecimento, de elevados objetivos e de nobres desejos. E é para isto que me acho aqui, é essa a razão pela qual vos achais reunidos aqui.

Olhai para o lago oculto na floresta calma. Vereis que há uma espuma verde à sua superfície, e, assim, nenhum animal vive em suas águas, porque viver nelas significaria a morte, e nenhum animal se aproximaria para beber dele, porque as suas águas são venenosas e não extinguem a sede. Nem tampouco o lago reflete as árvores, ainda que se ache oculto em uma magnífica floresta, nem os céus no alto; nem reflete a luz através das folhas, nem as estrelas da noite. Esse lago acha-se imóvel e por isto estagnado, daí a putrefação surgirá nele, então nele não haverá, nem movimento, nem vida; há ali a estagnação e o sopro de vida não o anima, e o lago espera pelas chuvas da estação seguinte, pelos ventos e tempestades que destruirão sua capa verde, que destruirão sua estagnante tranqüilidade, sua quieta putrefação. Quando vierem do céu as chuvas, tempestades e brisas, então as águas dançarão novamente cheias de vida e de alegria. Tal é a evolução do homem. Da estagnação à vida e da vida à estagnação, até que finalmente ele aprende que em si mesmo reside o poder de criar a tempestade que limpará da face das águas a capa que desfigura sua beleza, até que enfim ele aprende que somente nele reside o poder de alimentar os animais que se aproximam de suas margens, de extinguir-lhes a sede, que só nele reside a capacidade de refletir as árvores, as estrelas e tudo o mais que passar em sua vizinhança. E, como o lago que é revolvido para a vida pelas borrascas, pelas brisas, assim é a evolução do homem. Pois a evolução é um processo de mudanças contínuas de um estado a outro, de uma opinião a outra, de um ponto de vista a outro, de uma satisfação a outra, de um desejo a outro.

A evolução é um estado de constante revolta. Se bem que, tal como o lago, estejamos satisfeitos durante uma estação, ou talvez durante muitas estações, e como os ventos e as tempestades vêm limpar da face das águas a capa verde, do mesmo modo, pela revolta constante, pela constante mudança, pelo constante agitar, nós nos limpamos de todas as doenças, desejos, acumulações, amores, e afeições sob a ação de constantes mudanças e alterações. A evolução é uma revolta inteligente. A forma errônea de revolta leva ao caos estúpido que mataria a evolução.

A revolta é estúpida quando não tem nenhum pensamento, nenhum motivo, nenhum alvo estabelecido; e a revolta estúpida, se bem que resida em todos, se bem que seja parte de cada um, no entanto é contrária às leis da Natureza. Pois ela não cria, não destrói o obstáculo que vos separa da Verdade; pelo contrário, a revolta estúpida cria mais obstáculos, maiores fortalezas, maiores divisões entre vós e a vossa verdade. A revolta estúpida é como a criança que é cruel, sem raciocínio e sem propósito; e a revolta estúpida é intolerante por não ter propósito, por não ser dirigida por uma mente tranqüila, por não ser inspirada pelo coração.

Por outro lado existe a espécie de revolta justa - a revolta inteligente - que é o verdadeiro significado da evolução, e essa revolta inteligente é o descontentamento divino do qual cada um dará nascimento à cintilante estrela; assim, dessa revolta, dessa cuidadosa e inteligente revolução, deveremos construir um novo edifício, deveremos construir uma nova estrutura que nos libertará, e que nos aproximará mais da nossa meta. A espécie correta de revolta inteligente é contra a satisfação e a estagnação; pois, enquanto não tiverdes alcançado a verdade absoluta, enquanto o Bem Amado não morar em vós, enquanto não tiverdes alcançado o estado de liberação, que é o resultado da renúncia de todas as coisas, não deverá existir satisfação; pois, assim que há satisfação há estagnação, e daí não podereis refletir os céus puros, não sereis como um espelho que reflete a Verdade, que vos mostra vossos enganos, vossos erros. A revolta inteligente deverá ser contra essa estreiteza de espírito, que é o espírito do burguês. A estreiteza dá nascimento ao espírito de intolerância, o espírito que deseja converter os outros, o espírito da interferência, o espírito que destrói a beleza, a amizade e a afeição. A verdadeira revolta de espécie inteligente deverá ser contra os preconceitos; pois eles atam, limitam e sufocam. Quando contemplais a face da montanha e não há nuvens no céu, que bela que é, como é calma, como é serena e, assim que uma nuvem aparece entre o sol e a montanha, sua face fica alterada, ela se torna escura, perde sua beleza, seu êxtase de cintilação e sua força. O preconceito é como a nuvem. Uma revolta inteligente deverá existir contra a opressão que entorta, que empena a mente, a alma e o coração; e deverá ser contra o império de quem quer que seja, do sábio ou do néscio, pois o domínio dá nascimento à intolerância, ao desejo de converter e alterar as almas de outras pessoas. Ainda, o espírito da revolta inteligente deverá ser dirigido contra a aversão, o ódio e a satisfação própria; pois todos estes obstáculos

trazem a tristeza e o sofrimento que são o resultado do apego à roda de nascimento e morte. Acima de tudo, se tiverdes essa revolta inteligente dentro de vós, ela vos dará energia criadora, vos dará propósito, vos dará a determinação de realizar vossos próprios desejos, vossos próprios êxtases, até que tenhais atingido à liberação. Assim, a evolução é uma revolta inteligente, e a revolta inteligente, se for sabiamente empregada e utilizada, vos libertará da roda de nascimento e morte.

Outro dia sai a passeio pelos campos, os céus estavam límpidos e havia um sorriso na face da terra. Era um dia sem nuvens e, de repente, surgiu pelo céu uma enorme nuvem açoitada por um forte vento, e um pombo voou das árvores, lutando contra o vento, gritando, clamando por alegria, fugindo da nuvem. Essa nuvem é como o homem não liberto que é empurrado, açoitado e açoitado pela roda da vida e da morte, por essa roda invisível que gira e gira, criando tristeza e dor. Como a nuvem é o não liberto - o insensato, o inexperiente, o ignorante e o fraco - porque não estabelece seu alvo, ele se acha incerto de seu desejo, não se encontrando firme em suas aspirações e mesmo duvidando do próprio fim. Enquanto me achava sentado sob a árvore, senti-me como o pombo, liberto, livre e fora das garras do vento; e dessa liberdade eu estou certo; porque, quando uma vez tiverdes entrado no reino, aberto esses portais que dão acesso a essa paz que é a liberação, não haverá mais nenhuma dúvida sobre a meta, nenhuma dúvida sobre vosso poder, sobre vossas energias criadoras, sobre a vossa própria conquista.

Desde que atingi (não vos digo isto para vos convencer, nem para vos induzir, nem para vos fazer mudar as vossas opiniões, ou para alterar a vossa atitude); desde que penetrei nessa liberação, desde que bebi nessa fonte de prazer, naturalmente gostaria de vos fazer também desfrutar da frescura, da limpidez e da beleza dessa visão, como o pássaro livre da gaiola desfruta do céu aberto. Se eu pudesse destruiria vosso karma; pois vos achais presos no karma como um pássaro em um laço, que é transportado e posto em uma gaiola. Não é meu desejo vos forçar em uma particular direção; pois a liberação é o fim de todos, seja o indivíduo de que tipo ou temperamento for, de uma seita ou de outra, de uma classe ou de outra, superior ou inferior, nasça branco ou de cor. A liberação de todas as coisas (de todas as alegrias passageiras, de todos prazeres transitórios, de todos os pequenos sentimentos), a liberação que é certa, que é eterna. Desejaria vos dar essa felicidade e vos ajudar a fazer parar essa roda por vós mesmos; porém como já disse anteriormente, eu não posso fazer parar vossa roda de vida e morte; pois, em vós próprios somente, deverá nascer a determinação de fazer parar esses raios que são como flechas ardentes criando a dor e o prazer. Devido a ter o pequeno eu que existiu em mim durante tantas vidas, por tantas gerações, devido a ter sido consumido esse pequeno "eu" separado pelo fogo do amor do meu Bem Amado, eu desejaria repartir convosco e vos dar esse amor de modo que ficasse estabelecido em cada um de vós, de modo que nenhum vento passageiro vos atirasse para uma direção onde não desejásseis ir. O mundo com a sua infelicidade, com suas escaldantes ansiedades, grandes agonias, seu amor e ódio, acha-se preso à roda, tal como cada um de vós. A menos que tenhais atingido à liberação, não sereis diferentes dos outros, embora tenhais uma visão mais vasta. Vós, como o resto do mundo, vos achais presos na rede, e eu gostaria de destruir essa rede. É meu propósito, não vos fazer beber da fonte de outrem, ou de vos fazer beber no jardim particular de minha criação, porém de vos assegurar o vosso próprio fim, o fim que é meu e que também pertence a todos os outros. Assim como o meu Bem Amado me mantém (disto eu estou certo) assim, se quereis atingir à liberação, deveis manter-me em vosso coração, deveis conservar essa liberação sempre luzente, sempre excitando-vos, sempre forte em vosso coração; pois não há outro Instrutor, nenhuma outra meta, nenhum outro fim. Aquele que atinge esse fim torna-se o Instrutor, como eu. E devido a essa certeza que sinto, devido a esse prazer que experimento, devido a esse amor que trago, eu vos quero dar, a vós que ainda vos achais hesitando, que não estais ainda certos ou que ainda estais tateando às escuras, essa certeza, essa luz que vos libertará. É esse o alvo de todo o Instrutor, é esse o alvo do Maior dos Instrutores.

O meu propósito é então destruir a barreira que vos separa, que afasta a toda gente do seu alvo, do seu desejo, da sua incerteza, essa barreira que é o resultado da ignorância, da estreiteza e do preconceito. Para compreenderdes isto, para destruídes essa barreira que existe entre vós e o vosso alvo, entre vós e a vossa felicidade, não necessitais mediadores, nenhum interprete entre vós e mim, não necessitais de deuses, nem necessitais de templos. Tudo isso são coisas externas, e quando uma vez tiver nascido dentro de vós o verdadeiro desejo, tal como o perfume nasce na flor, não haverá então dúvida, nem questão, nem sombra para obscurecer vossa visão. E afim de despertar em vosso interior essa beleza, de inflamar esse fogo

que jamais deverá ser extinto por um interprete passageiro, por um passageiro mediador, por nuvens que passam através da face do céu, eu estabeleceria, eu despertaria esse desejo, essa verdade, em cada um de vós de modo que vós por vosso turno pudésseis vos tornar o liberador, vos tornar o instrutor afim de que o mundo fosse feliz. É esse o propósito de ser-se liberto, é esse o propósito de conquistar.

Eu me encontro aqui para construir a ponte que vos trará ao alvo de modo que com o vosso próprio poder, com a vossa própria determinação, com o vosso próprio anseio, com a vossa própria experiência e com a vossa própria ansiedade por atingir à liberação, vós por vosso turno possais trabalhar para construir. Deveis ter esse desejo de atingir à liberação e à perfeição, de escapar da roda da vida e da morte; porém deverá ser o vosso próprio desejo, o vosso próprio anseio e não o de outro; pois, se ele for o de outro vós sereis como o insensato, o inexperiente, o estúpido, vós sereis desviados pelas angústias e alegrias de outrem. Assim, para aniquilar as estreitezas e limitações, e as barreiras que existem entre vós e a verdade da liberação deveis procurar as causas, deveis encontrar, não somente as meras razões da superfície, não somente as meras dúvidas e questões superficiais, porém, deveis ir à própria fonte, à própria raiz da tristeza, que é o eu separado. É o eu que conserva todos afastados da liberação e que age como uma barreira, que o ata e o limita e esconde a glória da liberação. A menos que esse eu pequeno seja destruído, a menos que ele seja completamente aniquilado permanecerá como causa de karma. A destruição do karma e a destruição do eu separado vos libertará da roda de nascimento e morte, da tristeza e da dor, de alegrias e de prazeres passageiros, da mudança contínua e do desassossego eterno. É o eu separado que vos conserva errando sobre a face da terra, vida após vida, como um mendigo de casa em casa, chorando, ansiando por essa liberação que vos tornará livres.

Como expliquei anteriormente, a revolta quando propriamente utilizada, quando inteligentemente levada a efeito auxilia a destruir a estreiteza, as limitações, as restrições e o desenvolvimento unilateral. A revolta inteligente é necessária afim de destruir o karma. Há em cada ser humano uma revolta contra alguma coisa, porém, na maioria dos casos é mal guiada, não dominada, e então se torna estereotipada. Se fordes a qualquer escola onde haja jovens reunidos, há sempre revolta contra a ordem das coisas, porém, sua revolta é cega e sem propósito. O rio que desce da montanha, saltando de pedra em pedra, a não ser que seja dominado, a não ser que seja guiado, não auxiliará o homem a ser feliz; porém, assim que for dominado, assim que for guiado, assim que se construírem barragens para o bem estar do homem, então o rio se tornará útil. O mesmo sucede com a revolta, inteligente ou estúpida. A revolta inteligente é o resultado da experiência que tendes adquirido vida após vida, é o resultado de vossas tristezas e de dores passadas, lutas pela alegria e o resíduo de toda experiência. Assim, quando combinardes a inteligência com a revolta começareis a agitar e a destruir esses pequenos lugares onde o eu separado se esconde, tal como o lago que agitado constantemente atira à superfície as suas impurezas que são então queimadas pelo sol e levadas pelo vento. Por meio da revolta excitareis vosso eu pequeno, expondo-o à inteligência e assim começareis a destruí-lo. Alguns têm de obter experiências vida após vida, outros, porém, percebem o fim e são consumidos pela meta; mas onde quer que vos acheis, não atingireis à liberação sem passardes pela experiência. Não podereis penetrar na chama e serdes por ela consumidos, essa chama que é a essência da inteligência, que é a essência da liberação, sem que estejais ricos em experiência. Como penetrei nessa chama, como me tornei parte dela pela destruição do eu separado, do mesmo modo todo aquele que desejar atingir à liberação deverá ter esse imenso desejo de destruir o eu separado, e isto só poderá ser feito pelo exame constante, pela constante exposição ao sol e ao vento. É ao perceber o fim que, o vosso desejo se torna tão forte, que vós vos tornais o próprio fim, que vós vos tornais parte da chama; e então podereis acender a luz em outros e assim destruir os seus pequenos eus.

* * *

Vinde todos, vós que estais aflitos, e entrai comigo no Templo do Conhecimento e no oásis da imortalidade. Contemplemos a luz eterna, a luz que espalha a paz, a luz que purifica. A radiosa verdade brilha, resplandecente, e nós não podemos permanecer cegos por mais tempo, nem continuar a andar Tateando, nas regiões tenebrosas. A nossa sede será então saciada para sempre porque beberemos na Fonte da Sabedoria. Eu sou forte, não hesito mais, pois a centelha divina brotou em mim. Num sonho lúcido, contemplei o Mestre e eu irradio da sua eterna alegria. Mergulho o meu olhar no Oceano sem fundo do Conhecimento e aí contemplo todos os reflexos. Sou uma pedra do templo Sagrado; uma humilde erva ceifada e pisada aos pés. Sou a

árvore gigante e reta que namora os céus. Sou o animal perseguido com ardor e o criminoso por todos amaldiçoado. Sou o nobre que todos honram e sou a tristeza, o desespero, o prazer dum momento, as paixões, os gozos, o rancor amargo e a compaixão infinita e ao mesmo tempo o pecado e o pecador. Sou o amante e o verdadeiro amor. Sou o próprio amor. Sou o santo, o adorador e o crente. Eu sou Deus.

(A Estrela - Vol. I - N. 4 - Abril de 1928)

O TOPO DA MONTANHA

J. Krishnamurti

Mês após mês, publicaremos na "A Estrela" as palestras dadas por Krishnaji ao grupo de estudantes reunidos no Castelo de Erde no verão passado. Não foram revistas por Krishnaji em pessoa pois que, a ter de fazê-lo, importaria em uma demora de muitos meses na sua publicação. Foram lidas cuidadosamente, entretanto, por vários daqueles que se acharam presentes por ocasião de serem tais palestras proferidas e que acreditam estarem elas corretas e serem o registro verbal do que Krishnaji disse. A nota de certo modo pessoal - inevitável, quando se fala a um grupo de amigos - representa exatamente a forma na qual as palestras foram feitas.

Como o perfume da flor reside dentre dela mesma, assim a vossa busca e luta pela libertação está dentro de vós mesmos, deve ser parte de vós como o perfume é parte da flor. É meu propósito e meu anseio estabelecer firmemente em cada um de vós o desejo de trabalhar retamente para obtenção da libertação. Deve tornar-se ela parte de vós, tão naturalmente como o perfume o é da flor, deve tornar-se parte de vós como o é o desejo da abelha por coletar mel, de modo que, mesmo que eu me retire e cesse de falar, de vos impelir, de vos animar, de despertar vossa resolução, vossa força, vossa determinação, vejais, no entanto, por vós mesmos essa libertação e, como discípulos dessa libertação, saiais para o mundo e convençais aqueles que ainda se acham lutando, que ainda não encontraram a luz, e lhes proporcioneis o conforto do vosso conhecimento, da vossa força, de vossa determinação, da vossa conquista.

Como o perfume da flor reside dentro dela própria, assim também a luz da verdade, o desejo da conquista, e o poder de abrir os portais da felicidade reside dentro de vós próprios. Meu propósito é somente despertar essa verdade que dorme dentro de vós e não propeler-vos de qualquer maneira a vos acomodardes ou a vos transformardes de acordo com o meu particular ponto de vista sobre a vida. Quando houverdes atingido a libertação, quando vós próprios vos houverdes tornado a meta, verificareis que todos os caminhos, todas as modalidades de pensamento, todos os temperamentos, todas as seitas e credos, todas as filosofias, todas as religiões finalizam nessa libertação, assim como nela têm o seu ser. E assim como no botão só existe o desejo de desabrochar e dar seu aroma ao mundo, assim também a vossa determinação de atingir a libertação deve nascer dentro de vós. Não por minha causa ou por causa de outro indivíduo deveis alcançar esta verdade, ou lutar para atingí-la, mas pelo fato de em vosso poder estar o desejo de a atingir, de a conquistar, e passar além do raios da roda do nascimento e da morte.

Considerai a planta que, afim de atingir a sua libertação, de desempenhar a sua finalidade na existência, como flor perfeita, passou através do outono e do inverno, através do processo de decadência e da morte, antes do renascimento; assim são as pessoas que se libertam. Não são um produto de um único dia, mais do que o pintor, e o ourives, ou o violinista perfeito o são também. Eles são a culminância, a apoteose de vidas de luta, de anseios e desejos, posto que pareçam realizar em um momento único a glória do seu ser.

Assim como a corrente, desde o próprio início do seu nascimento busca assiduamente o caminho mais curto para o oceano, assim também, desde o momento em que tendes aprendido, que houverdes percebido a meta, por muito distante que ela esteja, deveis assiduamente e propositadamente buscar o vosso caminho através desse turbilhão, dessa irrealdade, dessa maya que vos atrai em todas as direções, até entrardes no oceano da

libertação, até haverdes aberto esses portais que conduzem à morada da paz. Muitas pessoas alimentam a idéia de que podem atingir a libertação, a glória da perfeição e entrar no Reino dentro de uns poucos dias; a perfeição, porém, vem somente após vidas de luta; por meio do constante discernimento, de escolha constante, do constante sacrifício, de vitórias constantes, de um constante deixar de lado aquelas coisas que criam tristeza e um constante apego àquelas que dão permanência e força.

Minha vida é o produto e a culminância de muitas vidas e, agora, abri os portais e entrei nesse Reino da Libertação e da Felicidade. Atingi aquilo que é resultante de muitas tristezas, de muitos prazeres, de muitos anseios, a resultante da determinação, tomada desde o próprio começo. Assim também deve nascer em cada um de vós essa determinação de conquistar, de chegar ao fim de todas as coisas, desde o momento em que tendes contemplado a meta. Sei que hei lutado como a semente luta sob o solo, para ver a luz do sol, porém, desse mesmo processo, nasceu a libertação desse mesmo processo de aquisição e rejeição, de discernimento e de colheita de força, atingi a libertação. É aí que está a verdade. Na constante luta diária, na escolha de todos os dias entre o que é bom e o que é mau à luz da libertação, e não em qualquer outra coisa, reside a sua conquista. Nesse processo de luta, mantive sempre meu rosto voltado para a montanha, e, portanto, com as costas para o vale. Nunca tive em consideração o que estava por detrás de mim, pois o topo da montanha, com a sua luz eterna, me chamava ansiosamente e, portanto, eu caminhava em uma direção única, em direção ao cimo da montanha, com as costas para o vale, que é o passado, posto que encerre suas lições. Porém, agora, que atingi o cimo da montanha, encaro o mundo como um guia, com o anseio de auxiliar, como quem conhece onde se encontram as armadilhas perigosas, os santuários que embaraçam, ao lado da estrada. E com esse amor que em mim arde, eu vos convido a deixardes esses estreitos caminhos do vale, esses escuros atalhos ocultos e venhais caminhar comigo na luz que é a libertação. Desde o topo da montanha podeis ouvir a voz clamando, bradando e advertindo em relação aos perigos do passo falso que, inevitavelmente, vos levará para o precipício; porém, posto que a advertência seja clara, deve existir, correspondentemente forte dentro de vós, o esforço da luta para sair do vale, para sair para fora da sombra - posto que ela seja convidativa, - para a luz clara do sol, onde sombras não existem nem falsos passos. Afim de que tendes a força, a energia, o êxtase de propósito que vos dará determinação, deveis beber dessa fonte que é libertação, da qual bebem os próprios deuses.

Freqüentemente dizeis: "Desejo seguir-vos até ao portal da paz que é a libertação, porém tenho que conduzir comigo meus amigos, meus desejos; tenho que sobrecarregar-me com isto e aquilo; tenho que ter por detrás de mim este pensamento, aquele sentimento; sem eles, não vos posso acompanhar; eles são meu sustentáculo, o fruto de minhas ações, dos meus anseios". Amigo, se fizerdes isto, não poderás subir às grandes alturas, onde deves chegar absolutamente nú, liberto de todos os entraves, de todos os embaraços, afim de que possas vestir-te de novo com as roupagens da libertação. Como o capitão de um navio que se afunda sabe que, para que o navio permaneça flutuando, deve libertar-se do lastro, da carga pesada, assim também deveis renunciar a todas as coisas, por tudo de lado, libertar-vos de todos os fardos, ficar livre e desembaraçado de todo o pensamento, de todo egoísmo, de todos os anseios pela ação e pelo fruto da ação. Quando chegardes ao topo da montanha verificareis que justamente no processo de renúncia vos haveis coberto com a veste da libertação.

Como a chama que morre se não for mantida acesa, assim também a verdade da libertação morre dentro de vós se não for adequadamente alimentada, se não existir animação, desejo, determinação de manter esse fogo ardente eternamente. A centelha da divindade que está dentro de todos - seja do selvagem, seja do santo, do civilizado ou do bárbaro, do branco, do pardo ou do preto - essa centelha deve ser conservada acesa e soprada até tornar-se a grande chama, parte da chama eterna da libertação. Esta centelha deveis estimulá-la pelas experiências até se tornar tão gigantesca, forte e poderosa, que se torne parte dessa chama que existe no reino da libertação, no reino da felicidade. Não podeis escapar ao processo evolucionário de aquisição de experiência, porém se fordes sábios, escolhereis, rejeitareis, discernireis o que auxilia do que embaraça. O verdadeiro processo de passar pelas experiências vos conduzirá aos portais da libertação, porém a continuação de uma espécie de experiência, a necessidade, será um empecilho.

Há um outro tipo, o do homem de revolta apaixonada que contemplou os céus abertos desde o assoalho do edifício. Não há nele o desejo de deter-se e olhar através de cada uma das janelas em particular, pois que possui imaginação e utiliza essa imaginação para os propósitos

da evolução. Arrastado pelo anseio de conhecimento, deixando para traz falsos deuses, pregadores, livros, falsas doutrinas e credos, passa rapidamente de um estágio para o outro, atendo-se apenas um curto espaço de tempo em cada janela, colhendo experiência em cada pavimento, até que, finalmente, se eleva até ao último andar onde existe a libertação. A finalidade da experiência é ensinar-vos a renúncia do falso, a destruição do que não é verdadeiro, afim de que possais ascender à verdade como um náufrago sobe a uma prancha - a única verdade eterna que é a libertação. Quando uma vez a houverdes percebido, não vos detereis em qualquer dos santuários que se acham ao lado do caminho, junto de qualquer dos pregadores, por eloqüente que seja, pois que eles pregam aquilo por que os próprios deuses anseiam, que é a libertação. Quando uma vez houverdes percebido a meta, o passar através de experiências torna-se em si mesmo, a libertação.

Esforcei-me por estabelecer dentro de vós o desejo de atingir a meta, afim de que, por iniciativa própria, luteis para atingir o ápice dessa montanha da libertação, onde existe liberdade e felicidade.

Este desejo e este conhecimento - o conhecimento que nasce da experiência, a sabedoria que é a resultante da tristeza e do discernimento - está, espero, bem estabelecido em vós, afim de que não sejais abalado em vosso propósito, afim de que a vossa resolução não se enfraqueça, para que a vossa força se duplique. Pois, como vos disse, a libertação e a felicidade são o único altar, a meta única, a verdade digna de por ela se lutar e digna de ser atingida. É a única verdade à qual as pessoas acorrerão, da qual todos os tipos e temperamentos e seitas se acercarão. Se uma vez a houverdes visto e percebido, não mais duvidareis, não mais vos sentireis desviados, não mais criareis barreiras entre vós e a meta ou exigireis intérpretes para ela. Não vos detereis nos altares à beira dos caminhos para adorar a deuses que passam - pois todos os deuses são irreais e morrem. Somente a Verdade que é libertação e felicidade permanece, e meias verdades, semi-realidades e desejos débeis de conquista serão mortos, aniquilados dentro de vós e vós tomareis de um propósito único, tereis a vossa direção bem determinada, vosso propósito bem fortificado para consecução deste desejo.

Agora, a percepção da meta e sua conquista são coisas perfeitamente diferentes. A maioria dentre vós supõem que pela simples percepção da libertação, já a haveis atingido! É verdade que, em qualquer estágio da evolução, podeis ver por vós próprios o fim de todas as coisas, que é a libertação, porém, a visão e a realidade, a percepção e a conquista são totalmente diferentes. Pelo fato de haverdes visto, não imagineis, de momento, que a haveis conquistado. Por exemplo, do vale, podeis sempre contemplar o cimo da montanha; da planície podeis ver erguer-se, claramente, em toda a sua perfeição, em toda a sua serenidade o cimo da montanha; porém, entre vós, na planície e no vale, e a conquista do topo da montanha, existe uma grande distância a ser trilhada, muitas barreiras a vencer, florestas a romper, rios a vadear. Só o homem de coragem, de experiência, de intenso anseio, cujo desejo de atingir o ápice, arde em seu interior, ousará, lutará, onde quer que esteja, para atingir o topo da montanha. Assim, foi meu propósito estabelecer dentro de vossos próprios corações e mentes o desejo de alcançar a meta, de atingir a libertação e a felicidade, Só tendes que abrir os olhos para contemplardes a glória da libertação e da felicidade; ela está lá, como o topo da montanha que é contemplada do vale e da planície; está sempre ali, tanto nos dias ensolarados como nos de muitas névoas, às vezes oculto e misterioso e distante, outras vezes claro, límpido, magnífico e muito próximo, ao nosso alcance. Este cimo da montanha da libertação está sempre ali, quer as populações da planície e do vale durmam ou estejam despertas, quer se divirtam ou chorem, clamem de alegria, lutem ou estejam em paz. Ele sempre ali está, sempre incitando-nos, sempre chamando-nos, sempre acenando às pessoas que se acham perdidas na escuridão do vale, ou que se acham distantes, na planície; está sempre convidando o povo que se acha embaixo, a subir ao cimo e conquistá-lo. Assim, se utilizardes a vossa imaginação, compreenderdes que o reino da felicidade e da libertação está dentro de vós, como o topo da montanha está sempre presente, perpetuamente, acima da tormenta, dos aguaceiros e das nuvens que passam; porém, para conquistá-lo, atingí-lo e viver nele eternamente, deveis ter sofrido na planície ardente, onde não existem sombras, conforto, abrigo ou frescas correntes.

A libertação é como o cimo da montanha que se encontra muito distante e, apesar disso, está ao alcance daqueles que tem o desejo de vencer as planícies e entrar no vale abrigado onde existem lugares reclusos, proteção do sol e do frio. E vós, similarmemente àqueles que fizeram a experiência, tanto da planície como do vale e que não tendes outro desejo exceto atingir o topo da montanha, tendes que passar através de todos esses estágios - a planície onde

não existe abrigo, onde o sol é forte, e o vale onde há a reclusão, onde existe a paz e, às vezes estagnação, onde existe abrigo e muitos espaços abertos, bem como noites escuras. Alguns haverá cujo desejo seja tão forte, tão intenso, tão ardente, que lutarão para atingir o topo da montanha da libertação sem se deterem no vale, no estágio do conforto e do abrigo. Porém aqueles que se acham no vale do abrigo devem dar conforto e proteção aos da planície, pois que se acham mais próximos do cimo da montanha e podem ver com mais clareza do que os das planícies. Se entenderdes corretamente este símile, verificareis que a maioria das pessoas, afim de atingirem o topo da montanha, tem que passar através a planície e do vale, adquirindo força e experiência durante esses estágios. Existe, porém, também o homem de outro tipo que tem dentro de si o desejo ardente de alcançar; esse pode passar rapidamente através dos dois estágios, o da planície e o do vale afim de chegar mais rapidamente ao cimo da montanha.

Com a minha vinda, fortificarei esse desejo de atingir o topo da montanha, tanto nos do vale como nos da planície pois que já cheguei. O tempo desaparecerá para aqueles que não houverem ainda chegado, porém que realmente compreenderem o ensinamento e mantiverem em seu coração a corporificação da libertação e da felicidade. Aqueles que ainda não houverem percebido esta felicidade e esta libertação, percebê-la-ão; aqueles que a houverem visto, fortificarão o seu desejo e sua força para atingirem-na. É minha intenção semear a Semente no Campo que está inculto; as árvores estéreis darão fruto; crescerão até tornarem-se as árvores magníficas, cuja folhagem dará proteção e abrigo aos fatigados.

Uma vez mais vos digo, não imagineis que, pelo fato de haverdes visto a meta a haveis capturado, a haveis atingido e vos tomado parte dela. A meta é semelhante ao quadro acabado do artista; é simples e misterioso. As pessoas que olham para um quadro pensam que podem pinta-lo. por ser tão simples e arrebatador os seus corações; porém, o mistério de criação que produziu esse quadro é grande. Contemplai o artista enquanto ele está pintando, como ele produz, com cores, pouco a pouco, vagarosa e gradualmente, um semblante; primeiro, a cor da pele e pouco a pouco, os olhos, e a expressão e, gradualmente, nele coloca a alma; porém, quando o quadro estiver acabado, existe nele a simplicidade da finalidade. Assim, pelo fato de eu haver atingido e ter alcançado essa Libertação e ela vos ter sido mostrada tão simples, não penseis que a podeis atingir imediatamente. Primeiro, tendes que ter a mente simples e também assim o coração, antes que possais realmente compreender; e para possuir essa mente e coração simples tendes que haver passado através do vale e da planície, deveis ter colhido experiência e ajuntado conhecimento. Dado o fato de existir esta semente dentro de cada um de vós, regai-a com cuidado, protegei-a enquanto a planta for jovem, encaminhai-a em direção ao crescimento reto, em direção aos céus abertos, em direção ao firmamento claro acima das nuvens tormentosas. Para a fazerdes crescer maravilhosamente tendes que possuir sabedoria e inteligência que são a resultante da experiência. Se não fordes um jardineiro, se não fordes experientes com as plantas, vós as destruireis por admirável que seja a semente no começo. Em vós reside o poder de fazerdes a semente crescer brilhantemente, faze-la crescer em linha reta para o céu aberto, porém não podeis usar este poder corretamente, sem experiência, sabedoria e inteligência. Com o desejo apenas, não podeis levar todas as coisas adiante de vós e atingir a meta; por muito poderoso que seja, por forte e intenso que seja o vosso desejo necessitais sabedoria, direção e domínio.

Quando um homem forte trepa ao topo da montanha toma o caminho reto, pois preparou, cultivou e adestrou os seus músculos, armazenou a sua força, preservou o seu poder por muitos dias para a luta e assim, para ele, o trilhar um caminho estreito e perigoso é fácil. Porém, um homem fraco, talvez tenha que descer um pouco o caminho da montanha e tomar um caminho mais fácil e mais longo; chegará, porém, também ao cimo. Assim pois, a experiência, se adequadamente utilizada, vos dará conhecimento e sabedoria para pordes em ação esse conhecimento. Pelo fato de haver eu reunido a meta e a origem, vos direi que a libertação não é atingida pela mera renúncia, porém pela perfeição da vida, vida que nos rodeia, que nos cerca, que reside em cada um de nós. Se aparece um homem liberto, seu desejo não é somente o estabelecer nas pessoas que o rodeiam o anseio por essa libertação, porém também expor-lhes os meios de atingí-la e o processo de adquirir tal felicidade. Assim tem sido o meu propósito, desde que comecei a estabelecer dentro de vós este objetivo, de cultivar em vosso interior esses campos que têm permanecido incultos e plantar a semente que crescerá até tornar-se essa árvore admirável. Como um jardineiro, sementearei a semente, porém vós sois o solo no qual a árvore crescerá e assim, deveis preparar o terreno, deveis fertilizá-lo e guardá-lo, afim de que a vossa árvore, a vossa planta cresça para a perfeição e então, protegereis, dareis conforto aos fatigados.

A verdade, que é a essência da libertação e da felicidade não se encontra em nenhum reino distante, não nos espera em nenhum oculto e longínquo recanto, porém eternamente mora nos corações daqueles que têm o desejo de atingir, de pesquisar a verdade. Aqueles que têm o desejo de seguir essa verdade, essa libertação e essa felicidade, deveriam limpar-se a si mesmos de toda a estreiteza, de todos os seus preconceitos, e mergulharem fundo em seus próprios corações e aí, por si próprios, estabelecerem a verdade; e aí, por si mesmos, encontrarem a libertação e a felicidade; pois onde quer que exista a eterna felicidade, aí se encontra a libertação, pois sem felicidade - a felicidade que nunca pode mudar, nem pode ser alterada - jamais encontrareis a libertação. Só chegareis a essa felicidade quando houverdes posto de lado todos os vossos liames, qualidades limitadoras, quando houverdes posto de lado o manto de treva que é a herança de todos os seres humanos que se acham ainda ligados à roda da vida e da morte. Quando a todos houverdes posto de lado, e houverdes seguido a verdade em vosso próprio coração e aí a houverdes estabelecido firmemente, então, ela se tornará parte de vós próprios, parte da vossa visão eterna, de vosso eterno anseio e então nascerá a revolta inteligente. Lançado a um lado essas coisas que ligam, que criam a tristeza, a ansiedade, e a dor lancinante do desejo, encontrareis essa revolta inteligente que nunca sossega, que atua sempre como um meio de destruir as coisas que são impuras, essas coisas que não se acham em alinhamento com a libertação e a felicidade. Assim, a primeira coisa para aqueles que desejam seguir a verdade, e seguirem-me dentro de seus próprios corações, é entrarem dentro de si mesmos, em seu próprio ser e aí estabelecer a verdade e aí encontrar sua própria felicidade, sua libertação e terão, assim encontrado a minha felicidade e a minha libertação, a qual é a herança de todos, o produto comum de toda a humanidade.

Não tem valia seguir-se a outrem cegamente, ou construir um templo para algum deus passageiro, pois que essas coisas objetivas desaparecem, morrem, e vos deixam tão nus e desvalidos, tão deprimidos e infelizes como estáveis antes de encontrardes esse deus que passa além para a escuridão da noite.

Quando houverdes encontrado a libertação e a felicidade em vosso próprio coração, aí deveis construir um templo para adorar, deixando de lado todos os outros deuses, todos os outros desejos, todos os outros anseios, exceto o de vos unirdes com essa felicidade e essa libertação. Então vos tornareis guias verdadeiros, de vós próprios, vós próprios encontrareis o caminho da paz. Se confiardes em outrem, por muito bela que seja a sua visão, por grande que seja o amor que tenhais a outrem, eles passam, fenecem e uma vez mais sois deixados nus e sozinhos em vossa solidão. Pelo fato de haver subido ao cimo da montanha em meu próprio coração e ter encontrado a Libertação e a Felicidade, não quer dizer que deveis dedicar vosso amor e devoção à minha forma externa. Deveis dedicar vosso amor e devoção à verdade que é libertação e felicidade, pois que esta forma exterior passa, como todas as coisas passam, exceto a verdade. A esta verdade deveis apegar-vos como um náufrago a uma prancha; se vos aferrardes à verdade ela nunca vos abandonará, ao contrário, vos fortificará e acrescentará vosso desejo de vos apegardes à verdade eternamente.

Aqueles que desejam seguir-me, devem seguir a Verdade, pois que somente se a verdade da felicidade e libertação, estiver bem estabelecida dentro de vós verdadeiramente me seguireis e assim, estaremos para sempre juntos, então não haverá separação nem solidão. Porém, desde o momento que estabeleçais vossa verdade em uma forma externa, em uma imagem, um altar, no incenso, em sinos, nos suntuosos vestuários de algum sacerdote, então tereis perdido de vista a verdade, pois com essas formas, com esse incenso, com esses sinos, vossa verdade, se esvai. Assim, meu propósito é estabelecer esta verdade dentro de vós, afim de que possais encontrar por vós próprios essa felicidade e essa libertação. Pelo fato de haver eu reunido o começo e o fim, a origem e a meta, posso ver quão incitante, quão perigoso é confiar nos outros. Pelo fato de haver eu atingido a libertação, por ter estabelecido em mim a felicidade, eu vos quero proporcionar esta libertação e esta felicidade, eu vos quero libertar dessas coisas que ligam, que limitam; porém se o desejo de encontrardes esta verdade, esta libertação e esta felicidade não se achar estabelecido dentro de vós, desde o momento em que eu cesse de ser, desde o momento que a minha forma física deixe de existir, a verdade da libertação e felicidade desaparecerá.

Desde o próprio começo da pesquisa pela verdade, deve existir estabelecida esta devoção para com a verdade, posto que se encontre corporificada em uma pessoa, estabelecida em um indivíduo; este indivíduo, porém, é somente a forma exterior, a expressão externa da felicidade

interior e da interna libertação. Se houverdes percebido a verdade por vós próprios, quando houverdes contemplado a visão do cimo da montanha e houverdes vivido nesse jardim da eternidade, então não mais confiareis em ninguém, não sereis mais desviados pelos ventos passageiros da dúvida, da argumentação, da ansiedade, pois toda a busca cessará quando houverdes contemplado a meta. De modo que, buscando esta verdade que está em vós próprios e não em outrem - posto que outro possa ter tido a fortuna de despertar este desejo dentro de vós, posto que alguém tenha para vós corporificado a meta - deveis alcançar força para os tufões passageiros, tirando-a de toda a experiência, de modo a estabelecerdes firmemente, por vós próprios, essas coisas que houverdes realizado, afim de que vos torneis os verdadeiros discípulos, os verdadeiros apóstolos dessa verdade, dessa eterna felicidade e libertação.

Meu único desejo é que deis o vosso amor e a vossa devoção a essa verdade que está dentro de mim e não a mim mesmo como forma externa, afim de que possais construir ao redor da verdade um templo que perdure para sempre, um altar ao qual os adoradores do mundo hão de vir; pois o que eles adoram na imagem por meio do incenso e todas as alfaías externas da religião é passageiro, porém o que é eterno, o que é permanente, o que é duradouro, está dentro deles. e no desdobrar, no abrir, no estabelecer esta verdade dentro deles próprios, reside a verdadeira obtenção da libertação e da felicidade.

A ESTRELA - Vol. I - N. 5 - Maio 1928

MEU CORAÇÃO PESA COM SEU AMOR

J. Krishnamurti

A lua rubra, rubra surgiu

Dos lados do Oriente, sobre o mar sonhador.

A sombria palmeira balança

Com o tombar da noite calma.

Ouve-se o grito distante de uma ave

Em vôo para o ninho.

Há o suave encrespar das águas frias

Batendo as praias cálidas.

Um coração carregado

De alegria pungente, quase dor.

Um coração de entendimento me é mister.

Um canto melodioso

Suave qual lamento
Vem das profundezas da sombra.
O ar tranqüilo da noite fica opresso.

Como a luz distante que tremula
Na torre escura do templo,
Por cima dos fiéis
E de suas preces sussurrantes,
Muito acima dos deuses silenciosos
Entre as suas moradias nevoentas,
Assim eu me tornei
Livre da mão que me empolgava,
Conquistador de tempos dolorosos
E de suas tristes vias.

Amigo,
Deixa de lado as complicações das crenças
Destrói as monumentais superstições
Do credo que te escraviza.
Porém, cresce na singeleza de teu coração,
Nas sombras do teu sofrimento.

Ó Bem Amado,
Meu coração pesa com teu amor.

A ESTRELA - VOL. I - N. 6 - Junho de 1928

A Harmonia dos Veículos

J. Krishnamurti

Fortemente se arraigou na mente de muitos a impressão de ser necessário para alcançarmos a libertação e felicidade, de anularmos o mundo que nos rodeia e fazermos tábua rasa de todas as conquistas da ciência, da arte e da religião. A consecução desta forma de libertação é negativa e por isso deve ser evitada. As coisas negativas não são criadoras e no presente estágio evolutivo temos que criar, temos que fazer brotar dentro em nós a energia criadora, essa força que nos dará o poder, o conhecimento suficiente para libertar a outros e para fazê-los sentir a sua própria grandeza, a sua própria divindade. É, assim, destruidora essa concepção negativa da libertação; torna refratário à lei e conduziria eventualmente a um mundo sem lei, a um mundo caótico e falto de qualquer sentimento de civilização verdadeira.

A libertação não é retirada do mundo, e sim desapego as coisas do mundo. Tendo que viver no mundo - como todos viveis - deveis usar roupas, utilizar-vos de automóveis, e de todas as outras coisas do mundo, embora sempre sentindo desapego a todas essas coisas; esse é o verdadeiro retiro necessário à libertação. Esta não é atingida pela reclusão em monastérios ou em lugares ermos e afastados do tumulto do mundo; muito ao contrário, felicidade e libertação podem ser alcançados onde quer que vos encontréis. Também, a consecução da libertação não é mera renúncia. Esta - se nada tiverdes a que renunciar - não vos levará à libertação ou felicidade. Se tiverdes experiência, conhecimento e destes resultar a renúncia, então, sim, atingireis à libertação. Quem nada tem a dar e nada soube criar dentro de si, não tem a que renunciar; mas aquele cheio de sabedoria, cheio de conhecimento e de experiência, esse sim, com a renúncia, faz um sacrifício real, quebrando os laços que o prendem ao mundo. A idéia negativa da libertação, portanto, que significa anularmos as coisas que nos rodeiam, não constitui o verdadeiro conceito, não representa o verdadeiro objetivo da libertação.

Libertação e felicidade residem no aspecto positivo da vida, na energia construtora, refinadora, civilizadora, dentro em nós, na energia que do caos cria a ordem; além disto a libertação é, sobretudo, auto-realização, desenvolvimento de si mesmo. Se a considerardes sob esse ponto de vista, vereis que antes de poderdes atingir o cimo da montanha, a perfeição, deveis ter os vossos veículos - o mental, o emocional e o físico - em condição excelente e perfeita, completamente desenvolvidos. No aperfeiçoamento dos três veículos é que está a junção da origem e do fim. Considerai um rio, a cortar pelos campos, antes de alcançar o mar; acumula experiência e colhe, a um tempo que abranda as gentes e as árvores, delicia o sedento; mas, antes de deixar a fonte, já sabe que para atingir ao fim, alcançar o mar, tem que passar por todo um processo de aperfeiçoamento, de colheita e acúmulo de experiência. Da mesma forma, antes de alcançarmos e sentirmos essa libertação e felicidade, é necessário estabelecermos a harmonia de nossos três veículos. Podemos ter um corpo físico perfeito, e corpos mental e emocional não plenamente desenvolvidos e aí já haverá desarmonia. Podemos ter um corpo emocional perfeitamente desenvolvido e corpos físico e mental que não o sejam plenamente e assim por diante; quando todos os três não se encontram em perfeita ordem, sobrevém a doença e a falta de bem estar. Os três veículos devem tornar-se sincrônicos e trabalhar conjunta e harmoniosamente, - nisto consistindo, aliás, a dificuldade para a maior parte das pessoas.

Como o pescador de pérolas, com seu corpo físico bem controlado, suas emoções bem dominadas, e sua mente bem sossegada, para que possa achar as pérolas em águas profundas e perigosas, - assim deve ser quem deseje atingir à libertação e felicidade. Sua mente deve ser bem equilibrada, suas emoções bem dominadas, e assim também o seu corpo físico, para que possa mergulhar fundo dentro de si mesmo. E quem deseje a libertação deve também tornar-se tão simples quanto o pescador de pérolas ou tão simples quanto o montanhês, que sabe escalar grandes alturas.

O objetivo da evolução - embora seja esta complicada e envolva grandes tristezas e penas, alegrias e sofrimentos - é tornar o homem um ser simples e não complicado, é torná-lo a um tempo, simples como uma criança e cheio de sabedoria como um sábio. O homem verdadeiramente nobre, que já atingiu a libertação ou se acha a caminho de conseguí-la, é também verdadeiramente simples; ao contrário, o bárbaro, o não evoluído, o homem sem descortino ou visão, que ainda nem percebeu essa libertação e felicidade, sobre esse pesa uma infinidade de coisas. Com o tempo, através de muitas vidas, vai adquirindo desejos, paixões, tristezas e alegrias e segue por essa forma até nada mais ter que adquirir. Porque, na evolução a grande questão é abandonarmos quanto fomos adquirindo no correr do tempo, e temos que ir realizando esse abandono até nos tornarmos de novo absolutamente simples. O bárbaro, o não

evoluído, aquele que não percebeu, que ainda não despertou dentro em si o desejo de libertar-se, esse depende das coisas externas até para seu Deus, seu culto, seu altar; para sua felicidade, depende de outrem, para seu bem estar, tanto mental quanto emocional ou físico, ainda depende de outrem; - é como a folha que o vento leva onde bem lhe apraz, que é atirada para onde a quer levar o vento pois tal pessoa é vítima dos seus próprios desejos, e não tem ainda esse controle sobre os desejos, as paixões, as aspirações, que o há de tornar simples e também puro e forte. A simplicidade é essencial à libertação. Não podeis ser complicados, não vos podeis sobrecarregar com muitas coisas em vossa jornada de ascensão para o cimo da montanha.

É essencial à libertação que haja grande cultura, refinamento, obtidos nesse processo de eliminação por que têm que passar os seres humanos para se tornarem simples. A criança (ou selvagem ou o bárbaro) é muito simples a princípio; ainda não está desenvolvida, está no estágio em que tem início a colheita do conhecimento, a aquisição da força necessária, e ainda não aprendeu o processo do desapego, da discriminação, que lhe permitirá alcançar o cimo da montanha da libertação. No correr do primeiro processo é que se torna homem. Encontra-se então à mercê de suas paixões, desejos, alegrias e pesares, é um ser complicado, colhido na rede dos desejos e, através de vidas de pesares e sofrimentos, de penas e tristeza sem conta, é que começa a desapegar-se, a tornar-se simples, iniciando assim a ascensão da montanha, cujo cimo é a libertação. Assim, quantos aspirem à libertação e felicidade e a esse desenvolvimento ou florescimento do Eu que importa na destruição do eu, têm que unir o começo e o fim, com o se tomarem simples. Deveis, portanto, treinar-vos, pois, embora tenhais a visão da libertação e felicidade, não a alcançareis senão quando imitardes um montanhês que partisse da planície todo carregado de coisas, de desejos e de coisas desnecessárias do mundo, e à medida que fosse subindo, se fosse também desfazendo dessas coisas, pondo de lado as que não fossem essenciais e somente conservando as que o fossem e que lhe devessem dar forças em sua jornada ascendente. Para atingirdes à libertação, deveis ter grande simplicidade, oriunda de um nobre refinamento e grande cultura. Sem cultura e refinamento, estareis ainda somente no estágio da aquisição; ambos só vos vêem, quando começais a desapegar-vos, a deixar de lado as coisas todas que vos prendem.

Para treinardes a mente, as emoções e o físico, o que importa sobretudo é distinguir bem a meta; com esta em vista, é que deveis treinar os vossos três corpos. Tendes que ter como um espelho diante de vossa mente, para nele se refletirem todos os vossos pensamentos, sejam úteis ou inúteis, e o vosso desejo de ascender vos habilitará a distinguir, e por de lado tudo que não seja útil ao vosso objetivo. Da mesma forma, deveis ter como um espelho diante de vossas emoções, para as poderdes examinar imparcialmente e com lógica e, tendo-as assim examinado, poderdes levar vossas conclusões a seu fim lógico, ganhando força e multiplicando as vossas emoções, com o torná-las simples. E também deveis ter como um espelho diante de vosso corpo físico, para que este veículo possa refletir a beleza de vossa mente e a força de vossas emoções. Se não os tiverdes perfeitos, a esses três veículos, absolutamente perfeitos, dominados e enobrecidos, podereis divisar a libertação e felicidade, mas não a podereis alcançar.

O navio que singra as grandes águas do mar, tão poderoso e, a um tempo, tão simples, é fruto das lutas, das incessantes experiências e fracassos de vários séculos. E, simples, como o navio que resultou de uma constante eliminação de causas inúteis, assim devem ser quantos aspirem à senda da paz, que é libertação, e queiram vencer o portal que leva ao Reino da Felicidade. Devem eliminar quanto de supérfluo e desnecessário tenham em si; tudo o que foi acumulado por muitos séculos de lutas e fracassos.

E como o Instrutor ora aqui se encontra, quantos lutam nos vários estágios da aquisição ou no processo de eliminação - n'Ele terão auxílio maior do que talvez imaginem. Estando Ele convosco, suspende-se o correr do tempo, o tempo em si desaparece, pois Ele torna simples todas as coisas para os que seguem lutando, embora enredados em seus fracassos e tristezas; pois n'Ele todas as coisas existem e Ele é a flor de muitos séculos e é a eliminação de todas as coisas desnecessárias. O Instrutor vem para todos; felizes aqueles que O compreendem e O encontram e O trazem em seu coração. Ele vem para todos, estejam presentes no momento ou muito distantes pelo mundo afora. Quem O traz em seu coração, tem uma oportunidade especial, pois Ele dá um dom especial que será aceito por quem for sábio, - o dom de enobrecer, de simplificar e purificar a vida, de torná-la mais compreensível e harmoniosa. Mas, para compreenderdes o valor desse dom, é necessário estabelecerdes dentro em vós a harmonia e a

paz; para ouvirdes a voz do Instrutor, que é a voz da intuição, deveis ter uma paz absoluta e uma grande tranqüilidade. Afim de compreenderdes o Instrutor, que não é senão vós mesmos, no qual tudo existe e em que culminam todas as experiências, deveis ter dentro em vós essa harmonia e para conseguí-la deveis guiar vossos passos com sabedoria e cuidado.

Assim como no território do Estado, cujas fronteiras abrangem povos de temperamentos diversos, de idéias e opiniões diferentes - pois nesse território deve haver leis sábias e justas, para ser possível a harmonia - assim também dentro de vós, que procurais ouvir a Sua voz, que é a voz de vossa própria intuição, deveis firmar, a um tempo, a harmonia e a paz. Pois, em cada um de nós há três seres distintos, bem diversos e separados. Todos os possuímos, a esses três - mente, emoções e corpo físico - e se não se acham em harmonia, surge a discórdia, o tumulto - e logo foge o bem estar. Como três cavalos a puxar em direções diferentes um carro, querendo cada qual levar a cabo algo diferente do pretendido pelos outros dois, - assim dentro em nós os três corpos constantemente se encontram em luta, procurando cada qual criar algo que lhe seja próprio, sem ter em conta os demais. Disto resulta desordem e desarmonia, mas quando os souberdes fazer cooperar, trabalhar em conjunto para um só objetivo, então alcançareis a libertação e ouvireis a voz do Bem Amado, que é a própria voz da intuição.

Considerai, por um instante, um gramofone. Nele há um motor, um disco e uma agulha; se um dos três não funcionar de modo apropriado, não trabalhar com perfeita precisão, unidos para produzir a harmonia - haverá sons discordes, e não música. Da mesma forma, se vosso corpo mental, ou o emocional ou o físico, não se acha nas condições adequadas, cheio de saúde e de vida, tereis a doença e a desarmonia. Quando uma pessoa consagra todo o seu tempo, todas as suas energias, toda a sua sabedoria, qualquer que seja a que possua, ao mero desenvolvimento de um desses três veículos, negligenciando os dois outros, - com o próprio fato de negligenciá-los, está produzindo karma. Não podeis desenvolver a um deles, em prejuízo dos outros. A grande maioria das pessoas não sabe distinguir entre os três veículos e têm o corpo físico em conta de único poder e autoridade; por isso o desenvolvem até o máximo, esquecendo-se porém, de que têm emoções e mente, que devem ser refinadas, - cultivadas e equilibradas. Ao tornarem belo o físico, como o fazem muitos homens e mulheres, esquecem-se de desenvolver igualmente os dois outros corpos; provirá daí a desarmonia e na vida imediata, ou em muitas vidas futuras, tais pessoas possuirão mente e corpo emocional contorcidos, negligenciados e tolhidos.

Deve, assim, haver um certo desenvolvimento, naqueles que desejem ouvir a voz da intuição, a Sua voz, a voz do Instrutor. Devem compreender que o corpo físico é um mero veículo, mera máquina que deve trabalhar feliz e alegremente, com perfeição e paz, sem ter em conta onde, porventura, a mente ou as emoções se achem focalizadas. Deve ser como a máquina, o dínamo que, posto em ação, funciona o dia inteiro, sem pedir mais atenção. Mas para isto se dar, é necessário estabelecer hábitos bons e verificar com cuidado quais os desejos do corpo, independentemente dos da mente e emoções. O corpo físico tem seus desejos e por isso quer agir por conta própria, sem atender aos outros dois corpos; quando age separadamente, sobrevém a perturbação, a agonia, a luta, mas quando coopera com os demais, há então paz e ordem e daí resulta bem estar para o próprio corpo físico.

A ESTRELA - Vol. I - N. 5 - Junho de 1929

A VERDADE QUE É LIBERTAÇÃO E FELICIDADE

J. Krishnamurti

Mês após mês publicaremos em "A Estrela" as palestras realizadas por Krishnaji, para um grupo de estudantes reunidos, no verão passado, no castelo de Eerde. Não foram revistas por Krishnaji, pois isto importaria em uma demora de muitos meses em sua publicação. Leram-nas, no entanto, cuidadosamente, várias daqueles que a elas assistiram e estes as consideram reprodução correta e exata do que então disse

Krishnaji. O tom quase pessoal - inevitável, falando-se a um grupo de amigos - traduz com precisão a forma por que foram pronunciadas as palestras.

Como a árvore que se cobre de muitas folhas, assim o homem se enche de ansiedades de pressas, de perturbações, de prazeres e de alegrias. Como as folhas que murcham e caem no outono, assim do homem que atingiu à Libertação e Felicidade se desprendem todas as tristezas, dores e prazeres. Ele se encontra para sempre unificado com a grande felicidade, duradoura e perpétua. Pois o que souberdes firmar dentro de vós, não mais para vós será objeto de dúvida, nem poderá haver dentro de vós reação contra aquilo que para vós mesmos houverdes construído. A Libertação e Felicidade e a sua consecução estão em vossas próprias mãos, está em vosso poder alcançá-las, pois para todos são a meta. Quando se acham firmemente estabelecidas no coração e na mente do pesquisador, embora este por muitos dias ainda venha a estar sobrecarregado, como a árvore com a folhagem - com ansiedades, tristezas ou prazeres, ele poderá sempre fazer com que tudo isto dele se desprenda, assim como as folhas caem no outono. Como não existe para mim dúvida quanto à consecução desta Felicidade, tenho-me sempre esforçado, em minhas palestras aqui, por firmar em vossas mentes essa visão da Libertação, para que não haja mais dúvida para vós, para que por vós mesmos possais divisar a realidade e perceber a verdade dessa visão, para que quando de novo estiverdes no mundo, longe daqui, não haja para vós questões, dúvidas, ansiedades, nem nenhum pesquisar sempre de novo ou novo tatear nas trevas. Quando houverdes estabelecido firmemente esta realidade dentro em vós, sempre podereis retirar-vos para esse lugar isolado de vossa mente e coração, para ali buscardes conhecimento, entusiasmo, aspirações. Para aqueles que buscam, só há uma fonte de entusiasmo, de deleite e de felicidade e esta está dentro deles mesmos; e aqueles que dependem de outros para serem encorajados ou para se sentirem felizes, esses falharão em sua busca. E os que tiveram a boa fortuna de passar aqui estes dias, espero tenham tão firmemente estabelecido a verdade dentro em si, que não mais estarão a tatear em sua busca. Pois, erigistes dentro de vós mesmo, em vossas mentes e em vossos corações, o edifício, o altar, o templo em que podeis render culto liberto de todas as coisas externas, - sendo vosso deus vós mesmos e a conquista da Libertação e da Felicidade. No atingir essa Libertação e essa Felicidade, deveis ter grande capacidade de amor, de devoção, e grandes energias, afim de construídes esse edifício de magnificência, afim de que quanto edificardes, seja de vossa própria construção, feito com material vosso, com os vossos sofrimentos e prazeres. Pois, o que quer que edificardes com as vossas próprias mãos, perdurará para sempre, enquanto o que por alheias mãos for construído não terá a duração de um dia. Se isto bem firmado ficar dentro de vós mesmos, terá chegado ao fim o vosso tatear em busca da verdade.

Assim como quando vêm as chuvas, tantos os pequenos córregos como os grandes rios têm suas águas a transbordar e sempre mais se aproximam, correndo em direção ao mar, assim quando vêm o Bem Amado, quando o Bem Amado está convosco, atingis com mais rapidez; os caudais de vosso coração e vossa mente estarão pesados de muitas águas, que vos farão correr para essa meta que para todos é Libertação. De modo que, se tiverdes essa mente e esse coração, o tempo em si, para vós, não mais existe. Não precisareis esperar que a evolução vos leve para a frente, vos faça acelerar o passo; tendo percebido o Bem Amado, porque o Bem Amado está convosco, vosso coração e vossa mente ampliar-se-ão - mesmo que isto ainda vos leve muito tempo - e assim entrareis nesse oceano da Libertação e felicidade. O fraco se tornará forte e o forte crescerá ainda em força. Aqueles que estão cheios de amor, terão o seu amor ampliado e enaltecido e os que estiverem cheios de tristezas buscarão conforto e o obterão, pois somente dentro deles próprios jaz o conforto que buscam. É pelo fato do Bem Amado se achar convosco que todas essas coisas são possíveis. Se tiverdes alcançado isto e tiverdes grande capacidade de devoção, de energia e de amor, conservareis o Bem Amado em vosso coração e em vossa mente em épocas de grandes sofrimento e ansiedades. Pelo fato de terdes o Bem Amado dentro de vós mesmos, assim como eu o possuo eternamente dentro de mim, pelo fato de por um momento O haverdes percebido, deveis amar a Verdade, pois esta é o próprio Bem Amado. A Verdade é a coisa única que cada qual deve buscar, por que cada qual deve lutar, tudo pondo de lado em busca da luz que lhe iluminará a senda para a paz.

Durante nossas palestras aqui, eu vos abri meu coração de modo a poderdes perceber a minha felicidade, pois esta Felicidade é a felicidade do Bem Amado, e aos outros eu quero dar aquilo que possuo. Porque o Bem Amado encheu-me do Seu amor, não há para mim lutas, dificuldades, buscar ou tatear, nem satisfação que resulte do transitório e do passageiro. Assim,

dar-vos-ia por minha vez este amor e o daria portanto ao mundo todo em geral. Pelo fato de haver sofrimento ao derredor, pelo fato de haver tristezas e prazeres transitórios, aqueles que provaram desse amor que jaz dentro deles próprios e que é o amor do Bem Amado, - esses darão aos sofredores, aos tristes, ao fraco como ao forte, e lhes saberão encher o coração.

E para isto foi que aqui estivestes tantas semanas, - para ganhades uma nova compreensão, um novo propósito, que bem se firme dentro de vós, de modo que quando partirdes, possais tornar-vos fonte de vida para vós mesmos, e possais, com o correr do tempo, libertar-vos e entrar no Reino da Felicidade.

Desejaria deter-me uma vez mais em considerar a importância de nossa atitude, de nossa conduta, pois em ambos reside a retidão e por causa disto lembrar-vos-ia a vossa responsabilidade para com aqueles que vão chegar dentro de alguns dias. Não sei quanto tereis compreendido daquilo a cujo respeito vos vim falando nas últimas semanas, mas pelas perguntas que me são feitas - se tenho certeza de minha mensagem, qualquer que seja o significado desta, se tenho certeza de minha obra no mundo - muitos parece haver aqui que não compreenderam inteiramente, embora isso não tenha grande importância; o que, porém importa muito é que os que não compreenderam, não assumam a responsabilidade de interpretar para outrem aquilo que eles próprios não compreenderam. Porque, pelo fato de aqui haverdes estado, considerar-vos-ão como tendo compreendido, como tendo sido, por algum modo misterioso, transformado segundo o molde do Bem Amado; e assim é de fato, bem o sabeis vós próprios, alguns de vós, embora não compreendendo de modo absoluto, perceberam, sentiram e desabrocharam internamente como a flor se abre ao sol do amanhecer. Mas antes de poderdes convencer, de poderdes falar, de poderdes dar aos outros essa Libertação e Felicidade, deveis possuir por vós mesmos certeza absoluta; essa certeza - embora qualquer um a firme possuí-la - evidenciar-se-á na conduta, na atitude, nos atos, nas palavras, em vosso modo de agir, em toda a vossa vida, assim como nos dias que ides passar no acampamento. Como já disse, considerar-vos-ão como transformados, pelo fato de vossa permanência aqui; e penso que é realmente verdade que tendes sido transformados, que os vossos olhos, vossa mente e vosso coração tenham sido ampliados e tornados capazes de maior visão. Mas, eu teria grande cuidado em tomar essa responsabilidade, de deixar entrar em mim a idéia de vossa superioridade sobre os outros. Uma simplicidade real deve brotar em vós, assim como o desejo de ajudar, mas não só da maneira que mais vos agrada; e se realmente tiverdes a afeição e o amor que são o produto das muitas hesitações, tristezas, aspirações e intenso desejo, então sereis capazes de ajudar aos outros, pois se nesse desenvolvimento individual, de que vos vim falando, reside a Libertação, não tem isto outro propósito senão o de habilitar-vos a dar aos outros essa Felicidade e Libertação.

Assim, eu teria cuidado - não que não vos deseje entusiastas, pois uma vez que se haja visto a luz e sentido o amor do Bem Amado, fica-se cheio de ardor, e se é como estrela que flameja; mas, é necessário agir com sabedoria, com cuidado, discrição e dignidade. E isto diz respeito não a uns poucos somente, mas a todos vós em conjunto e a cada qual de per si.

A ESTRELA - Vol. I - N. 7 - Julho de 1928

Do livro: A FONTE DA SABEDORIA (1923)

O OLEIRO

Poema de Jiddu Krishnamurti

Como o oleiro,

Para júbilo de seu coração,

Modela o barro,

Assim podes criar
Para glória de teu ser, Teu futuro.
Como o homem da floresta
Que abre caminho
Através da mata espessa,
Assim podes abrir
Por entre os turbilhões desta aflição,
Um claro rumo
Para a libertação de tuas tristezas,
Para tua ventura perdurável.
Amigo, como de momento
As montanhas misteriosas
São ocultas pela neblina passageira,
Assim tu estás oculto
Na treva de tua própria criação.
Do que semeares,
O fruto inevitável, pesará sobre ti.
Amigo, céu e inferno são palavras
Para te conduzir à reta ação,
Mas não existem.
Unicamente,
As sementes de tuas ações
Farão que venha ao ser
A flor de teu anseio.
Qual criador de imagens
Modelando a forma humana
Esculturando-a do granito,
Assim, da rocha da tua experiência,
Extrai tua eterna ventura.
A vida é morte, a morte é renascer.
Feliz é o homem

Que está além do alcance das garras

Dessas limitações.

A NECESSIDADE DE MODIFICAR

J. Krishnamurti

Discurso pronunciado por Krishnaji e dirigido às mulheres da Índia, na reunião anual da Associação das Mulheres Indianas, convocada em Adyar, Madras, Índia, no dia de Natal de 1927. Acreditamos ser ele de interesse para todos os nossos leitores e, portanto, temos o prazer de publicá-lo em A ESTRELA. Agradecemos a cortesia do Editor do Shri-Dharma pela permissão que nos deu de reproduzir este discurso.

A moralidade deve mudar continuamente, afim de acompanhar o progresso da vida; pois a vida muda sem cessar e não podeis por peias à vida como às pondeis na moral. A moral deve modificar-se de século em século afim de manter-se junto da sempre mutável, sempre poderosa vida. Não podeis limitar o mar, porém podeis tomar um rio e fazê-lo correr por onde bem quiserdes. Enquanto o mar é ilimitado, o rio pode ser represado por uma comporta afim de obedecer aos desígnios do homem. Assim, também, a moral é o rio e a vida, oceano.

Na Índia não mantemos a marcha par a par da vida; esforçamo-nos para seguir a moral do passado. A vida acha-se limitada pela nossa tradição; e com a vida assim limitada, inventamos uma moral que estrangula a vida.

Afim de entendermos a vida – sempre mutável, jamais constante - temos que determinar uma modificação na moral. Por todo o mundo, na América, na Europa, em toda a parte, os povos acham a vida, tão forte, tão poderosa, tão enérgica, que não têm outro remédio senão modificar a moral.

Aqui, nós nos firmamos à sombra de uma árvore - árvore religiosa que se supõe abrigar nossa existência, posto que tal não faça. Em nome da religião cometemos atrocidades e lhes chamamos religião. Na Rússia, onde a revolução suprimiu a religião, dizem (não concordo plenamente com isto, porém em parte) que a religião é uma droga, um narcótico que adormece o povo; é uma máscara por detrás da qual podeis ocultar a imoralidade, o escroquismo, tudo enfim, e chamar-lhe religião. "Como da religião", dizem, "libertemo-nos de Deus". Naturalmente não é possível libertar-se de Deus; seria a mesma coisa que extinguir o sol. Podeis criar uma barreira por detrás da qual vos oculteis do sol, porém não vos podereis libertar dele.

Na Índia encontramos-nos ainda restritos pelas idéias de moral, e seguros por tradições que foram, talvez, boas, há algumas centenas ou milhares de anos. Assim como uma árvore deixa cair as folhas (o que causa tristeza à árvore), assim os seres devem modificar-se, devem ser vitais, inquietos. A evolução é uma mudança contínua que avança sempre; e se vos quiserdes manter ao lado da evolução, também vosso ponto de vista e vossas idéias devem mudar. Feita esta introdução, olhem para as nossas vidas; que cada qual contemple a sua e não a do vizinho.

Em primeiro lugar a vida é una, quer para os homens, quer para as mulheres. Visto existir a tristeza, no homem como na mulher, o sofrimento também existe tanto no homem como na mulher. Assim, dividir os seres humanos em homens e mulheres fundamentalmente, é um erro. Por terem corpos diferentes, pensamos - os homens pensam - que elas devem ser tratadas de modo diferente e por diferente maneira educadas. Não sofrerão, porém, as mulheres do mesmo modo que os homens? Não têm elas, por acaso, as mesmas dúvidas, as mesmas dificuldades, as mesmas dores que os homens? Portanto, se olhardes as coisas sob um ponto de vista mais amplo, o sexo desaparece e assim deve ser. Com este desaparecimento de distinção

na humanidade - homens e mulheres - a vida se tornará muito mais simples; e podemos resolver os problemas a que cada um de nós precisa fazer face.

Contemplemos as nossas tradições, a nossa vida, os nossos costumes e hábitos, que determinam tanta tristeza, tanta degradação e sofrimento. Porém, antes, eu desejaria que ficasse entendido - pois avultará na mente do povo que sou ocidental nas minhas idéias - que não sou nem Indiano, nem ocidental; sou um viajante do caminho que observa as coisas que por ele passam. Portanto, quando vejo algo errado (sob o meu ponto de vista, é claro) é natural que queira corrigí-lo.

Tomando uma atitude mental perfeitamente impessoal, qual a coisa que mais nos desperta a atenção? Duas, fundamentalmente; a questão, feminina e a questão da educação. Como sabeis, as mulheres muito mais do que os homens, são guardas da tradição. Se as mulheres se resolvessem a algo modificar no mundo, poderiam fazê-lo amanhã. São capazes de maior auto-sacrifício do que os homens e, portanto, possuem uma força maior. Porém a mulher, que é um guarda da tradição, deve modificar a sua atitude mental, se quiser entender a vida. Não mais deve ser uma escrava. Uso propositadamente esse termo porque as mulheres permitem que se as domine. Sei que muitas mulheres concordam comigo enquanto estão longe dos maridos; porém, quando voltam ao lar a dificuldade começa. Principiam, então, os homens, a dominar. Porque ceder? Sois tão boas quanto os homens! Na América, em certas escolas, houve greves entre as estudantes porque os professores as tratavam com crueldade. Deveríeis, pois, formar uma União Feminina, não uma Associação; e fazer greve por coisas que tenham importância.

Eu vos direi o que tem importância, pois que de vós depende a futura glória da Índia; porque a vós é dada a glória de conceber filhos. Uma das coisas mais cruéis que temos é o matrimônio na infância. Não o encareis sob o ponto de vista dos pais ou das mães, porém sob o ponto de vista da criança. Suponde que vos fizessem executar coisas que aborrecêsseis; que faríeis? Resistir, lutar, debater, e fugir. Permite que vos cite o exemplo de um rapaz amigo meu na Califórnia. Ele tinha cinco anos e costumava brincar comigo freqüentemente. Um dia a mãe disse-lhe que lhe ia dar óleo de rícino e o rapaz fez suas objeções, como todos fazem. A mãe insistiu; o rapaz disse "Está bem"! Quando chegou a ora, a mãe não o pode encontrar; um amigo foi achá-lo três milhas e meia distante de casa e perguntou-lhe porque se afastara para tão longe. O rapazinho disse que sua mãe insistira em lhe dar óleo de rícino contra a sua vontade e, portanto, ia pelo mundo afora ganhar a sua vida, e tinha cinco anos! Depois de muito tato e persuasão foi trazido para casa; porém não tomou o óleo de rícino.

Não vedes que necessitais de independência, de um espírito independente? Pensai por um momento: é justo casar (mesmo que os Shastras digam que o podeis fazer) uma menina de onze anos ou menos, de idade? Todos vos haveis casado provavelmente com essa idade; conheceis a tristeza, o sofrimento, a calamidade que isso representa, e não obstante, porque o permitis ainda? Esquecei vossa religião, vossos livros sagrados, tudo; porém lembrai-vos de vossa tristeza, pois que da tristeza brota a flor da experiência. Conversei certa vez com uma jovem de dezessete anos. Tinha se casado aos onze. Sei que isto é apenas um exemplo entre centenas e milhares deles. Aos quatorze teve um filho. É como se fosse um botão prestes a abrir-se e a aspergir o seu perfume, ao qual se tirasse violentamente as pétalas. A menina sofreu uma operação e permaneceu enferma, no hospital, durante dois anos. Perguntei-lhe como se submetera a tudo isso e respondeu-me: "Meu pai e minha mãe impeliram-me a fazê-lo porque não desejavam que eu ficasse em casa". "Karma", direis. Perguntei-lhe porque de todo em todo se submetera, e ela disse-me, "É o meu Karma; tantas lágrimas derramei ao pensar nesses horrores que não posso mais chorar; tenho apenas dezessete anos, mas somente espero pela morte!" O marido, provavelmente, a maltrata; e estou certo que toda esta gente se julga muito religiosa. De que serve a religião, ou qualquer outra coisa, se permite que uma pessoa sofra? Aquela família provavelmente é religiosa e assiste a todas as cerimônias sagradas, no entanto permite que a filha continue a suportar sofrimento e tristeza somente porque seguem as tradições. Sinto a maior dificuldade em reter as minhas lágrimas. Pensai na apavorante brutalidade, na crueldade, na sufocação que esta pobre jovem tem que suportar! Porque o permitir? Será porque os livros sacros o dizem ou devido a qualquer tradição insensata? Que tem a tradição, que tem os livros sagrados que ver com a tristeza? Se os sacros livros, se a tradição não proporcionam a felicidade a todo o ser humano, não tem valor algum! Determinai, de uma vez por todas, quando voltardes para os vossos lares, não mais permitir que as vossas filhas sejam maltratadas. Nesta província (Madras) e em Bengala o matrimônio infantil é pior

que em qualquer outra parte. Sei que todos abanais a cabeça em sinal de assentimento, algumas dentre vós choram por sentir a veracidade; porém, logo que haja terminado esta reunião voltareis a cair nas insensatas tradições de outrora. Talvez por haverdes fechado a mente e o coração não vedes o sofrimento como eu o vejo. Se não puderdes manter abertos a mente e o coração e se não encontrardes para isso razão suficiente - a razão é a chave para abrir o coração - certamente estareis perdidos. A chave não se encontra nos livros sagrados ou na tradição, porém na tristeza que os cerca.

Tomemos um outro assunto, o do matrimônio das viúvas. Outro dia, em Madura, no Templo de Meenakshi, achava-me no Santuário quando entrou uma jovem viúva. Subitamente começou a cantar com voz extraordinariamente terna, externando nesse canto - não compreendi as palavras - tudo que havia sofrido e tudo por que estava passando. Não podia mais conceber nem ter filhos; todos os prazeres infantis estavam mortos para ela. O amor e o afeto de seu marido - se o marido os havia proporcionado! - é coisa rara - haviam terminado para ela nesta existência. Restava a tristeza de um lar estéril. Deverá viver sozinha toda a sua vida ou tornar-se a serva de outrem como acontece com a maioria das viúvas. Provavelmente voltou para casa com o coração desolado e a mente inquieta. De quem é a culpa senão vossa? Vós, mulheres, sois responsáveis pela sua tristeza pois que permitis uma coisa tão cruel. Cabe a vós essa tão grande responsabilidade e não sabeis de que maneira utilizá-la. Porque não tentais fazer passar uma lei proibindo aos viúvos novo matrimônio? Eles podem fazer o que lhes apraz, porém as mulheres não. Por que? Eles são os governadores no lar e em toda a parte. Não vedes que isto depende de vós mesmas? Recusai-vos a cozinhar-lhes o jantar e num instante eles farão tudo o que quiserdes.

Vejam, agora, a questão da educação. Novamente a eterna questão do homem e da mulher. O homem recebe uma educação de espécie diferente; a mulher, praticamente, não recebe nenhuma; e pelo fato de não possuírem a mesma educação ampla que os homens gozam, as mulheres educam os filhos de um modo cruel. Quem é a pessoa mais importante no lar: o pai, a mãe, ou a criança? É a criança, que tem diante de si o futuro; nela está toda a criação, ela é o botão. E assim como cuidaríeis um botão com carinho, dando-lhe alimento apropriado e brigo, assim deveis tratar a criança. Contemplai vossos lares e os vossos filhos. As primeiras dentre as coisas que uma criança mais necessita são sono e saúde; porém a criança toma alimento quando bem o entende e dorme onde lhe apraz, tem que acordar quando o pai come, porque a mãe precisa servi-lo. Talvez a criança esteja dormindo a um canto enquanto o pai se alimenta. Não posso entrar em muitos detalhes. O que importa é que a criança tenha cuidados apropriados e nutrição, um lugar tranqüilo e aseado para dormir e lugares de recreio saudáveis para brincar, em vez das costumeiras ruas sujas. Os cuidados que dispensais mesmo aos animais de quem sois apaixonados não os proporcionais aos vossos filhos. A criança é o estado, a geração futura, tudo aquilo que possais imaginar. A criança é o governador, deveria sê-lo no lar, e não o pai ou qualquer outra pessoa. Vós, mães, deveis cuidar das crianças, não do antigo ponto de vista da tradição, porém do ponto de vista da vida. Jamais sereis felizes - crianças, homens ou mulheres - se continuamente estiverdes a pensar na religião e adaptando e torcendo a Vida para acomodá-la aos costumes. Pois a vida é ilimitada e infinita. Pelo fato de constantemente aprisionardes a moral, deturpais a própria vida, tornando-a dura e miserável. Assim, espero que se quiserdes ser realmente felizes, deveis libertar-vos da tradição, de tudo quanto limitar-vos possa, contemplado a vida na sua frescura e beleza.

A ESTRELA - Vol. I - N. 8 - Agosto de 1928

FELICIDADE E LIBERTAÇÃO

J. Krishnamurti

Sob a grande Arvore Banian na propriedade da Sociedade Teosófica em Adyar, Madras, Índia, reuniram-se, na tarde de 28 de Dezembro de 1927, cerca de três mil pessoas para ouvirem uma exposição do grande tema da Felicidade e Libertação. Foi uma experiência nova no método de exposição, pela primeira vez

efetuado perante uma grande reunião de pessoas. O Sr. Krishnamurti expôs as suas idéias ao discutir os problemas sobre a meta da existência. A novidade da exposição estava na própria discussão em que vários tomaram parte. Damos abaixo um registro verbal deste interessante polilogo.

Y. Prasad: Eis-nos em uma grande reunião. Dentro de dois dias, dispersar-nos-emos. De que mensagem seremos portadores?

C. Jinarajadasa: Sinto, sempre que tomo parte em uma grande reunião, e nesta reunião impera um grande espírito de amizade de espécie sutil, que estou mais próximo daquilo que busco. Após uma reunião tal como esta sinto que em mim foi liberto um poder maior para atingir os meus ideais e espero que, com o meu espírito de amizade haja sido capaz de contribuir para o auxílio de todas no aproximarem-se do seu ideal. O valor, para mim, não consiste tanto em quaisquer ensinamentos que tenham sido aprendidos aqui, porém mais no espírito de unidade que tivemos alimentado e na capacidade que houvermos desenvolvido no sentido de libertar força espiritual.

Krishnaji: Podereis libertar a força espiritual mais facilmente se definidamente houverdes aprendido algo.

C. J.: É este, justamente, o meu ponto. Eu aprendi algo, porém tal não pode ser exposto em termos precisos. É o fato de nos aproximarmos um pouco mais da unidade.

Rama Rao: Que entendeis, exatamente, por força espiritual?

C. J.: Entendo por força espiritual essa energia que está em todos nós, que se manifesta sob várias formas, tais como o amor, a resistência ao sofrimento, a ousadia e assim por diante, porém que, fundamentalmente possui a qualidade do auto-sacrifício.

Krishnaji: Entendeis, realmente, a compreensão da vida.

C. J.: No mais amplo sentido da palavra "Vida".

Krishnaji: Portanto, o que importa é compreender a vida sob o ponto de vista mais amplo, compreender tudo quanto tem lugar ao redor de nós a todo o instante.

C. J.: Pessoalmente, interesse-me muito mais no compreender as relações da vida que nos rodeia, consigo mesmo, do que as suas relações para comigo.

R. R.: Que quereis dizer exatamente?

C. J.: Quero dizer que não possuo temperamento muito subjetivo e introspectivo, e que, para mim, existe uma fascinação muito maior em presenciar o jogo das forças da vida em si mesmas, do que interesse quanto ao modo pelo qual essas forças me afetam. Por exemplo, não me encontro tão interessado em como alcançarei a felicidade, porém mais em como outros poderão alcançá-la.

R. R.: Não vos posso acompanhar com precisão.

C. J.: Eis o caso: Quando olho para um quadro, meu interesse principal reside no admirar a sua beleza; entusiasmo-me pela sua beleza, sua maravilha como obra de arte; não penso, especialmente, no modo pelo qual me afeta.

Krishnaji: Podeis olhar para um quadro que um artista haja pintado corretamente. Nesta vida ou antes dela haveis efetuado a introspecção. Muitas pessoas olham para ele do ponto de vista do artista. Podeis dizer que ele é grande, quer vos impressione de um modo agradável quer não. Ter-vos-eis adestrado a vos esquecerdes de vós mesmos.

C. J.: Isto é, simplesmente, o meu temperamento. Meu temperamento integral é dizer "Que belo quadro ele é. Não é Grande?" Sinto-me interessado e cheio da realização de quão grande o

quadro é para o povo em geral. Perante o quadro, quero esquecer tudo que se refere a mim mesmo.

R. R.: Para voltar ao ponto inicial, porque não abandonar tais nomenclaturas, tais como "força espiritual", etc.? Não vos parece que anuviam a mente?

Y. P.: **Krishnaji** explicou a vida sob o ponto de vista mais grandioso. No entanto ela deve ser trazida às coisas concretas que todos nós sentimos e experimentamos. Afim de sermos capazes de compreender o mesmo sentimento nos outros precisamos, em nossa mente, limitá-lo e defini-lo por meio de nomes. Como poderia ser de outro modo? Talvez os antigos nomes tenham sido de tal maneira colocados diante dos outros, que tenham chegado a tornar-se meras fórmulas e não existe idéia de vida por detrás deles e de sua qualidade mística que une, enquanto que as meras fórmulas criam barreiras e separam.

A. Schvarz: E perdeis o significado real.

Krishnaji: Afim de entender a vida que é vibrante, que é forte em cada um de nós, temos que entender qual a causa da dor, qual a causa da felicidade e da tristeza. Não necessitais de palavras, quaisquer que elas sejam, para isso.

P. K. Telang: Tendes que guardar as nomenclaturas. Podeis explicar o significado real dessas palavras ao mesmo tempo. Por qual outro modo explicareis a felicidade?

Krishnaji: Em primeiro lugar dizem que a felicidade reside na posse de uma multidão de coisas. Esta é apenas um pequena parcela da Felicidade real. Ao vos esforçardes para alcançar a felicidade por meio da posse de bens, só estareis tentando o primeiro degrau da escada. Quando subirdes um outro degrau, já não mais desejareis as posses. Desde que vos resolvais a ser realmente felizes, então, na verdade estareis subindo a escada.

P. K. T.: Há sempre a necessidade da nomenclatura quando se tem que explicar ao povo o significado da Verdade ou da Felicidade.

Krishnaji: Tendes ídolos aos quais haveis coberto de flores, de vestidos, de Kunkuman. Por causa destas coisas, não vedes os ídolos. É preciso remover estas coisas para contemplar a imagem.

I. P.: Isto aplica-se também à nossa personalidade. Chegamos a nos libertar de todas essas superficialidades afim de compreendermos a vida.

B. Sanjeeva Ras: Quereis dizer que necessitais que a coisa irreal seja retirada antes que possais ver a real. Podemos obter um vislumbre do ápice da montanha, da base onde nos encontramos imersos nas irrealidades, nos nevoeiros do Vale?

Krishnaji: Certamente, para mim, o ápice é a Felicidade, a Liberdade, a Libertação, que significa nos libertarmos de tudo, dos Deuses, das filosofias, dos desejos e de todas as espécies de coisas. Podeis demonstrar ao homem menos experiente que o ápice da montanha existe e convidá-lo para o contemplar. Suponde que um homem estabelece a meta como sendo o ápice da montanha, nesse caso utilizará essa meta no sentido de julgar, pesar as suas ações durante a vida diária. Por inexperiente, por pequeno que seja, o que ele viu será tão incomensurável que dirá: "Não devo fazer isto; não devo fazer aquilo porque uma tal ação da minha parte se interporá, tapaná, embaraçará a visão que uma vez eu vi". Deve utilizá-la como comparação, como uma balança. Suponde que, por exemplo, Rama Rao é proprietário de uma carruagem. O desejo dos mais pobres que conhecem a Rama Rao, é imitarem-no. Sua vida inteira está concentrada em chegarem à situação de Rama Rao - terem um carro, uma casa grande; servos e todas as outras espécies de luxo. Porém, Rama Rao não é feliz posto que possua todas essas coisas. Necessitais explicar ao homem que se esforça para imitar a Rama Rao, que anseia por essas coisas, que Rama Rao está longe do ápice da montanha. Podeis guiá-lo na observação, por intermédio de Rama Rao, que ele não é feliz apesar de todas as suas posses. Por outras palavras, há um meio de adquirir experiência por intermédio de Rama Rao.

C. J.: Experimento uma dificuldade. Dizeis que a Felicidade é o que há de maior. Parece-me que tenho estado sempre em busca da Felicidade. Que isso tem sido a minha meta. Tenho passado

por experiências, umas após outras e realmente tenho experimentado a Felicidade. Uma vez mais nos solicitais a contemplar o ápice da montanha. Porém tenho estado, constantemente, a contemplá-lo e sou, porventura, algo mais feliz do que o era no começo?

Krishnaji: Suponde que uma vez haveis visto uma bela imagem ou um esplêndido panorama, ou algo que dê tranqüilidade à vossa mente, tal imagem ou panorama, a vós tornará em momento de depressão, aborrecimento ou má saúde moral se assim o quiserdes; porém a depressão momentânea, aborrecimentos ou excitação é tão forte que vos subjuga, de modo que, momentaneamente, perdeis a beleza da visão. Uma vez tendo estabelecido aonde quereis ir, essa meta vos influenciará constantemente, corrigir-vos-á sempre e vos encaminhará. Será o vosso verdadeiro guia, mesmo que momentaneamente tenhais sido submersos pelas nuvens que aparecem entre a meta e vós próprios.

Y. P.: Quereis, portanto, que as pessoas obtenham experiência dos outros? Vemos que eles alcançaram todas essas coisas, posses, confortos, etc., e no entanto, não são felizes. Não é provável que a atitude mental que sugeris, a dependência dos outros para as próprias experiências produzirá crueza no mundo devido à atitude indolente? O mundo que nos rodeia está cheio de todas as espécies de experiência se simplesmente abrirmos os olhos para contemplá-las. Se nos adaptarmos a uma atitude negativa da mente, não é provável que nos conduza a uma inação absoluta, contrária à evolução? Qual o lado positivo, construtivo, da atitude mental que sugeris?

Krishnaji: Jadu, tu não entendes meu pensamento de alcançar experiência por meio de Rama Rao. Vou explicar uma vez mais. Supõe que existe uma casa de muitos andares e em cada andar há muitas janelas. Meu desejo é ir para o último andar e possuir a liberdade do ar livre. Quero chegar ao espaço aberto onde os céus se me abrem. Se fixo isto como sendo a minha meta, então, em vez de viajar horizontalmente posso viajar sempre verticalmente. Se não tenho meu desejo fixo, se o meu desejo não tem por objetivo o céu aberto que é a Felicidade, então vou ao primeiro andar onde há muitas janelas que dão para a mesma rua e vou de janela em janela, adquirindo a mesma experiência, até haver espiado por todas as janelas, passando, então, para o outro andar e assim por diante, até chegar aos espaços abertos. Isto é desperdício de tempo; e com isso cria-se Karma desnecessário. Por outro lado se houverdes fixado a vossa meta desde o começo, quando chegardes ao primeiro andar, espiares por uma das janelas e adquirireis a experiência de todas as outras por comparação e rapidamente chegareis ao andar seguinte até atingirdes o espaço aberto. Isto não implica atitude indolente. Ao contrário, estareis sempre alerta. A libertação não resulta da negação mas da perfeição da mente, das emoções e do corpo físico. De modo a tornar perfeito o corpo físico e colocá-lo em harmonia com os outros dois necessitais dar-lhe completa limpeza, o que implica a utilização dos processos modernos. Podeis colher experiência à esmo, utilizando vossa imaginação em vistas da vossa meta.

Malati Patwardham: Esta é a diferença entre o caminho direto e o indireto. Quando espiares em cada janela de cada um dos andares estareis ascendendo pelo caminho indireto. É isto que **Krishnaji** entende pelo caminho direto. Olhais através de uma janela e experimentais as outras, utilizando a vossa imaginação. O caminho indireto leva-vos a experimentar por vós próprios, o panorama de todas as janelas de cada pavimento.

C. J.: Em relação a isto desejaria mencionar uma coisa. Tenho longamente pensado na possibilidade das pessoas ganharem experiência vicariamente. Há muitos anos, pensando sobre o assunto da Arte, pareceu-me que, quando uma pessoa responde à mensagem da Arte cresce mediante experiência vicária. Tomai, por exemplo, o caso de Romeu e Julieta. Estuda este drama bem e intimamente e podereis, sem passar pela sua tragédia em vossa vida individual, obter toda a lição que ele encerra. Isto, porém, requer o temperamento artístico.

B. S. R.: Todos, porém, não alcançaram o temperamento artístico?

C. J.: Sim, todos - em algum ponto de sua natureza.

(Silêncio durante meio minuto)

A. S.: Toda esta busca pela felicidade é errônea. Sinto, que o único modo de alcançar a Felicidade é nos esforçarmos por tornar os outros felizes.

Krishnaji: Este é, precisamente, o meu ponto. Quando dizeis que sois felizes eu digo que, realmente, sois infelizes e tenho um remédio para vós. Não que eu queira forçar-vos de qualquer maneira.

M. P.: A não ser que vós próprios sejais felizes, como podereis tornar felizes os outros?

Krishnaji: Suponde que dais uma garrafa de whisky a um ébrio; ele pode pensar que bebendo será feliz. Porém o que fazeis é apenas proporcionar-lhe o olvido para a sua miséria real. Quando as pessoas dizem que são felizes, não o são realmente no verdadeiro sentido. Apenas cobrem a infelicidade fundamental, que existe em suas naturezas pelas suas várias atividades. Porém deveis compreender o que é a verdadeira Felicidade antes que a possais proporcionar aos outros: tendes que perceber a meta. Necessitais experimentar o caminho que eu sugiro, e então, quando houverdes alcançado um vislumbre da meta, podereis utilizar a força desse vislumbre afim de proporcioná-la aos outros.

C. J.: Sustentais que algumas coisas, as cerimônias, por exemplo, constituem o caminho indireto e não a meta. Que dizer a respeito das pessoas que executam cerimônias? Para elas é isso a meta, o cimo da montanha.

Krishnaji: Está errado.

Jammadas Dwarkadas: Não poderá ser uma droga administrada por partes interessadas para embalá-los até ao sono?

C. J.: Não posso dizer que seja uma tal droga. Quando vejo um homem executando uma cerimônia com o sentimento de que está cooperando com Deus nessa execução, não me é dado afirmar que esteja iludido e que está desperdiçando os seus esforços.

J. D.: Pode ser o caso do cego conduzindo o cego, o ignorante acrescentando à ignorância do mundo.

Y. P.: Sua inspiração acha-se dependente de algo cujo caráter é temporário. A história demonstra que tão depressa os sacerdotes erram, todo o poder e inspiração se desmoronam. Devemos nos esforçar para cultivar o hábito de obter inspiração das coisas belas, tais como o nascer do sol ou nas pétalas de uma flor, que são de um caráter muito mais permanente do que o estar-se na dependência de sacerdotes, ritos e cerimônias.

B. S. R.: Não é, porém, o ritual, uma espécie de Arte? Não constitui uma das mais elevadas criações da mente humana?

Krishnaji: Não proporciona poder bastante para criardes como deveis criar.

C. J.: Alguns indivíduos, porém, obtém inspiração executando rituais.

M. P.: Porém não é bastante. Posto que possa ser um trabalho de Arte é, contudo o caminho indireto.

C. J.: Tem isso muita importância, desde que lá chegueis?

Krishnaji: Tem importância. Suponde que eu conheço uma estrada para a Estação Central de Trens que seja a mais curta, naturalmente preferirei esta a qualquer outra.

C. J.: Não se trata do tempo mais ou menos longo, porém é uma questão de Felicidade.

R. R.: Pode dar-se que eu prefira o caminho mais longo por ser cheio de sombra.

K. S. Chandrasekhara Aiyar: Consiste a Felicidade em chegar rapidamente?

M. P.: Após ter visto o ápice da montanha, não querereis mais seguir a rota mais longa.

Y. P.: A Felicidade consiste na visão que houverdes alcançado mesmo quando ainda estiverdes no vale. Uma vez que tenhais obtido essa visão e houverdes determinado o rumo que quereis

seguir, então essa memória estará constantemente presente em vós. Ela vos dará Felicidade real ainda que externamente vos encontreis na tristeza e no sofrimento.

K. S. C.: Não devemos ignorar a felicidade do homem vulgar. Porque o perturbais? Porque não o deixamos em paz? Sinto uma certa dose de felicidade em beber café, em usar um relógio de ouro, etc.. Porque não fruir essa felicidade?

P. K. T.: Porém essa não é a felicidade real.

Krishnaji: Suponde que haveis obtido essas coisas, suponde que tendes uma bela esposa e filhos. Porém, a despeito disso existe dentro de vós a todo instante uma insatisfação, um desejo de encontrar e estabelecer em vós próprios a Felicidade. Este desejo ferve dentro de vós a todo o instante.

J. D.: Sr. Chandrasekhara Aiyar ser-me-á dado proporcionar-vos um exemplo simples de que o que dizeis não é perfeitamente concorde com a natureza humana? Suponde que, após anos de dor e posse realmente começais a amar um amigo e dele sois separado durante longo período. Quando sabeis que ele não se acha longe de vós, naturalmente tendes um intenso anseio por vê-lo, então todas as coisas, inclusive a posse de bens cessam de vos atrair e tornais o caminho mais curto que vos conduzirá a ele.

Y. P.: Se houverdes obtido um relógio de ouro é possível perdê-lo; se possuídes uma bela esposa, ela pode, talvez, morrer. Se repousardes nessas coisas para serdes feliz, jamais o podereis ser. A Felicidade é uma coisa permanente. É uma atitude da mente. Essas coisas são meramente superficiais.

K. S. C.: Porque não gozar essas coisas agora e subir posteriormente para as coisas maiores? Que necessidade há de qualquer ensinamento sobre a Felicidade? Necessitam os peixes que se lhes ensine a nadar? Não podemos, também, aprender instintivamente a ser felizes?

Krishnaji: Nós, porém, não nos encontramos vivendo uma vida natural semelhante a dos peixes. Nosso mundo, diversamente ao deles, acha-se coberto de toda a espécie de coisas superficiais. Na América, por exemplo, manipularam a perfeição do físico. Dizem lá: "Tenhamos todas as coisas perfeitas no plano físico". Isto não é o bastante. Devemos utilizar estas coisas como degraus para algo mais e não como sendo a própria meta.

K. S. C.: Dizeis que o desejo por essas coisas é mau?

Krishnaji: Não, ao contrário, o desejo por essas coisas tem o valor que lhes é próprio. O desejo pelas coisas, porém, em si mesmo, não produz a Felicidade.

Y. P.: O que é necessário é terdes continuamente a meta diante da vossa mente.

C. J.: Não existe, verdadeiramente, um grande perigo em nos concentrarmos sobre o problema da Felicidade? Vede a Índia, por exemplo, onde temos cinco milhões de Sannyasis. Todos eles buscam a felicidade; porém todos eles se acham absorvidos no eu. Há muitos resultados práticos no que se refere ao progresso do povo? Não estamos criando o mesmo perigo quando insistimos que as pessoas devem somente pensar na meta?

Krishnaji: Não, não vos podeis absorver no eu e por isso ser inútil para os outros, desde que tenhais diante de vós a meta correta. Esses Sannyasis não estabeleceram a sua meta real.

M. P.: Como podeis tornar os outros felizes a não ser que vós próprio o sejais?

P. K. T.: As duas coisas se interdependem, não é assim?

B. S. R.: Eu, o homem mediano, não vejo o cume da montanha. Que é que me capacitará a vê-lo?

Krishnaji: É esse o meu trabalho.

K. S. C.: Destina-se a vossa felicidade a todos ou somente aos descontentes?

Krishnaji: A todas as pessoas.

A ESTRELA - Vol. I - N. 8 - Agosto de 1928

PARÁBOLA

J. Krishnamurti

As montanhas olham para a cidade e a cidade para o mar.
Era o tempo de muitas flores e calmos céus azuis.
Em uma casa grande que as árvores rodeavam
Vivia um homem rico em bens terrenos.
Visitara a capital de muitos países em busca de cura.
Era coxo e mal podia andar.
Um estrangeiro de longínquas terras
Cheias de sol veio por acaso à cidade que olha para o mar,
O coxo e o estrangeiro longínquo,
Passaram um pelo outro, tocando-se,
Em uma travessa estreita.
O homem coxo curou-se e a cidade sussurrou de assombro.
Mas no dia imediato o curado era levado à prisão
Por certa imoralidade.

Eerde, 6 de Julho de 1928.

KRISHNAJI

Dra. Annie Besant

É estranho, quando olhamos em torno de nós contemplando o mundo tal qual é e pensando no mundo como será. Porém a estranheza decresce à medida que relanceamos o olhar sobre os dois mil anos passados vendo o "filho do carpinteiro", o "recém vindo da Galiléia" - e notando a desdenhosa pergunta: "Pode algo de bom vir de Galiléia?" E os seus ensinamentos! "Historietas para divertir crianças. Não há filosofia profunda nem sutis argumentos". Olhando retrospectivamente através do véu resplandecente do culto e da devoção, dificilmente podemos conceber o sentimento com que o Romano arrogante, o Grego filósofo, o

ortodoxo Hebreu, consideraram que esse Galileu de nascimento humilde, que exercera uma indústria manual em uma cidade de má reputação, um subjugado e desprezado em quem os seus próprios irmãos não acreditavam. E no entanto foi ele o "Christo" o "Filho de Deus Vivo", para o seu discípulo Pedro e para as gerações posteriores.

Nosso Krishnaji teve da parte do mundo, uma recepção muito melhor que a que teve o Instrutor do mundo quando pela última vez trilhou as sendas do nosso mundo inferior. Foi ridicularizado, zombado, escarnecido, porém o poder interno evidenciou-se ultimamente com tanta força através do véu da carne que multidões o rodearam densamente e por meio de sua mensagem, iconoclasta como a tantos se afigura, veio uma força impulsora que, conquanto em muitas ocasiões oposição, no entanto penetra nos corações que estão abertos: e é vista pelos olhos que não forem deslumbrados pela sua luz quase cegante.

E eu que o conheci desde a sua meninice, que vigiei o seu desenvolvimento, que amei a perfeição de seu caráter ao desabrochar-se, que vi a virilidade elevada até a Divindade, alegremente dou o testemunho que Pedro prestou nos tempos que se foram. E agradecida me ofereço a mim mesma a ele como discípula, eu que fui sua guardiã e mãe regozijando-me em reconhecer que posso continuar a servir neste mundo inferior da manifestação - tanto quanto ela possa ter lugar em um corpo físico - d'Aquele perante quem, no mundo interno, todos nos curvamos em reverente devoção.

A ESTRELA – Volume I – No 9

ENTREVISTA COM KRISHNAMURTI

(Londres, Inglaterra, 20 de Junho de 1928)

No número de julho do BOLETIM INTERNACIONAL DA ESTRELA referimo-nos a urna entrevista com Krishnaji. Publicamos abaixo essa entrevista. Esperamos que seja possível de tempos em tempos, no futuro, obter outras entrevistas de natureza similar. Servem a um propósito excelente e servem com êxito para esclarecer muitos aspectos novos de Krishnaji.

ENTREVISTADOR: Numerosos jornais da América relataram recentemente que havíeis declarado não serdes o Instrutor, porém somente a voz do Instrutor. Devemos tomar isto como sendo a vossa atitude?

KRISHNAJI: Não, senhor, receio que eles estejam inteiramente errados. Não se pode dar explicações a alguém que nos defronte sem ter idéia daquilo de que se trata, sem ser mal compreendido.

E. Qual é, pois, a realidade, sob o vosso ponto de vista?

K. A realidade é que eu sou o Instrutor.

E. Como surgiu a confusão?

K. Eles entenderam mal o que se pretende indicar pela idéia do "veículo do Instrutor". Confundem-se com isso e trazem essa confusão para todas as entrevistas.

E. Como aconteceu que vários jornais fizeram distinção entre a personalidade de Krishnamurti e o Instrutor?

K. Sr. eu o tenho dito muitas e muitas vezes que, de acordo com a minha opinião, Krishnamurti, como tal, não mais existe. Assim como o rio entra no oceano e nele se perde, assim

Krishnamurti entrou naquela Vida que se acha representada por alguns como o Cristo, por outros como o Buddha, por outros ainda, como o Senhor Maitreya. Assim Krishnamurti, como entidade plenamente desenvolvida, entrou nesse Oceano de Vida e é o Instrutor, pois do momento em que se entra nessa Vida - que é o cumprimento de todos os Instrutores, que é a vida de todos os Instrutores - o indivíduo como tal cessa de existir.

E. Não devemos, portanto, preocupar-nos com o Ser glorioso que habita as montanhas do Himalaia?

K. Isto é de muito pouca importância quando comparado com a Verdade, com o ensinamento. O que é de importância é que todos se preocupem com o que eu digo, antes que com a personalidade do Instrutor, o corpo do Instrutor, onde ele mora e assim por diante. Isto levará a confusão. Sr. é como se fosse este o caso: Quando um artista pinta um quadro, ele não quer que tenhais em consideração a sua personalidade como representada pelo quadro - ele quer que contempleis a beleza desse quadro. Ninguém se importa em saber quem foi que pintou o quadro desde que ele seja belo.

E. Fica entendido, pois, que de acordo convosco, a distinção entre Krishnamurti e o Instrutor teve fim.

K. No que a mim concerne finalizou, não mais existe. As pessoas, porém, que se querem aderir aos seus próprios preconceitos, seus próprios desejos e anseios, acreditarão no que lhes convier, pois o que quer que seja que não queiram receber em seu coração, podem dizer que emana de **Krishnamurti** e do que pessoalmente gostarem e o que lhes proporcionou o assim denominado "conforto", dirão que vem do Instrutor. Portanto o meu ponto de vista é que, como a beleza do quadro depende, não do pintor, mas da própria pintura, o que eu disser ficará dependente do seu próprio valor intrínseco e não da autoridade de minha conquista nem da autoridade de outrem.

E. Não é inevitável que pelo fato de nos proporcionardes este ponto de vista, vossa personalidade será tornada a base de uma religião, apesar do vosso desejo de que isso não se faça em relação a vós?

K. Se as pessoas forem insensatas sentir-se-ão inclinadas a confundir a personalidade e a Verdade e a construir um templo ao redor da primeira formando uma religião.

E. Não se tem sempre dado o fato de que a Verdade sem expressão não pode ser realizada ou entendida? Em face disto, vós que tendes realizado a Verdade, deveis ser a Verdade para outrem e, portanto, vos tornareis o símbolo da Verdade para eles, com o perigo de que as pessoas adorem a personalidade?

K. Sim, naturalmente, é essa a minha opinião. Deveis aderir à Verdade antes do que à personalidade e deveis abraçar à Verdade antes do que à autoridade de outrem.

O inquiridor persistiu:

E. No entanto existe este perigo inevitável de formar-se uma religião com credos.

K. Só existe esse perigo inevitável enquanto houver falta de compreensão; porém, no momento que o indivíduo compreender, não haverá formação de religião. Assim, o meu propósito principal é tornar clara a Verdade a que atingi, proporcionar uma compreensão da Verdade que é a Verdade para todos. E daí se houver antes compreensão que proselitismo cego, os indivíduos não criarão uma religião.

E. Porque, desde que conheceis a Verdade, não podeis estabelecer regras e leis para os outros?

K. Naturalmente eu poderia fazê-lo, porém, então seria limitar as pessoas a minha percepção da Verdade. Isso cristalizaria e a limitaria essa Verdade, a qual, digo, só pode ser desenvolvida por "unigenidade" individual (unigeness). O que eu sustento é que é impossível limitar a Verdade pois isto significaria que estaríeis transfigurando a Verdade para o indivíduo que é limitado. Seria inútil estatuir um método cristalizado para que todos o sejam.

A discussão, então, voltou à questão de fundar uma religião.

E. Alguns de vossos adeptos dizem que viestes para fundar uma religião; e posto que negueis isto, eles sustentam que, por vossa causa e pelo que dizeis, uma religião será inevitavelmente fundada depois.

K. Primeiro de tudo, senhor, quando dizeis que eu tenho adeptos, permiti que vos afirme que não os quero nem jamais animarei a idéia de proselitismo. Penso que há leis em alguns países, que proíbem a quem quer que seja seguirem à outrem pelas ruas, e se alguém o fizer, pode ser detido e metido na prisão. Do mesmo modo, espiritualmente desejaria que houvesse um sistema de polícia que encerrasse as pessoas em uma prisão espiritual por seguirem os outros. Na verdade, isto acontece automaticamente.

E. É, então, desejo vosso definitivamente impedir a formação de uma religião em redor da personalidade de Krishnamurti e dar os passos necessários para o evitar?

K. Não posso tomar providência alguma - só posso insistir que a compreensão e não a crença cega, deve ser a meta.

E. Pensais, porém, que haverá uma religião depois de partirdes?

K. Com isto não nos devemos preocupar. Depende da compreensão das pessoas.

E. Haveis dito que sois o Buddha, o Cristo, o Senhor Maitreya e mais do que eles. Como pode isto ser?

K. Sustento que todos os Instrutores do mundo atingiram essa Vida que é a finalidade da mesma. Daí sempre quando qualquer ser entra nessa Vida, que é a culminação de toda a vida, então, ipso facto se toma o Buddha, o Cristo, o Senhor Maitreya, pois que ali não mais existe distinção. Portanto, quando, digo que esse estado é mais do que eles, de fato, o é - do ponto de vista da compreensão do indivíduo comum.

E. Continuam o Buddha e o Cristo com Suas existências como indivíduos?

K. Continua a vida para além da porta? O cumprimento da vida não é aniquilamento - ao contrário - sou muito mais ambicioso, muito mais impetuoso, muito mais ardente do que vós. É a Vida! Portanto não pode ser aniquilamento, pois não é possível aniquilar a Vida! Quando disse que sou o Buddha, o Cristo, o Senhor Maitreya e mais, não era questão de superioridade ou inferioridade. Juntei essa frase ainda mais, muito cuidadosamente, pois sabia que as pessoas em geral tem uma compreensão muito limitada a respeito do Buddha, e do Cristo e por isso se eu dissesse: "eu sou o Cristo, o Buddha" eles limitariam essa Realidade às suas próprias concepções do Buddha e do Cristo, e a Vida não tem limites.

E. Porque é necessário que vos chameis o Instrutor do Mundo? Exigiu o Buddha um título?

K. Ele chamava, a si próprio o Ser Iluminado! e Jesus denominava-se "o Filho de Deus!" Para mim, o termo "Instrutor do Mundo", tem tão pouca importância como o têm "O Filho de Deus" ou "O Ser Iluminado".

E. Qual o propósito de possuir um tal nome ou título?

K. Para reconhecer e demonstrar a condição da mente e coração quando se alcançou a vitória. É o mesmo que dizer: "Pintei um quadro". É o mesmo que dizer: "Escrevi um poema". É uma afirmação do fato de se haver atingido, antes do que a estreita compreensão que é dada aos rótulos e frases. O que tem importância é o que a frase indica.

E. Porque usais o termo "Instrutor" que sugere a idéia de ensinamento e implica um propósito?

K. Como o mundo tem de atingir o cumprimento da vida eterna, para mim não tem a menor importância a designação que a mim aplicam - "Ser Iluminado", "Filho de Deus", ou qualquer

outra coisa. Para mim isso não tem propósito - não mais do que quando o Buddha disse "Eu sou o Ser Iluminado". Não tem importância o nome do carcereiro desde que ele possui a chave que há de abrir a porta da vossa prisão! Semelhantemente, como eu possuo a chave para libertar a Vida de sua prisão, não tem a mínima importância o nome que dais à chave ou a mim próprio. Não me preocupo com o título.

E. Tem sido continuamente declarado nos jornais que estais em desacordo com diversos indivíduos nos diferentes movimentos relacionados com a Sociedade Teosófica. Não é verdade que neste cumprimento da vida não pode existir discórdia real?

K. Naturalmente, Sr..

E. Assim, é de fato só na mente daqueles que enxergam a vida parcialmente e do seu limitado ponto de vista, que esta aparente discórdia surge?

K. Estou perfeitamente de acordo convosco, Sr..

E. O vosso ponto de vista é, porém, naturalmente, diferente do dos outros.

K. Tende a ser, porém não quer isto dizer que nós disputamos acerca de tal.

E. Quereis então fazer entender que tendes a vossa verdade individual e o vosso trabalho individual?

K. Mais do que isso. Vedes que outros têm transfigurado a Verdade.

E. Deve, naturalmente, haver diferenças na expressão do entendimento de cada um em relação à Verdade. Essas diferenças às vezes parecem opor-se. Devem, pois, ser encaradas como complementares umas das outras?

K. Sr., não nos devemos preocupar com as expressões, porém, antes, com a vida. Encarais a vida do ponto de vista errado do telescópio quando contemplais as expressões da vida. Existe uma diferença fundamental.

A vida no selvagem parece diferente da que reside em vós, diferente em sua expressão, porém tudo é uma só Vida. Quem quer que não haja realizado essa vida, tem que transfigurar a Verdade e quando faz isto, está inconscientemente traindo a Verdade.

E. Que tendes a dizer relativamente ao tipo da nova raça, à nova civilização na Califórnia, que gradualmente tem aparecido.

K. Onde quer que exista um ambiente adequado para o cumprimento da Vida, ela se realizará. Para mim, digo-o novamente, isto é apenas uma questão de barreiras de nacionalidade, e não da Vida.

E. Quereis dizer que as barreiras de nacionalidade devem ser removidas antes que a Vida possa preencher o seu fim?

K. Quando o vento sopra através dos vários continentes, não leva consigo as nacionalidades dos países por que passa. O mesmo se dá com a Vida.

E. Na Índia haveis exortado o povo à atividade. Haveis dito na América, é-nos relatado - que ali se preocupavam com as sombras da vida. Os Americanos são muito ativos. Porque então, os considerais como perseguindo fantasma?

K. A atividade que perece, que não produz aquilo que é eterno e perdurável, é de muito pouca utilidade.

E. Porque os Hindus - tão preocupados com filosofia e com o lado eterno da vida - se tornaram sonolentos e letárgicos?

K. O Hindu, o Oriental, diz que o físico é apenas a sombra do Eterno, da Verdade; e, diz ele, "afim de entender a Verdade é preciso deixar de lado a sombra e não me preocupar com esta, porém antes com a compreensão do Eterno". Assim, não se preocupa com o físico. Preocupa-se mais com as qualidades de coração e mente. Daí a doença, a desordem, o caos e a negligência e a gradativa decadência do físico. Enquanto no Ocidente, toma-se a sombra por mais importante, mais vital, e o povo esquece a causa da sombra e interessa-se em decorar, embelezar e ampliar a sombra. Assim, tendes aí os dois extremos: o homem que principalmente se preocupa com a vida oculta e o homem que somente se preocupa com a expressão da vida. O que eu quero fazer é produzir a harmonia, entre os dois extremos pois aí está a Verdade. A harmonia da Vida é a compreensão da Verdade.

E. É a discórdia nas famílias e nas nações a negação dessa compreensão?

K. Ao contrário. É um estágio necessário através do qual tendes que passar. Sem desentendimento, sem revoltas, nunca podereis atingir a harmonia. É um estágio necessário que tem de ser atravessado por todos. O contentamento não é felicidade. Contentamento é estagnação e decadência, enquanto que a felicidade é vida e crescimento.

E. É a guerra um estágio necessário para atingir essa harmonia?

K. Não. Se possuídes o desejo, se estabelecerdes a meta, - que é harmonia, que é felicidade, através da libertação - então esses estágios de revolta, de guerra, de luta, podem ser evitados - deviam ser evitados. Não vos deveis engolfar na lama, se puderdes saltá-la. Como vedes, a minha discórdia deve ser diferente da vossa, minha revolta não deve ser a mesma que a vossa. Não será verdadeiramente uma revolta se ela se amoldar pela vossa.

E. Não acreditais na discórdia nacional por ser ela criada pelas políticas e pelos políticos?

K. Certamente que não. A discórdia nacional é, como a religião, uma forma padronizada de revolta; e desde o momento em que uma revolta assume um padrão, não é mais revolta.

E. De modo que, afirmais definitivamente que a guerra não é uma coisa pela qual forçosamente se tenha que passar, porém um estágio a ser evitado, se possível for?

K. Naturalmente. É um estágio produzido pela standardização do pensamento, da revolta, da vida - não pela liberdade da vida, não pela revolta da vida.

E. Em vossa opinião o método de organizar vários movimentos em prol da paz conduzirão à abolição da guerra?

K. Eu vos pergunto novamente se podeis estabelecer um padrão para a paz. Pois, uma vez mais, o problema individual é o problema mundial. Portanto, voltemos ao problema da perfeição individual e o estabelecimento da paz no coração e na mente do indivíduo.

Boletim Internacional da Estrela Agosto de 1928

O INSTRUTOR DO MUNDO E A ORDEM DA ESTRELA

Castelo de Eerde, Ommen, Holanda, Julho de 1928.

Pergunta I: Responder-nos-á Krishnaji definitivamente :

1. Se a Ordem da Estrela constitui, uma limitação para ele.
2. Se a Ordem é uma barreira entre ele e o mundo.

3. Se a Ordem não tem para ele utilidade.

4. É desejo seu abolir a Ordem?

Krishnaji: 1. A Ordem não é uma limitação para mim, mas talvez o seja para vós. Podeis fazer da Ordem uma limitação que atue como uma barreira entre vós e os outros ou podeis fazer dela uma ponte. E, se é uma ponte ou uma barreira, não depende de mim. Quando vou falar às pessoas, eles não consideram a mim nem a minha atitude para com a vida do ponto de vista de qualquer seita ou de qualquer corporação exclusiva e estreita. Daí, a Ordem, em si, não é uma limitação para mim.

2. Mais uma vez, isto depende de vós, não de mim. No fim de tudo, idéias, pensamentos e sentimentos não têm nacionalidade nem individualidade, ou pelo menos, não as deveriam ter. E se indivíduos pertencentes à Ordem não entendem isto, criarão uma barreira. Se não desejardes excluir o mundo de vosso coração, não importa que o mundo vos exclua. Se desejardes dar vosso afeto a todo o transeunte, embora ele o recuse, não pode existir barreira entre vós e ele. Se em vossa mente existir a divisão de pessoas como pertencentes a grupos, tipos e movimentos, a classes definidas, a religiões particulares, a crenças e seitas definidas, então existirá a barreira. As barreiras são criadas, não pelas instituições, mas pela limitação da própria vida, pelo estrangulamento da vida por idéias estreitas e estreitas concepções.

3. A Ordem tem utilidade no sentido de criar um núcleo de pessoas que desejam tratar séria e sinceramente dos assuntos que exponho perante elas, com uma consideração maior do que a daqueles que ainda não estudaram a questão. Penso que, durante algum tempo, pelo menos, será útil ter uma instituição flexível como esta, não meramente para reunir membros, mas para evidenciar novas idéias; não para converter, mas afim de ajudar os outros a realizarem essas idéias à seu próprio arbítrio; não tanto para pregar, como para servir de exemplo; não para efetuar reuniões inúmeras, mas para mostrar o caminho de atingir a realização em virtude de nossa própria vida individual; não para impor crenças, mas para criar compreensão, que está além de todas as crenças. E se a contemplardes deste modo a Ordem nunca se poderá tornar uma barreira entre aqueles que são membros e os que não o são. Ao contrário, será uma ponte pela qual as pessoas chegarão a compreender a nova concepção da vida.

4. Como disse, se a Ordem for uma ponte auxiliando às pessoa atravessar a difícil corrente da vida, então será útil; se não o for nós a aboliremos. Espero que sereis o primeiro a abolí-la. Não me interessa muito por movimentos em si mesmos - e, por favor, não penseis que eu apoio especialmente este movimento por ser o nosso. A ordem até agora tem servido para reunir pessoas que talvez sejam um pouco mais sérias, isto, porém, não significa necessariamente que eles entendem mais do que os outros, ou que possuam quaisquer privilégios particulares. Enquanto a Ordem for uma ponte que ajude as pessoas a atravessar a corrente, penso que poderá ser útil mantê-la; porém, a partir do momento em que a sua utilidade tenha cessado - e isto deve ser julgado, não por mim, mas por parte de cada um de vós - então ela deve desaparecer. Uma pessoa não poderá nunca constituir uma barreira, - podem-se despedaçar as suas idéias - porém a maioria das pessoas que pertencem à Ordem, os membros em seu conjunto, podem criar uma barreira, se usurparem a Verdade e fizerem mau uso da compreensão que alcançaram.

II- PERGUNTA: De que modo as instituições se tornam limitações?

Krishnaji: Se fordes um observador imparcial, haveis de notar que a maioria das instituições tende a monopolizar, a usurpar a Verdade, que jamais pode ser usurpada, jamais pode ser monopolizada.

A Verdade é despótica, a Verdade não pode ser discutida, nem pode, quem quer que seja, ter opinião acerca da Verdade. A Verdade é, e uma pessoa sábia esforçar-se-á por compreender por meio de meditação, antes do que pela simples discussão - não que não devamos discutir, porém não chegaremos à Verdade por meio de contendas.

A Verdade está para além do pensamento, ultrapassa o sentimento, está para além do artista, para além do governante, para além de todas as coisas. Daí, para a mente limitada, a Verdade,

em si, em sua pureza, não pode ser compreendida. E se as instituições tendem a transfigurar a Verdade com o propósito de servir à sua própria compreensão ou para proporcionar compreensão a outrem, essas instituições inevitavelmente hão de deteriorar tornando-se barreiras. Por esse motivo sou sempre um tanto prevenido em relação às instituições; porque elas conduzem ao desejo de formar prosélitos e converter os outros; e colhê-los em nosso particular viéz estreito.

III PERGUNTA: Muito haveis dito para desencorajar-nos de “trabalhos”, “credos” e serviço ativo ...

Krishnaji: Se tão facilmente vos deixais desanimar, então aquilo que fazeis não pode ser de real valor. O mundo preocupa-se apenas se estais construindo essa ponte para auxiliar a homens e mulheres a atravessarem o golfo.

IV PERGUNTA: Nós servimos para nos esquecermos de nós mesmos - assim entendo vossas palavras. Quereis com isso indicar que a atividade não é importante e o serviço uma ilusão? Ninguém pode, realmente, ajudar a outrem?

Krishnaji: A grande maioria das pessoas esforça-se por se esquecer de si mesma com “trabalhos”. O trabalho é uma espécie de droga. Não desencorajo a ninguém para o trabalho, a vida seria monótona sem trabalho e também o seria se apenas tivésseis idéias Sem nunca lhes dardes expressão. Porém, como disse, a maioria das pessoas trabalha ou serve afim de esquecer-se de si próprias e de seus problemas. Se olhardes para dentro de vossos corações e examinardes esta vasta energia criada pela idéia de serviço, verificareis que a maior parte dela constitui um meio de cplocardes de lado a vossa própria compreensão. E eu sustento que, enquanto não houverdes resolvido vossos próprios problemas, enquanto o indivíduo estiver ainda confuso e não estiver em paz, enquanto não houver serenidade em seu íntimo, ele não pode, realmente, servir a outrem. Ele pode pensar que está servindo, porém, por serviço real eu entendo uma coisa muito diferente do serviço ordinário.

Se fordes a um médico que seja realmente grande ele vos dirá que certas coisas são necessárias para efetuar uma cura radical. Porém, se fordes a um médico inexperiente, ele só vos indicará como deveis tratar dos sintomas e não descera até a causa da vossa moléstia. Agora tendes que escolher, entre aquilo que no serviço é eterno e aquilo que é transitório. E eu sustento que o serviço que é eterno só pode ocorrer se a pessoa que deseja servir houver solucionado o seu próprio problema e encontrado paz dentro de si mesma.

Em relação à pergunta sobre se a atividade não é importante, minha resposta é: atividade, no sentido ordinário, criando obras que perduram um dia, não é importante. Porém, a atividade que se relaciona com as coisas eternas, é essencial. E vós tendes que decidir sobre o que é eterno e o que é passageiro. Todo o serviço que não seja permanente, que não cure as feridas, ou abrande a fadiga do coração, é uma ilusão; porém o serviço que preenche essa vacuidade do coração e da mente, é eterno.

Quanto ao fato de se alguém pode, realmente, auxiliar a outrem digo-vos que na verdade podereis ajudar a outrem e não de um modo meramente momentâneo, se vós próprios fordes grandes cirurgiões e se tiverdes ultrapassado a necessidade de auxílio.

Por favor, não penseis que isso seja uma questão de desencorajamento ou de encorajamento ou de proporcionar conforto ou esperança. Não é nenhuma destas coisas, é muito mais nobre, mais belo, mais gracioso, do que todas essas coisas.

PERGUNTA V: Krishnaji diz que torcemos a sua mensagem para adapta-la às nossas crenças. Que é que ele entende por “nossas crenças”? Serão as nossas próprias convicções profundas que brotam da nossa própria experiência? Ou a conseqüência do nosso raciocínio sincero? Ou o nosso conhecimento colhido?

Krishnaji: Entendo tudo. Explicarei o que entendo. A Verdade sustento eu, não pertence a uma condição de vida. A Verdade não pode pertencer a uma expressão particular ou a uma espécie de conhecimento ou arrazoado. Está para além de todas essas coisas. Crenças experiências, raciocínios, conhecimento, são condicionados, porém, a Verdade não pode ser condicionada ou limitada. E pelo fato de desejardes servir-vos desta Verdade sem a compreender, torceis essa Verdade para adaptá-la às vossas particulares experiências, às vossas crenças particulares, ao vosso raciocínio e conhecimento.

Podereis dizer: Como impedirei essa desfiguração? Pelo exame contínuo de crenças, experiências, raciocínios, e conhecimento.

Cresceis cada vez mais à medida que colherdes e expelirdes. Não crescereis se simplesmente colherdes e retiverdes a colheita dentro de vós. No fim de contas, quando comeis uma uva tomais o suco e lançais fora a pele. O mesmo se dá com a verdadeira experiência; lançais fora o incidente e colheis a experiência. A experiência, porém, não deve condicionar a Verdade.

Todos acreditam nisto ou naquilo e deixam de acreditar, nisso ou naquilo, e esperam que a Verdade se condicione, se limite à sua crença ou descrença. E por que isso não acontece, existe o mistério, existe a perturbação e a luta. Não podeis reduzir nem transformar a Verdade. Posso mostrar aos indivíduos a glória de um cimo de montanha em sua pureza, em sua serenidade, porém não posso conduzir essa grande altitude à mente condicionada das pessoas. O que, portanto, tenho a fazer é incentivar, estimular, criar nas pessoas o desejo de ir em direção ao eterno. Porém vede o que acontece pelo mundo. Dizem: o pobre, o ignorante o inexperiente, não compreenderá a Verdade, portanto, eu, que a compreendo um pouco mais traduzirei à medida da sua compreensão. E daí todas as parafernalias das religiões. Se quiserdes que uma criança cresça, desde o momento que ela é capaz de erguer-se e caminhar por seus próprios pés, deixais que o faça sozinho e não a ajudais o dia inteiro. Vós a auxiliais a fortalecer-se em lugar de lhe dar muletas que perpetuarão sua fraqueza. Pelo fato de a maioria das pessoas no mundo terem a idéia falsa de que não podem compreender a Verdade em sua plenitude necessitam reduzir, condicionar, transformar a Verdade. O Buddha demonstrou que a Verdade não pode ser traduzida, condicionada, limitada para entendimento dos inexperientes. Porém, depois que ele morreu, seus discípulos tentam fazê-lo e assim criaram uma religião. O mesmo se deu com o Christo e provavelmente dar-se-á o mesmo hoje.

Tenho muito desejo, anseio, compaixão em meu coração por ajudar as pessoas, porém digo que somente existe um caminho para ajudar e este é o de tornar as pessoas fortes e dependentes de si mesmas, e não dos outros, e impeli-las para essa Verdade eterna que não pode ser condicionada.

Nunca reduzais ou transformeis a Verdade, porém, antes, incitai o desejo intenso de atingir o ilimitado. A vida, então, será muito mais digna de viver-se do que quando estiverdes contentes em morardes no fácil conforto da Verdade condicionada. Tendes em redor de vós tanta Verdade condicionada, transformada para a compreensão dos inexperientes; porém, eu falo todo o tempo da verdade em seu estado incondicionado - posto que as palavras mais uma vez criem limitação, não a devo transformar, pois que, para mim, isso seria um atraçoamento à Verdade. Não vos é possível verificar que transformando-a ela perde a sua simplicidade, a sua prístina nobreza e, assim criais complicações? Uma vez que condicionais a Verdade, criareis esses abrigos de conforto onde existe a estagnação da mente e do coração. Tenho freqüentemente ouvido as pessoas dizerem: 'Oh! faço estas coisas, não por mim, mas porque auxiliam os outros'. Isto significa que aquilo que haveis atingido, estais transformando para que outros o conquistem, em vez de os guiardes a conquistar a seu modo próprio, que é o único meio de atingir. É deste modo que todas as religiões no mundo são fundadas. Daí, o próprio altar no qual adoram a Verdade é a traição à Verdade. Porém, a simples repetição de que a religião é uma traição à Verdade, não representa compreensão ou verdadeira convicção. Penso que foi Lao Tse que, quando encontrou a iluminação jamais falou nela, porém foi-se, deixando um livro. Quando os discípulos pediram ao Buddha que descrevesse o Nirvana, disse ele que aquele que disser que existe, erra, e aquele que disser que não existe, mente.

PERGUNTA VI: Tem o termo "Instrutor do Mundo" algum significado para Krishnaji?

Krishnaji: Sustento que só pode haver um Instrutor do Mundo em qualquer época. Só existe uma vida, e desde o momento em que a pessoa entra no preenchimento dessa vida, é o Instrutor do Mundo, como Buddha foi o Iluminado e Christo o filho de Deus. Assim, se realmente compreenderdes o termo Instrutor do Mundo, sem ser de um ponto de vista limitado, ele é equivalente a "Iluminado". O que pretendo transmitir é que cada um sente a vida como coisa separada dentro de si mesmo, aparte dos outros. A vida é una, posto que suas expressões sejam múltiplas. Desde o momento em que um indivíduo sente, sabe, e é consciente da vida eterna que não pode ser dividida e atinge a compreensão dessa vida, não meramente de um modo intelectual, é o Instrutor do Mundo. O termo tem uma certa significação e é de valor como idéia em redor da qual outras idéias podem juntar-se, mas isto é tudo. Julgais que importava ao Buddha ser chamado o Iluminado ou não? Porém isto ajudou a criar e por em movimento certo conjunto de pensamento que reuniu em redor de si outras idéias, outras concepções.

Se simplesmente adorardes, cultuardes um rótulo, a Verdade nunca se aproximará do vosso coração nem a compreensão daquilo para que o rótulo existe. O que digo é para o mundo inteiro e não para uma nação particular, classe ou instituição. A Verdade e, portanto, o doador da Verdade é para o mundo todo e não para qualquer grupo particular. Podeis encarar o Instrutor do Mundo sob qualquer ponto de vista que vos aprouver, porém, as pessoas não acharão dificuldade alguma em compreender se explicardes com simplicidade e não em termos complicados, em séries de crenças. Neste último caso, naturalmente, a coisa torna-se confusa, algo de misterioso e difícil de alcançar. O que é de importância é o perfume que a Verdade emite, não a substância da flor. E a maioria das pessoas preocupa-se mais com a substância, a forma e as dimensões da flor do que com o seu aroma.

Quando a planta emite sua flor, o sábio para, contempla-a e goza o seu perfume enquanto que o não sábio passará adiante.

Fui perguntado por um repórter de jornal que representava a opinião do mundo em geral: "É preciso que eu creia que sois o Instrutor do Mundo para poder compreender vossa mensagem?" Respondi: "Olhareis pelo lado oposto do telescópio para verificardes a dimensão e a beleza de algo que examinardes?" No fim de tudo, o que importa é a pureza do alimento e não a decoração do vaso no qual é trazido. Porém verificareis que para que o alimento seja mantido puro e limpo também o vaso deve ser limpo. Não vos preocupeis tanto com o vaso mas antes com aquilo que ele contem, se o alimento é suficiente, ou se ele tem valor para nutrir-vos.

PERGUNTA VII: Porque só há um Instrutor do Mundo?

Krishnaji: Como disse, só existe uma vida e o homem que a atinge é o único Instrutor do Mundo. O indivíduo que atinge essa vida, uniu o começo e o fim - e no entanto não há começo nem fim - ele construiu conscientemente uma ponte entre a origem e a meta última. Por origem entendo a vinda ao ser dessa vida que é condicionada por uma multiplicidade de coisas. Um selvagem evolui e colhe para si mesmo cada vez mais experiência até que por fim se une a essa vida que é eterna. Então terá construído a ponte sobre o abismo que existe entre o começo e o fim, entre a origem e a meta onde existe a vida una.

Esta é a minha concepção do Instrutor do Mundo - e muito mais do que isto, que não posso exprimir por meio de palavras. A expressão Instrutor do Mundo é somente um nome e, como rótulo, não tem valor. Tem-no, porém, e grande, para aqueles que se conservam amarrados aos rótulos, pela maya, a ilusão das palavras. Pela criação ou pela vinda ao ser da flor da humanidade, pelo atingir dessa plenitude de vida, todos são responsáveis. Por isto eu quero entender que para a criação do indivíduo que atinge a vida eterna, sem começo nem fim, na qual a origem e a meta têm seu ser, toda a vida condicionada prestou auxílio. Pela sua ânsia de libertar-se, a vida condicionada ajudou a produzir esta Flor. Assim como o lótus embeleza as águas e assim como as águas são necessárias à beleza de lótus, assim a escravidão de todo o indivíduo e o clamor de todo o indivíduo escravizado ajuda a criar aquele que é eternamente livre. Daí, quando este ser, indivíduo ou vida - não torneis isto complexo ou pessoal - quando esta vida que esteve separada, mantida escrava, atinge essa vida que é como o oceano, sem limitação, então essa vida condicionada torna-se o Instrutor do Mundo. Estou usando palavras que podeis desfigurar e utilizar de acordo com a vossa crença ou descrença, porém a Verdade

nada tem que ver com crença ou descrença. A fragrância da flor do lótus não depende do transeunte. A beleza do lótus é criada pelas lágrimas do mundo.

A vida é eterna e, quando após muitos séculos há um ser que atinge e preenche esta vida, é seu deleite e glória tornar esta vida incondicionada compreendida por aqueles que ainda não a atingiram.

Quer chameis a este ser o Instrutor do Mundo, o Buddha, o Christo ou qualquer outra coisa, não tem importância. Dar água aos sedentos, abrir os olhos dos cegos, tirar os prisioneiros para fora da prisão e dar luz aqueles que estão sentados na sombra por eles próprios criada, é o deleite daquele que atingiu. E se as águas que instigam essa sede estão contidas em um vaso particular, ou se a voz daquele que chama é ou não doce e musical é coisa de muito pouca importância. Enquanto houver dentro de cada um o desejo desperto de responder, de levar aos seus lábios as águas que mitigam a sua sede, de rasgar a venda que lhes cobre os olhos e ouvir o grito em sua prisão - isso tem valor. E a limitação imposta à vida pela ilusão das palavras é justamente a coisa que destrói a voz do Mestre cantor.

PERGUNTA VIII: Se ele é eterno, como pode ele então, estar relacionado com aqueles que o precederam e com os que possam vir depois?

Krishnaji: Quando se entrou nesta vasta vida, não há retrocesso ou avanço, não se trata do que acontece àqueles que o precederam - ou o que vai acontecer aqueles que vêm depois. Estais apenas contemplando rótulos, olhais só para as personalidades e é por isso que surgem essas questões. Perguntais: Que acontece aqueles que precederam? Entraram nessa vida! Que acontecerá aos que vierem depois? Entrarão, também nessa vida! É tão infinitamente simples, sem complicação. A vida é o preenchimento de todas as coisas e na liberdade dessa vida reside o atingir a Verdade. E os indivíduos que atingiram essa vida, são eles próprios, a vida. É a humanidade que põe limites a essa vida e a contempla através de suas limitações.

Esta vida que é a flor da humanidade, que é a liberdade da humanidade, que é a consecução da humanidade, que é o começo e fim da humanidade, essa vida que é a Verdade eterna, não pode ser descrita por meio de palavras. Este mundo não possui palavras, ele existe e não existe. E do ponto de vista da limitação, do qual todos vós contemplais, não pode haver compreensão da imensidade que é sem limitação. Quando um ser entra nessa vida, ele próprio é a vida, ele é a flor da humanidade. Quando vedes em um jardim, uma rosa mais bela do que as outras, se pudésseis perguntar à rosa: Porque és mais bela que as demais? És o produto das lágrimas dos céus? Deu-te a vida maior beleza? Ela seria incapaz de explicar porém sustentaria: eu sou. E se fordes sábios, não despedaçareis as pétalas, apartando-as para examiná-las e apanhar o aroma. Espero ter tornado isto vago tanto quanto possível, pois que, se o tornasse claro, anteporia uma limitação à Verdade, ter-la-ia atraído.

* * *

Havendo eu atingido a outra margem, auxilio os outros a atravessarem a corrente; tendo eu atingido a salvação, sou o salvador dos outros; confortado, conforto os outros e os conduzo ao lugar de refúgio.

Encherei de alegria todos os seres cujos membros enfraquecem; darei felicidade aqueles que morrem de angústia. Eu lhes estenderei socorro e libertação.

BOLETIM INTERNACIONAL DA ESTRELA, Agosto de 1928

A CENTELHA E A CHAMA

J. Krishnamurti

Mês a mês publicaremos em "A Estrela" as palestras dadas por Krishnaji ao grupo de estudantes reunidos no Castelo de Eerde o verão passado. Não foram revistas por Krishnaji em pessoa, pois o ter que fazê-lo implicaria na demora de muitos meses na publicação. Foram lidas cuidadosamente, entretanto, por vários dos que estiveram presentes quando foram proferidas e que acreditam serem elas o exato registro verbal do que **Krishnaji** disse. A nota de certo modo pessoal - inevitável quando se fala a um grupo de amigos - representa exatamente a forma na qual as palestras foram dadas.

Houve uma vez uma pessoa com o nome de Krishnamurti que, desde o próprio início das coisas percebeu que somente havia um fim, uma meta única, sendo esta a união com o Bem Amado e que, nesta união, reside a Libertação e a Felicidade. Porém, antes de conseguir esta união, esta Libertação e Felicidade, teve que desenvolver-se, teve que trilhar todos os caminhos, todas as rotas dessa montanha em que a humanidade habita. Assim, por vários períodos de tempo, durante várias vidas, em diversas épocas, passou de um estágio ao outro, de um para outro temperamento, de uma a outra experiência, de um desejo a outro, até haver explorado todas as avenidas que, pensava ele, levavam ao cimo da montanha. Cada caminho o conduziu um pouco mais para o alto, porém nenhum o levou ao fim, jamais lhe foi possível conseguir o que desejava - a completa união com o Bem Amado, com o Gurú dos Gurús. Assim, após haver experimentado, após lutas, após haver contemplado o azul dos céus e as nuvens escuras que ali existem, deixou finalmente de lado, todas essas coisas, todos os desejos, todos os afetos, todas as tristezas e prazeres, todos os caminhos, pois que todos os caminhos são estágios diferentes que só conduzem a um fim único. Assim, colocou de lado todos esses caminhos e escutou a voz que era a resultante da experiência toda que havia colhido através de todas as avenidas de pensamento, de emoção e de ação.

Colhendo essa força, abandonou todas as coisas e, assim, tornou-se capaz de completar essa união, essa união com a chama, que produz a paz, que produz a libertação completa e a completa felicidade. Assim, os indivíduos que, como Krishnamurti, só têm um desejo, um fim, - pois toda a humanidade só tem um fim, um propósito, uma meta - esses indivíduos têm que deixar de parte todas as coisas e aprender a confiar em si mesmos e a si próprios se estabelecerem na força que houverem colhido da multidão das suas experiências, de suas várias experiências em muitas vidas.

Não há outro Instrutor que não Aquele que temos dentro de nós, não há verdade, exceto a verdade da auto-realização, que desvenda a meta do indivíduo e que é a destruição do eu separado, a união com o Bem Amado, a união da centelha com a chama. Assim, eu vos desejaria ensinar como atingirdes esse fim, essa meta incomensurável, essa vastidão dentro da qual o eu separado cessa de existir e se desvanece. O que depois venha a acontecer ao eu separado, não tem importância; se permanece dentro da chama ou se aparece de novo, só a chama pode responder.

Para vos unirdes com a chama, para atingirdes o eu, para atingirdes a Libertação e a Felicidade, tendes que vos desenvolver, como esse indivíduo, Krishnamurti, se desenvolveu. Não podeis desabrochar e tornar-vos uma rosa em um único dia, porém, se possuídes intensidade de anseio, imenso poder e força por detrás de vós, ela vos conduzirá a essa altura onde podereis viver constantemente com o Bem Amado, embora ainda não estejais unidos com Ele.

Afim de desenvolverdes os três seres que existem dentro de cada um de vós, de um modo harmonioso, coordenado e sintético, e dessa maneira produzirdes a união, a harmonia e completa paz, tendes que haver passado por longa prática e persistente luta. Sem apuro, sem cultura, e sem simplicidade, que é a resultante das duas primeiras coisas, não haverá união nem contado com a chama. Não podeis dividir a chama, pois que a chama é uma; e é simples porque inclui todos os milhões de centelhas existentes. E assim, se quiserdes alcançar a união com a chama, tendes que vos tornar simples, essa simplicidade que nasce do refinamento e da cultura. Pois que a compostura, que é a expressão externa dos internos pensamentos, mora na justiça, e tendes que estabelecer em vós a correta e verdadeira compostura em todas as coisas e em face de tudo. Afim de expressar esse refinamento e cultura que todas as pessoas sentem em grandes momentos de êxtase, tendes que adestrar o corpo que é a expressão externa, ou antes, que deveria ser a expressão externa de vossa grandeza interna, da vossa espiritualidade e nobreza.

Assim, precisais primeiro que mais nada, examinar o corpo e, para alcançar esse domínio, é necessário prática e cuidado contínuo pois assim, o corpo não se desenvolverá desarmoniosamente e não admitirá hábitos, tiques e desejos súbitos, súbitos aborrecimentos, cóleras súbitas, de motivação própria. O corpo é meramente um instrumento desse eu que faz parte da chama; e assim como o eu que é centelha dessa chama, se desenvolve mais e mais, se torna mais refinado, mais culto e cresce na aproximação da chama, o corpo necessita também representar, na forma exterior, os sentimentos internos, os internos pensamentos, a pureza interna. Para dominar as ações do corpo, para dominar-lhe os sentimentos, as paixões e os anseios, necessitais meditar regularmente.

A espécie de meditação não tem importância; se certas formas ou sistemas se vos adaptam melhor, adotai-as; porém é o resultado que é importante e não o sistema.

Quer alcanceis o cimo da montanha por uma forma particular quer por outra, é coisa de pouca importância; o que é importante é que chegueis a esse estágio da mente e da emoção em que o corpo pode representar, pode agir, pode executar as coisas que desejardes. Junto ao físico, que é a expressão externa, deve existir uma realidade interna, o interno desenvolvimento das emoções e da mente.

Continuo com a história de Krishnamurti. Nos tempos em que o mundo era jovem, e havia deuses entre os homens, viveu uma entidade separada; uma alma aparte denominada Krishnamurti. No desenvolver este eu separado ele desejou crescer para chegar à chama, que é o desejo de todas as pequenas centelhas, de todas as fagulhas separadas que existem internamente em todos os que habitam no mundo.

E durante o seu crescimento, desde centelha até à chama, essa entidade separada, esse eu separado, Krishnamurti, desenvolveu-se pelo processo de emoções destrutivas, de emoções criativas, de emoções refinadas, de emoções compactas, mediante vários estágios, vida após vida, adquirindo e repelindo, acumulando e eliminando, até que, pouco a pouco, com o decorrer do tempo, viajando por um trilho sem rastro, alcançou esse estágio no qual verificou que, para possuir emoções duráveis, para sentir amor e devoção, deve haver um constante adestramento do coração, deve existir paz e serenidade. Assim, determinou-se ele a construir um templo dentro de seu próprio coração, edificando um altar no qual pudesse adorar o seu Bem Amado com tranqüilidade e ofertar a sua devoção com a certeza de que se desenvolveria até chegar à chama e que, eventualmente, se tornaria a chama do Bem Amado. Assim, quando chegou a perceber que para tornar-se parte do Bem Amado o amor necessita ser impessoal, puro, forte, deixou de lado todas as coisas afim de atingir o cimo da montanha da Liberdade, da Libertação e da Felicidade. No perceber isto, ele verificou que tinha primeiro que colher a energia vital de todos os sentimentos destrutivos e construtivos - afim de que pudesse, com uma força maior, com um maior poder, saltar até a chama e tornar-se parte dessa chama. E, na percepção da separatividade, naturalmente cresceu o desejo de tomar-se parte do Uno e pelo decorrer do tempo, pela acumulação e pela eliminação, pela destruição e pela criação, desenvolveu-se, cresceu até chegar a essa chama, tornando-se capaz de se fundir nela e tornar-se parte do Bem Amado. Pelo fato de se haver tornado parte dessa Eternidade, parte dessa chama eterna, parte desse Reino da Felicidade e da Libertação, pelo fato de ser uno com o Bem Amado tornou-se capaz de amar impessoalmente. Este indivíduo que começou como um eu separado há muitas vidas, desde muitos séculos, tornou-se capaz de ser partícipe do Bem Amado, de ser parte dessa chama, que o fez amar todo o mundo, pois que O Bem Amado habita em todos, plenos ou apenas parcialmente desenvolvidos que sejam.

Assim, quero falar-vos do desenvolvimento desse amor que é impessoal, que é puro, que proporciona vitalidade e energia, que é força criativa, força que purifica, porque cria e expande. Como disse anteriormente, existe em cada um de nós esta entidade emocional separada, que se acha aparte e distante das outras, criando e destruindo por si mesma, sem olhar ao mental e ao físico. Sem consideração, sem pensamento, o ser emocional desenvolve-se por si mesmo até que aprende a adaptar-se e harmonizar-se com os outros dois. Enquanto esta lição não apreendida, enquanto este particular ponto de vista não for o seu, terá que sofrer, e no sofrimento, não existe somente destruição, mas também criação.

Agora, se quiserdes desenvolver a centelha que se acha dentro de cada um de vós até chegar a ser uma chama magnífica que, a seu tempo, se torne parte da chama eterna que é o

coração do Bem Amado, necessitais fazer distinção das energias e emoções criativas das destrutivas; e então, entrareis nesse Reino da Felicidade que vos libertará de todos os cuidados terrenos, de todos os terrenos prazeres, de todas as terrenas tristezas, que vos libertará da roda da vida e da morte, e vivereis nesse cimo da montanha onde existe a paz eterna e a eterna harmonia. Afim de distinguides entre o que é verdadeiro e o que é evanescente, entre o que é durável e o que é passageiro, tendes que criar um espelho e todo o sentimento que em vós surgir, quer da lama do egoísmo quer da pureza da grande devoção, deve ser examinado. Este espelho apresentará à vossa mente e à vossa inteligência o que tendes de escolher e o que deveis rejeitar, o que tendes de eliminar e o que deveis conservar. Porém, ao passo que este exame deve ser incessante e persistente, ele se torna também perigoso se vos tornardes centralizados em vós mesmos e muito mais interessados em vossos próprios sentimentos, nos vossos próprios desejos do que nos desejos e sentimentos dos outros; pois que deste egocentrismo, naturalmente, surge a morbidez, a depressão e a tristeza. Aqueles que buscam o caminho da paz devem lutar contra este perigo. Aqueles que buscam a Verdade, posto que examinem a si mesmos, posto que se inspecionem, façam indagação, e critiquem as emoções do eu, não devem ser mórbidos, não devem olhar apenas para dentro de si, porém devem voltar-se para o exterior com contentamento e atividade.

Quais são, pois, as energias destrutivas que nos atam, que nos tornam estreitos e atuam no sentido da limitação? A cólera e a irritação, o ciúme e o ódio prendem, como também os aborrecimentos, as nossas invejas de outrem, o nosso ódio a outrem, o nosso egocentrismo; tudo isto limita, liga, todas essas emoções são destrutivas.

Por outro lado, existe somente uma energia construtiva, que pode ser desdobrada em múltiplas outras, e essa é o amor. O amor, na sua forma mais rudimentar é experimentado tanto pelos animais como pelos seres humanos, porém, desse amor, nasce a devoção, que é o amor na sua mais alta expressão, que é impessoal, puro forte e sereno. No desenvolver este amor superior tendes que passar da treva para a luz, do irreal para o real. Assim, seja qual for a forma do amor, ainda que mesquinha, não desenvolvida, no estágio de botão não aberto, apegai-vos a ele, animai-o, glorificai-o e tornai-o puro, pois o amor, seja qual for a sua forma, é criador e expansivo.

O amor de um indivíduo por outro, posto que limitado, gradualmente evoluirá para o amor da pátria, pela força da evolução, até que oportunamente se tome o amor por todo o mundo. Podeis traçar para vós próprios o processo de expansão deste amor. Um tal amor, se for devidamente cultivado, verdadeiramente compreendido, produzirá a cultura, o refinamento, pois que o refinamento e a cultura são produtos da consideração por outrem.

Sem um coração calmo e, além disso, vibrante, não compreendereis a chama que baila constantemente, que sempre está viva e eternamente ardendo. Assim, afim de produzirdes essa dança criativa do amor, tendes que possuir dentro de vós o percebimento de que sois parte da chama, parte desse mundo eterno no qual existe a Libertação e a Felicidade.

Krishnamurti, na busca dessa Felicidade e Libertação que a todos igualmente espera, viveu outrora no vale, onde por muitas vidas foi escravo das emoções, dos desejos, dos anelos somente do corpo físico. Pois que, em seu progresso para o cimo da montanha, esse indivíduo teve que provar, que experimentar, teve que colher os frutos de todas as emoções, de todas as tristezas, de todos os prazeres afim de preencher e atingir o fim. Porém, pelo processo gradual do tempo, pelo sofrimento, por meio de desejos os mais intensos, tornou-se escravo das emoções, foi colhido no turbilhão dos desejos e anseios e durante muitas vidas permaneceu nesse estado; depois, gradualmente, assim como a primavera vem após o inverno fatigante, começou ele a perceber que a Felicidade, e a Libertação só poderiam ser alcançados por meio da subjugação e domínio do corpo físico e das emoções; e que, por isso, necessitava desenvolver a mente, pois que a mente é o guia, o dominador. Vida após vida, começou a acumular experiências nessa mente, exatamente como se enceleira o grão. Como se constrói um edifício tijolo por tijolo, gradativa e vagarosamente, pelo trabalho, pela luta, pela tristeza, pela energia criativa e pela imaginação, assim também começou, por meio desta experiência, a construir em sua mente o edifício que o deveria levar à morada do Bem Amado. E mediante a construção deste edifício, por meio do aperfeiçoamento dos seres físico, emocional e mental dentro de si mesmo, por meio da harmonização gradual e do domínio dessas entidades, tornou-se capaz de entrar em contado com essa voz que é a voz da experiência, que é a intuição, a voz de toda a humanidade; pois o resultado da experiência é o mesmo para todos, quando as lições da

experiência houverem sido aprendidas. Como uma corrente que a princípio é muito pequena e insignificante e colhe mais águas à medida que avança, recolhe em si mesma outras pequenas correntes até que se torna um rio caudaloso e se une ao oceano, assim Krishnamurti tornou-se capaz de colher experiência, pouco a pouco, vida após vida. Posto que insignificante a começo, pelas suas lutas, pelos seus anseios, pelos seus prazeres, pelas suas devoções e pela sua energia, tomou-se capaz de ser como uma torrente rumorosa, e assim pode unir-se ao Bem Amado. Assim, o começo e o fim, assim a noite e o dia se juntaram. Posto que fosse uma pequena individualidade no começo, tornou-se capaz de ver o Bem Amado e de, a seu tempo, perder-se a si próprio nessa consciência, nessa chama, nessa Libertação e Felicidade.

Afim de atingir esta Libertação e Felicidade que é a meta para todos, que é para todos a finalidade, aqueles que procuram tal finalidade tem de compreender, devem aprender a dominar, a guiar e adestrar as suas mentes. A maioria das pessoas dá-se ao trabalho de manter o corpo físico belo, jovem, vívido, cheio de energia e tão destro quanto possível; porém, como a mente não é percebida, não lhe prestam tanta atenção quanto ao corpo físico; aquele porém, que quiser atingir a Libertação, aquele que quiser compreender esta Felicidade, aquele que se quiser unir com o Bem Amado, aquele que quiser proporcionar Felicidade e Libertação aos outros, tem que aprender a despende uma grande parte do seu tempo e energia afim de criar uma corrente grande e pacífica. Necessita possuir uma mente dominada e apesar disso elástica, que ceda, que não seja estreita, uma mente desejosa de aprender, apurada e culta; e para aquisição de uma tal mente, a experiência durante muitas vidas se faz necessária. Pois das lições da tristeza e da dor, das lições dos anseios e imensos desejos, nasce a inteligência - a inteligência que discerne, escolhe e encaminha.

Afim de atingir a Libertação é a mente que deve atuar como guia e não os entusiasmos, quer das emoções, quer do corpo físico. Pois a mente é um criador ou um destruidor e, como a mente está sempre construindo ou destruindo por si mesma, sem atender aos seres emocional e físico, enquanto não for levada à harmonia com os outros dois, não cultivará a intuição. O mais elevado propósito da mente é desenvolver essa intuição que encaminhará o nosso ser inteiro de vida em vida.

Como na mente existem os lados construtivo e o destrutivo, consideremos, em primeiro lugar, o construtivo. A meta e o fim para todos, independentemente de temperamento, independentemente de nacionalidades, independentemente de todas as coisas, é a Libertação e a Felicidade; e no desenvolvimento do lado criativo da mente reside a compreensão da meta. Aqueles, portanto, que quiserem ser libertos, que quiserem entender esta felicidade, necessitam estudar e compreender todas as faces da vida e não uma somente. Ao ajudar os outros a atingirem a Libertação e a Felicidade temos que encarar todas as formas de vida - religião, política, ciência e arte. Todo o ser humano, quer ele seja de uma região distante ou de nosso próprio país, deseja atingir esta Libertação e Felicidade; qualquer destas formas pode ser o seu meio de atingí-la. Aqueles que quiserem ajudar a outrem realmente de um modo duradouro, necessitam buscar por que linhas melhor podem utilizar suas energias criativas.

Do lado destrutivo da mente - pois enquanto não atinge o estado de Libertação toda pessoa possui tanto o lado construtivo como o destrutivo - encontra-se a intolerância. A não ser que compreendais que a Libertação e a Felicidade constituem a meta, a finalidade para todos, manifesta-se a intolerância; e desta intolerância nasce a crítica e o sentimento de superioridade. Porém, quando compreenderdes que o fim para o homem é a libertação, como a finalidade do rio é o oceano, não haverá mais intolerância, nem crítica, nem ódio, nem sentimento de superioridade.

Uma outra face destrutiva da mente, o exagero da importância do eu separado, do eu que naturalmente, pelo decurso do tempo, durante o período de ascensão, da planície até ao cimo da montanha, é glorificado, torna-se cada vez mais poderoso, até que, finalmente é destruído e torna-se parte do eterno, do Bem Amado, parte dessa chama. Enquanto isto se não houver realizado, a importância do eu, o exagero do eu, existe em todos nós e daí nasce o orgulho do indivíduo, daí nasce o orgulho destrutivo e desse orgulho vem a crueldade, a crueldade mental da superioridade, da indiferença e deste nasce a arrogância, o orgulho de raça, de casta, de riqueza, de cultura, de refinamento. Assim, aquele que quiser desenvolver o lado construtivo de sua mente, necessita compreender que, a Libertação e a Felicidade são a meta única e que somente trabalhando para isso a intuição o auxiliará.

Na sentido de construir este lado criativo do intelecto, é preciso que haja solidão, tempo para pensar, tempo para colheita, para contemplação, para sonho, para meditação. Necessitais aprender a dominar a mente, a tornar a mente ativa e, ao mesmo tempo, obediente; e, quando for completa a união dos três seres dentro de vós, então a voz da intuição vos guiará para sempre e vos conduzirá à Libertação e à Felicidade. A Libertação e Felicidade é um produto de vós próprios, posto que todos, ao atingí-la caminham juntos; é uma criação individual, posto que todos, ao criarem-na, se encontram reunidos; a descoberta deste Reino da Felicidade e Libertação decorre de uma energia e esforço individual, mas, ao descobrir este Reino da Felicidade e Libertação vos encontrareis com todas as pessoas do mundo que se esforcem, que conquistem e que alcancarem o êxito. Assim, a mente, o coração e o corpo, quando unidos, se juntarão ao Bem Amado, ao Eterno e a essa chama da qual cada eu individual é uma centelha.

A ESTRELA - Vol. I - N. 9 - Setembro de 1928

OS DESCONHECIDOS

J. Krishnamurti

Nas grandes altitudes
Onde os montes nevados
Vão de encontro ao firmamento azul,
Reparei dois estranhos.
Palestramos um pouco
E nos separamos depois
Para nunca mais.
Como duas naves
Nas águas abertas do mar
Passam uma pela outra
E seus viajantes
Acenam mutuamente
Para não mais se verem,
Assim se deu conosco
Neste oceano da vida.
As vezes sentia-me triste
A passagem
De um desconhecido,
Por algum lugar solitário.

Porém ontem
Quando os dois desconhecidos
Com quem me deparei
Desapareceram
Nas voltas de uma senda estreita,
Meu coração foi com eles,
E comigo eles ficaram;
De que país,
A que fé pertenciam,
Eu não sei
Nem de tal cuidado.
Estavam como eu,
Num lugar solitário,
Buscando visões novas,
Galgando alturas maiores,
Vencendo perigosos caminhos,
Para descerem ao vale
Novamente.
Esta incessante luta
Para galgar o cimo da montanha,
Raramente lhe atingindo a glória,
Porém voltando sempre
Às planícies,
Onde o homem faz sua morada
Tem sido o meu lidar
Vida após vida.
Porém agora,
Ó desconhecidos,
Atingi o pináculo
Da serra misteriosa.
Conheço muito bem

As lutas que ela implica,
As grandes fendas que dividem,
Os precipícios em que os homens se despenham.
Conheço muito bem
A multidão de sendas
Circundando a montanha
Mas todas se encontrando
No trilho estreito
Para além do qual
Todos têm que subir
Se quiserem alcançar
O cume da montanha.
Só existe um caminho
Que lá em cima conduz
Para além desse atalho.
No qual todas as sendas
Convergem.
Desconhecidos,
Não sei
Onde estais vós
Por que alegrias,
Porque lutas passais.
Porém, vós sois eu mesmo.
Como duas estrelas
Vêm de súbito ao ser
Numa noite escura,
Assim vós dois
Entrais em minha visão
E nela vos firmais.
Meu coração é o coração
Do meu Bem Amado,

Abrange a multidão.
Ó desconhecidos meus,
Uma vez mais
Viremos a encontrar-nos,
Vós e eu.
Habito na morada
Que é o fim
De todo o jornadear.
Unir-se ao Bem Amado
É amar tudo.
Pois que em tudo
Habita o Bem Amado.

A ESTRELA – Vol. 1 – N. 9 - Setembro de 1928

VERDADE OU LEALDADE

J. Krishnamurti

(Discurso Inaugural, Acampamento da Estrela, 4 de Agosto de 1928)

Quero palestrar muito seriamente esta manhã e espero que me presteis vossa cuidadosa atenção, e por isto eu entendo que deveis encontrar-vos mais prontos a ouvir do que a efetuar o sacrifício dos não sábios, mais ansiosos por compreenderdes por vós mesmos, do que por submeterdes vosso entendimento, por limitado, por inexperiente que seja, à autoridades externas, à influências, imaginações e propósitos exteriores. Assim, durante a próxima semana, a fim de poderdes tornar perfeitamente claro a vós próprios o que tenho a intenção de dizer-vos, muito gostaria que excluísseis de vossas mentes todas as coisas que tende a complicar, tais como crenças, dogmas, meias verdades, tomadas da compreensão de outrem; e tentásseis acompanhar-me durante toda esta semana com coração límpido e mente equilibrada. Como terra crestada que espera a chuva que há de produzir a verde folhagem, flores perfumadas e sombras aprazíveis, assim, também, durante dezessete anos, haveis construído por vossas mãos certos abrigos de conforto nos quais imaginais que podeis descobrir a Verdade; nos quais pensais atingir essa eterna felicidade, essa certeza de propósito, essa esperança durável que há de nutrir e encorajar vossas mentes e corações. E assim como a chuva, traz à existência renovos verdes dos ramos mortos de ontem, assim a Verdade produzirá o entendimento em vós, se realmente expelirdes todas as vossas mesquinhas fantasias, vossas semi-adquiridas verdades, vossas pequenas esperanças, vossas crenças nebulosas, e se examinardes as vossas mentes e vossos corações límpida e puramente com uma ânsia que provenha do êxtase do propósito.

Para algumas pessoas, temo eu que este Campo se tenha tornado um hábito, como um lugar de veraneio durante o estio onde se reúnem para uma temporada agradável. Outros,

porém, vêm aqui não tanto para gozarem o ar livre, o espaço aberto, as árvores verdejantes e a tranquilidade, mas para buscarem como distinguir entre o que é importante, essencial, perdurável e o que é não importante, não essencial, transitório. E se viestes para o Campo para não inquirir, para não duvidar, mas simplesmente para vos divertirdes, meramente para buscar um abrigo para consolo vosso, então o Acampamento, em si mesmo, tornar-se-vos-á inútil. Apraz-me sugerir-vos que, enquanto aqui estiverdes durante esta semana, deveríeis duvidar de tudo, por tudo de lado, tudo quanto houverdes colhido durante estes dezessete anos; pois que, se quiserdes subir, à grandes altitudes, pouco podereis levar convosco; se quiserdes mergulhar nas águas profundas pouca coisa deveis conduzir convosco. Assim, também, do mesmo modo, se quiserdes compreender a Verdade que vos vou expor, que para mim é a Verdade absoluta - absoluta no sentido de ser infinita -, deveis deixar de parte a colheita destes múltiplos anos. Porém, ao passo que efetuais isto, não vos deveis tornar negativos, porque, então, sereis influenciados pelo que eu digo enquanto aqui estiverdes; e tão depressa deixeis este lugar sereis influenciados por outrem. Assim, eu vos incitaria, a cada um de vós, individualmente e não coletivamente, a duvidardes de tudo; e, como não estais - acostumados a duvidar, isto vos vai ser muito difícil. Só encontrareis a Verdade colocando de lado tudo quanto houverdes alcançado e não sentindo-vos satisfeitos com o resultado de vossa experiência. É pela negação constante, pelo constante por de lado tudo que houverdes ganho, de modo a subir mais alto, que entrareis no Reino da Felicidade onde existe a Verdade que é o remate da vida.

Chegamos a uma época em que cada um de nós tem de certificar-se por si mesmo, manter-se por si mesmo, em que cada indivíduo deve defrontar seu próprio entendimento e em que cada qual tem que decidir se transigirá com pequenas coisas que são uma traição à Verdade. Eu vos explico o que entendo por isto. Abrir curso às pequenas coisas é, às vezes, necessário e não tem muita importância. Se alguém me pedisse para vestir um casaco cinzento em vez de um azul, certamente eu o faria; porém, se alguém me pedisse para transigir com a Verdade, o que significa desperdício de energia em coisas que não têm valor, então eu não o faria. Como disse, chegamos a um tempo em que precisamos decidir (não digo isto como uma ameaça, não o digo senão com a esperança de convidar-vos a entrar nesse Reino da Felicidade, Nirvana, Libertação ou como quer que o chameis); porém, assim como haveis esperado durante dezessete anos, esperando, inquirindo, maravilhando-vos, considerando ansiosamente todas as coisas, e como a chuva desce a uma terra crestada, assim, no final desses anos o esperado acontecimento teve lugar - se fordes sábios, equilibrados, e se estiverdes desejosos de encontrar a verdade que é absoluta, que, não conhece variação, que é incondicionada, ilimitável, então deveis estar preparados para vos despojardes de tudo que houverdes conquistado. Não vos impele a vida constantemente para a frente, não vos deixando, permanecer em um lugar único? Não é vossa tristeza criada pela estagnação, pela imaginação de que obedecendo a autoridades externas encontrareis a Verdade? Para encontrardes a Verdade, como vo-lo disse, deveis desejar negar tudo quanto houverdes acumulado. Durante estes dois anos últimos, como as águas suaves que serpenteiam através das planícies, assim temos coleado sem qualquer propósito definido.

Não desenvolvemos essa branca chama que é necessária afim de queimar as escórias acumuladas. E pelo fato de ter havido o espírito de avanço fácil e suave compreensão, de autoridade, de engano, chegou o tempo em que, cada qual, sem ser embaraçado ou impelido por outrem deve decidir por si mesmo se quer reconciliar pequenas coisas com a Verdade. Como disse, não podeis transigir com a Verdade e pelo fato de todos estarem tentando conciliar o inconciliável manifesta-se a tristeza, há a luta, a discussão, e a confusão. Embora vos junteis aqui todos os anos para me escutardes, e para gozardes o ar livre e a fogueira do Acampamento, se não fordes sábios esta reunião será inútil. Se não inquirirdes desde o próprio início as vossas razões para aqui estardes, o Acampamento não terá valor para vós. Se não houverdes duvidado dos próprios alicerces de vossa estrutura, vossa edificação não perdurará. Como haveis de construir para um século ou para muitos, muitos séculos sobre alicerces fracos que não durarão um ano? Tudo que houverdes construído poderá ser derrubado pela dúvida por haverdes baseado vosso entendimento, através das idades, sobre a autoridade, sobre o culto pessoal. Peço-vos, não vos agiteis, não desencadeeis vossas emoções, não permitais que o vosso intelecto se aposses de vós. Para entender sabiamente, é preciso que tenhais harmonia da mente e do coração e a compreensão que nasce com o espírito do conhecimento.

Durante este Acampamento quero que vós, através das vossas ansiedades, das vossas agitações, do vosso excitamento, tenhais um sonho que seja duradouro; e alcanceis a visão que perdura.

E só podereis efetuar isto, se possuídes um entendimento claro dos propósitos da vida e da plenitude que advém desse entendimento. Portanto, se fizerdes convite à dúvida a partir deste momento mesmo e não deixardes que ela insidiosamente rasteje para as vossas mentes e corações, então, aquilo que restar será a Verdade e o que não for essencial nem permanente passará, e sereis capazes de ir para o mundo e satisfazer a sede ardente, a tristeza de todos.

Que tendes que temer? Por que vos achais todos ansiosos? Porque estais vos esforçando por conciliar vossas crenças com o inconciliável que é a Verdade, esforçais-vos por achar abrigos onde não os há, esforçais-vos por encontrar esperança onde ela não existe. A Verdade não proporciona esperança; mas dá a compreensão e, desde o momento que tendes compreensão, tudo mais é de secundária e, portanto, fútil importância. E, como tendes que vos retirar no final deste Campo e vos dispersar pelo mundo, se não houverdes entendido, se por vós próprios não houverdes encontrado a Verdade, porém se tiverdes desviado vossa compreensão sobre a autoridade de outrem, todos os ventos e tempestades da dúvida exterior destruirão aquilo que houverdes construído durante esta curta semana. Assim, quisera que vós construísseis comigo esse poço que extinguirá a sede de todos os povos do mundo. A única coisa de importância na vida, a única coisa essencial, o único propósito vital da vida é dissolverdes os vossos problemas, estabelecerdes as águas da vida dentro de vós mesmos e não simplesmente tomar as águas ralas de outrem, ou as águas que em mim se acham estabelecidas. Isto é assunto bastante sério para que continueis a vos sentir satisfeito de brincar com os instrumentos que escavam o poço. Espero que todos vós estejais pensando comigo, pois que, se meramente vos derdes a escutar as palavras que utilizo, perdereis o significado que sob elas se encontra. Necessitais, antes, colher esse espírito de entendimento que se encontra por detrás de todas as palavras. Assim, pois, enquanto vos encontrardes neste Acampamento, durante esta curta semana, eu sugeriria que buscásseis a solidão - essa solidão de que vos atemorizais tanto. Não deis ouvidos a outrem, por sábia e profunda que seja a sua interpretação da Verdade; não permitais que as vossas emoções e a vossa mente sejam arrebatadas, porém mantende-as sob domínio, em equilíbrio, para plena compreensão da Verdade. E quando buscardes a solidão, longe dos torvelinhos das dúvidas de outras pessoas, de suas perguntas, ansiedades e fantasias, se vós próprios convidardes a dúvida, então descobrireis esse poço de Verdade cujas águas saciam a sede do mundo.

E como é hábito do homem o egocentrismo, sugeriria que mais que nunca estivésseis centralizados em vós mesmos, afim de que a vossa ego-centralização se torne tão forte, tão pura, que encontreis a Verdade, que removais todas as sombras e extirpeis toda a desarmonia de vossas mentes e corações afim de que permaneçam puros. No fim de tudo, ter uma compreensão plena, com harmonia da mente e do coração, eis o propósito da Vida. Necessitais de tantas coisas para vos auxiliar e guiar, tantas muletas para proporcionarem o entendimento. As muletas não dão o entendimento; dificultam a marcha; impedem, embaraçam a vossa marcha para adiante. Durante esta semana, deitai fora todas as vossas muletas, deitai fora todas aquelas coisas que imaginais serem tão necessárias para a purificação e fortificação das vossas mentes e corações. Assim como no verde recôncavo existe uma primavera perpétua, que o mantém fresco, vívido e alegre, assim, também, se puserdes de lado todos os cuidados oriundos de vossas fantasias, aquelas coisas que até agora haveis considerado essenciais para o vosso crescimento, encontrareis uma primavera que conservará vossa mente e vosso coração eternamente jovens, jubilosos, brilhantes. Depois disto, se me é dado sugerir-vos uma coisa sem ser erradamente entendido, não sejais leais a ninguém, porém sede leais a vós próprios. Por serdes leais a tantas pessoas, haveis vos esquecido de como serdes leais à Verdade que é vós mesmos. Para vós, lealdade a uma pessoa é maior do que a lealdade à Verdade; espero que nunca sejais leais a mim, mas que o sejais antes a vós mesmos e, então, encontrareis uma primavera perpétua que manterá vossas mentes e corações eternamente puros, afim de que a todos sejais leais no mundo. Pelo fato de serdes leais a um indivíduo, excluídes de vossa mente e coração a lealdade devida a todos e a lealdade devida a vós próprios.

Assim, se fordes sábios durante esta semana, encontrareis aquilo que buscais; encontrareis a força e a compreensão que vos dará sua manutenção, sua grandeza, seu poder para vos elevar. Chegou o tempo, como o disse, em que não mais deveis transigir com a Verdade; em que não mais vos deveis sujeitar às imposições da autoridade, pois se o fizerdes, não encontrareis o eterno e absoluto. Durante muitos anos haveis boiado a fluxo das águas suaves onde não há muitas rajadas e tempestades, porém onde tudo segue pacificamente; e agora haveis chegado aos mares abertos, quer o queirais quer não, onde existem tempestades e

tormentas, onde todos os vossos navios naufragarão de modo a serdes experimentados quanto à vossa compreensão da vida, que por vós próprios haveis estabelecido no reino da Verdade. No que a mim se refere, encontrei a Verdade e esta Verdade em mim está estabelecida; e como me escutais todos os dias, vou criar em vossos corações e em vossas mentes uma tempestade de dúvida, uma tempestade de ansiedade, afim de que encontreis felicidade duradoura, sem variação e por meio dela realizeis a finalidade da vida. Geralmente, vindes a este acampamento para serdes protegidos contra as vossas ansiedades, as vossas dúvidas, porém durante esta semana, vou arrebatá-los, se o puder, todos os travesseiros, todas as muletas, de que dependeis; não porque eu seja rude, mas porque estou enamorado da vida, enamorado de cada um de vós e vos quero enamorar de todas as coisas e não somente de uma única manifestação dessa vida. Sei que vos retirareis daqui dizendo: quão duro e cruel ele é; porém, o que preferis? Um médico que vos cure e vos dê o poder de vos manterdes eternamente com saúde, ou um médico que vos dê drogas momentâneas para curar vossos sintomas sem tocar na raiz da doença? Assim falo não por ser rude, mas ao contrário, por um imenso afeto que tenho no meu coração e por causa deste afeto, deste amor, quero mostrar-vos o caminho para atingirdes a primavera eterna cujas águas devem limpar vossas mentes e corações.

Podeis ter - como sei que tendes - grande devoção a esta forma, porém não tendes a mesma devoção à Verdade que é o que em vós eu quero despertar. Podeis dar-me vosso afeto; podeis demonstrar-me vossa devoção, porém, na realidade, isto não é de grande importância; o que é importante, é que vos torneis discípulos da Verdade, não do intermediário, - não da sombra que se mantém entre vós e a Verdade. Assim, digo-vos novamente que chegou o tempo em que não mais podeis reconciliar vossas pequenas crenças com a Verdade; antes quero uma pessoa que não tente transigir com a Verdade, do que milhares que continuamente estejam traindo a Verdade; antes quisera uma pessoa que compreendesse do que milhares delas que meramente se limitem a repetir as minhas palavras com máscara diferente. Assim, durante esta semana, afim não serdes insensata, mas sim sabiamente transtornados, espero que prepareis vossas, mentes e corações, deles tirando todas as ervas daninhas que contém. Pois ides ser derrubados. Não me importa que no final desta semana, todos vós decidais não voltar ao Campo no próximo ano; não me preocupa se no fim desta semana não mais me conserveis em vossos corações e mentes, porém quero mostrar-vos que aquilo que é falso, que é transitório, jamais vos poderá levar à Verdade e à Felicidade. Afim de atingirdes, afim de obterdes a finalidade, tendes que passar por grandes descontentamentos, grande revolta, grande tumulto, porém vós não quereis passar por isto. E como não tendes tido vontade de o fazer nestes últimos dois anos, e por ter chegado agora o tempo de se fazer isto, eu o farei para vós, não por crueldade; não por ser rude, não por falta de afeição, mas, ao contrário, por amor. Estou apaixonado, não por vós, mas pelo que está para além de vós, não pelos vossos semblantes e vestidos mas pelo que é Vida, pelo que é o Bem Amado. E porque estou enamorado, quero vos tornar nobres, puros, fortes, afim de que vossa manifestação, vossa expressão, perdure e dê o consolo que provem do entendimento. Assim, se fordes sábios, daqui por diante, durante esta semana estareis preparados para duvidar de tudo. Todos os vossos sistemas, vossas filosofias, vossas meias-verdades devem desaparecer para encontrardes o Eterno. E espero que não deis ouvidos a ninguém, porém que somente escuteis a vossa intuição, o vosso entendimento, e deis uma polida recusa a todos aqueles que quiserem ser vossos intérpretes. No fim de tudo, o problema individual é o problema do mundo. Se o indivíduo for feliz, harmonioso e estiver em paz, ao redor dele haverá felicidade, harmonia e paz. Quando deixardes este campo quero que tenhais estabelecido por vós próprios essa paz e essa compreensão que não podem ser abaladas.

A ESTRELA – Vol. I – N. 10 – Outubro de 1928

A BUSCA DO BEM AMADO

J. Krishnamurti

Amigo,

Eu indico o caminho
Que abre teu coração
À vinda do Bem Amado
Como o metal precioso
É achado à grande profundidade
E à sua descoberta
Fundo tens que sondar
No coração do mundo,
Assim tens,
Se contemplar quiseres
A face ao Bem Amado,
Que bem fundo sondar teu coração,
E despedaçar
Véu após véu
Que encobrem a Glória,
A Luz da tua vida.
Como o fogo
Se entenebrece
Com espessa fumaça
Antes de vir a ser
A chama que ruge,
Assim, ó amigo,
Teu coração e mente
Estão em treva nevoenta
Que pode ser dispersa
Só pelo teu desejo
E purificado propósito.
Amigo,
Teu Bem Amado,
Desejo de teu coração,
É o meu Bem Amado.

Em tempos pretéritos
Havia um véu
Que O separava de mim,
Porém hoje
Destruí
Essa separação
E O recebi dentro de meu coração.
Ali habito
E consumido estou
Por Seu amor.
E digo-te
Que o meu Bem Amado
É o Bem Amado de todos.
Ele e eu somos um,
Inseparáveis estamos,
Na eternidade e para sempre.
Sim.
Eu encontrei o caminho
Que te oferece o êxtase
Do propósito
Que em ti evolverá a beleza
Da Vida,
Que te dará ventura
E a todos.
Que te será portador do conforto
Da verdade.
Amigo,
Não esperes pelas sombras escuras
Que hão de encher o vale interceptando
A vista ensolarada da montanha,
Pois que à luz do dia

Podes ver o caminho
Que te há de conduzir às grandes altitudes
Onde as névoas da vida
Não te hão de confundir.
É este o tempo
Em que avançar deverás
Na luz meridiana
O Bem Amado é contigo
Pois Ele e eu somos um.
Amigo,
Assim como no inverno
Não podes semear as sementes
Que te hão de dar
A nutrição do ano a vir,
Assim em horas de treva,
De luta e confusão
Não podes deitar os alicerces
Da felicidade duradoura
Que há de ser a primavera
Da tua vida.
Amigo,
Como na primavera
Em que toda a semente
Brota do solo
Para a glória de sua conquista
Assim nos dias
De teu rejubilar grandioso
Todo o ato de teu pensar,
Toda a ação de seu sentir
Virá a ser
Para plena fruição

E há de proporcionar-te
O pesar que lhe é implícito.
Amigo,
Como ao cair das folhas
É triste
Ver a verde folhagem
Desmaiar e morrer,
Angustioso é também
Que vinda a desolação
Ninguém venha livrar-te
Das sombras de tua criação.
Amigo,
Há épocas para tudo.
Este é o tempo
Em que avançar tu deves
Na meridiana luz.
O Bem Amado é contigo
Pois Ele e eu somos um.
Qual viajor
Com plena ciência
De seu roteiro
Deixa de lado
Todas as coisas que o sobrecarregam
Na jornada,
Assim, ó amigo,
Deixa tudo de lado
Tudo o que te embaraça
Em tua viagem
Em busca do Bem Amado.
Pois sem o Bem Amado
Não haverá consolo,

Nem tão pouco regozijo,
Nada de permanente
Em tua felicidade,
Mas antes,
Haverá confusão,
Luta e conflito nos propósitos,
Escuridão e busca,
E a labuta e a miséria.
Amigo,
O Bem Amado és tu,
Mas para o realizares
E para conservá-IO
Firme em teu coração,
Seguro em tua mente
É necessário que não exista
Recinto escuro e oculto
Em teu ser.
Nenhum pseudo-consolador
Nem Deuses agradáveis
Que te dêem advertências
Fáceis de seguir,
Cobiças que te prendam,
Crenças a te abrigarem
Em sua escura sombra,
Pensamentos,
Afetos que te sejam embaraços.
Amigo,
Persegue o eu
De um a outro abrigo
De um templo a outro maior
De um desejo a outro ainda mais vasto

De uma vaidade a outra mais potente
E sem piedade expulsa-o
De suas delícias pela senda abaixo,
Inquire-o sem cessar
Em suas mortais incertezas
Até que pelo tempo
Ó amigo
O conduzas
À luz meridiana
Onde não deite sombra
Onde se una
Com o Bem Amado.
Então sentirás
O Bem Amado,
Então serás
Semelhante a ti mesmo.
Amigo,
Há épocas para tudo.
E este é o tempo
Em que caminhar deverias
Na luz meridiana
Pois o Bem Amado é comigo
Pois Ele e eu somos um.

A ESTRELA – Vol. I – N. 11 – Novembro de 1928

O TEMPO DA COLHEITA DA VIDA

J. Krishnamurti

Mês após mês publicaremos em "A Estrela" as palestras realizadas por Krishnaji, para um grupo de estudantes reunidos, no verão passado, no castelo de Eerde. Não foram revistas por Krishnaji, pois isto importaria em uma demora de muitos meses em sua publicação. Leram-nas, no entanto, cuidadosamente,

varios daqueles que a elas assistiram e estes as consideram reprodução correta e exata do que então disse **Krishnaji**. O tom quase pessoal - inevitável, falando-se a um grupo de amigos - traduz com precisão a forma por que foram pronunciadas as palestras.

Em meu quarto, onde havia muitas flores, onde havia muito sol, apesar de estarem fechadas todas as janelas, eu vi ontem uma borboleta esvoaçando contra as vidraças: ela via o céu azul, do outro lado, e procurava fugir para o ar livre e portanto, para a liberdade. Eu a observei por algum tempo. Primeiro ela subiu para ver se havia alguma passagem em cima; depois veio para baixo; esvoaçou pela janela toda sem poder achar nenhuma saída, até que afinal eu abri a vidraça e deixei-a sair.

Assim são os homens; estão presos numa gaiola de cristal, e procuram fugir para o ar livre. Mas, antes de experimentar um intenso desejo de fugir, (como é o da borboleta quando cobiça as flores, o perfume, o mel e as suas companheiras), os homens procuram saber de que vidro é feita a gaiola, que idade tem o cristal, quem o manufacturou, em que época foi formado, se ele possui o seu correspondente em outros planos, se o Logos o criou ou se ele foi feito pelo homem, e se o plano físico é o único em que existe o sofrimento.

Ao contrário da borboleta, eles não têm desejo algum de fugir, eles não têm desejo algum de se libertarem por completo e de voar para a imensidade na qual há ventura e liberdade. Eles sabem que essa liberdade, essa libertação e essa felicidade existem; mas, antes de realizá-las, antes de poder gozá-las, eles precisam de fazer todo aquele minucioso exame, dos pormenores da construção, do material do vidro da gaiola. Estão presos a essas coisas sem valor, e não podem encontrar a liberdade que as suas almas amam, pela qual anseia o seu ser inteiro.

E o meu propósito, durante estas preleções, tem sido mostrar-vos como estais aprisionados nessa gaiola de cristal. Embora percebais a luz do sol, a liberdade lá fora, continuais contudo fechados na gaiola de cristal. E, enquanto não desejardes fugir, enquanto não buscardes Libertação e Felicidade, permanecerás engaiolados, porque a vossa Libertação só poderá vir quando for aniquilada a gaiola de cristal que vos aprisiona. Tal aniquilação consiste no desdobraimento do eu, o que eventualmente, é a destruição do eu. E porque tendes orgulho de vossas pequenas vaidades, de vossas pequenas interrogações, de vossas pequenas ansiedades, é que estais ainda encerrados na gaiola de cristal. Todavia, no momento em que perceberdes a imensidade do firmamento azul, no momento em que sentirdes o ar fresco e gozardes do hálito das montanhas, no momento em que não questionardes a gaiola, mas lutardes para despedaçá-la com a vossa própria energia, com a vossa própria força criadora, então começará a realização interna, então dar-se-á o desdobraimento, o desenvolvimento do eu.

Nas minhas preleções, tenho procurado mostrar-vos que nenhuma autoridade externa, por magnífica, por admirável que ela seja, nos pode ajudar. A única autoridade que deveis obedecer está dentro de vós. Nunca foi meu desejo criar partidários para mim, nem para o meu modo de pensar; desejei sempre criar em vós o anseio de encontrar a Verdade por vós mesmos, de fugir para aquela plena liberdade, onde se alcança a verdadeira destruição do eu.

E, se compreendestes as minhas preleções, achareis que a Verdade é o único guia, o único Guru, o único altar em que deveis adorar, e a Verdade é o Bem Amado, e o Bem Amado está dentro daqueles que sofrem, que anseiam, que se esforçam por achar a Verdade. E o Bem Amado vem para aqueles, e bate a porta do coração daqueles que têm semelhante anseio, que têm o desejo intenso de descobrir e de ser um com o Bem Amado.

Como a árvore está carregada de muitas folhas, assim está o homem carregado de ansiedades, tormentos, perturbações, prazeres ,e alegrias. Como as folhas caem e secam durante o outono, assim, do homem que atingiu a Libertação e a Felicidade afastam-se todas as tristezas, todas as penas, todos os prazeres. Ele é eternamente uno com a grande, duradoura, perpétua felicidade. Porque aquilo que estabelecerdes dentro de vós jamais poderá ser duvidoso, nem poderá jamais haver reação contra aquilo que construistes por vós mesmos.

A Libertação e a Felicidade, e os meios para conquistá-las acham-se em vossas próprias mãos, estão ao alcance do vosso próprio poder, são o objetivo final de todos. Se elas estiverem firmemente estabelecidas dentro do coração e da mente de quem as busca, embora este

permaneça por muitos dias, como a árvore, carregado de folhas de ansiedade, de tristeza e de prazer, ele poderá sempre fazer secar as suas ansiedades, as suas tristezas; poderá sempre fazê-las cair como folhas no outono.

Como não há dúvida alguma para mim de que se possa atingir aquela Felicidade, procurei sempre, nas minhas preleções, estabelecer em vossas próprias mentes a visão da Libertação, de modo a não haver nenhuma dúvida para vós, de modo que pudésseis ver a realidade por vós mesmos e apreender a verdade daquela visão.

E isto afirmo de que, quando estiverdes no mundo, longe deste lugar, não haja de novo nenhuma questão, nenhuma dúvida, nenhuma ansiedade, nenhuma pesquisa, nenhuma investigação ou tatear na escuridão.

Uma vez firmemente estabelecida a realidade dentro de vós mesmos, podereis sempre retirar-vos para esse recanto de vossa mente e de vosso coração, e buscar ali conhecimento, buscar entusiasmo, inspiração. Para aqueles que procuram, há somente uma fonte de entusiasmo, deleite e felicidade, e essa fonte está dentro deles mesmos; e aqueles que contam com outrem para obter animação e felicidade, fracassarão em suas pesquisas. Aqueles que tiveram a ventura de estar aqui durante estes dias conseguiram, penso eu, estabelecer firmemente a verdade dentro de si mesmos, de modo a não haver daqui por diante nenhuma hesitação na busca dessa verdade. E isto é possível porque criastes em vós mesmos, em vossas próprias mentes e em vossos próprios corações, o edifício, o altar e o templo nos quais podeis adorar sem nada externo - pois vós mesmos sois o vosso deus e a realização da Felicidade e da Libertação.

Para obter essa Libertação e essa felicidade, é mister que tenhais capacidade de amar, de devoção, e grandes energias, afirmo de construir este edifício com magnificência, de modo que o que tiverdes construído o tenha sido por vós mesmos, com o vosso próprio material, com o vosso próprio sofrimento, com os vossos próprios prazeres. Porque aquilo que for criado com as vossas próprias mãos, durará sempre, e o que for criado com as mãos de outrem não durará um só dia. Se isto ficar bem estabelecido dentro de vós mesmos, as vossas hesitações em busca da Verdade terminarão para sempre.

Assim como, no tempo das chuvas, os pequenos regatos e os grandes rios aumentam o volume de suas águas e correm cada vez mais rapidamente para o mar, assim também quando o Bem Amado chega, quando o Bem Amado está convosco, atingis mais depressa o vosso alvo; os rios dos vossos corações e de vossas mentes carregam-se de muitas águas, as quais vos impulsionarão para aquele alvo - que é a Libertação para todos. De modo que se tiverdes essa mente e esse coração, (feliz oportunidade!) não precisareis esperar que a evolução venha, impulsionar-vos, impelir-vos, pois, por haverdes percebido o Bem Amado, por estar convosco o Bem Amado, tereis vossas mentes e vossos corações ampliados e - embora isso leve ainda muito tempo - entrareis naquele oceano de Libertação e Felicidade.

O fraco tornar-se-á forte e o forte avivará a sua força. Aqueles que amam terão o seu amor engrandecido e glorificado, e os sofredores buscarão conforto e terão conforto, porque neles unicamente mora o conforto que buscam. Por estar convosco o Bem Amado é que todas essas coisas são possíveis. Se tiverdes encontrado - e vós tendes capacidade para grande devoção, grande energia e amor - mantereis o Bem Amado em vosso coração e em vossa mente nos tempos de grandes sofrimentos e de grande ansiedade. E, porque tendes o Bem Amado dentro de vós, como eu O possuo eternamente dentro de mim, porque O percebestes por um momento, deveis amar a Verdade, porque a Verdade é o Bem Amado. A Verdade é a única coisa que todos devem buscar, pela qual todos devem lutar, pondo de lado todas as outras coisas afirmo de procurar a luz que iluminará o pesquisador em seu caminho para a paz.

Durante as nossas conversações aqui, eu abri o meu coração afirmo de que pudésseis perceber a minha Felicidade, porque essa Felicidade é a Felicidade do meu Bem Amado, e eu preciso dar aos outros aquilo que possuo. E, porque o meu Bem Amado encheu-me com o Seu amor, não há para mim nenhum esforço, nenhuma luta, nenhuma hesitação, nenhuma pesquisa, nenhum perigo de ficar satisfeito com o transitório, com o passageiro. Por isso eu, por minha vez, vos darei esse amor, e o darei ao mundo em geral. E, porque há sofredores por toda a parte, porque a tristeza e o prazer se vão sucedendo um ao outro, aqueles que

experimentaram este amor que está dentro deles mesmos, que é o do Bem Amado, - darão, encherão os corações dos sofreadores, dos tristes, dos fracos e dos fortes.

Estivestes comigo durante as últimas seis semanas, ou mais, no Castelo, e o meu intenso propósito foi mostrar-vos, a todos, os vossos próprios corações, mostrar-vos as nossas próprias mentes, de modo a vos capacitar a fortificardes os vossos próprios desejos e a purificardes as vossas próprias mentes afim de perceberdes, e, portanto, de atingirdes a Libertação.

E eu penso que aqueles que procuraram cuidadosamente e lutaram consigo mesmos por descobrir a meta, encontraram essa meta; e, por isso mesmo que a encontraram, ser-lhes-á mais fácil atingí-la, e ajudar os outros a avistá-la e atingí-la também. E porque eu alcancei essa Libertação e essa Felicidade, foi minha intenção dar-vos também uma grande parte delas, dar-vos forças suficientes para lutar afim de alcançá-las, desejo suficiente de, por vós mesmos, pordes de lado todas as coisas afim de obter aquelas. Como disse por terdes estado comigo, foi minha intenção tornar-vos perfeitos em pouco tempo. É possível, em razão de estar o Instrutor convosco, alcançardes aquela perfeição em um breve período de tempo e, por conseguinte, fazerdes desaparecer o tempo; e, porque estivestes comigo e eu abri o meu coração. para vós e vo-lo dei, podeis agora prosseguir. Porque percebestes (e alguns dentre vós chegaram mesmo a aproximar-se mais daquela glória), precisais prosseguir e dá-la, e repartí-la, e partilha-la com os outros. Porque alcançastes - não digo a Libertação completa, pois isso não é verdade - porque avistastes o caminho de vossa vida, porque palmilhastes esse caminho, está dentro de vós agora o tornar-vos perfeitos em breve tempo. Porque vistes a face do próprio Bem Amado, Ele habitará em vossos corações e pacificará as vossas mentes.

Foi minha intenção, durante estas palestras, dar-vos aquilo que eu tenho dentro de mim, fortificar-vos em vossos próprios propósitos. E porque percebestes, haveis de ser sábios no coração e poderosos na força, e é nisso que consiste o vosso dever especial, o vosso próprio dever, aquele que criastes para vós mesmos. Onde quer que estejais agora, haveis de ser os discípulos daquela Libertação e daquela Felicidade. Porque o meu Bem Amado habita em mim, eu senti uma imensa afeição por vós todos, e não estou nada triste nem contrariado por vos irdes embora; mas, ao contrário, sinto-me feliz por terdes tido a alegria de ver esta Libertação com vossas mentes, e de experimentar esta Felicidade com os vossos corações. E, daqui por diante, onde quer que fordes, da-la-eis aos outros, se fordes sábios, afim de fortalecerdes a vossa própria Felicidade, afim de purificardes a vossa própria visão. Sereis sábios se a derdes aos outros; e não sereis sábios se a guardardes para vós mesmos, se a ocultardes, se a retiverdes para vós mesmos. Vós a destruireis se não a partilhardes, se não a repartirdes com alguém.

Senti que muitos dentre vós compreenderam, mas muitos dentre vós estão ainda presos nas próprias redes, nas próprias complicações, e foi muito difícil para mim destruir essa rede, afim de vos libertar. Vós não desejais, pelo menos alguns, ser livres e por isso preferis permanecer na rede; pois, quando vos achais livres, não estais seguros, ficais indecisos. Não experimentais a necessidade de ser livres porque tendes medo de vós mesmos, e por causa desse medo, preferis permanecer em vossa própria rede, em vossas próprias limitações e dúvidas, à sombra de outrem. Muitos de vós, penso eu, viram, porém, que a conquista da Libertação e daquele Reino de Felicidade não está fora, mas dentro; não está à disposição de outrem, nem sob a autoridade de outrem, nem é posse de outrem, mas está dentro de vós mesmos. E foi meu propósito fazer-vos entrar no meu coração, porque ali encontrareis aquele Reino e aquela Libertação que está em vossos próprios corações.

E, porque os vossos corações estavam encobertos, e as vossas mentes enfraquecidas e enevoadas, foi meu propósito esclarecer as vossas mentes e os vossos corações, de modo a estabelecer neles esta Libertação e esta felicidade, afim de que não haja nenhuma sombra de dúvida, nenhuma questão, nenhuma pesquisa ou hesitação. E, agora que alguns de vós entraram em meu coração e partilharam dele, deveis partir e dá-lo a outrem; e, pelos vossos atos, pela vossa conduta - porque na conduta habita a retidão - sereis julgados. Sereis conhecidos somente pelas vossas vidas, pela vossa conduta, e não à força, nem pelo vosso aperfeiçoamento superficial, ou conhecimento superficial, mas pelo modo por que preencherdes os vossos dias aqui em Eerde.

O BEM AMADO EM TUDO

J. Krishnamurti

Meu Bem Amado e eu

Somos um.

D'Ele provim.

Meu ser n'Ele está.

Sem Ele eu sou

Como a nuvem

Que vagueia, de abrigo

Em abrigo,

Sem lugar para repouso.

Nele está

Minha glória,

Pois que n'Ele

Todas as coisas existem

E eu em tudo.

Amigo,

Falo-te

Do caminho que leva ao coração

Do bem Amado.

Pois sou o Bem Amado,

Meu Bem Amado e eu

Somos um.

Como a gota de Orvalho

Penetra no oceano,

Assim me tornei uno

Com meu Bem Amado.

O Bem Amado

Está em tudo,
Tudo está no Bem Amado.
A haste de erva
Que o homem pisa
A grande árvore copada
Que dá abrigo,
O verde réptil,
Que aterroriza aos homens,
A mosca que incomoda,
O mercador de doces
O pássaro cantor
Que deleita aos ouvidos,
O leão feroz
Que aterroriza
O coração da floresta,
O bárbaro simples
Que os homens desprezam,
O homem de grande ciência
Que a muitos satisfaz,
O adorador de muitos deuses
Que vai de templo em templo.
A Vida é uma,
Como eu e o Bem Amado
Somos um.
Há só uma Senda
Para o coração do Bem Amado.
Esta Senda reside
Em ti mesmo,
Em teu próprio coração.
Dela eu te falarei.
Muitas formas haverá

De Sua manifestação,
Mas só há uma Senda,
Ó amigo,
E esta me levou
Ao coração do meu Bem Amado.
Em tempos
Em que eu obedecia
Às leis dos deuses
Do mundo,
Andava pelos caminhos
Que aos seus santuários levavam,
E ali
Era colhido no poder
De sua autoridade mínima.
Mas a rajada do descontentamento
Arrastava-me para adiante,
E jamais permanecia
No abrigo
Do templo.
Como alguém que vagueia
De lugar em lugar
Em busca de conforto duradouro
Assim vagueava eu,
Pondo de lado os confortos
Que me levaram ao sono,
Até que, com o tempo
Abri meu coração;
E ali achei o meu Bem Amado.
Muito te informarão,
Ó amigo,
Que há de haver muitas obras,

Muitas Sendas,
Para se aproximar ao Bem Amado.
Sim, haverá,
Porém todas conduzem
À Senda única,
Pois que só uma existe
Para o coração do Bem Amado.
Dela eu te falarei.
Se quiseres descobrir
Meu Bem Amado
Que em mim habita,
Ó amigo,
Então precisas
Por de lado teus deuses,
Teus confortos e semi-autoridades.
Deves limpar-te
Da vaidade do teu pouco saber.
Tens de purificar
Teu coração e mente.
Tens que renunciar a tudo
Teus companheiros,
Teus amigos e família,
Teu pai, tua mãe,
Tua irmã e teu irmão,
Sim,
Deves tudo renunciar.
Precisais destruir
Completamente o eu
Para achar o Bem Amado.
Amigo,
Quererás caminhar

À luz de simples vela
Quando eu te dou
A luz do Bem Amado?
Digo-te,
Meu Bem Amado e eu somos um,
Conheço a Senda,
Vem comigo,
E eu te levarei
Ao meu coração
Onde o Bem Amado habita.
Muitos reflexos há
Que desmaiam e morrem,
Eu possuo, porém,
A verdade
Que é eterna.
Dela te darei eu,
Amigo.
Porque duvida o teu coração?
És tu feliz nas sombras?
Dão-te os homens, acaso
A substância que
Satisfaz a tua fome?
Tu brincas pelos rios
Cheios de água
Porém não satisfazem
A tua sede ardente.
Contente estás
Com o que é decadente?
Amigo,
Meu coração pesa de amor
Por ti.

Vem a mim
E eu te darei
Do meu amor,
Que alteração não conhece
Que não decai
Nem jamais esmaece,
Pois o meu Bem Amado e eu,
Somos um.
Dele eu provenho,
Eu te direi
Da Senda oculta
No coração do meu Bem Amado.
A ti eu abrirei
O portal
Que te admitirá
À morada do meu Bem Amado.
O vale jaz na sombra
De uma nuvem espessa,
E eu habito
O cimo da montanha
Sim,
Meu Bem Amado e eu, somos um.

A ESTRELA – Vol. I – N. 11 – Novembro de 1928

EU SOU TUDO

J. Krishnamurti

Eu sou o firmamento azul e a nuvem negra.
Eu sou a cachoeira e o som que ela produz
Eu sou a imagem esculpida e a pedra abandonada,

Eu sou a rosa e a pétala que tomba
Eu sou a flor do campo e o Lótus sagrado
Eu sou as águas santas e a lagoa tranqüila
Eu sou a arvore de cima das montanhas
Eu sou a haste da erva na plácida alameda
Eu sou o primaveril rebento e a copa sempre verde.
Eu sou o bárbaro e o sábio
Eu sou o piedoso e o ímpio
Eu sou o devoto e o herege
Eu sou a meretriz e a virgem
Eu sou o liberto e o homem no tempo
Eu sou a renúncia e o possuidor orgulhoso
Eu sou o destrutível e o indestrutível,
Eu não sou Isto nem Aquilo
Não sou o liberto, nem aquele ainda enleado,
Não sou o céu nem o inferno
Não sou as filosofias nem os credos
Não sou o Guru nem o discípulo
Amigo,
Eu tudo contenho.
Sou límpido qual o veio da montanha,
Simples como a folha primaveril que rebenta.
Poucos me conhecem.
Felizes aqueles
Que deparam comigo.

A ESTRELA - Vol. I - N. 10 - DEZEMBRO DE 1928

NÃO PODES LIMITAR A VERDADE

J. Krishnamurti

Amigo,
Tu não podes limitar a Verdade.
Ela é como o ar,
Aberto, ilimitado,
Indomável,
Indestrutível,
Não habita em um templo único,
Nem podes encontra-la em um único altar.
Não pertence a Deus algum,
Por muito zeloso que seja o Seu adorador
Podes tu descobrir
De que flor
Colheu a abelha o doce mel?
O' amigo,
Deixa a heresia ao herético,
A religião ao ortodoxo,
Porém colhe a Verdade
Da poeira de tua experiência.

A ESTRELA - Vol. I - N. 10 - DEZEMBRO DE 1928

NÃO POSSO TE ENSINAR A ORAR

J. Krishnamurti

Não te posso ensinar a orar, ó amigo,
Nem ensinar-te a chorar.
Não sou o Deus das tuas longas preces,
Nem a causa de tuas múltiplas tristezas,
Elas são feitas pela mão do homem.
Vem comigo, ó amigo,

E eu te levarei
À Fonte da Felicidade.
O riso é como o mel
No coração da flor perfumada.
Dele te saciarás
No jardim das rosas,
Onde todo o desejo cessa
Exceto o de assemelhar-se ao Bem Amado.
Este lago da Sabedoria
Não foi feito pela mão do homem
Nem os degraus que levam
Às suas límpidas águas.
Ali te encontrarás com todo o homem
O pardo, o branco,
preto, o amarelo
Em suas águas puras
Contemplarás a face do meu Bem Amado
Vem, amigo,
Deixa toda a alegria passageira,
Tuas ardentes ânsias,
Tuas tristezas que pungem
Teu amor que fenece,
Teus desejos sempre renovados.
Pois todas essas coisas levam somente à prece
A causa de muitas lágrimas.
Como o vento que passa é a vida do homem
Como a rosa que murcha é o amor humano.
Glória e força
Que se esvaem apenas em um dia.
Profundamente bebi nessa nascente.
Meu Bem Amado encheu-me

Com as delícias da eternidade.

A ESTRELA - Vol. I - N. 10 – Dezembro de 1928

OS OBJETIVOS DA ORDEM DA ESTRELA

J. Krishnamurti

Discurso em uma reunião de organizadores da Ordem no Castelo de Erde em Ommen durante o Congresso da Estrela em Agosto de 1928.

Ao apresentar-vos as boas vindas a Ommen, gostaria também de vos dizer como me sinto feliz ao ver novamente tantos rostos conhecidos vindos de países tão diversos.

Espero que no fim do Campo retirar-vos-eis mais certos de vós mesmos, capazes de distinguir entre o que é permanente e o que é passageiro. A fim de poderdes encontrar o eterno deveis considerar, não os efeitos, porém antes, a causa de todas as coisas.

Espero que seguireis o meu pensamento por inteiro e com consideração, pois tenho muito que vos dizer e preciso resumi-lo para vós tão claramente quanto me for possível. Desejo que penseis cuidadosamente, por ser chegado o momento em que cada um tem de tomar suas próprias decisões, em que vos deveis tornar como o aço temperado, tornar como uma chama branca de modo que possais mudar o curso do pensamento e do sentimento no mundo, e não meramente seguir suavemente preso em meandros, como o tendes feito até agora.

Como viestes de todas as partes do mundo para ouvir-me, e voltareis para os vossos vários países a fim de levar-lhes a vossa compreensão, deveis estar certos de vosso conhecimento e firmes em vossa concepção da Verdade, e não vos deveis incomodar mais com reconciliações, concedendo e procurando ajustar uma coisa à outra. Tomei uma resolução de nunca ceder a coisas que tenham apenas um valor momentâneo, e de ocupar-me sempre e continuamente, sem vacilar, com a causa fundamental das coisas, porque o edifício só será perfeito e duradouro se a sua fundação for profunda e resistente.

Antes de ir mais longe, quero deixar perfeitamente claro para vós todos que não desejo ser colocado em um pedestal para ser adorado, nem formar uma nova religião, que não tenho discípulos, nem desejo forçar pela autoridade a aceitação daquilo que para mim é conhecimento, o começo e o fim da vida.

Se simplesmente torcerdes o que vos digo a fim de poder ser ajustado aos vossos próprios pensamentos e efetuar uma reconciliação com as vossas próprias crenças, será uma perda de esforço. Digo, que o que tenho para vos dar poderá curar e sanar todas as feridas; e quando compreenderdes isto não vos sentireis mais feridos em vossas mentes e em vossos corações nem vos prendereis mais na roda da tristeza. Porém para que possais realmente compreender, não tomeis o que coloco ante vós para tentar torce-lo e amolda-lo às vossas velhas concepções da verdade. Eu falo da copa da árvore, e não deveis confundi-la com a verde folha da grama. Não penseis que a Libertação, a Felicidade, e a Vida poderão ser torcidas e utilizadas para se adaptarem às vossas velhas idéias. Se não concordardes comigo não me incomodarei, se estiverdes violentamente em desacordo com o que digo, tanto melhor, pois que, neste caso estareis dispostos a contender, a discutir e a procurar compreender o meu ponto de vista. Porém, se simplesmente disserdes, "concordo convosco", - e então torcerdes as minhas palavras a fim de se ajustarem às vossas velhas idéias, as novas idéias vos despedaçarão.

A Verdade que vos apresento é demasiado adorável para ser rejeitada e excessivamente grande para ser aceita sem pensar. Se quiserdes compreender, deveis vir com a intenção, não

de fazer a Verdade descer até à vossa compreensão, porém antes, de subir às grandes alturas onde ela se encontra.

Só perceberéis verdadeiramente quando tiverdes vós próprios vos elevado às grandes alturas.

Agora chegamos à consideração da Ordem da Estrela e de seus objetivos. Muitas pessoas se têm dirigido a mim - tanto aqui como em outros lugares - pedindo-me para abolir a Ordem.

"Uma tal Organização", dizem elas, "é desnecessária". Tenho-as ouvido sempre, e tenho procurado encontrar a razão de tal desejo. Por terem visto organizações usurparem a autoridade e ficarem dominadas por personalidades é que elas desejam abolir a Ordem. A Ordem da Estrela deverá ser uma ponte para as novas idéias e não a corporificação delas. Ela deverá ser como uma ponte através da qual aqueles que obtiverem um vislumbre da Verdade possam levar algo de sua compreensão para o mundo em geral. Deste ponto de vista a Organização é útil, mas se os seus membros fizerem dela um fim em si mesma, então deverá extinguir-se. Nenhuma organização, qualquer que seja sua espécie contém a Verdade. A fim de se poder encontrar a Verdade não é necessário pertencer a uma organização qualquer. Não devemos fazer da Estrela uma organização cristalizada. Se disserdes ao mundo, "Tereis de passar pela Organização da Estrela a fim de poderdes compreender a Verdade", estareis então pervertendo a Verdade. Considerai as organizações que já existem no mundo e que dizem: "Nós contemos a verdade, e a fim de que possais compreendê-la tereis de passar através de nossos portais". A Verdade não reside em nenhuma organização, nem tampouco no núcleo de qualquer movimento que seja. As organizações e os movimentos deverão existir, somente como pontes para a Verdade. Reclamar autoridade como sendo o vaso que contém a Verdade é "transforma-la em um potencial inferior". Estou utilizando o termo "transformar" em seu sentido técnico - como em uma estação de energia a eletricidade é recebida em alta voltagem e ali passa pelos transformadores sendo assim reduzida a sua voltagem a fim de poder ser então utilizada.

Tenho algo que é mais precioso que uma adorno, mais estimável do que qualquer jóia, e auxiliareis as pessoas a compreendê-lo despertando nelas o desejo de procurar, de se afastarem de suas velhas tradições, hábitos e costumes e deixar que a vida se derrame através delas.

Ora, a fim de guardar a Vida - que jamais poderá ser limitada - esta organização deverá ser flexível, deverá encorajar as pessoas que discordem dela, que não acreditem na idéia do Instrutor do Mundo, porém que possam ter uma aspiração de encontrar o bálsamo que trará tranquilidade a um coração dolorido e a uma mente perplexa. Só podereis conservar uma organização cheia de vida quando não for restrita a uma forma particular de crença. As organizações se transformam em barreiras quando as crenças se tornam mais vitais do que a vida em si, ou quando elas se acham mais ocupadas com o crescimento próprio do que com a compreensão da Verdade.

Perguntaram-me porque não me ligo a certos movimentos. Oponho-me a eles? Não sou antagonista de ninguém nem de movimento algum. Só me preocupo com as idéias que libertam a vida em cada um. É de maior importância destruir as dificuldades, os empecilhos que prendem a vida do que criar novas formas, novas fantasias e novos fantasmas para serem adorados. Se não formos cuidadosos no começo, no meio, e no fim, destruiremos a própria coisa que buscamos, desorientaremos os nossos desejos e perverteremos a nossa própria aspiração de atingir.

Depende de cada um de vós a maneira pela qual encara a Verdade. Desejais construir uma nova forma, outra religião, outro Deus, outro credo? Eu sustento que todos criam dificuldades para a vida. Precisais de uma muleta para vos levar ao topo da montanha? Uma fraqueza, a menos que a tenhais vencido e assim vos fortalecido, será sempre um empecilho. As religiões, as crenças, as formas e os dogmas são barreiras entre os povos; e quebrando essas barreiras libertareis a vida. A maioria das pessoas do mundo se preocupam com a criação de novos ritos, novas religiões, novos dogmas e novos deuses. Elas convidam as outras para deixarem as suas velhas prisões e virem para outras novas. Que valor tem uma gaiola nova para um pássaro que deseja estar solto, para uma vida que se torna miserável na limitação?

Dependerá de vós evitar que a Verdade seja novamente traída por vossos esforços de reduzi-la ao nível da compreensão da multidão, como sempre tem sido feito pelas religiões e

seus partidários. Eles dizem, "como as pessoas não compreendem a Verdade, nós lhe vamos auxiliar levando-lhes a Verdade ao seu nível inferior". Isto jamais poderá ser feito, pois a Verdade é livre, ilimitada e acha-se além do pensamento, além de todas as formas e paramentação das religiões. Nem a Verdade, nem tampouco a Vida poderão ser mantidas com peias; e é no preenchimento dessa Vida, que é a Verdade, onde reside a Felicidade. Se compreenderdes que a Verdade jamais poderá ser reduzida, "transformada em um potencial inferior", condicionada, então encorajareis as pessoas a procurá-la e não procurareis trazê-la ao nível delas. Quando uma criança está começando a andar, se fordes um pai sábio, deixa-la-eis cair, e nessa mesma queda ela se robustece. Não podereis trazer para baixo a beleza do cimo da montanha; não podereis segurar os ventos com as mãos, nem conter as águas em um pano. Assim, para os que se acham imersos na tristeza, que se acham em luta, que estejam procurando compreender, deveis dizer, "Ide em direção à Verdade, lutai, sobrepujai todos os obstáculos; ao invés de procurardes trazer a Verdade, rebaixada, condicionada e limitada pela vossa compreensão particular". Tanto na limitação como na restrição há sempre a tristeza; e é em separar-se das restrições, em libertar a vida que se encontra a Felicidade.

Assim, repito, não pervertais o que vos digo a fim de poder ajustar-se às vossas idéias particulares. Estou falando do que é eterno, daquilo que nunca poderá ser mudado, ou capturado e preso em restrições. E se somente repetirdes as minhas palavras, com uma mente que se ache limitada e condicionada e um coração mantido em uma prisão, não compreenderéis. Se não estiverdes procurando, se não tiverdes rejeitado tudo a fim de encontrar a Verdade estareis simplesmente repetindo palavras através de uma máscara.

Um homem que tenha de voar em um aeroplano ocupar-se-á de seu aeroplano e da maneira de voar. Se um homem em uma bicicleta aproximar-se dele e lhe perguntar de que maneira poderá utilizar uma bicicleta no ar, ele responderá, "Não há ligação entre um aeroplano e uma bicicleta. Se bem que sejam ambos capazes de movimentarem-se, são no entanto diferentes".

Antes que possais criar compreensão no mundo que vos rodeia deveis estar certos de vós próprios. Convidais as pessoas para virem para a vossa prisão da Estrela - para pedir-lhes que tenham um novo corpo de crenças, para impor-lhes novas condições de vida, novas limitações? Por vos achardes vós próprios presos, se bem que em uma prisão um tanto maior, desejais que outros venham para a vossa prisão. Não é esta a maneira de encontrar a felicidade, não é esta a maneira do Bem Amado, não é esta a maneira da Verdade; estes se acham longe das limitações, e não os encontrareis por meio das prisões, mas pela liberdade. Não desejo converter nenhum de vós ao meu ponto de vista, pois, como frequentemente tenho repetido, procurar converter alguém é uma outra grave forma de preconceito. Eu estou certo por mim de que aquilo de que vos falo é eterno; estou certo de que atingi, estou certo da união com a vida que é o Bem Amado; assim, eu sou a vida que é o Bem Amado. A esta vida nada se poderá adicionar ou dela retirar. Ao dizer isto não quero criar um redemoinho emocional de modo que acrediteis no que vos digo. Não vos quero prender ainda mais pela minha compreensão da Verdade - e ela se tornará uma prisão se vós mesmos não tiverdes o desejo de vos separar de tudo que prende. Se não estiverdes certos - não devido ao que vos digo, porém por ser a Verdade tão vital, tão imensa que deverá chamar a si cada um de vós - se essa certeza não for toda poderosa, então, todas as vossas crenças, todas as palavras que vos saírem dos lábios serão como cinzas atiradas ao vento.

Por terdes sido levados pela branda corrente das águas de autoridades duvidosas - uso o termo com muito cuidado, porque afinal de contas toda a autoridade poderá ser sempre duvidosa, pois poderá ser derrubada e destruída como uma árvore - se uma nova autoridade falar, novamente a aceitareis sem pensar, desde que estejais habituadas a obedecer. Vós aceitais por autoridade e deixais de o fazer, também por autoridade, sem vos preocupardes com a Verdade. É essa Verdade que quero estabelecer em vossas mentes.

Desejo que estejais certos, sem depender de qualquer condição que seja, que aquilo que vos estou dizendo é a Verdade, não por vos terem dito que sou isto ou aquilo, mas pelo valor intrínseco da Verdade que vos trago.

Como já disse anteriormente, não quero seguidores, nem discípulos, não sou ambicioso, nem quero criar no mundo uma organização gigantesca, em seu sentido restrito. Se o quisesse pedir-vos-ia obediência e então vos pediria para nunca duvidar; porém, ao contrário, eu vos

peço para convidar a dúvida de modo que as vossas crenças possam passar por uma prova, de modo que dos vossos desejos e das vossas ansiedades possa nascer o permanente, o eterno. Se não compreenderdes, então o que criardes em vossos vários países não será baseado no permanente, mas em algo que se corromperá e perecerá. Eu vos asseguro, que antes desejaria ter aqui uma ou duas pessoas que realmente compreendessem, que fossem adamantinas, que nunca se ocupassem de coisas sem valor, do que mil pessoas sem compreensão, que cedessem a coisas que não são essenciais, coisas sem importância.

Assim, procurai saber por vós mesmos se a vossa compreensão acha-se baseada em crença, estabelecida por meio de autoridade, ou se é a vossa própria aspiração, o vosso próprio desejo de encontrar a Verdade que vos traz a mim. Isto é demasiado sério para nos servir de brinquedo, demasiado importante para ser torcido por falta de compreensão. Chegamos a uma época em que cada um tem de tomar a decisão de poder colocar de lado o que não for essencial, as coisas sem valor, a fim de libertar a vida, e devemos ser adamantinos em nos cingir àquilo que for essencial e necessário para libertá-la. Se fordes livres, então ajudareis outros a serem livres. Se fordes escravos, auxiliareis os outros a se tornarem também escravos, e tornareis esta organização escravizadora, condicionadora, uma prisão para a Vida, por vossa falta de compreensão. Porém se verdadeiramente compreenderdes, criareis com grandeza e para a eternidade.

A ESTRELA - Vol. I - N. 10 – Dezembro de 1928

É PRÁTICA A MENSAGEM DE KRISHNAJI?

A discussão que se segue teve lugar durante o acampamento da Estrela em Ommen, em 6 de agosto de 1928. Como as questões de que tratam são de importância vital para todos aqueles que buscam tornar o ensino de **Krishnaji** uma força viva em suas vidas, nós o reproduzimos neste número de A ESTRELA.

Lady EMILY LUTYENS: É este o primeiro ano desde que Krishnaji nos começou a instruir, e compreendo como o que ele nos tem dito nos auxiliará a resolver os problemas da vida. Até ao presente temo-nos esforçado por aplicar a verdade que Krishnaji coloca perante nós, aos nossos problemas e temos falhado, como sempre falharemos, pois que isto constitui um condicionamento da Verdade. O que temos a fazer agora é tomar nossos problemas e coloca-los face a face diante da Verdade ou vida e esforçarmo-nos por aplicar os problemas à Verdade em vez de aplicar a Verdade aos problemas. Se fizermos isto, muitas das coisas que nos perturbam presentemente, desaparecerão completamente e verificaremos a solução dos que permanecerem. Tenho pensado sobre vários problemas da vida com os quais todos nos incomodamos e verificado como, conduzidos face a face ante a Verdade, a luz vem e se projeta sobre esses problemas, dando-lhes um novo significado.

C. SUARES: Não sei quais são esses problemas em conjunto. Não vejo, absolutamente, a questão quanto ao modo de solver os problemas, mas quanto ao modo de sentir a vida. No fim de tudo, penso que, em conjunto, o ensinamento de Krishnaji é psicológico. Onde encontrareis essa Verdade à cuja luz ides por vossos problemas?

YADUNANDAN PRASAD: Penso que o ponto de vista de Krishnaji referente à vida - ao chocar-se conosco, não nos dá tanto uma idéia concreta, no sentido de pensarmos com idéias concretas na vida ordinária, dá-nos uma espécie de perfume da vida ou algo intangível no sentido de experiência espiritual ou visão espiritual, ligados que estamos na vida ordinária, cada um de nós, educadores, músicos, artistas, gente de negócios, ou seja o que formos - não podemos deixar de sofrer uma reação em nosso aspecto prático; não quer isto dizer que, esta reação expresse necessariamente a vida em sua plenitude, porém permanecerá sempre cambiante e levando-nos a uma consecução maior. Não é semelhante ao solver de um problema, porque isto implicaria uma atitude final e conduziria ao sentimento de que essa solução deveria ser imposta

à sociedade ou às pessoas que nos rodeiam. Pessoalmente sinto que a reação natural, em qualquer caso, não tanto resolverá, como removerá automaticamente o problema.

Sra. MARGARET COUSINS: Chamaríeis a isso uma mudança de atitude?

YADUNANDAN PRASAD: Exatamente, uma mudança de atitude, porém mutável sempre.

Lady EMILY LUTYENS: Se pudésseis imaginar um governo de pessoas que tivessem visto a Verdade, que é a meta última, não criariam elas, necessariamente as leis que auxiliassem o mundo, o povo a quem governassem a dirigir-se a si próprio para a meta que é liberdade, em lugar do que está acontecendo na época presente?

Sra. H. B. ANTONIEWIKZ: Para mim, o que Krishnaji nos diz é muitíssimo prático. Porque todo o homem - seja ele qual for - possui algo de grande em sua vida. Sua religião, porém, sempre lhe ensinou certas máximas, dogmas, e a não seguir esta coisa grande única em sua vida, porém, ao contrário, a esquece-la, a esquecer sua vida e a pensar em qualquer outra coisa. Esta coisa grande é perfeitamente diferente em cada pessoa - pode ser um grande amor ou qualquer outra coisa, não importa, desde que seja o que há de grande em sua vida. E uma vez que o homem possa entender isto, pode livremente obedecer a este grande apelo de sua vida sem pensar se incorrerá em pecado ou egoísmo, desde que seja a coisa reta a executar em sua vida; então pode leva-la a efeito sem se atemorizar seja do que for fora de si mesmo, seja padre ou seja deus. Então, naturalmente, o que Krishnaji diz terá a mais prática das aplicações à vida, a todos libertando.

SANJIVA RAO: Realmente não vejo ainda a explicação deste ponto. Na verdade gostaria de saber se acompanhando os ensinamentos Krishnaji os problemas se resolvem por si mesmos.

DOUGLAS CHRISTIE: Afigura-se-me que, desde que compreendais o propósito da vida os problemas se resolverão por si.

SANJIVA RAO: Em lugar de reorganizarmos a vida, a vida se reorganiza a si mesma ao redor de nós.

D. RAJAGOPAL: Krishnaji declara que o que ele diz é intensissimamente prático para ele - que não é uma esperança ou sonho vago - porém algo que poderia ser realizado. Talvez Krishnaji pudesse tornar isto um pouco mais claro para nós, dizendo-nos em que sentido é isso tão prático para ele. Parece tão pouco prático para outros.

KRISHNAJI: Os problemas vem à existência - pelo menos é este o meu modo de encarar a questão, - somente quando o indivíduo luta contra a vida. Concordais com isto em princípio? Depois, se o indivíduo se adapta a si próprio à vida, o problema cessa de existir.

Sra. COUSINS: Seguindo a linha de menor resistência?

KRISHNAJI: Não sei se a linha de menor, se a de maior resistência. Eu exponho a coisa deste modo. Problemas, dificuldades, provas, existem afim de serem vencidas e nos tornarmos mais fortes. Que sejam criadas por outra pessoa ou por nós, não é coisa de grande importância. Se a todo o instante estivermos a olhar para as dificuldades, jamais as venceremos. Se, porém, olharmos somente para a vida e a ela nos adaptarmos os problemas desaparecerão.

RALPH CHRISTIE: Não parece que sempre começamos estas discussões criando um vasto cortejo de imaginários problemas, que imediatamente começamos a nos perder no meio deles; e que o que haveria de prático seria descer ao problema do indivíduo que é o problema do mundo? - Porém, qual é o problema individual?

Sra. COUSINS: O problema individual está dentro de cada um.

Y. PRASAD: Neste mundo complicado o problema individual acha-se, até certo ponto, entremeado com o problema social. Muitas pessoas acham-se na posição de possuírem aquilo a que chamam autoridade para estabelecer certas regras de direção para os outros. Na política, na educação, na filosofia, em todos os ramos de pensamento prático, os líderes até certo ponto encaminham os pensamentos e as acusações de outrem. Portanto, o problema individual acha-

se entremeado com o problema social. É esta, exatamente, a dificuldade. Antes que tenhamos tempo e oportunidade de solver o nosso problema individual, a posição social de alguns dentre nós força-nos a solver ou o menos a assentar o problema social diretamente.

Lady EMILY LUTYENS: Se solverdes vosso próprio problema auxiliareis, necessariamente, a solver o problema do mundo, pois que sois parte mundo.

RAJAGOPAL: Krishnaji, haveis afirmado que o problema individual é o problema do mundo. Dado o fato de haverdes triunfado, deveis necessariamente haver passado através do processo de solução do problema ou, de algum modo, haver verificado esse problema como não existente para nós. Porque, se disto fizermos uma frase: "O problema individual é o problema do mundo" - e a repetirmos uma vez e outra, pode ser que em um certo sentido filosófico ou metafísico, ela possa, até dado ponto, ter significação, porém dentro de pouco tempo tornar-se-á de pouca valia.

Lady EMILY LUTYENS: Seja-me dado repetir; eu penso de mim própria como um indivíduo em relação com outros indivíduos; é isto que eu denomino o problema de mim mesma na vida familiar. Se, depois, sairdes para fora da família para algo maior, terá o problema da educação, como o das escolas, que é um problema para aqueles que se estão esforçando por adestrar e instruir as crianças. E acredito que, dado o fato de que Krishnaji salienta a liberdade como a meta de toda a consecução, penso que deveríeis educar as crianças à luz dessa meta. Isto lança um fluxo de luz em todo o problema da educação no que se refere aos pais e professores. Se levardes isto mais longe ainda, até ao adestramento dos criminosos que são somente crianças em um sentido mais amplo da palavra, aí encontrareis uma nova concepção que será formidavelmente útil. Parece-me que resolverá o problema integral de como tratar os delinquentes na sociedade. Ultimamente ele nos esteve expondo uma concepção magnífica sobre cultura e civilização. E penso que nada pode haver de mais prático (tal como o entendemos) do que trabalhar em direção a essa expressão externa da vida, que ele chama cultura e civilização. Portanto, de qualquer ângulo que as encareis, parece não haver limite à aplicação prática das suas idéias.

C. SUARES: Penso, porém, que o ponto em debate é este: se por nós próprios não sentirmos essa meta e liberdade última, gradualmente tentaremos estabelecer fórmulas tais como "Libertação", etc. sem saber o que realmente significam. Assim, a coisa mais prática a fazer é estabelecer a meta em nós próprios, sem muito nos preocuparmos de como expressa-la.

D. RAJAGOPAL: Não pensais, porém, que é talvez concreto - o dizer que temos de ver a meta? Do nosso ponto de vista, neste instante, se virmos uma meta como coisa definida e para ela nos dirigirmos, verificaremos que essa meta não é a coisa final.

C. SUARES: Absolutamente; para mim a meta não é um lugar para onde eu vá, porém sim uma mudança em todo o meu ser e esta mudança, eu o senti, - está se tornando criadora. No fim de tudo, eu penso que para um indivíduo a meta é encontrar a auto-expressão de si mesmo.

D. RAJAGOPAL: Quando dizeis "meta" - a "meta" que Krishnaji entende - eu tomo-a como uma meta infinita que não pode ser alcançada nem pode ser limitada. Se verdes a meta, se para lá fordes, e quando houverdes alcançado esse estágio, verificardes que a meta recua sempre, que acontece?

Y. PRASAD: Quando dizeis "infinita", não subentendeis algo inatingível. Entendeis infinita no sentido de que não podemos verificar, agora, definitivamente, o que ela é. Se é sempre inatingível deve ser uma meta de desespero.

D. RAJAGOPAL: Porém quando dizeis. aos outros: "fixai vossa meta imediatamente", geralmente a pessoa a traduz em termos concretos e dirige-se vagamente para ela. Não se trata, porém, de caminhar em direção a ela, de simplesmente vos tomardes a meta de que falais. É antes um ajustamento constante e uma busca.

Y. PRASAD: Uma criação constante. Eu entendo assim: enquanto o povo ler palavras tais como "Amor", "Justiça", "Libertação", "Felicidade", etc., e basear sobre essas palavras sistemas para solver problemas, não haverá esperança. Se, porém, essas mesmas pessoas se tornarem a

meta, então estarão criando constante e livremente. Um verdadeiro criador jamais sabe como se expressará a si próprio no futuro.

D. RAJAGOPAL: Sim. Por outras palavras: o estabelecimento de uma meta que se pudesse tornar concreta, realmente condiciona a Verdade.

C. SUARES: Penso que o que precisamos fazer é fundar uma geração de gente que viva no eterno e esta geração transmitirá a chama a outra geração e assim por diante.

Lady EMILY LUTYENS: Gostaria de perguntar a Krishnaji, que vai fundar escolas, que ideal irá ele colocar perante as crianças nessas escolas?

DOUGLAS CHRISTIE: O ideal a colocar diante das crenças nas escolas será, suponho eu cultura!

Lady EMILY LUTYENS: Quer lhe chameis cultura, quer chameis liberdade é ainda aquilo que chamo a meta e o que o Sr. Rajagopal sugere é tão concreto que condiciona a Verdade.

M. FRIEDMAN: Minha opinião é que o ensinamento de Krishnaji está absolutamente fora da prática em relação a nossa vida. Não podemos adaptar o vôo ao rastejar sob terra. Imaginai um rio, uma impetuosa torrente e ao lado da torrente todas as espécies de árvores e plantas crescendo, com as raízes e ramos na água, e entre os ramos e raízes achando-se todas as espécies de rãs e peixes que, se ocultam e ali vivem. Vem então uma rã e diz: "Há uma grande corrente que vos pode levar longe. Abandonai, pois, todos os vossos ramos e vinde para o meio da água". Outra rã pode dizer: "É absolutamente impossível, não podemos viver sem os nossos ramos". Não podemos adaptar a Verdade aos nossos problemas, temos que começar nova vida sem todos os nossos problemas. Tudo que queremos é adaptar as novas verdades de Krishnaji às nossas velhas verdades, à nossa vida. É impossível. Pois que a nossa vida não é verdade. Não podemos adaptar a Verdade à inverdade. Temos que começar uma vida nova.

C. SUARES: Porém isto não significa que quando houverdes começado essa nova vida, essa coisa nova não seja prática. Torna-se prático logo que a vivais.

M. FRIEDMAN: Então a palavra "prática", não é adequada.

C. SUARES: Sim, porque vos achais ainda tratando com circunstâncias exteriores.

M. FRIEDMAN: Para o pássaro o ar é natural, porém para o peixe é absolutamente destituído de praticabilidade. Não podemos cogitar do modo de tornar as asas práticas para os peixes.

Sr. COUSINS: Podeis, se subirdes da lagarta à borboleta.

(CORO GERAL): Os Símbolos não tem utilidade ... Oh! isto não acabará jamais ... podemos continuar eternamente ... etc.

Sra. RAMONDT: Penso que não haveria valor algum nos ensinamentos de Krishnaji se eles não fossem práticos. A mim parece que os podeis por em prática em todos os departamentos da vida. Desde o momento em que assumi o cargo de Secretária Geral da S. T. Holandesa que me tenho esforçado por praticar esta simplificação, por colocar o objetivo original - a formação de um núcleo de fraternidade - no centro de nossas atividades. Se alcançássemos êxito no formarmos uma Fraternidade real, a vida tornar-se-ia muito menos complicada. Temo, no entanto, que estabelecendo uma meta para nós próprios e os outros, estejamos, na maioria dos casos, criando limitações. No entanto penso que tudo o que podemos fazer é nos tornarmos claros em relação aos nossos mais elevados ideais e não nos permitirmos a nós próprios sentirmo-nos satisfeitos com qualquer transigência. Isto parece prático.

RAJAGOPAL: Quando discutimos a palavra "prático", entendemos algo que pode ser realizado pela maioria da humanidade.

PRASAD: Quando o Sr. Friedman - diz que temos de modificar completamente a nossa vida, isto significa que ele usa as palavras "mudar a nossa vida" em lugar da palavra "prático".

RAJAGOPAL: Nos sentido individual, tudo é prático. É quando queremos tornar prático para as multidões, quando um indivíduo fala dos milhões de pessoas existentes no mundo, é que o ideal deixa de ser prático. Para a maioria das pessoas não pode ser prático. É por isto que eu quero me esforçar por sublinhar esta distinção. É ou não prático para o indivíduo? Penso que é, se o desejar bastante fortemente, como Krishnaji que o descobriu. Se, porém, perguntarmos se é prático para a vasta maioria dos seres humanos, em um particular período de tempo, então a resposta será: não. Pelo fato de nos esforçarmos por penetrar nas mentes e corações de milhões de pessoas no mundo e imaginarmos se um ideal é ou não prático para eles, surge a confusão.

KRISHNAJI: Porque chamar urna multidão, quando unicamente necessitais averiguar se é prático para vós? Deixai momentaneamente a multidão. Como disse o Sr. Friedman: há uma multidão de espécies, tais como peixes, rãs, antílopes, pássaros, etc.; e se um membro de uma espécie aplica o seu entendimento daquilo que eu digo, a uma outra espécie, naturalmente que isto lhe parecerá impraticável. Porém cada, espécie pode aplicar o que estou dizendo em seu próprio nível e então será prático. Assim, regressemos ao indivíduo e vejamos se o que eu digo é ou não prático para ele. Eu digo: em absoluto, inquestionavelmente, sem dúvida, é o que há de mais prático; mesmo que tudo o mais o não seja. Agora, digo eu, para o indivíduo só poderá ser prático se ele verificar sua limitação. Esta é a premissa maior, da qual temos que partir. Ora, um selvagem que vive somente para o gozo torna sua vida física, sua vida corporal cada vez mais complicada. Orna o seu corpo com penas, com pinturas; sai a matar os outros, complica sua vida pela multiplicação de coisas puramente físicas. Assim é, também, o homem denominado civilizado - talvez um pouco mais evoluído, posto que não orne o seu corpo em tão grande escala, e embora não saia a distribuir a morte, ainda que não coloque uma pena em seus cabelos - é muito complicado mental e emocionalmente. Possui desejos, grande porção de necessidades, de anseios mentais e emocionais. Todos são complicados, posto que em níveis diferentes. E utilizar essas complicações, para ir em direção à simplicidade é a solução da vida?

RAJAGOPAL: Porém, quando as pessoas pensam em ideais e os apresentam ao mundo em geral, cometem, penso eu, o erro de esperar que um ideal particular seja realizado por todos.

KRISHNAJI : É impossível.

RAJAGOPAL: Se concordais nisto, então o problema torna-se muito simples. Volta-se ao ponto originário - iniciar o trabalho dentro de si mesmo.

KRISHNAJI: Este é o meu ponto constante desde o começo.

RAJAGOPAL: Meu ponto é este: muitos destes movimentos e instituições contém pessoas tão preocupados com o ideal a ser realizado, pela vasta maioria das pessoas que não se preocupam em apresentar o ideal exemplificado por eles próprios. Assim, falham no propósito real. Não será a futilidade de pretender criar opinião pública devida a isto?

Sra. DE MANZIARLY: Eu - a unidade - esforço-me por me expressar a mim mesma individualmente, como todas as outras unidades têm de o fazer. Neste processo de expressarem-se livremente, as unidades começam a mudar e podemos conceber uma família de unidades novas, concorrendo a uma nova unidade sob a forma de grupo, onde o problema individual não choque com os problemas de outrem. Esta grande unidade nova será já composta de novas unidades. Um indivíduo desta espécie desposará um outro indivíduo novo e ambos terão filhos que já serão educados no meio da corrente quando ainda rãs pequenas. E resolverão seus problemas de um modo novo e tornar-se-ão uma nova unidade maior.

PRASAD: Chamamo-lhe enxames.

Sra. DE MANZIARLY: Se tiverdes muitas destas unidades familiares e enxames, poderemos falar de uma nova massa. Por meio de esforços individuais de expressão, uma nova massa foi já criada. Portanto, não há egotismo neste novo ensinamento, nem esquecimento dos outros, porém simplesmente isto significa que o começo tem que ser efetuado pelo indivíduo. Antes de mais nada, têm que ser transformadas as unidades.

KRISHNAI: Não podeis transformar a multidão se não vos haverdes transformado a vós próprios. Não podeis meramente subir a uma plataforma e pregar a fraternidade, se dentro de vós a luta continua.

PRASAD: Assim, não há utilidade alguma em falar da solução de problemas comuns a todos.

RAJAGOPAL: Dando-se, porém, que existam problemas em si, aparte dos problemas individuais que simultaneamente necessitem solução?

KRISHNAJI: Não. Eu digo que se o indivíduo resolver seu problema, não se chocará seja com quem for. Eu resolvi meu problema integral referente aos desejos, às paixões, aos anseios, às aspirações; atingi e resolvi esses problemas. Agora não me chocarei mais com pessoa alguma.

PRASAD: Isto é perfeitamente verdade. Dizeis, portanto, que enquanto não houvermos resolvido o problema individual não nos devemos incomodar em absoluto acerca dos problemas da comunidade. Porque, se todas as unidades tiverem resolvido seus problemas, elas próprias, automaticamente se organizarão em enxames sociais harmoniosos?

KRISHNAJI: Os problemas sociais existem enquanto vos encontrardes nas garras das condições sociais. Isto é, se estiverdes no vale, os problemas do vale existirão ainda para vós.

PRASAD: Há, porém, uma realidade nas relações das unidades ou não há realidade?

RAJAGOPAL: É esta, precisamente, a minha questão. Há certos problemas, comerciais, sociais e práticos com os quais, como indivíduos, nada temos que ver, e sim somente como funcionários. Por exemplo, se a municipalidade de Ommen deseja fazer uma estrada atravessando certas terras, é isto um problema da municipalidade; como indivíduos, não nos achamos relacionados com ele, porém podemos com ele relacionar-nos em nossa capacidade de vereadores municipais de Ommen.

KRISHNAJI: Naturalmente. Eu seria o primeiro a dizer, "ide à frente, construí a estrada, vos ajudarei".

RAJAGOPAL: Porém o homem cujas terras vão ser atravessadas pela estrada pode opor-se fortemente.

Sra. DE MANZIARLY: Não, se ele houver evoluído neste sentido, não se oporá.

RAJAGOPAL: Madame, admitis que existem problemas - o social, o político, o educacional - todos criados aparte dos problemas do indivíduo?

Sra. DE MANZIARLY: Sim, porém a solução reside, se nos é dado falar desta nova solução, na transformação da multidão pela transformação das unidades. Naturalmente, o problema social existe e é resolvido muito prontamente em teoria, porém não na prática. Falamos na paz e preparamo-nos para a guerra, tal como se está dando em todas as nações; ou por outro lado, em uma esquina haverá ligas anti-alcoólicas e na outra fabricação de álcool, pelo fato de alguém querer enriquecer fabricando esse produto. Porém, em uma sociedade onde ninguém deseje produzir álcool, ninguém terá que formar ligas anti-alcoólicas.

RAJAGOPAL: Assim, Krishnaji, como o haveis dito, enquanto estivermos no vale esses problemas existirão. Uma pessoa pode andar de aeroplano sobre o vale, porém, mesmo ao abandonar esse vale esses problemas existirão ainda para os outros. Qual a relação existente entre a pessoa do aeroplano e as pessoas do vale? Como pode mostrar a eles o panorama do vale?

KRISHNAJI: Descendo e dizendo: Vinde, vinde para o meu aeroplano.

RAJAGOPAL: Pregando, simplesmente ou proporcionando-lhes o próprio exemplo?

KRISHNAJI: Naturalmente de ambos os modos, pelo preceito e pelo exemplo.

RAJAGOPAL: Bem, uma pessoa que não atingiu, porém que se encontra em vias de atingir, não há mal em falar, pode falar da luta. Isto é o que muita gente se está esforçando por fazer hoje em dia.

Lady EMILY LUTYENS: É isto que eu entendo relativamente à educação. Vós fundais escolas, porém não obtereis professores que tenham todos atingido à meta. Tereis, porém, aqueles que hajam alcançado uma visão dela e, portanto, que colocarão esta visão perante as crianças. E pondo esse plano em ação, verificarão que é o mais prático e praticável objetivo educacional jamais apresentado.

C. SUARES: O que eu digo é isto: esta meta não é coisa semelhante ao fato de haverdes visto ontem uma casa, é antes algo que em vós foi criado e que cria.

PRASAD: Vedes porém Lady Emily, que a palavra liberdade na mensagem de Krishnaji acontece adaptar-se à vossa forma favorita de educação e, portanto, dizeis que a meta se enquadra nos melhores ideais de educação. Pode, porém existir uma pessoa cuja visão sobre educação tendam à aprovação da disciplina, do domínio, da direção e no entanto pode ela ser uma ardente seguidora da verdade no que se refere à meta. Pode dizer que o refreamento do físico é o método apropriado e que deve existir disciplina.

Lady EMILY LUTYENS: Como Krishnaji em pessoa o disse: a disciplina é uma passagem para a meta, pois não é? De modo que o homem que aprova a disciplina terá também a meta em vista.

PRASAD: Parece-me que se nos esforçarmos por trazer a meta para baixo e a fizermos adaptar-se em tais coisas concretas, estaremos sempre no campo do conflito.

Lady EMILY LUTYENS: Então pergunto novamente à Krishnaji: o que é que ides colocar perante as crianças nas escolas que ides fundar?

KRISHNAJI: Tudo que coloco diante de vós.

Sra. DE MANZIARLY: Não vos parece que estamos falando de duas coisas complementares - de corpo e de espírito? Se há um homem que fala a respeito de disciplina e outro que fala de liberdade, é pelo fato de existir a necessidade de disciplina para o corpo e liberdade para o espírito. É necessário a disciplina que proporciona bons hábitos. Em idade muito tenra, quando a questão da liberdade não vem à tona, remos que adquirir hábitos. Para isso existe a disciplina. Os hábitos bons são necessários. Não se deve deixar uma criança discutir as razões porque deve assoar o nariz. Não se trata aí de uma aplicação da idéia de liberdade, porém de matéria de senso comum.

PRASAD: Portanto, o que eu digo é isto: se tiverdes em vós o espírito aventureiro, sereis mental e espiritualmente diferentes dos outros e se estiverdes à testa de uma instituição de educação, não vos esforçareis por trazer a termos concretos esse ideal, porém sim de radicar o espírito de liberdade. A aplicação prática, porém dependerá da pesquisa psicológica e científica. E então, qualquer método prático de educação não será tomado como coisa final. Crescerão sempre no sentido de tomarem formas menos rígidas e de libertar mais vida. Assim, eu diria: antes de mais nada, conquistai o espírito aventureiro e depois utilizai todo o vosso mental e as outras faculdades para defrontar a vida prática com esse espírito de aventura.

JACQUES BIENFAIT: Isto se aplica também às nossas relações com outros e não somente crianças. Pois que o mesmo método que é usado aqui, que é o de Krishnaji, o de juntar em redor de si um certo número de pessoas para ajudá-las a sorverem seus problemas individuais é, até certo ponto, aplicável também a outras pessoas que se juntem em redor de nós. Elas ganharão alguma coisa com esse contado, o que obtiveram será ainda passado adiante a pessoas com quem entrem em contado também e, assim, os contados serão numerosos.

RALPH CHRISTIE: Parece-me muito fácil. Penso que a dificuldade reside em que, quando daqui sairmos e nos encontramos com as outras pessoas, elas se encontram tão profundamente abismadas em sua visão pessoal que quase fora necessário uma explosão para as fazer sair desse estado.

KRISHNAJI: Não discutamos se a Verdade é prática, ou não é. A partir do momento em que perguntais se ela é prática, estareis destruindo o propósito para o qual ela existe.

FRIEDMAN: Preocupamo-nos sempre em melhorar a vida, em lugar de deixa-la prosseguir. Para mim, porém, aplicar perfeita, sincera e fortemente à vida humana ou à nossa própria vida, o

que Krishnaji diz é formarmos um esplêndido, um perfeito, caos sublimíssimo. Todos nós falamos a respeito de escolas, famílias, sociedades, comunidades e assim por diante, por que somos de uma complexidade e seja-me dado dizê-lo de um altruísmo complexo. Pensamos que sempre que falarmos de alguma coisa temos imediatamente que pensar em nosso próximo; porém não nos compete a nós pensarmos em nosso próximo.

KRISHNAJI: Concordo plenamente, senhor. Por isso é que volto ao ponto de onde partimos. Por Deus, não tomemos em consideração o nosso vizinho antes de nos tomarmos a nós próprios, pois que não é altruísmo o ajudarmos o nosso próximo a se tornar mais cego do que já é. E portanto, voltamos à outra idéia, a de que não podeis arrastar os outros à vossa visão da felicidade, à vossa visão da verdade, à vossa visão da vida, porque isto significaria a conversão, por outras palavras: vós lhes estareis dando alguma coisa que eles precisam aceitar afim de atingirem.

SUARES: Este é todo o meu ponto. Um dia alguém perguntou-me "Que posso eu fazer? Que estais vós fazendo?" Eu lhe respondi "Sede um gênio!" Ele voltou novamente em outro dia e perguntou: "Que estais vós fazendo?" Eu lhe respondi "Bem, eu estou em vias de tentar tornar-me um gênio". Penso que um gênio é um criador e aquele que cria não se preocupa com os outros. Preocupava-se Beethoven por acaso com as pessoas que não ouviam música?

FRIEDMAN: Krishnaji, vós nos haveis proporcionado o exemplo do poço cheio de água, porém nem todos a utilizarão da maneira adequada. Imaginemos o caso afortunado ou desafortunado de que o vosso ensino se tome amplamente difundido por todo o mundo; torna-se moda, por exemplo e todo o homem começa a aplicá-lo a si mesmo; isto produzirá uma pequena revolução em sua vida particular. Na maioria dos casos revolverá as pessoas. Sob o ponto de vista do seu próximo, o homem que estiver revolvido, será das pessoas do mundo, a mais impossível com quem se viver, haverá um período, imaginemo-lo assim, em que toda a gente no mundo será "impossível" no grau máximo, para o seu próximo e haverá um pequeno caos divino no mundo, como nos haveis dito. Isto porém, não é desejado, porque o povo teme o caos. Tem medo dele. Falamos constantemente de problemas sociais e de comunidades. Isto, porque tememos que a realização individual, da nossa verdade passe despercebida ou seja mal julgada pela comunidade. Cada um de nós sente de modo perfeitamente incisivo que a vida que nela dorme, quando for permitida fluir livremente, trará consigo toda a lama e toda a estagnação que tem colhido através de eons do passado. E todos se sentem horrivelmente atemorizados com isso. Portanto, todos falam de problemas sociais por temor de seu próximo. Em minha opinião vosso ensinamento pode parecer não social - como a-social - e às vezes pode parecer até anti-social. Além disso, não pode ser aplicável a todo o indivíduo na sociedade. É para todos; porém, pessoas há que não de temer po-lo em prática, outros disso terão vergonha e poucos o praticarão, porém estes mesmos serão apontados como as pessoas de vizinhança a mais temível.

PRASAD: Não penso que Krishnaji seja, anti-social. Os liames sociais não estão fixados. São variáveis. E, portanto, permanecem em todos os níveis. Se os indivíduos, como unidades, mudam, os liames sociais variarão e realmente não é anti-social o mudar rapidamente em direção à Verdade. Eu próprio antevejo e espero uma grande mudança na Índia, como resultado direto do ensinamento de Krishnaji. Os milhões de habitantes da Índia, acham-se realmente estagnados, afastados do fluxo da vida, devido à barreira da tradição. Ora, quando esta mensagem ali chegar com plena força e se espalhar entre os milhões de pessoas ali existentes, a barreira será varrida em grande extensão e eles serão arrastados para uma nova vida. Adaptarão automaticamente a ela as relações sociais.

Sra. DE MANZIARLY: Provavelmente existe algo de realmente novo que está vindo. Gastamos todo o tempo em discutir velhos termos - sociedade, anti-social, social. Imaginai agora que está se aproximando outra idéia nova. Algo de universal. Uso a palavra "universal" porque, não sei que coisa nova é essa. Imaginai que o Sr. Friedman tenha razão, que Krishnaji seja anti-social por ser universal. A mera sociabilidade pode achar-se no caminho da universalidade. Eu porém, vos digo que não me atemorizo se alguém disser que sou anti-social, ao encontrar-me pró algo que ainda não tem nome. Há, na realidade, coisas novas aproximando-se e tão novas que para elas não temos termos, tão novas que tememos o afastamento das velhas. Por exemplo, a idéia do Mestre sem um discípulo é algo de tão novo que logo a princípio se diz que é impossível De modo que é exatamente assim: e as pessoas que gostam do antigo sentem-se triste ou

anuviada e atemorizada. Dizem: "ele não tem compaixão, não há nele sentido social, ele não entende a fraternidade".

Sra. RAMONDT: Se tivermos que tornar prático este ensino, não implica isto também que, ao passo que nos esforçamos por alcançar a meta por nós próprios e esforçando-nos por atingi-la, nos esforçaremos por praticá-la no mundo ao aplicá-la também aos problemas mundiais? Não seria prático o ensino se não pudesse ser aplicável aos problemas do mundo, se tivéssemos que esperar. Mas esperar até que todos sejam perfeitos, seria um processo longo. Deveríamos criar circunstâncias novas e novas oportunidades, de maneira a tornarmos mais fácil para outras pessoas verem a meta. Não é assim? Não poderemos ajudar no político a vinda do divino à superfície falando-lhe da meta tal como a vemos?

RAJAGOPAL: A questão é esta: fareis com que o povo veja mais facilmente a meta tornando as circunstâncias mais fáceis? Vedes que toda a questão gira em torno disto: estais seguros da meta tal como a vedes, sabeis o que ela é; e quereis criar o divino no político de modo a tornar mais fácil para ele o enxergar a meta tal como vós a vedes. Eu porém sustento que a meta não é tão clara como o pensais.

KRISHNAJI: Portanto, quero voltar em linha reta a isto: a meta para vós não é a mesma que a de outrem e, no entanto, é sempre a mesma para mim. Quando percebeis essa meta ela não é semelhante à minha, e quando eu a percebo não é semelhante à vossa e, no entanto, é sempre a mesma. Portanto haverá ordem e não caos se cada qual procurar sua meta. Não há utilidade em insistir com outra pessoa: "Não é esta a meta que precisais ter". Quando dizeis a outrem: "Olhai, eu quero mostrar-vos a meta e a senda que deveis trilhar, estareis destruindo o verdadeiro propósito daquilo de que vos estou falando, daquilo que eu quero fazer.

A ESTRELA - Vol. I - N. 10 - Dezembro de 1928

PERGUNTAS E RESPOSTAS

J. Krishnamurti

Acampamento da Estrela - 1928

Não se alcança a Verdade, que é incondicionada e ilimitada, sem derramar lágrimas. Não podereis compreender a vida sem ter lutas, dificuldades, dúvidas. Quanto mais as tiverdes, maior segurança tereis em vossa compreensão. Sei que isto pode parecer duro, mas espero que compreendeis. Muitos de vós acham-se incertos, procurando descobrir por si mesmos; se me é dado fazer-vos uma sugestão, dir-vos-ei que procureis manter sob domínio as vossas emoções, com maior firmeza ainda do que até aqui; não deixeis que elas disparem, arrebatando-vos também. Nem vos deveis tão pouco intelectualizar a ponto de vos tornardes duros e calejados. Conservai-vos eqüânimes, se me permitis a sugestão, mantendo cuidadoso equilíbrio entre a mente e as emoções. Não penseis sequer um instante que vos quero transtornar ou que vos queira forçar a tomar alguma resolução. Não vos desejo urgir nem coagir, em modo algum. Tudo quanto desejo é apresentar-vos para vosso exame, e portanto para vossa compreensão, aquilo que descobri ser a Verdade. Podeis colocá-la em dúvida; podeis dizer: "Não é isto o que desejo; não sois o verdadeiro Instrutor". Mas não vos deixeis enredar em vossas emoções para depois vos sentirdes como transtornados. Não é esse o caminho para achar a Verdade.

Se fôsseis a um museu ou galeria de pintura, não iríeis criticar quadro por quadro, a menos que fôsseis um grande crítico de arte; no em tanto, desejai criticar e rejeitar sem exame cuidadoso algo muito mais difícil de compreender do que um quadro, algo que é muito mais real do que uma pintura, e que é a própria Vida.

Não deveis dizer: "Krishnamurti pede-me que renuncie". Não vos peço que renunciéis a coisa alguma, porque não creio que exista tal renúncia; não creio que exista o sacrifício. Para

alguém que seriamente compreenda, não há renúncia, nem sacrifício ou reconciliação. Não desejo que façais coisa alguma desta espécie; e, por favor, acreditai-me quando digo que vos falo com todo o meu coração. Por que vejo que a maior parte dos homens se sente infeliz e sempre lutando, desejo prestar auxílio. Não fosse esse o meu desejo, eu não estaria aqui; preferiria, de muito, afastar-me para um lugar sossegado. Não penseis que vos estou dizendo isto por dureza de coração. Não desejo convencer-vos de que devas acreditar ou rejeitar isto ou aquilo. Desejo que tudo examineis, de modo imparcial e são, sem vos deixares levar quer pelas emoções, quer por teorias intelectuais. Pessoa cultivada é a que não pré-julga de forma alguma seja o que for por desejo, e é capaz de examinar todas as coisas imparcialmente, e que não se deixa transtornar por suas emoções e preconceitos.

Tenho certeza do que vos apresento pois conheço-o por mim mesmo: vós porém, não o conheceis desta forma, e por isso, não vos sintais transtornados, nem tão pouco irritados ou cheios de superioridade. Examinai isto e vede se não é a única solução no mundo que poderá dar uma felicidade perene, se não é a única senda para achar a Verdade e essa liberdade que é felicidade. Essa é a atitude que deveis adotar e não a da mera aceitação ou rejeição daquilo que digo. Desejais aquilo que achei e para o terdes, para o viverdes e abraçar, deveis aproximar-vos disso, de um modo são, com equilíbrio das emoções e da mente. Não será com o vos tornardes super-sérios, que descobrireis a verdadeira proporção das coisas. E se rísseis um pouco mais de vós mesmos, e de todas as vossas teorias, assim como também das minhas, tudo estaria melhor.

Pergunta - Se a Ordem da Estrela é uma ponte, que leva o vosso ensinamento ao mundo, não poderiam outras pregações, movimentos, cerimônias e até Igrejas, servir também de ponte para os ensinamentos e para colocar as pessoas em contato convosco e com a Verdade que representais?

Krishnamurti - Disse-me outro dia um amigo meu: "Adquiristes uma prevenção contra as cerimônias". Ora, eu não tenho, prevenção contra as cerimônias. Seria um absurdo fazer das cerimônias um princípio contra o qual combater. É coisa tão pouco essencial, do meu ponto de vista, quanto que faça bom ou mau tempo. Tire portanto de vossas mentes a idéia de que deseje atacar as cerimônias ou tenha prevenção contra elas. Não se deve fazer das cerimônias um princípio essencial à compreensão da Verdade e, portanto, da Vida. Depois, quanto ao que respeita às organizações, desejaria dizer-vos isto: não penso que seja necessário a alguém pertencer a qualquer organização, mesmo à Estrela. As organizações sempre usurpam a Verdade, e assim há o perigo de que, ao invés de guiar as pessoas por sobre a ponte, em direção à Verdade, elas as impeçam de a alcançar. Por essa razão é que sou sempre um receoso quanto à organizações. Fazeis uma cadeira para vos servir de assento, mas seria absurdo assentá-la sobre vós. Assim também com as organizações. Se o movimento da Estrela é como que uma ponte - e espero que o seja - para transmitir as idéias que apresento e que deveis examinar - vós é que sois a ponte, que constituís a organização. Sois os alicerces da ponte. Se os alicerces não forem firmes, a ponte desabarará. Se não tiverdes a firmeza e pureza de seus propósitos - de trazer o mundo para mais perto do absoluto, da Verdade indômita, será então inútil e até perigoso uma organização. Peço-vos, não julgueis que por ser eu o chefe desta organização, desejo manter a todo custo este movimento; não me importa isso, porque, como com todo o cuidado tenho dito sempre e sempre, as organizações, não são em si mesmas, coisa tão essencial. Muitas pessoas há que não estão de acordo com a existência das organizações - não querem assumir compromissos, afirmar crenças, aceitar condições. E esta organização da Estrela existe puramente para propagar a idéia, e não para ser um tabernáculo da Verdade. Vai nisto uma grande diferença. Esta organização não deveria proclamar-se como o caminho especial para a Verdade, ou proclamar-se de posse de uma benção especial. Nenhum movimento, nenhuma organização religiosa deve jamais dizer-se possuidora de uma benção especial, nem declarar que seja a senda que conduz à Verdade. Isto seria uma limitação da vida e portanto uma traição à Verdade. Onde quer que haja uma pesquisa, uma aspiração, um desejo de procurar a Verdade, ali está a Verdade - e não em uma organização de qualquer tipo, por santificada que seja.

"Podem outras organizações auxiliar em estabelecer contato entre as pessoas e a Verdade que representais?" - Isto não depende das organizações, mas de vós. Amigo, sois vós que fazeis as organizações; podeis fazê-las grandes, amplas, tudo incluindo e não excluindo nada ou podeis torná-las estreitas, limitadas, conjunto fechado de pessoas dogmáticas, de mentalidade estreita e crédula. Isto não depende de mim, mas de vós.

Se outras organizações podem auxiliar, não o sei. Nem me diz respeito. Se vos dissesse eu que algumas auxiliam e outras não, e assim por diante, perguntar-me-íeis porque certas organizações prestam auxílio e outras não. Não são as organizações que revelam a Verdade; é o indivíduo que compreende que presta auxílio; é o indivíduo que encontrou a Verdade que cria duradouramente. A Verdade não depende de organizações de qualquer espécie, sejam da maior antiguidade, ou as mais modernas. E porque, cada organização afirma ser algo de especial, possuir sendas especiais para a Verdade, é que atraíam e corrompem a Verdade. Considerai diligentemente e tereis a compreensão; rejeitai violentamente sem pensar, e não haverá compreensão. Pouco adianta dizer-me: "Foi-nos dito isto e aquilo". Contra isto não tenho resposta. O que me preocupa é a purificação e a estabilidade da mente e do coração e não as organizações de qualquer espécie. Afinal, se a mente e o coração não estão puros, quem vos pode falar de sua pureza e de sua força, senão vós mesmos? Que organização vos poderá ajudar a purificá-los, senão vós mesmos? Porque dependeis de organizações, tanto religiosas como morais, e de autoridade externa para vossa força, purificação e sustento, estas organizações usurpam e pervertem vossa compreensão.

Pergunta - Pois que Krishnaji não quer transigências, não deveríamos abandonar todos os movimentos que não fossem a Estrela?

Krishnaji - Não vos direi o que abandonar ou não abandonar. Para mim não há transigências, por que não tenho com que transigir. Não posso transigir com algo que para mim não tem utilidade. Para alguém que alcançou a outra margem, não pode haver transigências com a margem deixada para trás. Terminou o que com ela tinha que ver. Há transigências, tem que haver transigências, para alguém que ainda tem que aprender a fazer a travessia, que somente está pesquisando, que todo o tempo está a olhar para a outra margem, mas sem a coragem, a determinação, o desejo necessário para atingi-la.

Se abandonardes algum movimento por alguém vos ter dito para fazer assim, estareis meramente fechando-vos em uma nova gaiola. A tendência moderna não é de ingressar em movimentos, assumir compromissos ou subscrever certos objetivos definidos. Tenho falado a muita gente na América, Índia ou Europa, que me pergunta: "Devemos, ingressar em vossa Ordem?" Eu lhes digo: "Não, em absoluto". Falai a alguma pessoa jovem, que tenha entusiasmo, e, vereis que nem sempre desejará ingressar em seja o que for. Muita gente ingressa em movimentos pelo desejo de procurar a salvação, de procurar a certeza, de procurar conforto. Ninguém de fora vos pode salvar - "salvar" é uma palavra curiosa - mas usemo-la neste momento. Uma vez que sejais vosso próprio guia, vossa própria autoridade e vosso próprio criador, tudo está bem. É muito mais simples firmar-vos em vosso próprio eu, do que dependurardes vossa alma das cavilhas de um movimento.

Pergunta - Dizei-nos por favor os modos pelos quais podemos dificultar o vosso trabalho.

Krishnaji - Eis uma pergunta honesta! Temo que estejais realizando isso com todo o êxito, pela não compreensão do que vos vou dizendo. Amigo, não é o meu trabalho que estais fazendo. Estais fazendo o vosso trabalho e não o meu. Podeis criar-vos dificuldades a vós mesmos ou ajudar-vos a vós próprios. Meu trabalho é o de auxiliar-vos a despertar vosso desejo de consecução, de iluminação, de libertação e o modo por que alcanceis isto, não é de tão grande importância. Alcançareis, mas o modo pelo qual maiores dificuldades possais ocasionar, esse depende de cada um de vós. Muitos pensam que estão prestando auxílio. Temo que a primeira coisa que devam compreender, seja a de que não estão ajudando; porque, quando uma vez admitis que não estais auxiliando, desbravais o solo para poderdes construir, desbastando a floresta da incompreensão e abrindo caminho à luz. Mas se, ao contrário, disserdes: "Compreendo tudo, é tudo muito simples" - então por esse modo é que podeis ser destrutivo, e deixar de prestar auxílio. No entanto, muitos de vós estão a dizer a todo instante: "Oh! Compreendo-vos perfeitamente!"

Pergunta - Pensa Krishnaji que hajam determinados movimentos, organizações ou grupos, que tenham o poder de dificultar o seu trabalho no mundo?

Krishnaji - Deixo isto a vós; as organizações, grupos, movimentos, tudo isto, sois vós próprios. Se não compreenderdes, não podereis auxiliar; e se não puderdes auxiliar, também não o poderão fazer as organizações e grupos ou movimentos a que pertencerdes. É, assim, um

circulo vicioso. Deveis resolver primeiro, o vosso problema, alcançar primeiro vós a compreensão e então as organizações, grupos, seitas e movimentos não serão de muita importância.

Pergunta - Depois de ter-nos mostrado a meta e acentuado a necessidade da destruição, podeis esclarecer-nos mais um pouco os meios de atingirmos a meta? Muito tem sido acentuado o lado destrutivo do trabalho. Porque é que tão vagamente se tem falado do lado construtivo?

Krishnaji - "A necessidade de destruição" - Não sei de que!... "Depois de nos ter mostrado a meta..." - Eu não vos mostrei a meta. Desejo despertar em vós o desejo de ver a meta e vós a vereis. Se eu vos mostrasse a meta, a Verdade absoluta e sem fim, ela não seria a Verdade para vós; e se vos traçasse o caminho conduzindo à Verdade, não seria esse o caminho para vós. É fácil traçar uma senda, estabelecer certas leis éticas e morais a que devais sujeitar-vos; mas esse não é o meu intento ... "Podeis esclarecer-nos um pouco mais os meios de atingirmos a meta?" - Mas por certo, isto é que tenho estado tentando fazer! Isto é o que tenho procurado explicar. Mas, vós é que deveis compreender, vós deveis criar a meta, a senda, e não eu. Desejaríeis que eu vos dissesse: "Levantai-vos de manhã a tantas e tantas horas, meditai tantas outras horas. Alimentai-vos disto e não daquilo. Pensai isto e não aquilo". Desejaríeis que vos traçasse certas raias que limitassem a vossa vida e a vossa compreensão. Pensaríeis então que nisto é que consiste mostrar-vos o caminho. A vida se encarrega de apontar o caminho àquele que deseja compreender a Verdade. É pelo fato de vos isolardes, de vos afastardes da vida, que desejais vos aponte a meta, assim como o caminho que a ela conduz. Tenho observado pessoas de vida muito sistematizada, levantando-se a uma hora precisa, alimentando-se da maneira prescrita para se ser considerado espiritual - seja isso o que for - e que não pensam nas coisas em que lhes foi dito não pensassem. Tenho observado gente assim e observado como lhes falta frescura à vida. Não é através de limitações, da observância estreita e pouco inteligente de pequenas disciplinas, que podeis alcançar. A Verdade está muito além destas disciplinas, sistemas e observâncias. A Verdade nada tem que ver com a maneira de vos alimentardes nem com aquela por que meditais, ou o caminho por onde chegéis à compreensão, ela diz: "Eu existo, e se amais, lutai com a vossa vida, com cada um dos acontecimentos do dia e procurai e compreender, mas não estabeleçais limitações à vossa compreensão. "Muito tem sido acentuado o lado destrutivo do trabalho. Porque é que tão vagamente tem-se falado do lado construtivo?" - Não podeis criar, sem primeiro destruir as complicações que cercam a vida, sem simplificar a esta. Não podeis construir onde já existam outros edifícios. Se quiserdes construir, precisais ter espaço aberto no qual lançar alicerces profundos. Isto não é destruição. Estais sempre a considerar o aspecto negativo, por que vos é mais conveniente e jamais o lado positivo, que é o lado construtivo. Se escutardes com atenção, vereis que não há nem destruição nem construção. Se abriredes as portas à vida e não procurardes torce-la, ela construirá onde for necessário; mas, é pelo fato de procurardes torce-la, de procurardes regulá-la, que há para vós a renúncia que é destruição, e é perda de tempo; e que há para vós sacrifício, por terdes que endireitar aquilo que está torto.

Pergunta - É acertado considerar os movimentos espirituais em geral como semelhantes ao movimento de Krishnaji? Não são inteiramente diversos?

Krishnaji: - Antes de tudo, eu não tenho nenhum movimento. Recuso-me a me deixar transformar numa causa, de modo a, por meu intermédio, poderdes salvar as vossas vidas. Muita gente deseja causas, para com elas tornar mais belo o seu próprio desejo e ampliar a sua própria aspiração. Desejam evoluir através da causa de um terceiro, de preferência a crescerem por si mesmos. Mas, a última coisa que eu deseje fazer é lançar um movimento. Por isso não há como perguntar "se alguns movimentos são a mesma coisa que o movimento de Krishnaji". Tudo considerado, eu não desejo - e digo isto com toda a sinceridade e espero que o acrediteis com a plenitude de vosso coração - eu realmente não desejo criar mais urna gaiola para vós. O que acontece na maior parte das organizações, das corporações religiosas, dos movimentos é que nelas sempre vos pedem que deixeis vossa gaiola, por pequena e estreita, e que entreis para uma outra gaiola igualmente pequena e estreita. Será talvez um pouco maior, mas ainda assim será uma gaiola. E o que eu faria, e o que eu farei é não ter gaiola nenhuma e provocar e despertar o ardente desejo da libertação, para que não vos criéis gaiolas em torno de idéias, em torno de personalidades. Mas, no próprio instante em que venhais a me considerar como o autor de um novo movimento lançado em oposição a outro qualquer, toda a minha concepção da vida estará desvirtuada. Perguntou-me em Paris o repórter de um jornal se eu era teosofista ou se era hinduísta, se era isto ou aquilo mais; e se todos deviam se tornar teosofistas, hinduístas e

membros da Estrela, afim de compreenderem o que digo. Respondi-lhe: Não precisais absolutamente tornar-vos teosofistas ou membros da Estrela. E acrescentei que não era nem teosofista nem não teosofista. Tudo isso afinal são meros rótulos e há algo de maior que está para além dos rótulos. Não é bom abrigar-se alguém por detrás de um rótulo, ou deleitar-se com um movimento.

Quanto à pergunta "Não são inteiramente diferentes?" - se assim os julgais é porque o devem ser.

Quando o primeiro quadro cubista foi exibido em Paris, verdadeiro furor se levantou contra ele, mas essa pintura em breve veio a ser apreciada. Todos tinham certas idéias a respeito e hoje o cubismo está perfeitamente na moda. Se tivésseis perguntado a um pintor cubista: "Estais lançando o cubismo, por oposição ao antigo modo de pintar?", - ele responderia: "Não, isto é coisa inteiramente diversa daquilo a que estão acostumados vossa mente e vosso coração". Isso mesmo é o que está acontecendo hoje; assim também há muitas pessoas no mundo que ora se apegam à crítica, dizendo que vim para destruir isto ou aquilo, e que no que ensino nada há de construtivo. Qualquer coisa de novo - embora haja nada de novo sob o sol - está sujeito a ser incompreendido a princípio. Mas, haverá também outras pessoas que abrirão suas mentes à razão e se apegarão a isso que é novo e deste modo raciocinando e lutando, abrirão os seus corações a uma felicidade maior.

Pergunta - A impressão que temos em geral de um Instrutor do Mundo, vem associada com a da compaixão. Alguns acham falta dessa qualidade nos vossos ensinamentos. Poderíeis definir vossa concepção da compaixão?

Krishnaji - Um cirurgião que vê uma moléstia combalindo aos poucos um homem, diz: "Para que se cure, devo operá-lo". Vem outro médico menos experimentado e dá-lhe alimentos e o induz à sonolência. Qual dos médicos considerariéis mais compassivo? Desejais conforto oriundo da decadência e que imaginais ser compaixão, afeição e amor puro. Teríeis a sombra desse conforto, mas se eu vo-lo desse, não realizaria trabalho de um verdadeiro Instrutor, de um ser que alcançou. Se ao contrário, eu vos apontasse vossas próprias fraquezas, que são as causas de muitas doenças, diríeis: isso não é compaixão". Quando vos atormenta o sofrimento, ides ter com um médico para que vo-lo alivie. Se o médico for sábio, ele não vos dirá que continueis a alimentar-vos da mesma forma que até aí, continueis a desfrutar os mesmos fugitivos prazeres da vida; ele vos dirá que deixeis vossos prazeres, vossos gozos passageiros e que abandoneis essas coisas por algum tempo para reunir energias. Mas não desejais um médico assim; porque ele vos fala a verdade, é-vos mais difícil segui-lo e compreendê-lo, quando podeis chamar um outro médico que alimente as vossas futilidades e vos dê inúmeros confortos passageiros, - o médico da verdadeira compaixão. Quão pouco compreendeis a compaixão! Quando uma mãe vê seu filho caindo, embora, ocasionalmente possa ajudá-lo, o seu desejo é que cresça forte e assim, não vive a procurar impedir que caia. Não chamaríeis a isso compaixão, afeição, amor? O que é mais nobre ou grande - despertar a força que está oculta em todo ser, para que por si mesmo empreenda a ascensão da encosta da montanha ou deixá-lo permanecer fraco e empurra-lo montanha acima?

Havia uma vez um homem que era parálítico. Curou-se, mas poucos dias depois foi mandado para a prisão por determinado ato de imoralidade. O que seria melhor - curar os desejos que causam as feridas ou curar as feridas momentâneas, o que somente poderia levar a maiores tristezas e penas?

Todos vós desejais conforto e esperança, e o céu a dançar-vos na frente, e a isto chamaríeis "compaixão". Desejais ser levado de uma esperança a outra esperança, de aspiração a aspiração, de desejo a desejo, de satisfação em satisfação. Ao homem que vos ofereça isto, dareis os louros da compaixão; enquanto que ao homem que não vos dá esperanças, mas vos traz a compreensão real da vida, de modo a poderdes vós mesmos, vencer todas as indisposições, doenças e tristezas, e penas, dizeis: esse homem não tem coração ou seu coração é seco e vazio.

Se não tendes a compreensão real da compaixão criareis a sombra do conforto, como tantos o fizeram, e por esse modo traireis a Verdade. Se não compreendeis a compaixão no seu mais completo sentido, construireis muitas gaiolas, adornando-as e decorando-as e tornando-as belas. Se não compreendeis essa qualidade da afeição, construireis templos em que haverá

imagens gravadas para conforto passageiro dos outros, o que será novamente menosprezar e portanto trair a Verdade. Se não compreendeis esse amor, criareis na encosta da montanha abrigos que tirarão as forças e o conservarão nas trevas.

Boletim Internacional da Estrela N. 9

Órgão Oficial da Ordem da Estrela

Setembro e Outubro de 1928

PERGUNTAS E RESPOSTAS II

J. Krishnamurti

Reunião dos Organizadores Nacionais

PERGUNTA: Dizeis que as organizações só são de real valor se não pretenderem ser os repositórios da Verdade. Para que a Ordem da Estrela permaneça como ponte entre a Verdade e o mundo, até que ponto se deve dissociar de movimentos que, de acordo com a opinião de muitos, se proclamam serem receptáculos da Verdade? Por favor atentai no que há de praticamente implícito nesta pergunta.

KRISHNAJI: Jamais é preciso dissociar-se ativamente seja do que for; com a atitude própria podem-se executar todas as coisas. Se vos dissociardes dessas instituições - e não sei a que instituições vos referis nesta pergunta - vossa dissociação implicaria o temor de vos emaranhardes. Por temerdes o contágio das doenças, vós as evitais, se porém, estiverdes limpos, sãos e fortes, doença alguma vos tocará.

Não desejo que a Ordem se torne um tabernáculo da Verdade. Devemos tomar cuidado, pois, para que a instituição se conserve pura, no sentido de atuar como uma ponte.

PERGUNTA: Em nosso desejo de não transigirmos com a Verdade podemos sentir ser do nosso dever o dissociarmo-nos de instituições espirituais e religiosas. Não pode tal ato, de parte de um Organizador Nacional envolver a Ordem em uma outra forma de crença ou descrença?

KRISHNAJI: Depende do indivíduo. Sei tudo que esta pergunta implica. Não vou decidir por vós, posto seja isto o que desejais. Gostariais que eu dissesse: Dissociai-vos de tudo; desta, daquela e daquela outra instituição. Que aconteceria se tal vos aconselhasse. Obedeceríeis pela minha autoridade, porém em vossas mentes haveria incerteza e desta incerteza adviria infelicidade e grande perturbação. Se, porém, por vós próprios decidirdes e estiverdes seguros em vossa decisão, não vacilareis e a vossa decisão será o vosso guia. Todos haveis sido educados na confiança em autoridades, porém a Verdade jamais se encontra na autoridade de outrem, a Verdade não se acolhe ao abrigo da autoridade. Assim pois, tendes que abandonar todas as autoridades e depender de vós mesmos. Pelo fato de haverdes sido nutridos e apoiados pela autoridade, por todas as vossas esperanças terem sido estabelecidas na autoridade, atemorizai-vos quando eu digo: não dependais da autoridade, porém do vosso próprio conhecimento da vida, da vossa intuição, que é a consumação de toda a inteligência, a qual, ainda uma vez, é o resultado da experiência.

Quereis que eu exerça autoridade, porém isto me seria impossível, pois que eu sustento que a autoridade destrói a compreensão; eu mantenho que só vencereis mediante as vossas próprias lutas, pelas vossas próprias dúvidas, pelo vosso próprio entendimento da vida.

Durante muitos anos aceitei muitas crenças, nunca as questioneei, jamais convidei a dúvida a entrar, porém, ao contrário disso, evitava-a. Quando comecei a pensar por mim mesmo, não

mais aceitei a autoridade de quem quer que fosse e comecei a projetar a sombra da dúvida sobre tudo.

Por este modo expulsei todas as dúvidas e tornei-me a realidade. Agora, estou seguro do que permanece comigo. Não tenho medo, pois ninguém pode dar-me ou tirar-me a Verdade que me pertence. É preciso que não mais sejais crianças a quem se diga o que deveis e o que não deveis fazer. Não é por este processo que se encontra a Verdade.

PERGUNTA: Os membros da Ordem da Estrela desejam estabelecer os vossos ideais no mundo. Podem os vossos ideais ser expressos em termos concretos para os outros ou deve cada qual buscar esses ideais por si mesmo? Nesta última hipótese, pode haver trabalho coordenado? Não se dará conflito?

KRISHNAJI: Quereis dar a entender que o que eu digo, não é bastante concreto. Quereis disciplinas, quereis caminhos traçados retos, estreitos, regulares, pelos quais possais caminhar. Quereis que eu te diga que, se seguirdes isto, atingireis; se seguirdes aquilo, não atingireis. Não haveis compreendido que o que eu digo é prático ao último ponto. Se para vós não é, prático, é porque o não aplicais a vós mesmos e, portanto, não terá o poder de derrubar a escura floresta das crenças, na qual vos achais perdidos.

No que se refere ao conflito, digo que, se cada qual for uma lâmpada para si mesmo, e por ela a si mesmo guiar, não projetará sombras sobre a face de outrem. Eu não quero alterar seja com quem for; não quero entrar em conflito com pessoa alguma, porque sigo aquilo que sei ser justo e jamais entrarei em conflito com outrem. Vós porém, pelo fato de não estardes seguindo a vossa própria luz e, a todo instante vos achardes em dúvida, questionando essa luz própria, indagando sobre se certas injunções de autoridades não serão mais acertadas, projetais sombras, e daí criais a confusão.

PERGUNTA: A maioria dentre nós, tem que se empenhar em alguma atividade não criativa em virtude de razões práticas, e verificamos que freqüentemente somos direta ou indiretamente arremeados naquilo que consideramos ação oposta à Verdade. Até que ponto estaremos justificados nisto?

KRISHNAJI: Esta pergunta baseia-se em outra: o que é importante e o que não é, à luz da Verdade? Não é isto? Precisaís primeiro descobrir o que é a Verdade e depois que houverdes compreendido - posto que não tenhais atingido - jamais cedereis, jamais transigireis com essa Verdade, posto que em coisas que sejam de muito pouca importância à luz da Verdade, possais ceder e transigir.

PERGUNTA: A maioria dentre nós têm, até agora, confiado em fontes externas no sentido de obter inspiração espiritual. Vós nos solicitais a abandonar essas fontes como inúteis. Que colocaremos em seu lugar?

KRISHNAJI: Eu não vos solicito rejeitar coisa alguma. Se confiardes na inspiração externa há sempre a probabilidade, mesmo a certeza de que a vossa inspiração se esvairá. Eu digo: para vossa inspiração, confiai na própria Vida; enamorai-vos da Vida e a Vida vos inspirará sempre. Enamorai-vos da Verdade, da Meta em direção à qual a humanidade luta e não necessitareis de inspiração externa. Não vos estou retirando coisa alguma, vós próprios é que retirais aquilo de que não mais necessitais. Não vos estou esvaziando a taça, pode acontecer que a tenhais enchido de águas impuras e, verificando agora que elas estão impuras, as deiteis fora e encheis a taça de novo. Por favor, apercebei-vos de que eu não estou arrebatando-vos seja o que for. Pelo contrário, se bem compreenderdes, verificareis que não somente estais enchendo as vossas taças, como também as taças dos outros com as águas duradouras que extinguirão para sempre toda a sede. Se, porém, não compreenderdes, vossa taça permanecerá vazia ou cheia até aos bordos com águas impuras. Temo que estejais sempre considerando o lado negativo daquilo que eu digo, sem olhardes nem o positivo nem o dinâmico, porém sim o estático; e por causa disto sentis que sois deixados sem coisa alguma, que ficais vazios como uma casca. Se na realidade alguém puder arrebatá-vos daquilo que possuis então é porque tal não é digno de ser possuído. Eu daria as boas vindas de bom grado a quem quer que me arrebatasse as coisas que não valem a pena ser possuídas. Como pensais vós que podereis buscar o duradouro, o eterno? É continuamente pondo de lado as coisas que houverdes reunido, avançando sempre, jamais permanecendo em um abrigo - por muito confortável, por protetor que ele seja - pois aí se

encontra a estagnação e a decadência. Vós vos atemorizais das chuvas que vêm e que não de lavar o acúmulo das impurezas das idades e tornar puras todas as coisas.

PERGUNTA: Qual o melhor modo de responder às pessoas que fazem perguntas acerca da Ordem da Estrela? Quando digo que acreditamos na presença do Instrutor do Mundo, verifico que é difícil explicar-lhes o que é o Instrutor do Mundo.

KRISHNAJI: Um dia estava conversando com um amigo meu, na América, que jamais ouvira falar acerca do Instrutor do Mundo. Falei com ele durante muitas horas. Por fim ele disse "Não sei quem sois, se sois o Messias ou o Instrutor do Mundo, porém o que dizeis parece ser justo e vou me esforçar por compreender e viver de conformidade com tal compreensão".

Mais tarde ele perguntou-me: "É preciso que eu aceite o fato de serdes o Instrutor ou o Messias?" Eu lhe respondi: "Não vos preocupeis com isto. Se o que vos digo contém a Verdade em si, - se brilha pela sua própria luz, deveis seguir e compreender essa luz e é tudo quanto importa". Pelo fato de estar eu seguro do que sou, é coisa muito simples para mim; mas, pelo fato de vos encontrardes incertos encontrareis tais dificuldades. É pelo fato de acreditardes na autoridade que desejais transplantar essa autoridade para os corações dos outros.

Se vós como indivíduos, houverdes compreendido e estiverdes transformando as vossas vidas, a vossa atitude em conjunto, vossas mentes e corações, então o povo vos escutará e ficareis capacitados a proporcionar-lhes o bálsamo que há de curar as suas feridas. É pelo fato de vos sentirdes incertos, pela fato de em vossas mentes existir confusão e distúrbio que não sabeis o que responder.

PERGUNTA: Se formos perguntados em que campo repousa a nossa crença de que vós, Krishnaji, sois o Instrutor do Mundo, que resposta vos aprazia que déssemos?

KRISHNAJI: Sei que o inquiridor é pessoa muito séria, porém a sua seriedade o transvia. Se meramente repetirdes as palavras que de mim aprenderdes, elas não terão valor algum para quem quer que seja. Como sabeis que eu sou o Instrutor do Mundo? Alguns dentre vós não conhecem nem a Krishnamurti, nem ao Instrutor do Mundo.

É divertido e, também, sob um ponto de vista, é trágico, o prestardes tanta importância às palavras. Tenho repetido continuamente que não tem importância o poço de que extraís as águas, desde que elas sejam puras, desde que mitiguem a sede dos homens. Vós vos preocupais com a construção do poço e não com as águas que ele contém.

PERGUNTA: Um amigo meu disse-me que, desde que conheceu Krishnaji e seus ensinamentos sente que foi grandemente ajudado a encarar a vida com maior entendimento. Por seu turno ele quer ajudar a Krishnaji atingindo essa felicidade interna da qual Krishnaji fala, porém as circunstâncias da sua vida são tão integralmente adversas no sentido de tornarem para ele possível a felicidade, que sente claramente não poder alcançar essa harmonia interna e calma que parece ser a condição preliminar para a felicidade e, portanto, para a libertação. Que deveremos responder a esse tal amigo e que podemos nós, que provavelmente nos encontramos em circunstâncias menos adversas de vida, fazer para auxiliá-lo?

KRISHNAJI: Por outras palavras, ele "simplesmente sente que não pode alcançar essa harmonia interna". Ora, não se pode obter essa harmonia distanciando-se das circunstâncias peculiares da vida. Não se pode obter essa felicidade longe do mundo. Porque então haveis de tornar essa felicidade algo aparte da vida, do mundo? E eu vos digo: a própria vida do mundo, em sua consecução, é felicidade.

PERGUNTA: Dizeis que Deus é o homem purificado. Explicai, por favor, isto.

KRISHNAJI: Amigo, não sois Deus manifestado em limitações? No preencher, no libertar essa vida limitada, atingireis a Suprema Inteligência sem limitações, que ultrapassa o pensamento. Onde está a dificuldade? Dado o fato de a maioria das pessoas no mundo julgarem que Deus é um Ser de barba longa, que se preocupa com cada indivíduo isoladamente, guiando-o e protegendo-o, a Vida e semelhante idéia de Deus entram em conflito. Se, porém, tratardes a Deus como sendo essa Inteligência - Deus, Verdade, Felicidade, Libertação - e não algum ser

super-humano distanciado de nós, então, essa Vida em si mesma vos será uma inspiração, essa Vida vos guiará e protegerá.

Vida é Deus, Nirvana, Liberdade, e todas as coisas. Esta vida, em sua consecução, em sua liberdade é perfeição. Não busqueis, porém, o conforto por detrás dessas palavras, nem o abrigo contra entendimento, a luta, a tristeza e os regozijos da Vida.

PERGUNTA: Terei eu entendido a opinião que freqüentemente tendes dado relativamente ao valor das cerimônias? Refere-se ela somente à nossa atitude interna em relação com elas a qual deve ser de desapego?

KRISHNAJI: Se vos fiardes seja no que for para vossa felicidade, para vossa compreensão, então aquilo em que confiardes jamais vos dará satisfação.

Perguntais-me se as cerimônias devem ser postas de lado. Não coloqueis de lado coisa alguma. Fazei aquilo que julgardes correto sem ser por causa do que eu digo. Digo eu que todas as coisas de que dependeis são muletas e vos limitam. Se quiserdes atingir o entendimento tendes que colocá-las de lado, porém isto deve sobrevir como um resultado de vosso entendimento e não em virtude da persuasão de outrem.

PERGUNTA: São o Instrutor do Mundo e a Mãe-do-Mundo encarnações dos princípios Universais Masculino e Feminino?

KRISHNAJI: A Vida não é nem masculina, nem feminina. Como me preocupo somente com a Vida, essas coisas tem pouca importância para mim. Preocupo-me com a maneira de libertar a Vida, e essas expressões da Vida são para mim, digo-o de novo, de pequena importância.

É a vida masculina ou feminina? Nas expressões da Vida existem homem e mulher, porém, é a Vida que importa, não todas essas expressões dela. Essas formas da Vida são, para vós, importantes, e não a Verdade e a via para a sua conquista, a qual é a via para a libertação da Vida. À luz da Verdade as coisas que não são essenciais passam, as essenciais permanecem. Para, porém, atingir o entendimento disto, tendes que lutar, tendes que vos esforçar, tendes que verter lágrimas e ter dúvidas. Não repitais, acompanhando-me, palavras sem as compreenderdes, pois que a autoridade é semelhante a uma cizânia perniciosa que medra no jardim e mata todas as belas flores.

Quero que vos certifiqueis de que é a Vida que tem importância, de que só a Vida tem valor. Eu preocupo-me com a Vida e o modo de libertar essa Vida, afim de que a felicidade possa ser atingida.

PERGUNTA: A Teosofia, como todas as religiões, ensina-nos a seguir a manifestação divina em seus estágios de involução e evolução. O Instrutor, porém, diz que o homem pode atingir a libertação em qualquer estágio de evolução. Não há perigo de violar as leis da evolução, buscando libertar-nos antes do tempo?

KRISHNAJI: Como poderá qualquer pessoa libertar-vos? Como poderá qualquer autoridade externa, por magnífica e grande que seja, libertar-vos de vossos desejos, de vossos anseios, de vossos pesares? Tendes que vos libertar deles por vós mesmos - e ninguém pode fazer isto por vós - e então não haverá quebra das leis da evolução, mesmo que vos liberteis já amanhã. Podeis ligar o futuro ao presente.

Em um dia esplêndido, quente, cheio de sol, as flores que vêm à existência regozijam-se e não perguntam porque foram produzidas antes das outras.

PERGUNTA: A igreja Católica Liberal é ou não um instrumento direto do Instrutor do Mundo, como em 1925 no Congresso da Estrela em Ommen a Dra. Annie Besant declarou ser? Ela naquela ocasião falou, como o afirmou, por ordem e em nome do Senhor Maitreya, o Instrutor do Mundo, e agora, pelos lábios de Krishnamurti, o Senhor declara que religião e Igrejas não tem importância. Que dizer acerca desta contradição?

KRISHNAJI: Digo que cerimônias, igrejas, crenças, religiões, são desnecessárias para a libertação da Vida. Não direi jamais: Sim ou Não. Isto seria um modo muito fácil de sairdes da

nossa dificuldade e nesta direção encontra-se a autoridade e não o cultivo do entendimento. Porque é que fazeis seja o que for na vida? Pelo fato de alguém vos dizer que o façais? Porque pintais, porque compondes ou cantais ou fazeis qualquer outra coisa? Porque alguém vos compele a isso? No obedecer à autoridade de outrem está a escravidão da Vida. Se eu disser sim ou não a esta pergunta, qual será a vossa atitude mental? Vós próprios tendes que decidir. Deveis sair para fora do abrigo da autoridade e procurar. Neste caminho, somente, se encontra a liberdade e o atingir da felicidade.

Eu não quero dizer: rejeitai um e aceitai o outro e por esse modo, novamente criar a confusão em nossas mentes. Vós próprios necessitais ponderar acerca das coisas, fazer o que julgardes reto, e não agir por meio de autoridade. Esforçai-vos por encarar todas essas questões, sob um ponto de vista não limitado. Na limitação encontra-se a confusão e o tormento e longe de toda a limitação reside a clareza e o entendimento. Todas as religiões, como disse, são o produto do pensamento gerado, cristalizado. Não podeis sistematizar o pensamento. Nenhum grande Instrutor quis fundar jamais uma religião. O verdadeiro entendimento não reside na escravidão.

Sinto perturbar todos os vossos edifícios cuidadosamente construídos. Viestes para ouvir-me; tomareis aquilo que vos for conveniente e agradável ao coração e rejeitareis o que vos for desagradável. Provavelmente perguntar-me-ão de novo como freqüentemente o têm feito: sois realmente o Instrutor? Vós tendes que averiguar por vós mesmos quem eu sou. Não haveis de verificar isto por meio de contradições, altercações, discussões, controvérsias; porém sim, esforçando-vos na direção da Verdade; eis como descobrireis.

Espero que tendo feito estas perguntas, vossas mentes e corações estejam libertos da confusão. Todas essas perguntas são baseadas, não no desejo de encontrar a Verdade, porém antes no desejo de criar novas autoridades em lugar das antigas. Eu quero mostrar-vos o caminho para a libertação da Vida; vós, porém, a todo o instante vos preocupais com coisas que não são essenciais. Não são perguntas a respeito da Vida, porém acerca das várias manifestações dessa mesma Vida, que são as numerosas sombras projetadas através dessa manifestação.

Quando entenderdes aquilo de que o mundo necessita, todas as trivialidades fenecerão como folhas no outono. Porém, aquilo que é eterno, essa felicidade que é perpétua e essa Verdade sem variação, sem começo e nem fim, realmente, não vos interessa.

Preocupais-vos principalmente acerca da sombra imediata da autoridade, o presente imediato no qual sois apanhados. Isso, para vós é de mais importância do que aquilo que vos estou dizendo. Porém, assim como o cume da montanha é um mistério para o vale, assim para o homem que habita nas planícies, onde residem as sombras, que são visões mutáveis do eterno, a Verdade é um mistério. Eu quero que não estejais sempre a contemplar permanecendo nos vales, nas planícies, mas sim no cimo da montanha.

Boletim Internacional da Estrela N. 10

Órgão Oficial da Ordem da Estrela

Novembro de 1928

UM SONHO ME ADVÉM POR ENTRE MULTIDÃO DE DESEJOS

J. Krishnamurti

Quando a mente é tranqüila

Calma de pensamento, e é casto o coração
Com a plenitude do amor incorrupto,
Então descobrirás,
O' amigo,
Um mundo para além das ilusões das palavras.

Está dentro dele a unidade de toda a Vida.
Nele reside a fonte silenciosa
A qual sustenta os mundos em sua dança.
Ah, diz à fonte que se esqueça de si mesma!

Nesse mundo não há céu nem inferno,
Nem passado, presente, nem futuro,
Nem pensar deceptivo
Nem os suaves murmúrios de amor moribundo.
Não há deuses, ali,
Nem tempo impenetrável –
Nem tu nem eu
Porém somente a Vida que é e que não é.

Oh, procura esse mundo
Onde a morte não baila em seu êxtase sem sombras,
Onde as manifestações da Vida
São como fardos que um lago espelhado conduz.

Está ao redor de ti
E sem ti não existe.
Rasga o véu que te separa
E une-te à fonte

A qual sustenta os mundos em sua dança.

Ah! Diz à fonte que se esqueça de si mesma!

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

TEMPO

J. Krishnamurti

Este artigo é um capítulo de um novo livro LIFE IN FREEDOM que contem os discursos do Sr. Krishnamurti nas reuniões do Acampamento da Fogueira em Benares, Ojai e Ommen durante o ano de 1928.

Para aqueles que descobriram a Verdade e atingiram o preenchimento da Vida – que é Felicidade e Libertação – o tempo e as complicações do tempo cessam. Aqueles, porém que estão ainda sujeitos ao jugo da experiência, são limitados pelo passado, o presente e o futuro.

Vós que quereis descobrir a Verdade que é absoluta e infinita, deveis realizar que sois o produto do passado e o resultado de vossa própria criação. Estais trazendo à existência, de dentro de vós próprios, aquilo que haveis semeado no passado. E assim como o homem é o produto do passado, assim, pelas suas ações de hoje ele pode dominar o futuro. O amanhã depende de hoje e, portanto, o dia de hoje determina o de amanhã. Dominando o futuro, tornai-vos senhores do futuro. Trazéis o futuro para o presente.

Todos no mundo se acham ligados pelas tradições, os medos, a vergonha, as crenças, a moral do passado. Se constantemente estiverdes a olhar para trás, jamais descobrireis a Verdade. A descoberta da Verdade eterna está sempre na vossa frente. Se na verdade compreenderdes isto, não vos apegareis ao passado. Não estareis sempre a ser condicionados pelos pensamentos, pelas ações, pelos sentimentos, pelas éticas do passado, porque nele reside a estagnação e a escravidão da vida. Cortai a ligação do passado como um homem dos bosques abre seu caminho através da floresta escura para alcançar os espaços abertos e frescas brisas. Pois o passado liga sempre, por glorioso, por bem amadurecido, por frutuoso que haja sido e o homem que quiser ser livre deve olhar eternamente para a frente.

Se quiserdes caminhar, construir e criar no abrigo da eternidade, não deveis trazer o passado para conflitar com o presente.

Pelo fato de a vossa mente e coração estarem ligados por tradições e crenças, pelos livros sagrados do passado, pelas sombras escuras dos templos e deuses memorados, não entendeis quer o presentes, quer o futuro. O tempo, como o homem o entende, separa-vos da vossa meta. Assim, para aniquilardes o tempo deveis viver agora de tal modo que vos tornareis donos do futuro, de forma que o futuro se torne o presente. As pessoas gostam de pensar em si mesmas como glorificadas no futuro, ou repousando sobre os louros daquilo que foram no passado. Que idéia confortante! A crença em vossa grandeza em algum futuro distante não vos auxiliará a defrontar a vida no presente, quando lutais, quando há confusão em vossa mente e coração.

Eu não quis ser grande em um futuro distante, porém desejei ser feliz no presente, quis ser livre no presente, quis ultrapassar todas as limitações do tempo. Assim, convidei o futuro para o presente e daí, conquistei o futuro.

Não vivais no futuro, nem nas coisas mortas de ontem, porém, vivei antes no imediato agora, com a compreensão de que sois um produto do passado e que pelos vossos atos de hoje podeis dominar o amanhã e assim vos tornardes senhores do tempo, donos da evolução e, portanto, senhores da perfeição.

Então vivereis com intensidade maior, então todos os segundos serão contados e todos os momentos serão de valor. Porém, vós vos atemorizais de um tal presente. Antes quereis muito mais ser condicionados pelo passado, porque vos horrorizais do futuro. Porém, o futuro não é para ser temido por aqueles que caminham na via do entendimento. Se quiserdes chegar ao preenchimento da vida, deveis convidar o futuro para o presente e por meio deles criar um conflito em vos mesmos. Mediante o contentamento, não alcançareis a felicidade, mas sim um estado de estagnação. Se quiserdes conhecer a verdadeira felicidade é preciso que haja primeiro esse conflito interno que trará à existência em vós a flor da vida.

Ponde de lado o passado com todas as suas glórias, belas e terríveis, todas as suas tradições, amplas e no entanto tão condicionadas, todos os seus sistemas de moral que estrangulam a vida e olhai para dentro do vosso próprio coração e mente para descobrires o que está adiante de vós no futuro. Pois assim como sois o produto do passado, assim o futuro se torna presente e nesse presente viveis.

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

PARÁBOLA

J. Krishnamurti

Há uma montanha, muito além das planícies e colinas, cujo grande cimo domina o escuro vale e o mar aberto.

Não lhe escondem a face calma, nem nuvens nem nevoeiros. Está acima das sombras do dia e da noite.

Da vasta planície, ninguém a pode perceber. Alguns logram divisá-la, mas ninguém lhe alcançou a base.

Um único em cada milênio concentra suas forças e atinge a essa morada da eternidade.

Falo do cimo desta montanha, serena, infinita, além de todo o pensamento. Clamo de alegria.

Um dia, um homem divisou pela entreabertura de uma nuvem, a face calma da montanha. Deteve quantos por ali passavam, que se demoravam para responder-lhe, deles indagando o caminho que o levaria para além dos nevoeiros. Disseram-lhe uns: segue este caminho; e outros lhe indicaram: segue aquele.

Depois de muitos dias de confusão e de esforço, chegou até as colinas.

Um homem cheio de anos, sábio no que respeitava aos caminhos das colinas, disse: "Eu conheço a senda. Não podeis alcançar a montanha, amigo, se não for fortalecido pelo poder que provem da adoração da imagem daquele santuário".

E muitos dias se passaram em paz.

Cansado de adorar, ele indagou de um homem que parecia ter grande compreensão.

"Sim", disse este "eu sei o caminho. Mas, para conseguirdes a realização de vosso desejo, levai isto convosco. Sustentar-vos-á em vosso cansaço". E deu-lhe o símbolo de sua luta.

Outro clamou: "Conheço sim, o caminho. Mas, muitos dias devem ser passados no isolamento de um santuário, na contemplação de minha representação da eternidade."

"Conheço o caminho", disse mais um outro. "Deveis, porém, executar estes ritos, compreender estas leis ocultas; tendes que entrar para a companhia dos eleitos e ater-vos ao conhecimento do que vos der."

"Cantai bem alto em louvor desse reflexo que buscais", disse outro ainda.

"Vinde, segui-me, obedecendo em tudo quanto vos disser. Eu conheço o caminho", um disse também.

No longo tempo assim despendido, a face calma da montanha por inteiro foi esquecida.

Agora ele vagueia de colina em colina, repetindo: "Sim, eu conheço o caminho. Mas..."

Há uma montanha muito para além das planícies e colinas, cujo cimo domina o escuro vale e o mar aberto. Não lhe escondem jamais a face calma, nem as nuvens, nem nevoeiros densos. Paira acima das sombras do dia e da noite.

Um único em muitos milênios concentra sua força e alcança essa morada da eternidade.

Falo do cimo dessa montanha serena, infinita, além de todo pensamento. Clamo de alegria.

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

POEMA

J. Krishnamurti

Oh! Ama a Vida.

Nem o começo nem o fim

Sabem de onde ela veio.

Pois ela não tem começo nem fim.

A Vida é.

No preenchimento da Vida não há morte,

Nem a dor da grande solidão.

A voz da melodia, a voz da desolação,

O riso e o clamor plangente

Não são senão Vida em vias de consecução.

Mergulha no olhar de teu próximo

E alia-te com a Vida.

Dentro dela está a imortalidade,

Vida eterna – imutável sempre.

Existe, eternamente, variação gloriosa

Na monotonia do dia e da noite.

Para quem não está enamorado da Vida,

A Imortalidade não existe

E sim o fardo da dúvida

E o solitário temor do vasto isolamento.

Todas as coisas são grandes com a Vida.

Feliz quem desvendou a origem de todas as coisas,

E a ela se uniu perduravelmente.

Ama a Vida, não ames simplesmente.

E teu amor, então, não sofrerá corrupção.

Ama a Vida e teu discernimento sustentar-te-á.

Ama a Vida e não serás transviado

Da senda do entendimento.

Qual os campos da terra se encontram divididos,

Dividiu o homem a Vida

E assim criou a tristeza.

Não cultuem antigos Deuses
Nos altares com incenso e flores suaves.
Mas antes, vem,
Ama a Vida com grande regozijo,
Clama no êxtase do júbilo
Pois não existe enredo no bailado da Vida.

Vem, vem,
Pois eu sou essa Vida, livre imortal,
E dessa vida eu canto,
A origem da eternidade!

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

POEMA

J. Krishnamurti

A Verdade não é bem nem mal.
A Verdade não é amor nem ódio.
A Verdade não é o puro nem o impuro,
A Verdade não é santa nem profana,
A Verdade não é simples nem complexa,
A Verdade não é do céu nem do inferno,
A Verdade não é moral nem imoral,
A Verdade não é de Deus nem do Diabo,
A Verdade não é virtude nem vício,
A Verdade não é nascimento nem é morte,
A Verdade não está na religião nem fora dela.

A Verdade é como as águas – espraia-se,

Sem lugar de repouso.

Pois a Verdade é Vida.

Vi a montanha descendo para o vale ...

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

A AURORA QUE VEM

J. Krishnamurti

Assim como um homem na floresta se quiser alcançar os espaços abertos tem que abrir por si mesmo um caminho através da escuridão dos bosques, assim todo aquele que deseja atingir a libertação da vida, tem que cortar para si mesmo uma abertura através das coisas não essenciais, as que não tem valor em si mesmas e são de importância secundária. Há muitas pessoas no mundo desejosas de sacrificarem as suas vidas, os seus ideais, porém muito poucas há que compreendem e, e isto é de muito maior valor do que a renúncia. Pois que da plenitude do entendimento advém a consumação da vida.

A vida, que existe em cada um de nós, é divina em si mesma e o atingir da liberdade, o alcançar da Verdade que é felicidade, advém mediante o pleno desdobramento dessa mesma vida. Enquanto a vida for mantida em escravidão, há probabilidade de luta e sereis colhido na roda dos nascimento e da morte, da tristeza e da miséria, do mal e do bem. A vida em sua plenitude não pode ser condicionada pela crença ou pela religião, por credos ou dogmas, porém, dado o fato de que muitas pessoas desejam ligar a vida por meio dessas coisas, existe a desventura.

Por todo o mundo existem estabelecidas leis de moral que nada têm que ver com a vida. Elas atuam como suporte para o fraco, porém, despedaçam-se ao mais ligeiro esforço que sobre elas se exerça. Pelo fato de todos se esforçarem por amoldarem suas vidas a padrões estabelecidos de moral, de crenças de religiões, de dogmas e credos, existe o caos, existe o sofrimento e a desgraça. Podeis dizer "Vós criareis desventura maior dando liberdade à vida imediatamente"; e eu vos respondo: Tudo o que tendes a fazer, se fordes inteligentes e sem empecilhos, é olhar em derredor e verificar se existe ou não o caos, se não há desgraça, se não existe sufocação e opressão da vida no momento presente". Daí, uma verdadeira desordem, uma desordem divina, é necessária a fim de produzir a divina ordem. A ordem divina somente pode ser produzida por meio da libertação da vida, não pela escravidão, não pela obediência aos ditames de outrem, não colocando-se o indivíduo sob o jugo da tradição e da autoridade. Quando libertais essa vida que é divina, e a consumais, vós próprios vos tornais Deus. Por Deus não entendo o Deus da tradição, porém o Deus que está em todos e esse Deus somente pode ser realizado por meio do preenchimento da vida. Em outras palavras, não existe Deus, exceto o Deus manifesto no homem purificado, tornado perfeito.

Quando atribuíis a autoridade externa uma lei e ordem espiritual e divina, estais limitando e sufocando essa mesma vida que desejais consumir e a qual quereis dar liberdade. Se houver limitação, haverá escravidão e daí, sofrimento. De acordo com o meu ponto de vista, crenças, religiões, dogmas e credos nada tem que ver com a vida e, portanto, com a Verdade. Na consumação da Vida por meio da experiência, existe a libertação. A libertação não é uma qualidade ou condição qualquer negativa, porém, ao contrário, se realmente a entende, é o

poder criativo que existe em tudo. Na mais plena expressão desse poder criativo está a glória da vida.

Para usar um símile - se fordes a um templo com as mãos vazias não sereis recebidos pelos Deuses, porém, se fordes com muitas flores, com grandes desejos, grandes ambições e grandes anseios, vós o sereis. Para atingirdes este preenchimento da vida deveis vir com grandes sobrecargas de desejos e anseios consumados e não sufocados ou oprimidos.

Pelo fato de por tantos séculos no passado o homem haver modelado a sua vida por crenças estabelecidas, não teve capacidade para consumir a vida. Então, perguntar-me-eis, "de que maneira posso consumir a Vida? Que devo fazer para dar liberdade à Vida?" Eu conheço o modo por que atingi: se porém disser o que tendes de fazer, isso será uma nova limitação da Verdade. Expor um método definido de consecução seria qualificar e negar a própria coisa que eu sustento ser a Verdade, e daí, seria uma traição à Verdade.

Não desejo de modo algum impor autoridade ou destruir vosso poder de pensamento e sentimento quando digo que encontrei essa Verdade e atingi a libertação e por isso sou a corporificação da felicidade. Assim como a flor dá seu aroma sem nada pedir em troca, assim eu vos pediria que tomásseis o que eu vos dou com compreensão. Nada quero em troca; não quero o vosso culto, não quero que me acompanheis, pois se me acompanhardes, corrompereis a Verdade.

A minha maneira de atingir foi a de haver eu adorado em todos os santuários, consciente ou inconscientemente nesta vida; segui, obedeci, pus uma limitação àquilo mesmo que desejava libertar. E observei os outros nessa luta para libertar, para consumir a vida. Vi multidões em luta para libertar a vida oprimida pelo desejo de outrem. Vi pessoas sábias, mas a quem faltava essa eterna felicidade, solitárias por não terem consumado a vida, sozinhas, ainda que rodeadas pela multidão, por não terem realizado ou atingido a vida. Vi todas essas coisas. E assim como o rio cujo volume de águas o arrasta para o oceano, assim fui eu arrastado pelo volume de minha própria experiência, pela minha própria compreensão, produzindo-se daí, a consumação.

Pelo fato de estar eu livre, não condicionado por qualquer crença, não colhido por nenhuma sociedade, ordem, religião, ou credo - e novamente digo isto com toda a sinceridade, e espero que acrediteis, com o entendimento do vosso coração - desejaria tornar livres a todos, não convidá-los para a minha gaiola particular - porque não tenho gaiola. Meu receio é que pelo fato de todos desejarem entrar para uma gaiola maior do que a que têm, se sirvam do que digo para construir uma outra gaiola. Isto seria a negação, o atraioamento da Verdade. Eu quero, se o puder, mostrar-vos a luz, porém tendes que acender vós próprios o vosso archote na eterna chama. Uma vez que tendes estabelecido o entendimento e o afeto dentro de vós, não sereis derrubados pelo vento da autoridade ou colhidos pela rede da tradição, ou no nevoeiro das crenças.

A decepção vem ao coração e a corrupção à mente quando repetis frases que não compreendeis, quando trilhais a experiência de outrem, quando buscais abrigo na sombra da autoridade. A decepção e a corrupção não vos perseguirão quando na verdade estiverdes obscurecidos pela tristeza e desejardes despedaçar os grilhões dessa tristeza. Se a Verdade não for real para vós, posto que desejais ajudar o mundo ou a vós próprios - o que é o mesmo - não alcançareis êxito e na realidade, somente vos estareis enganando a vós e aos outros. Para ajudardes verdadeiramente, tendes de haver vós próprios ultrapassado a necessidade de auxílio; para na realidade poderdes dar, tendes de não mais necessitar receber; para verdadeiramente amar, tendes de estar para além do amor corrompido.

Pelo fato de agora vos achardes incertos do vosso propósito, essa incerteza cria perturbação e descontentamento dentro de vós, porém, quando vossa meta se tornar clara para vós, dessa mesma incerteza uma grande certeza nascerá; de vosso descontentamento um grande entendimento sobrevirá. Se não houverdes acendido vosso archote na chama eterna da Verdade, as antigas e poderosas tradições e crenças, as magníficas estruturas das religiões vos manterão escravos.

Se não tiverdes acendido dentro de vós a chama do desejo da liberdade, não podereis criar com grandeza; somente estareis brincando nas sombras do manifestado. Assim como as sombras se esvanecem, assim também as vossas obras.

Por todo o mundo as sombras se aprofundam e a purificação e a consumação da vida recua cada vez mais para a retaguarda.

Uma nova concepção de vida está nascendo no mundo e vós deveis esforçar-vos por compreender, pois que existe algo de muito mais maravilhoso, muito mais convidativo, muito mais belo na aurora, a nascer amanhã do que no por do sol de hoje.

A Estrela Ano II Nº 1 e 2 Janeiro e Fevereiro de 1929

DISCUSSÃO EM EERDE

J. Krishnamurti

Krishnaji: Certo dia, na Califórnia, estava falando aos meninos e meninas de uma escola. Todos eles se interessavam pelas idéias que eu lhes ia apresentando, as mesmas que vos venho apresentando. A geração dos mais jovens não aspira à articulação de crenças, dogmas e religiões, mas abrem seu caminho à nova concepção da vida, como a flor aos pingos da chuva. Queixai-vos de não poderdes atrair a juventude ao vosso redor. Sei a razão. Quereis que tomem a peito vossas próprias crenças estreitas; quereis que aceitem vossa própria forma particular de culto. Não atraís a juventude e essa é a razão pela qual não vos conservais jovens, vós mesmos. Tenho falado a grande número de jovens e têm-me ouvido com maior compreensão, receio bem, de que alguns de vós. Isto assim acontece, por não convidardes o mundo para o vosso coração; convidais a estreiteza e a limitação.

J. V.: Possuíam estas crianças experiências de vidas passadas ou nasceram com novas idéias?

Krishnaji: Não sei, quanto ao passado; têm certamente o desejo de examinar as novas idéias e isto é quanto basta para a compreensão. Não dizem: "Os velhos são bons o bastante". Não importa se isto resulta ou não da experiência passada. Os resultados aí estão. Querem saber, querem pôr de lado o que é velho e experimentar o que é novo. Deveis poder oferecer-lhes o material com que pudessem fazer a experiência.

J.: Sou também um trabalhador e vejo que os jovens querem algo ainda mais amplo que a Ordem da Estrela. Dizem-na dogmática.

Krishnaji: Vós a tornais dogmática.

Rajagopal: Sinto que toda a estreiteza e o tradicionalismo que procuramos introduzir na Ordem não deviam existir nela. Criamos complicações fúteis, porque não compreendemos que a Ordem é meramente um conjunto de amigos que tem idéias comuns, com muitos diferentes meios de expressão. Apegamo-nos ainda aos velhos métodos de explanar aos outros aquilo em que cremos, métodos que são cheios de limitações, estreitos e usados. Não tenho tido dificuldades em explanar Krishnaji aos que algumas vezes me têm vindo ouvir. Não creio que tenham levado a impressão de que eu pudesse incutir-lhes as minhas idéias. Transformamos as nossas idéias em dogmas e esperamos que os outros as aceitem. Ouvimos do próprio Krishnaji a declaração de que a Ordem da Estrela é meramente uma organização, um agrupamento, uma união de pessoas, que não deixam excluir os outros do seu ponto de vista, do seu interesse e portanto penso que não devia haver dificuldades. Há algumas pessoas que, ou por não compreenderem o objetivo da Ordem ou por não gostarem de organizações, pedem a sua dissolução. Esquecem a existência de milhares de pessoas que pela Ordem se interessam; se assim é, porque não lhes

permitir que nela trabalhem? Àqueles que se interessem pelas organizações deve ser dada também a liberdade, que outros reclamam para si, de expressarem seu próprio ponto de vista.

Krishnaji: Concordo bem. Faço tanta propaganda quanto vós todos fazeis. Tenho falado na Índia e em outros pontos, mas nunca pedi a quem quer que seja que ingresse na Ordem. Não interessa à pessoa comum saber se a consciência do Instrutor do Mundo funciona desta ou daquela maneira – todas estas complicações por que vos interessais. Essa pessoa pergunta apenas: "O que tendes a dizer? Se o que disserdes for são e razoável e não exigir inúmeros artigos de fé, estarei disposto a examiná-lo; do contrário, isso não me interessará". Eis tudo quanto querem saber. Costumais pôr em primeiro lugar a crença no Instrutor do Mundo e pedindo a pessoa em questão que a aceite; digo-vos, porém, que essa crença não é necessária à compreensão da Verdade que trago. No que respeita à Ordem, sois vós que a estais tornando estreita, não eu. Podeis limitá-la ao ponto de excluir a todo o mundo, dizendo: "Credes primeiro e depois trabalharemos juntos." Primeiro trabalhem juntos e deixemos de lado as crenças. Àqueles pessoas que, como Rajagopal o disse ainda agora, tem em seu coração a crença e na mente a convicção da necessidade de formar uma organização em torno do Instrutor do Mundo, deve ser permitido fazer o que desejam, mas contanto que não excluam quem quer que seja da Ordem.

A Vida não pode ser conservada em prisão. Porque assim o tentais fazer, vêm a tristeza, vêm as contendas. O que precisais pois fazer? Não, convidar as pessoas a ingressarem na ordem e sim, tornar conhecidas as idéias. Mas o valor das idéias não depende da expressão "Instrutor do Mundo", e sim da própria grandeza intrínseca de tais idéias.

F. C.: Mas porque então termos a expressão "Instrutor do Mundo" nos objetivos da Ordem?

Krishnaji: O Buddha usou o termo "O Iluminado" e Cristo, o de "Filho de Deus". Pensais acaso que tivesse alguma importância para Eles não serem chamados "Filho de Deus" ou "O Iluminado"? O nome serve como um foco, em torno do qual outras idéias se podem congregam – e nada mais. Como o Buddha disse que era "O Iluminado", assim eu digo que sou o Instrutor do Mundo. Podeis, porém inventar um outro termo. O nome em si mesmo é de muito pouca importância; mas tem importância como uma idéia em torno da qual outras se congreguem, se podeis compreender o que desejo dizer.

V. Ia fazer a mesma pergunta que F. C.. O termo "Instrutor do Mundo" não é usual; não é do uso comum. Nós compreendemos o que com ele exprimis, mas outros podem ter dificuldades.

Krishnaji: É muito simples. Instrutor do Mundo é aquele que vai pelo mundo a ensinar. Se assim o explanardes eles compreenderão. Não há melhores palavras para expressar isto na língua inglesa.

Rajagopal: A dificuldade surge, parece-me por terdes em vossas mentes um fundo de quadro para essa expressão. Partimos, muitos de nós, da idéia nos últimos dezessete anos; estivemos a anunciar essa idéia ao público em geral, relacionando essa idéia com Krishnamurti. Agora não usamos a palavra "Christo" ou "Buddha" mas usamos um termo que expressa o significado que pretendemos transmitir – "O Instrutor do Mundo". Se alguns preferem chamar Krishnamurti ao Instrutor do Mundo e outros chamar Instrutor do Mundo a Krishnamurti, o que há nisto que deva nos preocupar? É tudo muito simples se tomardes o trabalho de explicá-lo; o Instrutor do Mundo é a pessoa que tem uma mensagem para cada indivíduo do mundo que o queira ouvir. Não vejo porque tantas dificuldades em torno de palavras. Se desejais abolir certos termos, outros terão de substituí-los e então outras pessoas farão objeções ao fraseado que houverdes escolhido.

Por que tanto nos preocupamos com palavras? Pessoalmente, eu, embora muito cuidadoso quanto ao uso das palavras, tenho procurado – e penso que o consegui – não me apegar às palavras, mesmo quando pronunciadas por Krishnaji, e sim buscar e alcançar a vida por detrás das palavras. Isto me deixa cheio de entusiasmo e sempre cheio de interesse e de alegria. Entretanto se começar a me apegar às palavras – Krishnaji emprega termos que um dia me trazem uma certa impressão diferente, dependendo isto muito de minha disposição de espírito – estarei cheio de entusiasmo num dia e no outro, inteiramente abatido, no que respeita ao Instrutor do Mundo. Quem quer que considere isto honestamente consigo mesmo, chegará a mesma conclusão. A compreensão do que diz Krishnaji depende também da disposição de espírito do indivíduo. Por isso, não só o tipo ordinário de tolerância deve inspirar todos quantos

rodeiam a Krishnaji, mas sim uma super tolerância. Inumeráveis perturbações se deram no passado e se dão no presente e se darão no futuro, pelo fato de tanto nos preocuparmos com a nossa própria compreensão especial de sua mensagem, e embora Krishnaji declare expressamente que não deseja que procuremos convencer a outros – despendemos grande espaço de tempo argumentando, procurando mostrar a outros que o seu ponto de vista é errôneo, que sua compreensão se acha, ainda que ligeiramente, desviada. Por que não deixar cada qual cuidar de si tanto dentro como fora da Ordem, e procurar simplificar realmente o problema do indivíduo?

Se Krishnaji me dissesse: “Dissolvamos a Ordem”, eu concordaria, não pelo fato de aceitar o alvitre em virtude da autoridade, mas pelo fato de estar vendo sempre as limitações, a extraordinária complicação de uma organização. Por outro lado, porém, não havendo organização, então como o tenho dito - há alguns que discordam – os ricos sempre terão a possibilidade de vê-lo, por possuírem os recursos que lhes darão a oportunidade, enquanto que milhões de pessoas jamais dele se poderiam aproximar, não fossem os Acampamentos de Ojai, Ommen e Índia. Todo o objetivo da organização é de criar essa oportunidade. Exagerais a importância da organização e depois desejais destruí-la. Ponderes sobre vós a cadeira em que vos deveríeis sentar. Se considerardes a Ordem da Estrela antes de tudo como uma organização destinada a auxiliar Krishnaji em seu trabalho, não haverá dificuldades. Por que confundir o maquinismo de uma organização com a vida espiritual dos indivíduos que a ela pertencem? Aí é que surgem as complicações. Parece-me que se usássemos de certa discriminação, alguns destes problemas desapareceriam. Que os jovens venham a vós ou não venham isto depende da compreensão do indivíduo que lhes fala. Nada adianta queixarmo-nos de que só atraímos pessoas de idade; é pelo fato de nos sentirmos idosos, que somente atraímos pessoas de idade. E as pessoas de idade também devem ser levadas em consideração. Assim também aqueles que não sejam extraordinariamente inteligentes. A mensagem de Krishnaji não se destina somente a pessoas a quem sem indelicadeza possamos chamar de gênios, e sim para toda espécie de gente, inteligente ou não, bonita ou feia. Tenho intensa convicção de que, se apenas quisermos procurar descobrir o verdadeiro objetivo deste movimento, o veremos como um auxílio, como uma ponte. Se o transformarmos numa barreira ou empecilho, darei todo o apoio à idéia de dissolvê-lo imediatamente.

Krishnaji: Para o caso de algum de vós ainda não houver compreendido o que se pretende significar com a expressão “Instrutor do Mundo”, parece-me conveniente explicá-lo mais amplamente. Sustento que existe uma Vida eterna, que é a Fonte, a Meta, o Princípio sem Fim. Somente nesta Vida está a plena realização. E todo aquele que atingir a realização desta Vida tem a chave da Verdade sem limitações. Esta Vida é para todos. Nesta Vida, o Buddha, o Christo, entraram. Do meu ponto de vista, eu atingi, eu entrei nesta Vida. Esta Vida não tem forma, como a verdade não tem forma, nem tem limitações. E a esta Vida cada qual tem que voltar.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

O FIM NO COMEÇO

C. Jinarajadasa

Um dos grandes erros em que incidimos é o de dividir a vida em duas metades. A maneira mais comum é separar a vida em boa e má. Uma vez isto feito, tornamo-nos aliados de uma e inimigo da outra. A partir desse instante, o nosso julgamento é o de um partidário, significando isto que nele já há um desvio. A religião, que insiste em classificar as coisas e os acontecimentos em bons e maus, é, por isso mesmo sempre unilateral. O verdadeiro homem

espiritual tem grande trabalho para eliminar de sua natureza essa uniteralidade que lhe é imposta por sua religião.

O vislumbre real começa quando o homem passa a aceitar a vida como um todo, e não fendida em duas partes. Enquanto chamar "bem" à felicidade e "mal" ao que é penoso, ele está sendo atraído por uma destas coisas e repellido pela outra. Ora, atração e repulsão são forças e tais forças começam a agir, a primeira para unir o objeto atraente ao atraído e a segunda prendendo o objeto repellido àquele que o repele.

O homem que ama o bem e desgosta do mal é objeto da atuação de forças do exterior; ele não pode se isolar suficientemente para compreender a ação destas forças. Tal homem pode ser muito religioso e professor de uma série de credos, mas ainda lhe falta descortínio. Seu "Ego", sempre o segue, com os seus "gosto" e "não gosto". Não pode ver a "coisa tal qual é". Entretanto, sem este descortínio, ele tem de estar constantemente a desviar-se da senda direta para a sua meta, muito embora ansioso e ardentemente desejoso de atingí-la.

Os sábios hindus sempre procuraram uma única meta – alcançar o "Um Sem Segundo". Pois para eles onde quer que houvesse a possibilidade de existir um "eu" como coisa distinta do "não-eu", aí inevitavelmente aparecia o Karma, porquanto o eu tem que atuar sobre o não-eu e este sobre aquele. Com essa atuação começa o Karma e, com ele, logo gira a longa ronda do nascimento, morte, vida no espaço intermédio do céu e de novo nascimento. A única Libertação possível, portanto, é firmar-se nesse "Uno Sem Segundo".

Se a finalidade da evolução para uma alma é conhecer-se como o "Uno Sem Segundo", essa finalidade está implícita em cada instante compreendido entre o início e o fim do tempo. A meta que parece tão distante existe mesmo no primeiro passo em sua direção. O idealismo e o realismo que tão freqüentemente são opostos um ao outro, são na realidade inter conexos e as "coisas tais quais como são" mesmo agora já são moldes das perfeitas "coisas tais quais devem ser". Segue-se daí que o sentir-se unificado com o "Um Sem Segundo" é uma experiência possível mesmo agora, quando ainda tão distante nos encontramos da Libertação, e devidamente assentarmos a meta, dela nunca nos afastando; a alegria de alcançá-la estará sempre mais próxima, mesmo que o corpo fique extenuado, como se a ponto de partir-se. Isto porém, é a Vida – indivisa e total – para aqueles que clamam por essa Vida.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

A CHAMA

J. Krishnamurti

Há alguns anos eu conversava com um grande amigo meu, alguém que não pensa inteiramente à minha maneira, ainda que concorde comigo em muitas coisas – que, porém, não é tão intransigente como eu. Disse-me ele que eu era suave como as águas que serpeam, sem ter o fogo necessário para a destruição das coisas inúteis e a criação das essenciais. E terminou dizendo: se quiserdes fazer algo na vida tendes de possuir a chama branca para levar por diante a vossa proposta. Pelo fato de encontrar oposição às vossas idéias as águas doces que serpeam serão dominadas e desviadas para outros propósitos de irrigação que não o de dar vida às terras crestadas. Tenho pensado durante estes últimos dois anos, considerando acerca do que ele disse, e cogitado se não chegou o tempo de que a chama branca comece a arder. Eu sustento que a chama da qual falou o meu amigo é necessária, porém que é necessário também ter paciência.

Essa primavera, em Ojai, observava eu um pardal a construir seu ninho exatamente do lado de fora de meu dormitório. Era um ninho muito precário, por ter sido construído exposto ao sol aberto.

Quem quer que viesse e inconscientemente empurrasse o toldo inevitavelmente destruiria o ninho. Eu o observava dia a dia e vi o ninho vindo à existência, vi os imensos esforços da mãe-pássaro, suas lutas gigantescas para criar um ninho bonito, no qual depositou três ovos sucessivamente, noite após noite. Na construção desse ninho, em posição tão precária, e na produção dos jovens pássaros, a despeito do descaso dos seres humanos e da crueldade dos outros animais, esse pequeno pardal lutava contra o mundo inteiro na sua criação. Ele tinha a chama branca necessária para contender, para lutar e afirmar-se a si mesmo. E esse pardal deu-me o entendimento necessário de que a chama branca vem, não por um súbito espocar, porém mediante a paciência, a contínua afirmação da verdade essencial, pelo contender contínuo contra as pequenas coisas da vida, contra as estreitezas da crença e o mesquinho entendimento. Ter-me-ia sido muito fácil o arremessar-me contra a parede da ortodoxia e da tradição e dos grupos de crença, já há alguns anos, porém isso teria sido pouco sábio, pois que a muralha achava-se então muito forte; poucas pessoas havia que realmente compreendessem, e que, por esse fato, ajudassem a abrir uma brecha na muralha. Porém agora, decorrido o tempo que aqui tenho estado, esta chama branca fortificou-se dentro de mim e jamais transigirei seja com o que for, jamais tentarei conciliar coisas que não pertencem à verdade. Pessoalmente, jamais perei de lado o eterno por amor ao transitório.

Tenho cogitado acerca de quantos de vós possuem a chama, quantos dentre vós são semelhantes ao aço forjado pelas vossas próprias mãos, pelo vosso próprio entendimento e pelo vosso próprio contender contra a vida. Eu estou agora seguro em mim mesmo, estou seguro daquilo que digo. Ainda que todos discordem de mim, ainda que todos lutem contra mim, ainda que todos me desentendam naquilo que eu digo. Quanto mais desentendimento houver, quanto mais divergência de opiniões, mais seguro estou. Quisera que o mesmo acontecesse convosco, não por causa do que eu digo, mas pela vossa própria percepção. Então esse conhecimento e sabedoria dará estabilidade ao vosso entendimento, de modo que nada possa destruí-lo; de modo que sempre alimenteis a chama branca que queima as escórias, as coisas inúteis da vida, e destrói as inúmeras muletas e divisões que mantêm o povo separado. As doces águas coleantes são muito mais agradáveis de contemplar-se, e deliciosas de sobre elas deslizar, porém se quiserdes ir para o mar onde há muitas vagas, tormentas e tempestades, tendes de abandonar as doces águas coleantes, deixando-as para trás, tendes que colocá-las de lado e aventurar-vos a descobrir a vossa própria sabedoria, e conhecimento contra essas coisas que não são essenciais e são destituídas de importância. Para isso é preciso ter coragem, não a coragem estúpida nascida da falta de reflexão, porém a coragem nascida do entendimento, a coragem nascida da inteligência. Como talvez se dê o fato de alguns dentre vós concordarem comigo, e vejam e sintam e saibam e compreendam comigo, digo: se não transigirdes com a verdade, então a realização da felicidade e ponderação dessa felicidade no mundo tornar-se-á certeza. Porém, se vós, que haveis percebido, que tendes conhecido, que haveis considerado e entendido comigo, não tiverdes a chama branca e meramente estiverdes coleando com as doces águas, não criareis, não vos anteporeis às velhas crenças e tradições. O tempo de colear brandamente passou, - não talvez para vós outros, - mas, para mim... Não para aqueles que houverem visto, que houverem conhecido, que houverem compreendido, não para as pessoas que a todo o instante se preocupam com a conciliação e a transigência, porém para aqueles que convidaram a dúvida a entrar e venceram essa dúvida, e puseram de parte a conciliação.

Não podeis estabelecer conciliações com a verdade – a verdade não pode ser torcida, dobrada ao vosso propósito. Jamais curvareis a verdade ao vosso particular entendimento, mas ao contrário, tereis que tornar flexível o vosso entendimento junto à verdade; endireitai as coisas que estiverem tortuosas afim de entenderdes a verdade. E para que possais endireitar essas coisas que foram entortadas, necessitais uma chama. Se quiserdes dobrar o aço para lhe dar um molde particular, tendes que o aquecer; assim pois, se quiserdes endireitar, tornar retas em vós essas coisas que foram entortadas, tendes que ser aquecidos pela chama branca da verdade. Tendes que ser como o mar contra o qual nada se pode antepor, cujas águas estão em contínuo movimento, jamais tranquilas, destruindo sempre as barreiras que os homens lhe antepõem para as conter. Se uma pessoa estiver morrendo e a quiserdes fazer reviver, e faze-la voltar à vida, vosso doce temor de a ferir não vos deterá no convidar o cirurgião que há de curar. Não é verdadeiro o afeto que teme ferir; é amoroso aquele que luta contra o falso sentimento, as vãs esperanças e os prazeres passageiros. Se vós que haveis visto, sustentardes

a verdade sem transigência, avançaremos juntos; se assim não for, permaneceréis sobre as doces águas coleantes deslizando suavemente, com os vossos prazeres particulares, vossos deleites, suaves conciliações, e a Verdade e eu ficaremos longe.

De que serve todos vós concordardes comigo, simpatizardes comigo, sorrirdes com deleite ao que digo, se não houver a verdadeira alteração em vossa mente e coração, se não se der o endireitamento daquelas coisas que estão tortas? Eu vos digo que a Verdade é muito séria para que com ela se brinque; ela é muito perigosa para terdes uma parte de vosso coração no templo da Verdade e outra parte no templo das irrealidades e meias verdades. Pois este caminho é o da tristeza, o caminho da contenda, o caminho das crenças vãs que hão de decair. Se não possuídes esta chama branca que vem do entendimento, que nasce da paciência, não entrareis nesse reino onde habita a Verdade. Como uma flor suave que decai e perece, assim será aquele que meramente se apega aos doces gozos, porém, se quiserdes ser como a árvore que resiste a toda a tormenta e se balança a todas as brisas, necessitais deleitar-vos na Verdade e caminhar à luz da Verdade.

A busca da Verdade é mais importante do que a mera crença.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

CONSTRUIR SOBRE O ENTENDIMENTO

J. Krishnamurti

Desejara resumir tudo quanto vos hei estado dizendo aqui durante a última semana, afim de tornar claro às vossas mentes o meu ponto de vista.

O mais importante para mim é possuir o desejo de liberdade, não baseada na autoridade pessoal, no engrandecimento pessoal ou nos desejos pessoais, porém no valor intrínseco dessa mesma liberdade que consigo traz a felicidade. Não é pelo fato de eu vos querer livres; não é porque vos deseje felizes, que deveis desejar a felicidade. Busca-se liberdade por via desse grande desejo que nasce dentro de nós como resultado de grande luta, grande sofrimento, e grandes anseios. Se não possuídes este desejo de liberdade, vossa estrutura integral se encontrará baseada sobre a autoridade e, daí, acha-se sujeita a ser abalada e destruída pelo próprio processo de construção. Aquilo que tem de durar séculos, não pode ser obra de um homem somente. Sociedades, instituições, corporações religiosas baseadas sobre a idéia do homem ou sobre a autoridade de um homem ou sobre a sua personalidade, estão sujeitas a serem pervertidas e deturpadas.

Se este ponto se encontrar claro em vossa mente, não sereis abalados em vosso entendimento pela autoridade ou pelo deslumbrante esplendor de uma personalidade qualquer. Se buscardes esse entendimento que se baseia não no encantamento de grandes frases ou na luz de um outro indivíduo, porém em vosso próprio desejo, ele perdurará; de outro modo, ele perecerá.

Eu não quero seguidores, pois a partir do momento que seguís a outrem, não podereis verdadeiramente construir. Eu jamais quis discípulos. Aborreço à própria idéia de alguém se intitular meu discípulo. Sêde antes os discípulos desse entendimento que é o fruto do pensamento amadurecido e do grande amor, sêde os discípulos de vosso próprio entendimento.

Eu tomo isto muito a sério, - tão seriamente, que não transijo com ninguém sobre este ponto, por muito grande que esse alguém seja. Se realmente seguides vosso entendimento da Verdade, seguireis a mim. Porém, se somente seguides o entendimento de outrem, atraíreis toda a verdade, destruireis com uma das mãos o edifício que estiverdes construindo com a outra.

Vós me haveis perguntado como levar minha mensagem ao mundo. Se esta mensagem não se houver tornado a vossa também, não terá valor algum. Se vos quiserdes assemelhar ao gramofone em seus registros, repetindo minhas frases, formareis uma outra sociedade, outra religião, outro templo no qual haveis de estrangular a vida. Afim de convencerdes a outrem da verdade existente em vosso entendimento, daquilo que porventura aqui houverdes colhido, deveis vós próprios tornar-vos essa mensagem.

Se minha personalidade ou minha autoridade pode dominar vossos corações e vosso pensamento, então a autoridade e encanto de um outro pode sobrepor-se também a todo o vosso entendimento. Se baseardes o entendimento na autoridade ou no culto pessoal, ela não poderá ter fundamento perdurável e é da maior importância o compreender isto.

Nos antigos tempos a autoridade decorrente dos feitos de um homem era utilizada para expandir seus ensinamentos e entendimentos da vida. Agora não deve ser assim; ao contrário, a conquista de um outro homem deve despertar o entendimento em vós mesmos, e pela força desse entendimento saireis para o mundo, porém não sob a bandeira pessoal ou sob a autoridade da conquista de outrem.

Ser-me-ia muito mais fácil dizer: "Citai-me, utilizai-me como vossa autoridade, para espalhardes o que eu estou ensinando." Se, porém, fizésseis isto, a mensagem não seria de vosso entendimento. Se, ao contrário, compreenderdes e realmente viverdes esse entendimento em vossa vida diária, então não haverá corrupção ou limitação da Verdade.

Eu não quero edificar. Vós, que estais vivendo aqui em Eerde, é que estais edificando este lugar sobre o vosso entendimento da Verdade; e se vosso entendimento for pequeno, vossa edificação será pequena. Se for construída sobre a autoridade, ruirá. Se, porém, vosso entendimento for grande, vosso edifício será grande, perdurável, resistindo a todas as tempestades.

Não vos deixeis arrastar por minhas palavras, porém pensai profundamente na verdade que diante de vós coloco. Podeis tornar vossa vida em Eerde um espelho, onde o esforço individual para compreender se reflita sem perversão.

Em muitas instituições a organização devora os indivíduos que a compõem e o homem que a edificou. Quando o fundador desaparece, a prístina beleza de sua idéia desaparece também.

A alicerce sobre o qual deveis construir vosso edifício deve ser o entendimento liberto. Fazei a coisa reta pelo fato de vós próprios o quererdes fazer. Não compete a mim ou a outrem dizer-vos o que é reto. Se partirdes desta idéia, é essencial que sejais francos convosco mesmos. Não vos enganais a vós próprios com belas idéias, com desejos pessoais, com preconceitos pessoais, com entendimento estreito. Se vos encolerizardes e fordes francos acerca dessa cólera, vossa franqueza a matará. Se porém, estiverdes encolerizados e tentardes encobrir essa cólera com a desculpa da ação de outrem, jamais a vencereis. O mesmo acontece com a paixão. Se possuídes uma paixão física, se aprenderdes a compreender a razão dela e a vós próprios não enganardes, então essa paixão não se assenhoreará de vós. Se quiserdes fazer algo que seja contrário à ordem estabelecida na sociedade, quer se trate de uma seita, ou de uma religião e houverdes meditado cuidadosamente sobre as conseqüências de vossa ação, estareis em pleno direito de a executardes; estareis efetuando a coisa que para vós é reta. Isto, porém, exige inteligência e o exame impessoal de vós próprios e o não vos deixardes arrebatardes por mesquinhas emoções relativas a coisas que não tenham importância.

O mundo sofre em virtude dos éditos da autoridade, ao passo que deveria ser encorajado a buscar o entendimento. Cavai um poço em vosso próprio jardim em lugar de seguides o impulso da multidão que vos quer levar a qualquer reservatório afim de mitigardes a vossa sede.

Iremos ao encontro de muitas dificuldades no futuro. De ano para ano, eu espero, as dificuldades aumentarão cada vez mais. E quanto maior a dificuldade, maior o entendimento exigido. É por isto que eu desejara que todos vós passásseis através de dificuldades tremendas. Pode parecer-vos uma coisa dura este meu desejo, sob um certo ponto de vista – se, porém, o contemplardes sob um ponto de vista são e de juízo equilibrado, concordareis comigo.

Não deveríeis fazer deste lugar um mosteiro moderno, confortável para onde viésseis evitar dificuldades, onde o esforço individual fosse negligenciado, onde conflitos emocionais e levantes fossem temidos. No fim de tudo, qual a característica do verdadeiro religioso? O poder de vencer a circunstâncias à luz de sua percepção da verdade. Se sua percepção for mesquinha, pouco vencerá; porém, se sua percepção for vasta, seus desejos serão imensos e ele desafiará montanhosas dificuldades para serem vencidas.

O desejo só pode ser acrescentado e tornado esplêndido pela compreensão verdadeira. Se vossa percepção for limitada, vossos desejos serão limitados. Se, porém, a vossa percepção for vasta e livre como os céus abertos, então os vossos desejos serão amplos, livres de empecilhos. Quando possuídes esta ampla percepção, não mais sereis limitados pela mesquinhez, pelo ciúme, pela cólera, pelos medos, prazeres e desprazeres.

O que vitalmente importa, é que compreendais, que me façais em pedaços vós que ides construir e eu não. Se possuídes a verdadeira percepção da vida ela afetará o modo de vos comportardes, o modo de conversardes, o modo de sentirdes.

Quando estiverdes coléricos, ciumentos e cheios de vós mesmos, isto demonstrará que ainda não haveis adquirido grande percepção. Deveis estar vigilantes para não perderdes um único incidente de vossa vida, do qual possais extrair a essência de seu perfume.

Vós ides criar a opinião pública, vós ides para o mundo com o perfume de Eerde. Se o vosso perfume de entendimento desaparecer depois de poucas horas de exposição à brilhante luz do sol, não terá valor.

É essencial possuir este ponto de vista amplo, esta percepção verdadeira, este entendimento e amor à vida. Sobre ele podeis construir um edifício que jamais poderá ser destruído.

Quando com a verdade fordes, então podereis agir com verdade. Não podeis separar vosso ser de vossa ação. Se pelo menos houvesse uns poucos no mundo que realmente compreendessem, poderíamos criar um mundo novo, alteraríamos a expressão da vida. Se, porém, não houver entendimento, outra religião, outra seita, outra igreja, outro deus será criado.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

O OUVINTE IDEAL

C. Jinarajadasa

Introdução a uma das reuniões de 'Perguntas e Respostas' de Krishnaji, no Acampamento de Ojai, de 1928, por C. Jinarajadasa – não revista pelo autor.

Quero transmitir-vos um trecho de conselho que deu o Bispo Leadbeater em relação àqueles que vem ouvir a Krishnaji. Temos em Krishnaji uma personalidade única. Nenhum de

nós teve experiência antecipada de uma tal personalidade por que, quando ele fala, fala a várias partes de nós mesmos. Nós, sob um aspecto, achamo-nos sobre o plano físico, operando através do cérebro físico, o que mais se acha em contato com a personalidade e a mente inferior. Existe também a mente superior, o ego, que está por detrás; existe a natureza de Buddhi e ainda outros aspectos. O orador ordinário apela para a vossa consciência apenas no plano inferior. Quando Krishnaji responde a perguntas, fala conjuntamente a todas as partes de vós. E é por isto que ele é único – particularmente, no entendimento da verdade – quando o escutais.

Portanto, quando ele falar, atentai. Esforçai-vos por serdes um ouvinte ideal, que com desapaixonamento se esforça por entender a sua mente. E quando vos estiverdes esforçando por escutar, atentos, perguntas e mais perguntas irão surgindo em vossa mente, pondo-o em conflito. Deixai de lado essas perguntas de desafio durante o tempo que o ouvirdes. Tomai-as depois novamente, porém não permitais à vossa mente inferior interferir com correntes subsidiárias enquanto ele fala. Sede semelhante a um verdadeiro cientista que depara dasapaixonadamente com um fato novo. Quando Krishnaji vos disser algo que não entenderdes e que pareça complicar o vosso problema de vida não cedais ao aborrecimento. O Bispo Leadbeater resume o seu conselho nas seguintes palavras: “Tome o que puderdes e deixai de lado o que não puderdes tomar”. Quando estiverdes escutando, reacionai, em face do ensinamento, se o puderdes. Se não o puderdes, não forceis. Acima de tudo, durante o tempo em que ele estiver explicando, não permitais que a vossa mente inferior confunda o que ele diz com uma porção de outras perguntas. Fazei tudo isso depois que deixardes o acampamento, porém, durante este tempo, sede um ouvinte ideal. Lembrai-vos de que Krishnaji não está falando somente para nós aqui; ele está falando para toda a humanidade e falando para as gerações futuras. Por que alimentais a presunção de que podereis resolver todos os problemas ou que podereis entender tudo quanto ele diz? Não tenteis resolver tudo agora.

A coisa mais importante é esta – escutai; e ponderai em vosso coração o que não puderdes entender.

Eis um único tópico de conselho que eu vos quisera dar, pessoalmente. Quando quer que façais uma pergunta, esforçai-vos por vos lembrardes do vosso caráter representativo. Não façais perguntas que meramente se refiram a vossas dificuldades e problemas pessoais. Esforçai-vos, se o puderdes, por pensar: o que é que o mundo quereria saber? Uma oportunidade única se nos oferece agora para alcançar alguns indícios da verdade. Podeis expor vossos próprios problemas, porém, antes de decidirdes sobre uma pergunta, perguntai a vós próprios: será esta a coisa que o mundo quer conhecer, a que há de auxiliar a evolução do mundo? E portanto, como as reuniões de perguntas se tornam uma parte da mensagem de Krishnaji, e como ele deseja que lhe façam perguntas, recordai-vos de fazer perguntas tais que o mundo nos séculos que hão de vir se sinta feliz de escutar.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

PROPAGANDA

J. Krishnamurti

Disseram-me que eu falo contra a propaganda. Como pode isto ser, se viajo por todo o mundo afim de propagar a minha idéia? Isto é propaganda. Desejo dissipar as sombras da mente humana. Quero que as pessoas sejam mais felizes do que são, e que sintam que dentro delas próprias reside a vitalidade, que se acham sufocadas por complicadas teorias, crenças e autoridades. Esta é a melhor espécie de propaganda, porque torna o povo feliz. Porém, se vós entenderdes mal a minha idéia da propaganda, refugiar-vos-eis em uma atitude negativa;

direis: não necessito fazer coisa alguma! Isto será, novamente, um infortúnio, se não examinardes as coisas pelo seu valor intrínseco e saltardes a conclusões sem exame crítico.

Há duas maneiras de efetuar a propaganda: uma é tornando-se um exemplo vivo, a outra o esforçar-se por impor as próprias idéias aos outros, palestrando, chamando, por meio da insinceridade. É loucura tentar convencer a outrem quando se não possui a certeza. Isto acalenta um espírito de insinceridade e hipocrisia, que tem de ser despedaçado pela vida. E, como eu sou essa vida, quisera despedaçar todas as insinceridades e hipocrisias.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 1 e 2 (da anual em Inglês) –

Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929

O DESEJO É A VIDA

J. Krishnamurti

Desejo é vida.

Vida em consumação,

É a perfeição do Desejo.

Assim como o aroma de uma flor solitária é desejo

Que fenece com a morte da flor,

O qual em si mesmo não tem ser

Mas nasce para o regozijo com a Vida;

Como as águas rugidoras tumultuando através da escuridão do vale –

Oculto, ululante, terrível –

É o desejo.

Irado como as águas que buscam a liberdade

É o desejo.

Ai daquele que por ele é colhido.

Através do vale escuro

Jazem os campos ridentes,

E o aroma de muitas flores.

O temor do desejo

É o expulsar da Vida.

A Estrela Ano II No. 3 e 4 Março e Abril de 1929

UMA VISÃO DA VIDA

J. Krishnamurti

Um dia, de minha janela, contemplei o campo verde, ensolarado, à distância. Quisera falar deste cenário, quisera descrever esta visão.

Pelo fato de a maioria das pessoas no mundo se preocupar continuamente com as coisas que imediatamente as rodeiam, cujas sombras as empolgam, quando um homem vem de campinas verdes e lhes entoa o canto dos céus abertos, não fazem caso de ouvi-lo.

Seus pesares e complicações são para eles mais importantes que a vida que habita a campina verde. Só se preocupam com as expressões da vida, porém, para além de todas as expressões, existe a vida eterna, e nessa vida existe a unidade.

Quisera mostrar o caminho da liberdade àqueles que estão presos à escravidão, pois somente na liberdade pode existir felicidade, e felicidade é o que todos desejam. Tenho visto pessoas inúmeras nos meandros da religião, nos meandros da riqueza, nas gaiolas dos desejos e nas sombras das crenças, e não são felizes. Seus semblantes traem-lhes a angústia; na riqueza de suas mentes e corações não encontro sua consecução. Quisera abrir-lhes as portas e mostrar-lhes o caminho para a felicidade.

Tenho observado pessoas em todas as condições de vida e verificado que se encontram escravizadas pelas circunstâncias que as rodeiam, pelos seus credos; acham-se colhidas pelos laços das religiões, da riqueza, dos temores, acreditando que tais coisas são necessárias para o preenchimento da vida. Tenho-os observado envoltos na sombra de suas obras; e não há contentamento em seus corações, nem grandeza em suas mentes. E, disse eu a mim mesmo: estes são os caminhos que criam complexidades. Deve haver uma via simples; deve existir uma via direta. Tendo sido educado com certas idéias, eu as coloquei de lado, visto não estar contente com o que me havia sido dado. Busquei para além delas todas, e atingi minha meta. Convidando a dúvida, achando-me em revolta e em descontentamento, jamais aceitando autoridade de outrem, crescendo em solidão e em força, encontrei a minha felicidade.

Desde que encontrei a felicidade – e sou esta felicidade; visto que descobri a Verdade – e sou esta Verdade – quisera mostrar-vos a senda. O caminho para a felicidade encontra-se em vosso próprio coração e em vossa própria mente e, em sua purificação reside a consecução. Não na dependência de auxílio externo para vos apoiar, nem pela confiança na religião, nos ditames, leis de conduta, leis de retidão e moral; porém, sim, desenvolvendo a vossa própria força, é que perceberéis a Verdade, e pelo vosso próprio desejo inato atingireis a liberdade. Para compreenderdes a vida, tendes que purificar vossa mente e vosso coração e estabelecer harmonia dentro de vós próprios. Durante muito tempo vos haveis apegado às autoridades, às crenças; haveis lutado, e não sois felizes. Haveis tido vossas religiões, vossas cerimônias, vossos livros, e vossas maneiras de encarar a vida, e estas não vos trouxeram a felicidade. E agora eu vos digo: “experimentai a minha senda”.

Para poderdes alcançar a felicidade, tendes que pôr de lado aquelas coisas que não são essenciais e olhar para a vida nos campos abertos, afim de vos guiardes. Somente por esta visão da vida podereis crescer, ser sustentados e nutridos. Se fordes alimentados por coisas que não sejam essenciais, dá-se a fadiga de coração e a corrupção da mente. Deveis cultuar àquilo que é incorruptível, deveis dar o vosso amor àquilo que se acha para além da corrupção.

É pelo vosso próprio entendimento que crescereis. Pelas vossas próprias lutas e desejos que atingireis. Mantenha o desejo constantemente aberto através de todas as sombras e trevas do vale e atingireis – como eu atingi – o cimo da montanha. Todos os templos me prenderam, toda a imagem despertou em meu coração um êxtase, toda a filosofia me proporcionou um deleite à mente: e fiquei prisioneiro de todas elas. Pelo fato de as colocar de lado e buscar aquilo que está para além da filosofia, para além das escuras imagens esculpidas, para além da armadura das religiões, atingi; porque não mais me abrigam, acho-me livre. A Verdade que jamais pode ser condicionada, que jamais pode ser limitada, reside em mim.

O que há de temer nisto? O que há aí para desentender? Que há aí que possa determinar ansiedade? Nenhum de vós é feliz com vossos sistemas, vossas filosofias, vossas cerimônias, vossos credos, vossas religiões e vossos Deuses; e, no entanto, temeis abandoná-los. Todos vós desejais ser felizes e, no entanto, temeis deixar de lado vossos pequenos contentamentos.

Se vossas crenças podem ser despedaçadas, não são dignas de serem possuídas. Se vossos sistemas são tão frágeis que não podem resistir às tempestades da dúvida e da tristeza, merecem perecer. Se o vosso culto ou adoração não despertou o perfume da felicidade em vosso coração e mente, pouco valor tem. Olhai para dentro de vós próprios e averigui se estais livres de todas as coisas – dos amores; das vossas adorações; de vossas teorias; de vossas crenças. Contemplai e veja se há dentro de vós o êxtase de propósito e o poder de criar no eterno. Se não tiverdes dentro de vós o intenso anseio de atingir a libertação, tanto vós como as vossas palavras serão como as sombras que passam.

Não vos digo isto por dureza, porém sim porque sois infelizes, porque vos encontrais lutando, porque existe o descontentamento em vosso coração e mente, e é por isso que eu quisera mostrar-vos a via para a felicidade. Não vos posso, porém, mostrar a senda ou tornar-vos compreensivos se exigirdes que a Verdade seja deprimida, estreitada, e condicionada, se encarardes a Verdade com a vossa limitada visão.

Não há solidão para o homem que compreende; não há solidão para aquele que está buscando a Verdade. Todas as coisas são suas companheiras e amigas. Todos vós temeis a solidão – e, no entanto, todos estais solitários – e por causa deste medo, não existe entendimento.

Sede responsáveis, para convosco próprios, por todas as vossas ações. Não busqueis abrigo na autoridade externa. Para poderdes atingir, mantende-vos em vossos próprios pés. Para preencherdes a vida colocai-vos para além de toda a experiência. Para grandemente amardes, sede portadores de afeto, em vosso coração, por todas as coisas.

A Estrela Ano II No. 3 e 4 Março e Abril de 1929

NÃO TENHO NOME

J. Krishnamurti

Não tenho nome,

Sou como as frescas brisas das montanhas,

Não tenho abrigo, sou como as águas que vagueiam.

Não tenho santuários, como os Deuses escuros

Nem sou a sombra profunda dos templos.

Não tenho livros sagrados

Nem estou amadurecido na tradição.

Não estou no incenso

Subindo aos altares elevados,

Nem na pompa de grandes cerimônias.

Não estou na imagem esculpida

Nem no rico canto da voz melodiosa.

Não me ligo a teorias

Nem estou corrompido pelas crenças.

Não sou colhido na escravidão dos credos

Nem na angústia piedosa dos sacerdotes.

Não estou atado por filosofias

Nem amarrado ao poder de suas seitas.

Não sou elevado nem baixo,

Nem suave nem rude.

Eu sou o cultuador e o cultuado.

Sou livre.

Meu som é o som do rio

Clamando pelos mares sem fim –

Vagueando, vagueando ...

Eu sou Vida.

O PERFUME DO MUNDO

J. Krishnamurti

Como da matriz profunda da montanha
Nasce a corrente rápida,
Assim da profundidade do meu coração
Brotou um jubiloso amor
Em eterna união com o amor mutável –
O perfume do mundo.

Por vales ensolarados correm águas formando lago após lago –
Sempre a vaguear, jamais tranqüilas.
Assim é o meu amor
Vazando-se de coração em coração.

Como a corrente clara da montanha se torna impura
Ao perpassar pelas ruidosas moradas dos homens,
Assim meu amor contaminado,
Tem sido ao passar de mão em mão,
Corrompido pela confusão do amor.

Como as águas se movem tristemente
Pelas trevas, em vale cavernoso,
Assim tem vindo a fluir o meu amor,
Tardo, com vergonha do desejo fácil.

Como as árvores altas são destruídas
Pelo impulso das águas
Cuja força lhe nutriu as profundas raízes,
Assim o meu amor rasgou cruelmente
O coração no seu rejubilar.
Despedacei a rocha sobre a qual crescera.

E, como o lago amplo e imóvel
Foge agora para o mar bailante
Cujas águas não tem limites,
Assim é o meu amor na perfeição de sua liberdade.

Acho-me em união eterna com o amor mutável –
Que é o perfume do mundo.

A Estrela Ano II No. 3 e 4 Março e Abril de 1929

O RIO DA VIDA

J. Krishnamurti

Um rio que corre rapidamente e constantemente procura caminho para os mares abertos, forma, freqüentemente, às margens, poças de água estagnada que perduram durante um ano inteiro, até que a estação chuvosa venha e lave as águas paradas, propelindo-as para a corrente principal. A vida para mim é semelhante a este rio, e sustento que é mais rápido e fácil entrar no mar aberto da libertação e da felicidade, nadando na corrente principal da vida do que permanecer nas águas estagnadas, retardadas, onde a vida não existe, onde se criam crenças, e executam ritos e se fazem muitas coisas que são desnecessárias ao progresso humano.

A palavra progresso soa desagradavelmente aos meus ouvidos, pois que o progresso necessita certas obrigações e exigências que ligam. O homem que apanha um animal selvagem na floresta e o coloca em uma jaula, pode pensar que, por havê-lo domado, o auxiliou em seu progresso. Ele, porém, somente o aprisionou em uma jaula. O progresso acha-se definido no dicionário como "avanço para adiante". Porém, sem o conhecimento de vossa meta é fútil o avançar. Sem um propósito na vida, o homem assemelha-se ao animal selvagem aprisionado em uma jaula. Em lugar de procurar libertar-se da jaula, dá-se ao trabalho de enfeitar-lhe os varões.

A maioria das pessoas, pelo processo da indiferença e do olvido, expulsam de suas mentes a tristeza e a dor que existe no mundo. Constroem, em redor de si mesmas, paredes que lhes proporcionam o abrigo e o conforto da estagnação. Pelo fato de viverem em um estreito círculo, sua atitude de coração e mente é limitada e, em vista desta limitação, julgam todas as coisas. Criam para si mesmas jaulas de religiões, de credos e de dogmas. Em lugar de desejarem escapar para o ar aberto e para a liberdade, permanecem em suas estreitas gaiolas cujas barras adornam, em vez de as despedaçar. Entretanto, sem liberdade, não pode existir verdadeira felicidade.

Se quiserdes nadar pela rápida corrente, não ligueis a vida à crença, orientai-a pela razão. Quando estabeleceis crenças com a finalidade de viverdes nobremente, a vida torna-se complicada, porque então tendes de obedecer a certas leis, executar certos ritos, cultuar certos Deuses, e obedecer aos seus ditames. Por exemplo, acreditais que existe um Nirvana ou um céu e que, afim de lá entrardes, tendes que fazer ou não fazer certas coisas. Tendes fé em uma coisa acerca da qual nada conheceis e depois baseais vossas ações nessa fé. Acontece, no entanto, que se viverdes nobremente, inevitavelmente criareis um céu. A vida é mais importante do que a crença. O preenchimento da vida é mais importante do que o desenvolver de teorias e dogmas.

Todas as pessoas desejam, no mundo, a felicidade – felicidade no sentido verdadeiro, que não depende da autoridade, quer de Deuses, quer das escrituras – porém, em lugar de a buscarem diretamente, fazem da crença a coisa mais importante e, assim, se transviam; são aprisionadas em um templo ao lado da estrada. Imaginai que quisésseis subir ao cimo de uma montanha. No caminho ascensional há muitos abrigos e em cada abrigo existe um deus particular clamando pela vossa obediência. Seus intérpretes querem que escuteis este rito, que sigais aquele caminho de superstição. Por qualquer rasgo de boa fortuna ou em virtude de vosso próprio sofrimento, sois forçados a sair de um santuário, mas somente, para correr para outro. E assim continuais sempre, pelo fato de submeterdes a vida à crença. Ao passo que, se sujeitardes a vida à razão, ao entendimento, encontrareis a liberdade.

Eu sempre desejei a liberdade. Sempre andei descontente com dogmas, crenças e credos. Verifiquei que muito poucos se libertavam dessas ligaduras e que, havendo encontrado essa liberdade, a proporcionavam aos outros. Em uma floresta espessa, podeis notar como uma pequena planta luta para crescer; porém, as grandes árvores lançam sobre ela a sua sombra e não lhe permitem desfrutar a luz do sol e o ar fresco. Assim como a pequena planta da floresta luta para crescer, assim cada qual deve lutar para atingir a libertação. Assim como a semente que está sob a terra é forçada pela vida interna a despedaçar o solo duro e defrontar a luz, assim, também se alguém for impelido pelo seu desejo de atingir a liberdade, despedaçará todas as limitações circundantes.

A maioria das pessoas filiam-se a religiões e a sociedades afim de as utilizarem como cabides onde possam pendurar seus problemas não resolvidos; porém, a libertação alcança-se fazendo face à vida, e não fugindo dela. As pessoas sacrificam-se por uma idéia, porque não dominam essa idéia. Se uma idéia não conduz à liberdade e a um maior entendimento da vida, que utilidade pode ter? A vida pode ser atada pelas idéias como o tem sido pela moral. Mas a vida flui, continuamente, para a frente e a moral é estacionária. A moral deveria mudar constantemente, para manter o passo com a vida e, no entanto, aplicamos uma moral que tem milhares de anos aos problemas de hoje, e por essa forma, criamos dificuldades. Seguimos as tradições dos séculos passados, em lugar de criar novas tradições, todos os dias, pelas quais possamos julga e nos orientar para resolvermos os problemas da vida.

Pelo fato de eu haver encontrado a liberdade, quisera tornar livres todos os homens; se, entretanto, eu der indicações para atingir a liberdade, elas somente serão aplicáveis a uma geração. Se expuser regras mediante as quais os homens devam viver, essas regras serão também uma limitação. Adestrai-vos a vós mesmos, pela observação. Este é o processo mais simples. Todos os outros são complicados.

Quando vejo pessoas vencidas e escravizadas por uma idéia, aprendo, por observação, que suas idéias não lhes proporcionam liberdade, e apenas matam a vida. Aprendei a observar a vida e jamais estareis atados. É uma mania moderna as pessoas filiares-se a sociedades, instituições, a este e aquele movimento, para auxiliarem os outros a progredirem. Progredirem em direção a que? Há somente uma meta para todos, que é a liberdade e a felicidade. E, se for

propósito fixo do homem atingir esta meta, isto se tornará a fonte única de inspiração de que ele necessita.

A felicidade jamais vos virá do exterior, tem de nascer dentro de vós. Podeis criar uma rosa falsa, de papel, porém ela é artificial, sem fragrância. Não podeis criar a rosa verdadeira, ela tem que nascer do labor da terra. Após muitas estações de ventos, chuvas, sol, espera e luta, nasce a rosa. Assim também deve nascer, do vosso interior, a verdadeira felicidade.

A maioria das pessoas são ligadas pelos seus afetos, pelos seus desejos, pelas suas ambições, pelas suas tradições. Na obediência a estas coisas não existe a liberdade. Aqueles que se acobertam sob a sombra da autoridade, nunca verão o firmamento aberto e as estrelas cintilantes, jamais gozarão as frescas brisas do céu.

Eu atingi os céus abertos da liberdade, para jamais me tornar a ligar, para jamais tornar a ser colhido com estreitas limitações. Eu quisera propeler outros a atingirem esta liberdade, porém, cada qual tem de encontrá-la a seu próprio modo, que é o caminho direto do entendimento. Os homens podem procurar a liberdade por muitos caminhos, porém no fim, a vida os forçará a voltarem ao verdadeiro caminho do entendimento que jaz dentro deles próprios.

A Estrela Ano II No. 3 e 4 Março e Abril de 1929

PARÁBOLA

J. Krishnamurti

Em meu jardim há vida e morte, o riso de muitas flores e o choro das pétalas que caem.

Uma árvore morta e uma árvore verde contemplam-se uma a outra. É o auge do verão e as sombras dançam livres em redor da árvore morta.

O cântico das águas não a fará bailar, nem a chuva chamará à existência as folhas ocultas.

Ah! Ela está tão estéril, tão vazia!

Quem a nutrirá, quem a irá acariciar com vida?

Os céus distantes contemplam a árvore morta e a árvore viva.

Através do inverno doloroso, jaz escondida uma semente de amorosa promessa. Ventos frios, rajadas despedaçantes, tempestades barulhentas, retardam a lindeza da semente. Dias escuros e horas sem sol, negam a glória da semente.

Com a brisa suave do cálido sol a semente desperta para a vida.

Através do peso da terra dura, a vida irrompe e se rejubila.

Cresceu no pó, a beira da estrada, entre as pedras ociosas.

Com sua única flor, dançava o dia inteiro.

Um menino a caminho de casa, arranca-a e joga-a fora.

EXPECTATIVA E CONSECUÇÃO

Lady Emily Lutyens

Agora que o Instrutor está conosco, é às vezes útil retroceder em pensamentos, aos dias de espera e verificar até que ponto se achavam afastadas da realidade as crenças e as esperanças que possuíamos. Isto era inevitável, dada a circunstância de estarmos na expectativa de algo totalmente fora da linha das nossas experiências; e no entanto, ainda essas crenças errôneas se apegam a nós em alguma extensão e nos tornam difícil o compreender a Verdade que Krishnaji coloca diante de nós. Examinemos algumas delas.

1º) – Esperávamos algo sensacional, sobrenatural, algo que viesse lisonjear a nossa curiosidade e estimular os nossos desejos de excitabilidade.

2º) – Todos esperávamos que quando o Instrutor viesse, nos tornaria todas as coisas fáceis, carregaria com os nossos pesares, solveria os nossos problemas e nos ensinaria a viver.

3º) – Pensávamos – muito naturalmente – que ele teria discípulos e cuidávamos de nos adestrar para servi-lo dignamente. Filiamo-nos ao Grupo de Auto Preparação porque supúnhamos ser ele passagem para o discipulado.

4º) – Aqueles dentre nós que éramos teosofistas (a maioria) sentíamos-nos certos de que, ao passo que seria difícil para as pessoas do mundo "exterior", compreenderem o Instrutor, isto não aconteceria a nós, porque, certamente, ele seria teosofista e seu ensinamento se basearia na doutrina Teosófica. Nosso estudo Teosófico havia nos ensinado tanto, acerca dos Instrutores do Mundo no passado, coisas que os outros não conheciam, que, certamente, isso nos ajudaria a compreender o Instrutor no presente.

Agora, porém, que o Instrutor se encontra entre nós, e o que é que verificamos?

1º) – Que em sua vinda nada houve de sensacional, nada de sobrenatural, nada que induza ao excitação ou à curiosidade. Krishnaji tornou-se o Instrutor, tão simples e naturalmente, tão formosamente, como um botão de rosa que abre as pétalas ao sol. Alguns acham-se desapontados – queriam que houvesse um pouco mais de sensação. Um membro referiu-me a sua desilusão pelo fato de Krishnaji, ao falar, não usar a "voz direta", por outras palavras, não usar outra voz que não a sua normal. Porém, não é mais belo assim?

Não é mais glorioso contemplar a perfeita flor da humanidade do que qualquer estranho fenômeno físico? Nós, porém, não queremos apreciar a Krishnaji como ele é, queremos dissecá-lo, queremos reduzi-lo a pedaços, inquirir qual a proporção em que a consciência se um Ser maior se manifesta através dele – perguntas essas que são ao mesmo tempo, inúteis e impertinentes. Se ele não foi suficiente para nós, em sua nobre simplicidade, não nos aproximaremos da Verdade que ele representa, apegando-nos à curiosidade e às asserções ignorantes.

2º) – Agora que o Instrutor aqui se encontra, muitos verificaram que a vida se tornou mais difícil em vez de mais fácil e, em lugar de resolver todos os nossos problemas, ele nos deu outros mais, para resolvermos por nós próprios. Em lugar de carregar os nossos fardos ele busca tornar-nos mais fortes para os carregamos nós mesmos. Não acalenta a nossa fraqueza, apela para a nossa força. Não é isto muito mais grandioso e admirável do que se ele fizesse tudo

por nós e assim aumentasse a nossa debilidade? Se ele retira de nós todas as muletas, é porque verifica que temos força bastante para nos mantermos por nossos pés. Deveríamos nos regozijar pelo uso desabitual de nossos membros sem empecilhos. A Vida apela para a vida em cada um de nós.

3º) – Agora que ele aqui está, informa-nos que não quer discípulos ou seguidores. Algumas pessoas ficaram terrivelmente chocadas com estes dizeres. Porém, quão mais esplêndido é o apelo que Krishnaji nos faz, do que o seria qualquer proselitismo pessoal? “Sede discípulos da Verdade”, diz ele “e então caminharemos juntos e seremos eternos companheiros”. A personalidade passa, a Verdade é eterna.

4º) – Os teosofistas acham mais fácil de entender a Krishnaji do que as pessoas do “mundo exterior”? Não acredito – ao contrário. A teosofia é uma teoria de vida enormemente complicada; Krishnaji coloca, diante de nós, uma Verdade que é grande em sua simplicidade e nós nos esforçamos por adaptá-la às nossas concepções teosóficas e porque se não adapta, perturbamo-nos. Olhamos para ele através de óculos teosóficos, esforçamo-nos por enquadrar seu ensinamento dentro de gíria teosófica, inquirimos se, por “Vida”, Krishnaji quer dizer “eu consciência”; esforçamo-nos por complicar tudo que ele torna simples.

Para aqueles que encaram a teosofia como uma verdade viva, em vez de uma forma concreta, estas dificuldades não surgirão. Vemos que a Dra. Besant (um exemplo tão nobre para nós) reconheceu em Krishnaji o Instrutor do Mundo que traz uma nova expressão da Sabedoria Divina ao mundo e, portanto, ela própria fechou sua Escola de Teosofia com suas formas antiquadas de estudar e tentar compreender a Verdade Viva do Instrutor. Sejam os alunos dessa Escola tão sábios e tão leais quanto a Dra. Besant.

Muitos, porém, são acossados pelo medo de perderem alguma coisa, de perderem sua oportunidade de salvação. “Disseram-nos”, “tínhamos lido” acerca do caminho do discipulado, que é o único que conduz à Iniciação, que nos “salvará para sempre”, e agora Krishnaji diz que a Libertação pode ser alcançada em qualquer estágio da evolução. Se nós abandonarmos esses canais que, “dizem-nos”, levam à Iniciação, e não encontrarmos a Libertação, onde ficaremos? No inferno da oportunidade perdida. Pessoas começam já a inquirir o que acontecerá quando Krishnaji se for. Perguntam se o caminho do discipulado ficou fechado, agora que o caminho direto está aberto, e se continuará aberto este caminho depois que ele houver partido. Que completa falta de entendimento tais perguntas evidenciam. Acha-se, por acaso, o caminho direto aberto ou fechado por mando de outrem ou pelo vosso? Pode a simples união com o Bem Amado – que é Vida – ser obtida para vós ou por outrem que não vós próprios?

Oh! Geração insensata e covarde! Aterrorizai-vos da grande aventura, temeis percorrer o deserto de vosso próprio coração sozinhos, se não for com o abrigo imortal. Apegai-vos aos vossos abrigos, às vossas autoridades, aos vossos escassos lusco-fusco, enquanto que a glória da vida passa adiante. Quando fordes discípulos da Verdade, não necessitareis de outro Mestre, quando entrardes na liberdade da Vida, não necessitareis de outra Iniciação. “Alguém maior do que os vossos livros, do que os vossos ritos, do que as vossas religiões e as vossas crenças aqui se encontra”. Deixemos as pequenas coisas passarem, ao menos enquanto o Maior de todos está conosco.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 5 e 6 (da anual em Inglês) –

Fevereiro e Março de 1929

MEDITAÇÃO COLETIVA

J. Krishnamurti

Meditar é criar, e contemplar é coligir o material com que podeis criar. Ao contemplardes, ao exteriorizardes vossa devoção, acumulais material. Quando contemplais, sonhais, ides a outros planos, a outros prados, e colheis; e quando meditais, concentrais tudo quanto reunistes e construísteis. Assim, quando meditais, deveis concentrar-vos, embora seja isto muito difícil. Somos todos indivíduos diferentes uns dos outros e todos queremos alcançar a fonte da Vida. Sabemos o que é esta fonte e quando meditamos em conjunto, devemos alcançá-la juntos. Posso alcançá-la, talvez, mais rápido que algum outro e, outras pessoas muito mais rápido do que eu. Mas precisamos adiantarmo-nos juntos, e sentir juntos. E quando todos estamos trabalhando juntos, progredindo juntos, e realmente nos alegrando juntos, há uma diferença em nosso aspecto, em nossa atitude, onde quer que vamos. Não vagueis em vossos pensamentos, quando meditando juntos. Podeis fazê-lo quando no jardim vos encontrardes, por vós mesmos; então deveis contemplar e acumular. Mas, quando meditais, deveis concentrar-vos e construir. Esquecei vossos gurus, vossas distintas sendas, vossos vários tipos, vossos temperamentos diferentes. Só há um Mestre no mundo, um só Instrutor, uma só Fonte e, se tocardes esta Fonte, se nela vos desalterardes, então ajudareis a humanidade. O Amado, a quem seguimos, é todas as coisas. Quando pensais nele, quando sois parte dele, quando ele se torna vós mesmos, esqueceis vossos temperamentos e tipos. Todos nós somos um, todos queremos felicidade, todos aspiramos a Verdade, todos desejamos ser livres.

A meditação deveria ajudar-vos a entrar em contato com a realidade da vida, com a beleza da vida e com a felicidade que é eterna. A meditação deveria dar-vos o ímpeto de que necessitais para alcançar espiritualmente. Deveis vigiar-vos, recolher-vos e compor-vos, de modo que mente e coração se tornem tranqüilos, de maneira a poderdes, como uma lagoa tranqüila, espelhar a glória do Amado. Então tereis essa tranqüilidade, essa paz, essa dignidade controlada e esse grande amor que é vossa herança natural, Não vos estagneis, não vos apegueis a vossos antigos padrões, mas adquirí sempre novas e frescas idéias. Subi um pouco mais alto, de modo a terdes uma diferente visão do cimo da montanha, assim como do vale, e uma visão diferente da aurora, e se isto fizerdes, ganhareis nova força, uma vitalidade nova, uma felicidade nova. Quer sejais instruídos ou ignorantes, jovens ou velhos, deveis todos lutar por atingir a amizade real, a felicidade duradoura que nasce da realização da suprema Verdade.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 5 e 6 (da anual em Inglês) –

Fevereiro e Março de 1929

O VALOR DA INDIVIDUALIDADE

J. Krishnamurti

O espírito de individualidade vem prevalecendo por toda parte sobre o espírito de aristocracia. Entendo por aristocracia uma aristocracia de cultura, de refinamento de pensar e sentir. O espírito burguês – que é um espírito de mesquinhez, estreiteza e mediocridade – deseja deprimir o espírito da verdadeira nobreza, que não é a nobreza dos títulos e da posse de uma multidão de coisas.

O desejo de seguir, de imitar, de ser leal, que prevalece no mundo em geral, é a antítese da compreensão real. Todos quereis ser livres, mas a liberdade só pode ser alcançada quando estiverdes acima da lealdade, acima do desejo de imitar e de se amoldar aos pensamentos de outros.

Mesmo entre as pessoas cultas, há a tendência para reduzir todas as idéias a formas, a certos padrões definidos e concretos, reproduzindo depois, essa concretização em si mesmos. O

único meio de ultrapassar esse estágio de limitação, que em sua essência é mediocridade, é aspirar à verdadeira felicidade.

Muita gente pensa que a felicidade significa poder cada qual fazer o que bem lhe agrada; mas a verdadeira felicidade não implica falta de disciplina, de restrição ou auto domínio.

Se me permitis, por um momento, eu tomarei o meu próprio exemplo. Sempre quis ser livre – e penso que agora sou livre dos círculos traçados ao meu redor, isto é, das circunstâncias que me cercavam. Todos temos na vida circunstâncias especiais que nos forçam, que nos impulsionam a amoldar-nos a um certo padrão particular. O gênio é aquele que se liberta dessas circunstâncias, que as ultrapassa em desenvolvimento. Como queria ser livre, tinha que permanecer vigilante, vendo que círculos se traçavam em redor de mim. É muito fácil seguir, ser leal a algum outro; mas é muito difícil ser leal a si mesmo. Parece-me que o espírito de mediocridade só pode ser dominado se todos procurarem, a cada momento, lutar, pôr de lado as influências que o impulsionam a conformar-se, a amoldar-se a um padrão.

A concordância e a aquiescência do tipo errado gera a mediocridade. Mas, se houver uma real revolta da mente e um imenso desejo de afeição e de compreensão, então o espírito de mediocridade pode ser sobrepujado. Levar a mente a um estado de grande revolta, parece-me ser o primeiro dever de todos, porque, então, nascerá a verdadeira compreensão. Preferiria haver-me com pessoas que fossem contrárias a tudo quanto digo, mas que se esforçassem por entender, do que com pessoas que comigo concordem a cada instante, porém sem compreensão. Tenho visto, em todo o mundo, que posso falar com pessoas que são absolutamente isentas de uma convicção, que são cépticas, cheias de preconceitos, que zombam nas entrevistas como nas reuniões públicas – mais facilmente do que com aqueles que imitam ou seguem cegamente e levantam, assim, um muro entre a compreensão e eles próprios.

O verdadeiro contentamento vem pela compreensão, e a estagnação resulta da satisfação de si mesmo. Aqui em Eerde não deve haver estagnação, porque aqui deveríamos cultivar o espírito de absoluta liberdade de pensamento.

Não há outra retidão a não ser a retidão da conduta e esta só pode nos advir com o verdadeiro desejo do espírito de liberdade.

Eerde deveria produzir, não a mediocridade, e sim mentes e corações que tenham em si a qualidade do gênio; e só podeis ter isto se, como fim do quadro da vida, houver o desejo de liberdade.

Outra tendência prevalecte em toda parte é o desejo de citar autoridade.

Isto acontece especialmente na Índia, onde a mente é cultivada no espírito do passado. A tudo quanto digo, logo objetam: "isto não está escrito em nossos livros sagrados, Sri Krishna não disse isto, o Buddha não disse aquilo"; e assim, continuamente se é julgado, não pela verdade do presente, e sim pela tradição e pela autoridade do passado. A concordância, com compreensão, é a essência da amizade.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 5 e 6 (da anual em Inglês) –

Fevereiro e Março de 1929

PARÁBOLA

J. Krishnamurti

Há uma pequena cidade, que se abriga à sombra de uma grande montanha. Há muita gente nessa cidade, mas é apenas uma cidade com inúmeras lojas.

A loja das flores, com flores de vivo e alegre colorido, onde o povo vai ter com o coração cheio de riso.

A loja em que vendem roupas, deleita para a vaidade dos que dela saem.

A loja onde vendem brinquedos, nela entram homens graves e crianças.

Do lado de fora da loja onde se vendem alimentos, um mendigo espera.

Há uma casa cheia de tristeza, onde procuram libertar o povo de seus mortos. Quão infelizes os que ali moram!

Uma casa onde vendem Deus, onde ensinam o temor e, depois, o caminho para dominar esse temor. Nessa casa tem muitos corredores escuros, nos quais os adoradores se perdem. Um homem, com vestes vistosas, fala da beleza de uma Divindade desconhecida.

Há outra casa muito bem construída, onde conservam, na mais perfeita ordem, as criações mortas do passado.

Um dia em que havia muitas sombras alegres, um estrangeiro chegou e o povo deleitou-se com sua visita, pois eram poucos os estrangeiros que chegavam àquela cidade.

Celebraram festas em sua honra e a cidade encheu-se de júbilo.

Mostraram-lhe suas lojas, sua casa de tristeza e o edifício dourado onde tinham Deus para venda.

Desce à rua uma procissão de pessoas a chorar os mortos.

Olham para o estrangeiro, dele esperando uma palavra de conforto, mas eis que ele ri.

Porque acha-se enamorado da Vida e por ele passa a morte.

Não o compreenderam, mas correram-no para fora dos portais da cidade.

O estrangeiro sobe ao cimo da montanha que domina essa cidade populosa.

A Estrela Ano II No. 5 e 6 Maio e Junho de 1929

AS PORTAS DO ETERNO

J. Krishnamurti

A solução única para os problemas do mundo, o único bálsamo que há de curar todas as feridas e tristezas, é a Verdade, que é libertação e felicidade. Isto não é algo místico, como muita gente supõe. Nisto, como em todas as coisas, há um lado místico e um lado prático, e sua compreensão não dependerá do indivíduo torcê-lo ou não, para adaptá-lo ao seu particular temperamento. Quando isto for compreendido com o coração e a mente, levará à consecução da paz e da serenidade interna.

Resolvendo os vossos problemas individuais, solvereis o problema do mundo, Os indivíduos criam o mundo e, por isso, se o indivíduo tiver paz no seu interior, será capaz de criar

a paz, a serenidade e a compreensão em torno de si. Essa paz, essa compreensão das lutas e vãs aspirações e desejos do mundo, essa imensa certeza, surge somente quando percebeis o significado da vida, quando vedes e compreendeis a meta.

Como um rio em um deserto, que surge e vagueia até perder-se nas areias, assim são as criações dos homens que não tem propósito fixo na vida, que são dominados pelas sombras do presente. Aqueles que quiserem criar ao abrigo do eterno, devem ter compreensão de sua meta, a visão da Verdade. Sem esta visão e compreensão, nada do que criarem será duradouro. Será como o perfume de uma flor que se desvanece. Enquanto que, se criarem tendo a compreensão no coração e na mente, isso terá em si o selo da eternidade.

A verdade não pode ser compreendida unicamente do ponto de vista intelectual. Não há ninguém que seja exclusivamente dominado pelo intelecto; nem há também quem somente pelas emoções oriente sua vida. Não podeis separar as emoções e o intelecto, e esperar compreender a vida partindo meramente do ponto de vista estreito e limitado de qualquer destes dois elementos. A plena realização da vida resulta da conjunção harmoniosa do intelecto e das emoções.

Qual a diferença entre o selvagem e o homem civilizado? O selvagem – e uso a expressão em seu sentido literal – pinta o corpo, orna-se de penas e contos e usa outros métodos molestos para se adornar externamente. O homem aparentemente civilizado, tem as complicações da beleza interior; tem suas penas mentais, suas pinturas emocionais, suas inúmeras contos doutrinários. O homem civilizado do mundo poderá não adornar o seu corpo à maneira bárbara do selvagem, contudo, são muitas vezes selvagens sua mente e suas emoções. Internamente, pouco difere do selvagem, somente não o mostra externamente. Mas o homem verdadeiramente civilizado está para além de todos os adornos, para além de todas as complicações e, para sua beleza, não depende das coisas externas, porque alcançou a simplicidade da vida.

A evolução segue uma espiral ascendente, no sentido de uma simplicidade sempre maior em todas as coisas. Muitos desejam mostrar o caminho para a compreensão da vida, mas se não têm em si a simplicidade, criam novas barreiras, novas incompreensões, novos véus entre o mundo e sua meta.

Como o elefante que abre caminho na floresta e a deixa, assim, aberta para ser trilhada por outros, igualmente o indivíduo que tem a compreensão da Verdade, abre caminho através das brenhas e da confusão do mundo. Não podeis auxiliar verdadeiramente o mundo, por maior que seja a vossa aspiração de prestar auxílio, se não houverdes, vós próprios, descoberto essa Verdade que é eterna.

Todos desejais abrir os olhos que estão cegos, libertar aqueles que estão presos, levar a luz aos que se acham envoltos nas trevas que por si mesmos criaram. Mas, somente podeis abrir os olhos aos cegos, e libertar os prisioneiros de sua prisão de ignorância, se houverdes realmente compreendido a Verdade, se houverdes realmente alcançado a liberdade e a felicidade. Se somente podeis criar essas coisas que perecem e passam, como o perfume da flor, então que valor terão tais coisas para o mundo? Tantos são os que criam à sombra do presente; aqueles que compreendem devem criar ao abrigo do eterno. Mesmo que tenha alcançado apenas uma visão fugaz da Verdade, em algum momento tranqüilo, jamais retornarão às suas gaiolas de limitação.

Quem houver alcançado essa liberdade, desejará que todos no mundo sejam livres. Somente pode auxiliar e guiar, verdadeiramente, o indivíduo que houver achado a paz dentro de si mesmo, e está certo de sua compreensão da liberdade da vida; e não aquele que jaz envolto nas sombras por ele próprio criadas ou se acha retido como um prisioneiro na gaiola da tradição.

São muitos os que seguem em direção ao portal do eterno, mas há alguns poucos que já venceram esse portal e, por isso, prosseguem de costas voltadas para ele. Estes nunca projetam uma sombra sobre a senda daqueles que vão trilhando o caminho que leva a esse portal; pois se tornaram um com a luz eterna.

DOIS POEMAS

J. Krishnamurti

I

Oh! Alegra-te!

Há trovões nas montanhas

E longas sombras matizam a face verde do vale.

As chuvas suscitam brotos verdes

Nos troncos mortos de ontem.

Lá no alto, entre as rochas,

Uma águia está fazendo o ninho.

Todas as coisas são grandes na vida.

Oh! Amigo,

A vida enche o mundo.

Eu e tu estamos em união eterna.

A vida é como as águas

Que nutrem reis e mendigos igualmente.

Vaso de ouro para o rei,

Para o mendigo vaso de barro,

Que se despedaça na fonte;

Cada qual estima igualmente o seu vaso.

Há isolamento,

Pavor na solidão,

Mágoa do morrer do dia,
Tristeza de uma nuvem que passa.

A vida destituída de amor,
Peregrina de casa em casa,
E ninguém há que lhe proclame o encanto.
Como o de um pedaço de rocha granítica
Transformado numa imagem tumular,
Que os homens têm por sagrada,
Mas pisam a rocha no caminho
Que leva ao templo.

Oh! Amigo,
A vida enche o mundo.
Vós e eu estamos em união eterna.

II

Contém a gota de chuva em sua plenitude
A raivosa torrente
Ou as espelhantes águas de um profundo lago de montanha?
Alimenta uma só gota de chuva, em seu isolamento,
A solitária árvore na colina?
Cria a gota de chuva, isolada em sua grande descida,
O som mavioso de muitas águas?
Mata a gota de água, apenas com sua pureza,
A sede agonizante?

Estou cantando o Cântico da Vida.
Neste cântico,

Oh! Amigo,
Não existe nem eu nem tu,
Mas a Vida, que é, de tudo, a Bem Amada.

Só os ignorantes correm atrás da sombra
De si mesmo na Vida.
E a vida escapa-lhes
Porque vagueiam nos caminhos da sujeição
Daí a luta da separatividade numa grande unidade.
Porque na Vida não existe nem eu nem você.

A Estrela Ano II No. 5 e 6 Maio e Junho de 1929

A CONSECUÇÃO DA VERDADE

J. Krishnamurti

A compreensão da Verdade nos vem através da plena realização da vida e é desenvolvendo a esta e dando mais amplos objetivos possíveis de expansão, que atingis à libertação e felicidade. Eu faria disto o alicerce de todo pensamento ou sentimento, porque sustento que a libertação é a única meta para a humanidade. Quando houverdes divisado a meta – quer sejais um artista, um músico, um economista ou um educador – criareis ao abrigo do eterno, em vez de o fazerdes ao abrigo das sombras do manifestado. Muita gente no mundo se sente presa nas muralhas do presente por não convidar para junto de si o futuro. O presente é como uma grande sombra sob a qual se cria sem a compreensão do eterno.

Houve outrora um homem que desejou alcançar a verdade. Foi ter com um Gurú, um Instrutor, e pediu-lhe que o admitisse como discípulo. Respondeu o Gurú: "Não disponho de tempo para vos atender, ide-vos embora". Assim, o pesquisador seguiu adiante, mas voltou depois e de novo pediu ao instrutor que o admitisse e o instruisse na senda da Verdade. Pela segunda vez, o Instrutor lhe disse: "Não disponho de tempo para vos atender, ide-vos embora". Passado algum tempo, porém, tornou de novo persistindo em seu pedido. Então o Instrutor lhe disse: "vem comigo" e levou-o a um tanque próximo, cheio de água. Entraram e o Instrutor manteve o aspirante debaixo da água por muito tempo. Quando este não mais podia permanecer mergulhado, soltou-o e perguntou-lhe o que mais desejava enquanto esteve submerso. Foi-lhe respondido que era o ar o que mais havia desejado. Então, o Instrutor concluiu: "Quando vosso anelo pela Verdade for tão desesperado como o vosso desejo de ar o foi ainda a pouco, havereis de alcançá-la".

Desejaria despertar em vós um desejo tão ardente, uma tão veemente aspiração de encontrar a Verdade, quanto o desejo de ar que sente um homem que se afoga. A Verdade somente é alcançada quando desejais realizar plenamente a vida, não mais a temendo; quando não a evitais, ou torceis, ou ainda, quando não procurais escondê-la sob o abrigo do conforto fácil; mas, ao contrário, convidais igualmente a tristeza, o prazer, a alegria e a dor, para plenitude de vosso coração.

Entretanto vossa meta é irreal e, assim, criais inúmeras barreiras a vos separarem da meta eterna. Pelo fato de em cada mente existir o desejo de evitar a experiência da vida, é que surge a ilusão do mal e do bem. Todas as religiões sustentam que dominando tal coisa e evitando tal tentação, tornar-vos-eis aptos a compreender a Verdade e que praticando o bem, podeis esperar serdes admitidos no céu. Para mim, isto é evadir-se da vida e não realizá-la plenamente. Quando houverdes firmado para vós próprios o que é essencial, ou seja a pesquisa da Verdade, tudo o mais deixa de ser essencial e se torna inútil; assim, a tentação deixa de ser um problema.

A fim de ajudar aos homens a vencer a tentação, obras tem sido estabelecidas, baseadas em crenças, dogmas e temores. Uma aranha tece com admirável cuidado e grande delicadeza a sua teia, mas, quando surge a ventania, essa teia intrincada em um instante é destruída; assim quando sopra o vendaval da tristeza e ruge o tufão da dúvida, tudo o que foi construído para vencer a tentação desaparece e é destruído.

Tendes inúmeras teorias e crenças e, no entanto, quando morre alguém a quem amais, vossas doutrinas não vos aliviam esse vácuo, esse sentimento de ausência. Enquanto que, se tratardes todo incidente como um passo para a realização da vida, como uma experiência que vos permitirá crescer e aproximar-vos assim de vossa meta, então convidareis todas as coisas para vosso coração, as tristezas como os prazeres, tudo que a vós parece bem ou mal.

Os homens se lançam à política, à educação, ao serviço e às inúmeras atividades que os ajudam a esquecer-se de si mesmos; mas, sustento que enquanto a vida interior não estiver plenamente realizada, quando não se lhe dá os seus plenos objetivos de desenvolvimento, há certeza de resultar tristeza e miséria. Para fazer completa a vida, deveis receber com agrado em vossos corações, toda experiência, seja a mais desagradável ou deleitosa. Não pode haver outra meta para a humanidade senão a plena realização da vida, que somente vos pode vir se inteiramente estiverdes senhores de vós mesmos, se não dependerdes de uma autoridade externa ou do auxílio das religiões ou do fugir às tentações.

Assim como a chuva vem a terras ressecadas, assim a Verdade vos é apresentada. Assim como a chuva é improdutiva no solo impróprio, assim a Verdade não plantará sua semente em vossa mente e coração, se não houver em vós luta pela plena realização da vida.

Para mim a única meta, o único mundo que é eterno, que é absoluto, é esse mundo da Verdade. Esse mundo não se impõe, não pode ser discutido, nem a seu respeito ninguém pode dar opinião. Mas, se houverdes preparado o solo e desejardes semear as sementes da Verdade com cuidado e fino deleite, então, por vós mesmos o penetrareis. Presentemente a felicidade e a liberdade da vida são meras palavras que a vosso gosto interpretais, de modo amplo ou estreito, agradável ou desagradável. Desejaria despertar-vos um tão intenso desejo de encontrar a Verdade, que somente permanecesse em vós isso que é eterno, e tudo o mais desaparecesse como a nuvem levada pelo vento.

O desejo de se tornar senhor de si mesmo, de não se apoiar na autoridade, de não construir sobre a esperança, de não fugir ao temor, de não evitar as tentações, mas de transcendê-las, é estranho a maioria das pessoas. Muitos de vós são levados a pensar no céu, pelo incitamento da esperança que vos acalenta; mas, não há céu nem esperança, no sentido absoluto; são criações da mente dos homens; por isso não podem ter o cunho da eternidade.

Deveis ser verdadeiros discípulos da Verdade Eterna, discípulos cheios de compreensão e não meros imitadores, a repetir idéias e palavras, à semelhança de outrem. Tornai-vos criador da verdadeira vida, desprovida de forma. Muita gente cultua uma idéia e se apega a forma dessa idéia, esquecendo o imenso mundo que vive para além de todas as formas – e que não é um mundo misterioso e oculto, mas um mundo que jaz dentro de cada um de nós e por todos nós tem de ser descoberto.

Quando a vida não é plena, há espaços vazios e esses espaços vazios causam remoinhos de tristeza e sofrimento e luta constante. É enchendo esses vazios que a vida encontra a sua plena realização.

A VERDADEIRA BASE DA VIDA

J. Krishnamurti

Para podermos trabalhar de modo adequado e auxiliar realmente, devemos conhecer a verdadeira base da vida, devemos saber qual é o verdadeiro manancial da nossa energia.

Se cremos na fraternidade, devemos primeiro examinar e ver de que maneira compreendemos a palavra "irmão". Parece-me que "fraternidade" traz a idéia de destruição do eu, de destruição dessa semente venenosa que se desenvolve no indivíduo e o isola dos outros, que o faz sentir-se separado dos demais, enquanto que, se compreendermos corretamente a fraternidade, a teremos como a união do eu com todas as coisas; e desta união nasce o entusiasmo, a aspiração de trazer os outros até à luz desta Verdade, na qual o eu separado deixa de existir.

Para podermos auxiliar, verdadeiramente, devemos ter tocado a fonte de nosso ser; e desta fonte podemos partir para renovar todas as coisas.

Para compreendermos a verdade de sermos diferentes e, ao mesmo tempo únicos, devemos ter conhecimento e experiência. A unidade não significa haveremos destruído a variedade ou diferença – ao contrário, seria coisa desoladoramente monótona que todos fôssemos idênticos, que todos tivéssemos os mesmos pontos de vista, o mesmo raciocínio. Todos olhamos a Verdade, mas cada um através de sua própria compreensão individual.

A diferença entre uma pessoa comum e o gênio, está em haver este tocado a fonte que é a Verdade. A pessoa comum não será, realmente, útil ao mundo, apesar do seu desejo de prestar auxílio, por não haver ainda percebido a Verdade. Assim os que desejam auxiliar devem primeiro compreender algo da verdade. Muitos de vós, presentemente, são ainda como crianças que precisam ser instruídas; mas com o decorrer do tempo e à medida que lutardes, tanto individual como coletivamente, por adquirir por vós próprios o conhecimento, esse conhecimento se vos tornará inerente. E quando o conhecimento se houver tornado vosso, quando se tornar vossa própria aquisição, após sofrimentos, pesares e intensas alegrias, então vossas ações e sentimentos, quaisquer que sejam, terão o selo da Verdade.

Portanto, deveis fixar a Beleza como aspiração dominante na vida. Beleza que não significa acúmulo de coisas superficiais, mas sim, simplicidade. A simplicidade é grandeza; a simplicidade de caráter, a simplicidade de mente, a simplicidade de corpo, cria a perfeição. Olhemos momentaneamente para os gregos. Não tinham eles nenhuma de nossas comodidades modernas, nenhum dos adornos da nossa moderna civilização, mas tinham esse sentido da verdadeira beleza, que é simplicidade. Não podeis ser verdadeiramente belos se não tiverdes belas mentes e corações limpos, se não tiverdes grandes e nobres idéias e sentimentos. Pela criação da beleza superficial podeis pensar haver alcançado a perfeição; mas quando despida de suas vestes físicas, nela encontramos logo a fealdade do estágio selvagem,

A espiritualidade significa beleza: beleza no pensamento, beleza no sentimento e beleza na ação. Muitos de vós estais sempre a procura de novos meios e modos de alcançar a perfeição física, mas não voltais as vossas mentes para o que é duradouro. Se partirdes do reto ponto de vista, da reta fonte, tornareis o físico mais belo porque tereis mentes e corações que são realmente nobres, realmente grandes.

Muitos pensam que espiritualidade significa seriedade e tristeza. A espiritualidade, quando bem compreendida, é a ciência da felicidade; porque a única meta digna de ser atingida é a perfeita felicidade que nos vem quando tendes vosso corpo, vossa mente e vossas emoções perfeitamente unificadas e harmonizadas com a vossa vontade. O que é que causa a felicidade ou a infelicidade? A infelicidade surge quando não haveis dominado a ansiedade ou a depressão.

Mas, quando tiverdes descoberto a fonte que é Verdade e Vida, não mais sereis escravos da ânsia pela prosperidade ou pela tristeza, e o mundo não mais terá domínio sobre vós. As coisas transitórias não mais terão valor e sabereis permanecer de parte e vigilantes.

Se olhardes para a espiritualidade como um reino onde podeis encontrar a felicidade, aonde chegareis sempre que divisardes grande beleza, logo que tiverdes grande visão, desde que lerdes grande literatura, sempre que sentirdes profunda tristeza ou grande alegria; por esse processo, ela se tornará parte de vós mesmos, e, assim, vivereis eternamente em seu reino. A espiritualidade já não será então, o conhecimento dos livros, nem estará nas teorias sobre a vida, mas palpitará dentro de vós mesmos. Quando a houverdes achado, possuireis a felicidade que não pode ser destruída, que o tempo ou a idade não apagam.

Deste ponto de vista, onde quer que haja luta, a tristeza, ou a alegria, onde quer que haja o desejo de viver nobremente e atingir a Verdade, aí está o caminho da espiritualidade que é a verdadeira base da Vida.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 7 e 8 (da anual em Inglês) –

Abril e Maio de 1929

UMA ENTREVISTA COM Krishnaji

No Castelo de Eerde, Ommen, Holanda

R. L. C.

Entrevistador: Desejaria fazer-vos algumas perguntas sobre certas idéias que há muito tenho em mente. Como será que os ideais que explanais alcançarão o povo?

Krishnaji: Ficarão, durante algum tempo, limitados a poucas pessoas.

Entrevistador: Como hão de alcançar as massas populares em todo o mundo?

Krishnaji: Isto depende destes poucos.

Entrevistador: Não pode dar-se o caso de vossos ideais se perderem no deserto da ignorância e da apatia, assim como às vezes, um rio é absorvido pelos areais do deserto?

Krishnaji: Não penso assim. Não creio que os ideais possam ser mortos.

Entrevistador: Consideremos a América, como o exemplo de um país a cujo respeito se possa dizer que as coisas materiais e as posses se desenvolveram mais rapidamente que a cultura. Achais que as vossas idéias estão se espalhando pela América?

Krishnaji: Não o sei.

Entrevistador: Posso até mesmo imaginá-las se difundindo; mas, criarão raízes ou...

Krishnaji: Morrerão, quereis dizer?

Entrevistador: Sim, não se poderá dar o caso da corrente ser absorvida pelo areal?

Krishnaji: O que desejais saber, exatamente, e a que tende a vossa pergunta?

Entrevistador: Como é que estas idéias, que admito serem de interesse vital, como poderemos conseguir que...

Krishnaji: Que elas alcancem o povo?

Entrevistador: Sim, vê-las espalhadas pelo povo, não só agora, mas também no futuro?

Krishnaji: Essa é toda a questão. Sinto que se realmente compreenderem o que lhes estou ensinando, o considerarão como questão de vida ou de morte.

Entrevistador: Sim.

Krishnaji: E, assim, tendo-o como imprescindível, hão de transmití-lo a outros.

Entrevistador: Bem. Então, afinal a questão será essa: cada indivíduo deve encará-lo como questão de vida ou de morte, para si – não no sentido estreito.

Krishnaji: Não, não.

Entrevistador: Num sentido profundo e vital. Agora, um outro ponto. Do Senhor Buda foi dito que desejava vaguear como o elefante isolado, como um ser que podia abrir uma senda na mata, para ser trilhada por outros...

Krishnaji - E outras pessoas, certo, o poderem seguir.

ENTREVISTADOR - Mas precisamos de conseguir um certo número de pessoas.

Krishnaji - Certo numero de elefantes. Essa é justamente a questão.

ENTREVISTADOR – Não indica isso o imenso valor da combinação?

Krishnaji - E por isso é que há necessidade de pessoas que realmente compreendam. É mais necessário ter pessoas que realmente compreendam, do que meros seguidores; porque estes podem afastar-se da senda do elefante isolado, como tem acontecido através das idades. Mas, as pessoas que compreenderem nunca o farão.

ENTREVISTADOR - Exatamente. Porém há o seguinte: reafirmais, constantemente, que atingistes a meta, que achastes a Verdade, mas...

Krishnaji - Continuai, senhor.

ENTREVISTADOR - ...mas, a Verdade que atingistes, parece não se ter tornado suficientemente clara e definida para ser compreendida pela maioria das pessoas. Eu não a percebo bem. Algumas vezes, parece-me entrever um lampejo. Dizeis que toda e qualquer pessoa pode, individualmente, entrar em direto contato com a Vida. Ora, é essa a Verdade ou parte somente da Verdade?

Krishnaji - Não podeis dizer, "Essa é a Verdade inteira". Quanto mais a investigais, mais se desenvolve. E como agora estejamos ocupados com a explanação de uma faceta da Verdade, logo todo mundo pensa que essa faceta particular, do momento, é a única faceta. Ao contrário, desde o momento em que houverdes compreendido, alcançareis mais e mais. É como as águas de uma fonte perene.

ENTREVISTADOR - ...sempre mais abundante, por mais que dela tiremos. Mas há em todo o mundo um constante pedido de definições, decisões e conclusões.

Krishnaji - Sim, essa é a primeira dificuldade: compreender que não podeis limitar a Verdade. E é pelo fato de terem estado a limitar a Verdade, por tanto tempo, que desejam que continue esta restrição.

ENTREVISTADOR - Uma vez que tratamos disto, não será justo dizer-se que a maioria dos artistas estão fazendo exatamente o mesmo que fazem as pessoas na maioria, isto é, dando definições, limitando a Verdade, embora fazendo-o com maior perfeição?

Krishnaji - Expressando-a de acordo com seu modo particular...

ENTREVISTADOR - Restringindo-a e, por isso mesmo quase infalivelmente, caindo no desconforto?

Krishnaji - Naturalmente.

ENTREVISTADOR - Poderíamos passar a um estágio mais alto e dizer que o supremo artista é aquele que renunciou a tentar exprimir a Verdade e que prefere senti-la em si próprio?

Krishnaji - Naturalmente, mas deve expressá-la.

ENTREVISTADOR - Poderia fazê-lo através da perfeita tranqüilidade, como o taoísta?

Krishnaji - Sim, mas essa é uma das expressões...

ENTREVISTADOR - Uma inteiramente simples.

Krishnaji - Mas, já, por si, uma limitação.

ENTREVISTADOR - Tendes, por vezes, assim como no método oriental de pesquisa da Verdade, a especialização, tal como em alguns sistemas de Yoga, mas não será possível que alguma parte do nosso modo de exprimir as coisas, diga respeito por igual, a todos os aspectos da vida?

Krishnaji - Isso é certo, senhor. É isso a harmonia da vida.

ENTREVISTADOR - Não chegareis, então, a super-especializar?

Krishnaji - Naturalmente, não. Que bem traria isso? É como um homem que fosse possuidor de um excelente intelecto e tivesse ressequidas as suas emoções. Estaria especializado no intelecto; mas isso é como possuir uma bela árvore que não dá flores; uma linda flor que não tenha perfume.

ENTREVISTADOR - Prosseguindo, deste ponto, não será possível dizer-se que é a mente que prende a maioria das pessoas hoje?

Krishnaji - Mas penso que devemos desenvolver a mente tão bem quanto as emoções.

ENTREVISTADOR - Dizei-o por outra maneira. Será exato dizer-se que a mente é o único instrumento que a maioria de nós utiliza hoje em dia?

Krishnaji - Não tenho essa certeza. Não penso que seja assim. Não penso que pessoa alguma possa julgar alguma coisa, jamais, exclusivamente pelo intelecto, unicamente pela inteligência. Ao contrário, a grande maioria usa algo que é uma mistura de emoção e pensamento.

ENTREVISTADOR - Mas podereis encontrar uma pessoa que seja somente intelecto, com tudo o mais posto de lado? Que seja apenas mental?

Krishnaji - E mortas as emoções?

ENTREVISTADOR - Frias.

Krishnaji - São muito poucas.

ENTREVISTADOR - Tornando, agora, à ideia da combinação tendente a alterar o futuro, - tendes em vista um certo número de pessoas se combinando para tornar simples a vida, para realizar uma definida simplificação da vida diária?

Krishnaji - Para simplificá-la, sim. Mas simplificá-la, não significa pôr de parte as coisas úteis, que foram inventadas para auxílio do mundo. Vede, um aparelho de limpar o pó por meio do vácuo, é algo simples e deve ser usado. Pensai no tempo gasto com a limpeza de uma sala. Podeis andar de joelhos e limpá-la, mas isto vos tomará tempo. Um aspirador à vácuo fa-lo-á em menos tempo e melhor. Devemos aprender a usar as coisas que forem úteis.

ENTREVISTADOR - Por isso mesmo, o mundo parece lançar-se, numa corrida louca atrás de tais coisas.

Krishnaji - Essa é justamente a questão. É porque pensam que as coisas são um fim, por si mesmas, e lhes vão dar felicidade, paz e tranquilidade; quando, pelo contrário, isso não acontece.

ENTREVISTADOR - E devemos substituir a idéia de que são um fim em si mesmas, pela de que são apenas úteis?

Krishnaji - O povo começa a compreende-lo.

ENTREVISTADOR - Há um outro ponto a cujo respeito vos desejaria ouvir: Existe uma definida escola de idéias em todos os países, que sustenta ser toda tendência favorável ao internacionalismo, fundamentalmente contrária aos melhores interesses da raça.

Krishnaji - Sim?

ENTREVISTADOR - Esses nacionalistas acham que a pureza das raças humanas deve ser mantida.

Krishnaji - Senhor, é somente a pureza do corpo que considerais, não é?

ENTREVISTADOR - Em parte, no que isto naturalmente implica.

Krishnaji - Não podeis impedir que as idéias passem de país a país. As idéias são como o ar.

ENTREVISTADOR - As idéias são internacionais, sim - mas. . .

Krishnaji - Algumas pessoas poderão fazer objeções, mas não podeis viver sem ar e não podeis viver sem idéias; e as idéias não têm nacionalidade.

ENTREVISTADOR - Enquanto inócuas e não afetem realmente a humanidade, elas poderão circular livremente.

Krishnaji - As idéias gradualmente mudam todas as coisas.

ENTREVISTADOR - Esse é o meu ponto. Não de resultar, essas idéias, em grandes alterações últimas?

Krishnaji - Por certo.

ENTREVISTADOR - Ou conseguirão, umas tantas individualidades fortes, manter os povos onde se encontram?

Krishnaji - Um minuto só, senhor. Considerai o Partido Trabalhista na Inglaterra. Há dez anos todo o mundo ria dele. Agora, ele vai subindo e até o temem. Exatamente dessa maneira...

ENTREVISTADOR - As idéias hão de crescer e florescer.

Krishnaji - Naturalmente. Assim como a idéia da Liga das Nações. A princípio todo o mundo a achava risível.

ENTREVISTADOR - Mas, consideremos os primórdios do cristianismo. O que foi que manteve vivas as idéias essenciais do mais remoto cristianismo? Não terão sido as perseguições dirigidas

contra os cristãos? Podem as vossas idéias progredir, propagar-se e afetar o mundo, sem haver necessidade de alguma espécie de tremenda luta?

Krishnaji - Naturalmente, essa é a questão.

ENTREVISTADOR - Suponde que eu retorne ao meu país e que eu e os outros mais, que partilhemos de vossos pontos de vista, nos limitemos a viver quieta e naturalmente, as vossas idéias permanecerão?

Krishnaji - Algo de meramente intelectual. Concordo inteiramente.

ENTREVISTADOR - Devemos fazer alguma coisa. Devemos fazer conferências ou algo de novo?

Krishnaji - A primeira coisa é modificarmo-nos, nós mesmos. A prática deve vir primeiro e não o preceito. Mudai-vos, primeiro interiormente, depois saís a fazer conferências.

ENTREVISTADOR - Compreender primeiro as idéias e depois sair a campo.

Krishnaji - O que fizeram Pedro e Paulo e os demais? Encheram-se, primeiro, de entendimento, depois saíram a campo, com a chama de seu entusiasmo, dizendo consigo: "Sairei a falar destas coisa de que tenho conhecimento".

ENTREVISTADOR - Quer-me parecer que não nos poderemos desviar, por completo, da antiga idéia de propaganda.

Krishnaji - Mas a propaganda, à moda antiga, é inútil. A propaganda com a prática e o definido exemplo, tem muito mais poder. Importa vivê-la. É a vossa própria chama que vô-la fará empreender, e não o fato disto vos ter sido indicado por outra pessoa.

* * *

A discussão passou então a versar sobre as idéias do Sr. **Krishnamurti**, relativas à guerra.

* * *

ENTREVISTADOR - Ouvi que a freqüentemente, em vossas palestras, vos referis à guerra. Parece-me que muito daquilo que a humanidade tem conseguido lhe tem vindo através da guerra. As guerras religiosas muitas vezes têm libertado os homens de pequenas tiranias, do cerimonialismo, e têm, numa grande medida, firmado a liberdade de pensamento. Poderiam, esses bons resultados, ter sido obtidos de outro modo?

Krishnaji - De outro modo, sem ser pela guerra, quereis dizer senhor? De outro modo que não seja a guerra?

ENTREVISTADOR - Sim, exatamente, sem ser pela guerra. De outro modo que não seja a luta.

Krishnaji - É como se dissésseis: tornei-me forte por causa da doença...

ENTREVISTADOR - Não. Mas eu o diria de outra maneira: a guerra me parece o resultado da revolta inteligente - em larga escala.

Krishnaji - Não estou de acordo. É revolta pouco inteligente. Considero a guerra como a revolta da estupidez.

ENTREVISTADOR - Sim.

Krishnaji - Vede os resultados. A guerra é como o rio, que transborda do leito. Há um excesso tremendamente devastador. É um inútil, e estúpido desperdício de inteligência. Um desperdício que origina, sempre, mais e mais contendidas. Tudo isto surge, penso, pelo fato de se ignorar o verdadeiro propósito da vida; portanto, todas essas coisas resultam da vida vã.

ENTREVISTADOR - Isso mesmo. Mas, esse aspecto vão da vida...

Krishnaji - Não se trata do verdadeira aspecto vão da vida e sim de inutilidade da vida, não de quanto a vida é vã.

ENTREVISTADOR - Bem, consideremos essa inutilidade da vida. Isto existe no mundo, hoje em dia, e vai dando como resultado uma situação em que a qualquer momento se pode dar a inundação, o transbordar das águas.

Krishnaji - Sim, sim. O que é que desejais perguntar?

ENTREVISTADOR - Embora tivésseis dito, sempre e sempre, que podemos fugir à necessidade da guerra, não vejo bem que tenhamos alcançado o estágio em que isso seja possível.

Krishnaji - Mas, isto, é o mesmo que dizer-se que ainda não atingimos o estágio em que podemos progredir, em que podemos praticar o bem, sem praticar o mal. Não é coisa acertada dizer a alguém que não poderá gozar saúde, a não ser adoecendo. Pensai nisto.

ENTREVISTADOR - Pode ser que novos esforços sejam feitos, tendendo a encadear a humanidade fisicamente, visando eliminar as pequenas nacionalidades e, a menos que os indivíduos se revoltam contra o opressor, maiores males resultarão.

Krishnaji - Não. Como podeis saber?

ENTREVISTADOR - Eu não o sei. Imagino-o meramente. Deveríamos antes, talvez, procurar remover as causas?

Krishnaji - Mas, naturalmente. Não nego que, afinal, do mal sempre tem resultado e resultará sempre o bem. Mas isto não é razão para querer o mal, - a fim de que, em última análise, dele resulte o bem. Por que não encarar logo a coisa de frente e conseguir o bem de todas as coisas - removendo as causas? Senhor, não havíeis de dizer - deixai que assim o expresse - que, para que as pessoas possam apreciar a liberdade, devem ser postas na prisão.

ENTREVISTADOR - Não. Vejo-o. Vejo o argumento aplicado simplesmente à guerra ...

Krishnaji - Mas deve ser aplicado a tudo.

ENTREVISTADOR - Há ainda uma pergunta que vos desejava fazer sobre assunto de que já tratastes em vossas palestras. Não será o grande ritualista, não poderá o grande ritualista ser simplesmente como um grande artista trabalhando através desse meio particular? Se assim não for, não vejo como podereis deixar de ir de encontro a todas as grandes igrejas, às magnificantes catedrais da Europa, e de outras partes do mundo.

Krishnaji - Eis-nos, agora, a dizer de novo: devemos passar pelo mal para alcançar o bem? Quereis dizer, senhor, que não podeis criar as igrejas, os templos, essas maravilhosas construções pelo puro amor da beleza?

ENTREVISTADOR - Naturalmente que podem ser criadas.

Krishnaji - Vossa idéia é a seguinte: "Deixai-nos ter as nossas cerimônias primeiro, pois delas resultarão um sistema que nos dará poderes para criar uma igreja perfeita. Porque seguir este caminho complicado?

ENTREVISTADOR - O templo surge como uma expressão da vida.

Krishnaji - Mas afinal, uma igreja é simplesmente uma casa, um templo.

ENTREVISTADOR - Sim, mas a casa é construída para nela se morar, e é a idéia daquilo a que se destina a catedral, que determina a sua construção. E parece-me que um grande ritualista pode ser considerado como uma espécie de artista que usa a catedral como seu quadro de fundo.

Krishnaji - Concordo inteiramente. Ele pode ser o artista, mas irá além se disser: "Isto é, um auxílio para a humanidade". Nenhum artista o diz.

ENTREVISTADOR - Não.

Krishnaji - Ele apenas cria. Não diz como o ritualista: "Este é um estágio por que tendes que passar".

ENTREVISTADOR - Vejo a possibilidade de vossas idéias influenciarem os indivíduos de um modo que não redunde no desabrochar da chama viva do entusiasmo. Não poderá dar-se o caso de obterdes um tipo de pessoas que sejam completamente simples e boa, um tipo a que o mundo não dará atenção?

Krishnaji - Não penso assim. Afinal de contas, a evolução há de prover a isso. Pode levar um tempo maior ou menor. Vede só, senhor, é como alguém a semear num campo. Algumas sementes amadurecerão e outras não.

ENTREVISTADOR - E, aplicando isto ao que estava dizendo, consideraríeis essa gente simples, como aquelas sementes que não houvessem germinado?

Krishnaji - Não. Serão aquelas que frutificarão, que produzirão. Deve ser assim, pois de outro modo, não haveria esperança. Tomemos o exemplo de Pedro, Paulo e todos os outros apóstolos de Jesus. Por que não morreram as suas idéias? Porque eram fortes no ânimo de cada um deles e porque as circunstâncias eram tais que permitiram a sua ação.

ENTREVISTADOR - Não teria sido o fato da igreja da época aceitar essa idéias, adotando-as e mantendo-as diante do público? Ou teriam sido os martírios?

Krishnaji - Não foi a igreja da época. Foram as torturas, os martírios. Ninguém se preocupa com o que eu digo, todos riem e, mesmo os nossos próprios amigos, nada sabem, pois somente acabo de começar. Dizem consigo: "Não sei se isto estará certo ou errado, se é plausível, se será o fim, se esta é a senda para a meta, se ele nos está ensinando a Verdade ou se está hipnotizando a si mesmo e enganando-se a si próprio." Acham-se incertos e o que devo fazer, neste momento, é eliminar a incerteza. É como se desbastasse uma floresta, para construir uma casa que protegerá a floresta do fogo. Faz-se mister abrir uma clareira, para conseguir um espaço apropriado.

ENTREVISTADOR - Achamo-nos nesse estágio.

Krishnaji - Naturalmente.

ENTREVISTADOR - Uma pergunta final: falais da meta a ser atingida e de pessoas que não tem certeza se este é o método, o meio de atingir. Será possível a algum indivíduo alcançar a meta, uma vez que tenha uma simplicidade real em sua vida interior, uma perfeita calma e paz, ou há mister de algo mais do que isso?

Krishnaji - Naturalmente, senhor, absolutamente.

ENTREVISTADOR - Alguma grande experiência mística?

Krishnaji - Isso virá também. Afinal, muita gente é simples, encantadoramente gentil, como as águas suaves e tranqüilas; contudo, não possuem ainda a grandeza, e o que lhes dá essa magnitude, é a experiência, o sofrimento, as grandes alegrias, grandes estímulos e rejeições.

KRISHNAMURTI E STOKOWSKI

(Artigo de fundo do jornal "O mundo de Amanhã")

"Um jornal que trata, intensamente, de problemas sociais concretos, não pode deixar de se interessar pelas artes e pela influência da sua característica força tônica no progresso da civilização. Eis a arte a investigar a arte da vida: uma palestra, aparentemente casual, e que transborda, entretanto, de conhecimentos profundos sobre questões que preocupam todas as mentes ativas. Palestra realizada no Castelo de Eerde, Ommen, (Holanda) entre J. Krishnamurti e Leopoldo Stokowski, célebre regente da Orquestra "Philadelphia".

Stokowski: Toda a arte tem seu meio de expressão. O drama tem palco, atores, luzes, roupas, cenário; a escultura – pedra ou madeira; a poesia – palavras; a pintura – tela e tintas; a música – a vibração do ar.

Parece-me que a música é a menos material de todas as artes e contudo, talvez possamos conceber uma arte mais sutil ainda. Fiquei impressionadíssimo com um órgão luminoso e colorido – o "Clavilux", inventado por Thomas Wilfred, de Nova York.

Desenvolveu o inventor algo que faz pensar em uma nova arte de cor, dotada de forma e movimento, a qual me sugeriu a possibilidade de aspectos musicais extremamente sutis, quase espirituais e a idéia de que surgirá, um dia, uma arte imaterial, de puro espírito...

Krishnamurti: Não pensai que o importante não seja tanto a comparação de uma arte com outra, e sim a evolução do indivíduo que produz tal arte?

Relativamente à possibilidade do aparecimento de uma arte mais sutil que a música, não será caso de inspiração? A inspiração, se acordo com a minha idéia, conserva a inteligência entusiasticamente desperta.

St.: Sinto que a inspiração é quase um ritmo ou uma melodia, como música, que ouço bem no fundo de mim mesmo, longe, longe.

K.: Porque sois músico, ouvireis a todo instante essa inteligência para a qual estais desperto, e a interpretareis pela música. Um escultor exprimiria a mesma inteligência em pedra. Vedes o ponto a que deseja chegar? O que importa é a inspiração.

St.: Julgais, pois, que a inspiração tem muita analogia ...

K.: ... sim, conexão...

St.: com a inteligência?

K.: No sentido em que estou empregando, sim. Eis aí o ponto capital. Se não fordes inteligente, jamais sereis um grande criador. A inteligência, quando é mantida como uma flama viva, é sempre meio de inspiração. Não gosto da palavra "meio", pois é usada em tantos sentidos... Se conservardes a inteligência constantemente desperta, ela buscará idéias, novas maneiras de se relacionar com a vida. E é a isso que chamo inspiração. Concebeis uma nova idéia porque conservais vossa inteligência sempre acordada.

St.: Entretanto, não é essa a sensação que tenho de mim. Posso descrevê-la deste modo: quando me sinto inspirado, é como se me lembrasse, me tornasse consciente de alguma coisa que tivesse penetrado em meu cérebro, cinco ou dez minutos antes. Já estava ali, mas não penetrava na consciência. Sinto que se achava ali, muito antes, latente e – não sei há quanto tempo – e que se apresenta no momento.

K.: Dir-vos-ei que é a inteligência a trabalhar para atingir a idéia, Falemos concretamente: um ser sem inteligência jamais seria inspirado no mais alto sentido da palavra.

St.: No mais alto, não,

K.: Sinto-me inspirado quando vejo alguma coisa bela, uma bela paisagem, ouço uma bela música ou lindas poesias, porque a minha inteligência está sempre alerta. Mantenho-a alerta e, diante do belo, experimento a necessidade de traduzí-lo em algo que os outros entendam, não é assim?

St.: Essa é uma forma de expressão.

K.: Há centenas de formas. Sou apenas uma delas, no sentido em que estamos discutindo, pois há a forma do poeta, do escultor, do músico e tantas outras.

St.: Sinto dentro de mim que a inspiração vem de um plano mais elevado do que a inteligência.

K.: Não, a inteligência é o plano mais elevado. Senhor, a inteligência, para mim, é a acumulação da experiência, é o resultado da experiência.

St.: Qual a relação entre a "inteligência" no sentido que dais a essa palavra, e "intuição"?

K.: Não podeis separar a intuição da inteligência na mais alta significação. Um homem hábil não é um homem inteligente, ou melhor, um homem hábil não é necessariamente um homem inteligente.

St.: Não, mas há muitas vezes grande distância entre um homem inteligente e um homem intuitivo.

K.: Sim, porque se trata de bitola nova, de uma escala muito diferente. Intuição é o supremo ponto de inteligência.

St.: Ah, agora estamos de pleno acordo.

K.: A intuição é o supra-sumo da inteligência e, para mim, manter desperta essa inteligência é inspiração. Ora, só podeis conservar alerta essa inteligência, da qual a intuição é a mais elevada expressão, pela experiência, sendo a todo instante como uma criança perguntadora. A intuição é a apoteose, a acumulação da inteligência.

St.: Sim, isso é verdade. Posso fazer-lhe uma outra pergunta? Se, como dizeis, a libertação e a felicidade são o alvo de nossas vidas individuais, qual é a meta final de toda a vida coletivamente? Ou, em outras palavras – como responde a Verdade, conforme a enunciais, às perguntas: Por que estamos na terra? Para que meta estamos evoluindo?

K.: A questão é, portanto: Se a meta para o indivíduo é a libertação, qual é ela para a coletividade? E eu vos respondo que é exatamente a mesma.

Que é que separa os indivíduos? A forma. A vossa forma é diferente da minha, mas a vida oculta em mim e em vós é a mesma. Logo, a vida é unidade; e a vossa vida e a minha vida hão de, semelhantemente, culminar naquilo que é eterno, naquilo que é libertação e felicidade.

St.: Na totalidade do plano da vida não encontrais nenhum alvo, além da libertação e felicidade, nenhum desígnio ou função ulterior para o total da vida?

K.: Agora, senhor, não vos assemelhais à criança que pedisse: "Ensina-me matemática superior?" Eis a minha resposta: Será inútil ensinar-vos matemática superior se não estudardes primeiro álgebra. Se entendermos esta coisa particular, a divindade dessa vida que se estende diante de vós, pouco importa discutir o que está além, pois seria debater uma coisa incondicionada com uma mente condicionada.

St.: Isso está perfeitamente respondido, é claro e breve. A gente se lembra melhor do que é breve.

Sempre me pareceu que as obras de arte deviam ser anônimas. Pergunto-me à vezes: É um poema, um drama, uma tela ou uma sinfonia, a expressão do seu criador, ou é este apenas o canal através do qual fluem forças criadoras?

K.: Eis um ponto que me interessa realmente.

St.: Bem, sois poeta e eu músico. O que me interessa é comparar nossas sensações ao criarmos em nossos respectivos meios. Não vos sentis sempre completamente estranho ao que escreves?

K.: Sim, decerto.

St.: Eu também... e, quando acordo no dia seguinte, digo a mim mesmo: Fui eu que escrevi isso? Isso não se parece nada comigo!

K.: Pois bem, isso é inspiração. É a vossa intuição, o ponto supremo de vossa inteligência, a agir subitamente. Se mantiverdes a vossa mente, as vossas emoções e o vosso corpo puros e fortes, e em harmonia, então esse altíssimo ponto de inteligência, a partir do qual age a intuição...

St.: ... agirá constantemente...

K.: ... e conscientemente...

St.: E a gente pode viver com isso...

K.: Por certo. Isso é o único guia. Considerai, agora, por exemplo, poetas, dramaturgos, músicos, todos os artistas: deviam ser anônimos, desprendidos de tudo quanto criassem. Penso que é essa a grande verdade. Existir, dar e desprender-se do que se dá. Compreendeis o que quero dizer?

Em resumo, os grandes artistas do mundo, os grandes instrutores do mundo, deviam dizer: "prestai atenção, apresento-vos alguma coisa que, se a compreenderdes realmente, desenvolverá, sem solução de continuidade, a vossa inteligência, agirá como se fosse a vossa intuição. Não me adoreis, porém, como indivíduo – fazei de conta que nada fiz".

Infelizmente, muitos artistas desejam ver seus nomes no quadro, desejam ser admirados. Suspiram por graus e títulos.

St.: Eis agora uma questão muito, muito velha. É a Verdade relativa ou absoluta? É ela a mesma para todos nós, ou difere de indivíduo a indivíduo?

K.: Não é nada disso, senhor.

St.: Então, o que é ela?

K.: Não de a pode descrever. Não podeis descrever aquilo que vos dá inspiração para escrever música, podeis? Se vos perguntassem: "É isso absoluto ou relativo"? respondereis "O que estais a perguntar? Não é nada disso".

Bem vedes, não podeis dizer se é absoluto ou relativo. Está muito além da matéria, do tempo e do espaço.

Observemos, por exemplo, a água daquele rio. Está limitada pelas margens. E direis ao olhar para ela: "A água está sempre limitada", porque vedes as margens estreitas que a encerram. Mas, se estivésseis no meio do oceano onde nada vísseis a não ser água, diríeis: "A água é ilimitada".

St.: Essa resposta é perfeita... não precisais dizer mais nada – é completa.

Há um padrão ou critério de beleza na arte, ou deve cada pessoa achar a sua própria beleza, aquela a que responde? A questão se relaciona com o gosto. O mundo está sempre a dizer: isto é de bom gosto, aquilo é de mau gosto. Com que autoridade ele diz isso?

K.: E eu vos direi: com a sua própria autoridade.

St.: Essa resposta é pessoal. Então pode qualquer pessoa dizer o que é bom ou mal em arte?

K.: Não. Todavia, afirmo que a beleza existe por si mesmo, acima de todas as formas e de todas as aparências.

St.: Ah, então é uma coisa imperecedoura?

K.: Como o eterno perfume da rosa. Senhor, ouvís música e eu ouço música: ouvís um vastíssimo plano de vibrações, eu ouço apenas parte dele – mas essa parte ajusta-se a todo o vosso plano.

St.: Sim. É uma questão de absorção pessoal, de experiência. Assim, a resposta é semelhante à da outra pergunta: em si mesma é ao mesmo tempo relativa e absoluta, mas para nós é relativa.

K.: Isso mesmo!

St.: Vemos projetos da vida, nas artes, em nosso corpo, nas máquinas, em tudo; e o projeto de um automóvel é feito sempre com a idéia de sua função. Qual é a função da vida, de toda a vida?

K.: Expressar-se em si mesma.

St.: Como pode derivar-se a ordem de vossa doutrina de liberdade?

K.: Porque, senhor, a liberdade é o alvo comum de todos – bem o sabeis. Se cada homem compreender que a liberdade é o alvo comum, em se adaptando, em se amoldando a esse alvo comum, ele só poderá criar a ordem.

St.: Quereis dizer que, aspirando ao ideal de libertação, ao ideal de beleza, atingiremos todos, finalmente, o mesmo alvo?

K.: Com certeza. Não é assim?

St.: ... e assim virá a ordem?

K.: Há agora meia dúzia de indivíduos, e entre eles eu e vós, que têm, todos, idéias diferentes relativamente ao alvo final. Entretanto, se nós todos nos detivéssemos e perguntássemos: "Qual é a meta suprema para cada um de nós?" Responderíamos: libertação e felicidade para cada um e para todos. Assim, mesmo que trabalheis num sentido e eu no outro, trabalharemos sempre ao longo de nossas próprias linhas, em direção ao mesmo alvo. Então, haverá ordem.

St.: Como haveria a Sociedade, organizada sobre a liberdade, tratar o homem que tirasse a vida de outrem?

K.: Atualmente, a Sociedade agindo sem alvo, lança-o numa prisão ou mata-o. É uma vingança justa. Mas, se eu ou vós fôssemos as autoridades que estabelecem leis para a Sociedade, não nos esqueceríamos um instante sequer, que para o assassino, como para nós mesmos, a meta é idêntica – liberdade.

Não é justo que o matem por haver ele matado também. Seria melhor dizer-lhe: "Escute, empregaste mal a vossa atividade, pois destruístes uma vida que procurava alcançar a liberdade por meio da experiência. Vós também precisais de experiência; mas, experiência que prejudica a outrem, que se intromete com outrem, não pode conduzir-vos à felicidade e libertação supremas."

Precisamos criar leis baseadas na sabedoria, que é a culminação da experiência, e não na idéia de vingança. Se tivésseis um filhinho, e esse filhinho fizesse alguma coisa ruim, não o poríeis imediatamente de castigo a um canto. Explicar-lhe-íeis a razão porque não devia agir daquele modo.

St.: Mas o que faríeis com uma criança que não pudesse ainda falar nem entender o que estáveis dizendo?

K.: Iria protegê-la contra coisas que fossem perigosas para os outros ou para ela mesma. Afinal de contas, um assassino não passa de uma criança...

St.: Sim, tomaríeis o assassino e o impediríeis de ferir aos outros e a si próprio, e o educaríeis...

K.: Sim, educá-lo-ia...

ST.: Qual é o supremo ideal de educação?

K.: Ensinar à criança, desde pequenina, que o seu alvo é a felicidade e a liberdade, e que o meio de alcançá-las reside na harmonia de todos os corpos – mental emocional e físico.

St.: E, quando a criança fracassar nesse ideal e ferir-se a si mesma ou a terceiros, ou destruir qualquer espécie de beleza, como lhe descreveríeis, qual deverá ser o método ideal de educação capaz de deter o curso destruidor por ela seguido?

K.: Pondo-a em condições de poder ver o ideal, isto é: dando-lhe conselhos, exemplos... Sois músico, e se eu estivesse aprendendo convosco, observaria cada movimento que fizésseis.

Sois, com efeito, um mestre de música, e eu preciso aprender. Compreendeis? Eis o meu ponto capital – o exemplo é tudo.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 7 e 8 (da anual em Inglês) –

Abril e Maio de 1929

A VIDA EM LIBERDADE

de **J. Krishnamurti**

(Comentário da Dra. Annie Besant)

"Dá-me entendimento e eu cumprirei a Tua Lei; sim, cumpri-la-ei de todo o meu coração." Assim orava um antigo hebreu, e muitos de nós têm o costume da empregar as palavras como uma aspiração; pois bem sabemos que o Imortal Governador Interno pode responder ao anelo que torna as cascas permeáveis à Sua força.

O último livro de Krishnaji nos incita a novos esforços afim de cultivar e fortalecer esta preciosíssima qualidade, cujo exercício é constantemente aconselhado - em seus discursos e escritos.

Neste livro, "A Vida em Liberdade" de Krishnaji, está autobiografada a sua própria Vida interna, estão traçadas as suas próprias experiências, desde a primeira revolta interna, através de varias pesquisas e rejeições, até encontrar-se a si mesmo e atingir, assim, a perfeição.

Um dos enganos de entendimento consiste em nos agarrarmos à última experiência e à última renúncia de Krishnaji, como se tal renúncia, baseada no largo conhecimento próprio e na própria acumulação de experiências por ele realizadas, pudesse ser copiada por qualquer de nós que ainda não tenha alcançado aquele estado por si mesmo.

Eis um exemplo frisante do que viemos dizer: Krishnamurti, em criança, chegou aos Pés de seu Gurú e, em seu primeiro livrinho, diz que as palavras não são suas, mas do Mestre que o ensinou. "Sem Ele, eu nada teria feito, mas com o Seu auxílio pus os pés na Senda."

No grau em que se acha agora, ele não precisa de ensinamentos de ninguém. Todavia, mãos sábias e fortes guiaram-lhe os vacilantes passos quando ele principiou a trilhar a "estreita e antiga senda".

Para nós, ainda retumba a apelo do clarim: "Desperta! Levanta-te! Busca as grandes Instrutores e espera, porque o caminho é estreito, sim, estreito como o fio de uma navalha."

Buscando a Krishnaji, buscamos o Gurú dos Gurús. Ser capaz de partilhar a sua força conosco, é a glória do Christo.

"Vim para que possais ter Vida, e tê-la mais abundantemente." Havemos de rejeitar o gracioso oferecimento, e recusa-lo grosseiramente? Não precisamos nós de entendimento, e não precisamos mais dele quanto mais elevado é o ensinamento? O Gurú convida-me a procurar o meu próprio caminho, e esse é o meu caminho.

"Eu vos ajudarei a atingir o alvo que buscais... então (o itálico é meu) estareis, apto a vos guiardes através da escuridão." Esse é o auxílio que dá o Gurú, o auxílio para o homem se libertar a si mesmo.

Temos, então, os ensinamentos relativos à trina natureza do homem - corpo, emoções, mente - a constituição do eu inferior.

Certa dificuldade se origina da acepção diferente em que se tomam algumas palavras técnicas. Por exemplo Krishnaji emprega, penso eu, "desejo" onde eu empregaria "vontade". Mas compreendemos isto pelas qualidades atribuídas ao desejo - "o alvo que desejais atingir" pode-se dizer que é familiar; "o alvo que atingireis" significa intensidade de propósito, de intenção: "precisais de estabelecer definitivamente o vosso alvo, e lutar continuamente para alcançá-lo."

O alvo para a mente é: "a purificação do eu"; para as emoções, o amor desinteressado; para o corpo, a beleza. Os três hão de trabalhar em harmonia, e haveis de ter a necessária e verdadeira compreensão para cooperar com a vida."

"O vosso alvo, que é o alvo do mundo - é atingir o Reino da Felicidade."

"Aqueles que buscam compreender a vida devem fixar a sua percepção interna na Verdade Eterna, que é o desdobrar da vida."

"A teia da Vida é tecida de coisas comuns, e as coisas comuns são experiência".

"Estabelecei por isso dentro de vós aquilo que é eterno, e as presentes sombras se desvanecerão."

Krishnaji descreve o seu período de revolta, quando tinha de buscar tudo por si mesmo - saudabilíssimo período de preparação para o crescimento. Revoltava-se contra as distinções sociais, contra a "algaravia" e reuniões teosóficas, porque devia encontrar tudo por si mesmo. Reuniões trabalhistas, reuniões comunistas, não o satisfiziam tão pouco. Nada o contentou, realmente, enquanto ele não entrou "no mar da Libertação" - "a simples união com o Bem-Amado."

"O Atingimento", diz ele, "não é para alguns, e sim para todos, em qualquer estágio de evolução em que se achem." Isto eu não entendo, vou, portanto, pô-lo de lado, por algum tempo. Continua ele: "Podeis perceber o Bem Amado quando tiverdes aprendido a traduzir as penas e prazeres ordinários da vida em termos de eterna Verdade." Pode, entretanto o embrionário selvagem, fazer essa transformação? Parece-me que não pode, assim como um botão de flor não pode transformar-se em fruto numa hora. Talvez eu não compreenda bem o que Krishnaji quer dizer.

A sua última palestra no Campo, pode ser lida na música que o vento compõe por entre as árvores da floresta; na praia, quando as ondinhas se quebram mansamente, para de novo encrespar-se sobre o oceano; na encosta de uma montanha, com um precipício a vossos pés e um pico engolfado nas nuvens. Deixai-vos ir; é possível que vos acheis a vós mesmos e vos torneis livres.

Melhor seria que fizésseis o vosso próprio comentário em vez de ler o meu, pois talvez colhêsseis a flor da vida.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 7 e 8 (da anual em Inglês) –

Abril e Maio de 1929

O OBJETIVO DO ACAMPAMENTO

(Fragmentos da mensagem de Krishnaji na abertura do Acampamento Indiano da Estrela, Guindy, Madrastra, 1929).

Pretendo, esta semana, expor-vos o importante objetivo de nossa presente reunião.

Viestes aqui para conhecer o que penso, digo-o sem presunção. Viestes de todos os pontos da Índia para sondar, descobrir por vós mesmos, cuidadosamente, o que é essencial na vida e rejeitar tudo o mais.

Só podereis rejeitar, pôr de lado, se fordes capazes de pensar com clareza e precisão. E é isso que eu desejo despertar em cada um de vós durante esta semana, e é isso que vós deveis buscar, a todo instante, esta semana. Do contrário vossos esforços serão perdidos.

Deveis descobrir claramente, por vós mesmos, o propósito da vida, e estabelecer assim, por vós mesmos, uma diretriz precisa de conduta de que vos não desviareis.

Eis aí o que deveis fazer, eis o que fareis neste Campo - tentar descobrir, por vós mesmos, onde está a Verdade.

No momento em que a perceberdes, os vossos desejos se tornarão, proporcionalmente, vastos, ricos e poderosos.

Como um matagal precisa de ser derrubado afim de que o ar puro e a luz do sol penetrem, assim precisais de procurar destruir, durante esta semana, todas as supersticiosas criações que erigistes em redor de vós próprios, todas as crenças desnecessárias ao vosso bem-estar moral, todas as idéias desnecessárias à estabilidade de vossa mente e de vosso coração...

Durante esta semana, enquanto eu estiver falando, descobri ... quanto podeis destruir e, ao mesmo tempo, construir.

Para construir, deveis primeiro examinar os alicerces. Precisais primeiro, descobrir se o vosso pensamento é profundo, se os vossos sentimentos são claros. Só então é que podereis

construir. Do contrário, se construídes sem conhecer a profundidade dos vossos pensamentos e sentimentos, a construção não resistirá à prova do tempo.

Qual a utilidade de todas as vossas teorias, de todas as vossas filosofias, se ainda sois prisioneiro da tristeza, se ainda sois escravo de todos os desejos, se estais ainda sob o jugo das paixões? Eis a única coisa que importa, eis o único perfume que dá força para a luta da vida.

Assim, durante esta semana deveis descobrir qual é o objetivo da vida... Para descobrir o objetivo de toda vida, é mister que tenhais grande inteligência e grande propósito.

O que entendo por inteligência é o seguinte: a capacidade de discernir, cultamente, o essencial do não-essencial... Esta é a mais alta capacidade de inteligência... e requer constante vigilância, agudeza e grande cautela. E isto vos dá pensamentos racionais, graças aos quais podereis encontrar a Verdade por vós mesmos, e nunca pensamentos supersticiosos. Direis que "isso demanda tempo"; mas, para um homem que está buscando a Verdade, o tempo não existe.

Se não lutardes constantemente, se não fizerdes grandes esforços para varrer os preconceitos de vosso matagal, as crenças cegas e as superstições, jamais encontrareis a verdade e ficareis presos à roda do sofrimento.

O que pretendo fazer é ... animar esse desejo de vos libertardes de todo sofrimento; não inventar novas teorias, nova moral, novos sistemas e novos deuses, mas sim, dar-vos aquele grandioso propósito que só pode vir graças a uma constante vigilância e ao despertar da inteligência.

A inteligência (e já expliquei o que entendo por inteligência) não tolerará nenhuma autoridade, não poderá tolerar nenhuma autoridade. Desde o momento em que não tiverdes o desejo de distinguir entre o essencial e o não essencial, mas unicamente o desejo de seguir ou imitar, estareis matando a vida.

Se fordes sinceros, na busca da Verdade - e o sois decerto, pois viestes de tão longe e com tanto sacrifício - haveis de alterar os mínimos hábitos de pensar e de sentir afim de discernir, de descobrir se estais seguindo o essencial.

Portanto, considerai, examinai, investigai cuidadosamente os vossos corações e as vossas mentes, afim de descobrir o que deveis fazer esta semana. E o meu propósito é ajudar-vos a descobrir o que deveis fazer; não imprimir em vossas mentes aquilo que eu devo fazer, mas aquilo que desejais fazer.

É mister descobrires que deveis banir todos os vossos preconceitos e crenças estreitas, e ter a inteligência bem desperta a cada momento do dia.

Senhores, temos uma intenção muito séria; mas, para elevar a prática ao nível da teoria, precisais de alcançar o triunfo da verdadeira percepção, e o triunfo da verdadeira percepção, há de ficar estabelecido dentro de nós, antes de deixarmos o Campo.

Esse é o objetivo deste Campo.

DISCERNIMENTO

J. Krishnamurti

A faculdade do discernimento é o que constitui a diferença entre o aristocrata e o burguês. Pessoalmente, aceito a idéia da aristocracia, isto é, da verdadeira aristocracia; não a da pessoa que possui um título e se dá importância, mas a da que, instintivamente, possui o reto sentimento, em qualquer momento e sob qualquer circunstância. No dizer comum, tal pessoa é um cavalheiro. Se ampliarmos esta idéia e nos transportarmos para um outro plano, o cavalheiro se torna o homem espiritual. O aristocrata é aquele que tem sido treinado durante idades, não somente nesta vida, mas também nas passadas. Tem se submetido a restrições aqui, feito esforços ali, até que se tornou instintivo o proceder retamente, quer se encontre numa choupana ou num palácio, na casa do pobre ou no Ashram do Mestre. Longo e constante treinamento o ensinou a manter certos padrões, enquanto que o burguês é, naturalmente rústico, e por sua rusticidade transtorna os outros. Por não ter sido treinado ele é incapaz de discernir entre o justo e o injusto, entre o belo e o feio, e, para ele, tudo é uma confusa massa de idéias. São estas coisas que marcam uma pessoa e por elas se afere seu valor,

Na Senda, ambos podem existir, o burguês e o aristocrata, mas este segue sempre na vanguarda, porque sente ser seu dever servir de exemplo, e isto lhe imprime uma nobreza essencial. Isso torna-o ansioso por voltar-se para os outros, a fim de auxiliá-los, e sua nobreza não o deixa sentir-se orgulhosamente distinto ou superior. E também, o sentimento de superioridade só pode vir da ignorância, e se desvanecerá logo que seu possuidor aprenda que a Senda é infinita, que nessa Senda há milhões adiante dele e milhões atrás.

Assim, temos que criar uma nova aristocracia. As distinções estarão entre os que sabem e os que não sabem, entre os que duvidam e os que crêem. Quando o Instrutor vem, como já veio, e quando Ele fala, certas pessoas compreenderão logo e outras não, alguns julgarão erroneamente e outros reconhecerão a Verdade.

Se tendes exercitado o discernimento retamente, sabeis o que é ser superior a tudo o que acontece, no reto significado da palavra. Os acontecimentos passam ao pé de vós e vos deixam intactos. Se são grandes, caminhareis com eles; se são nobres, vos sentireis mais nobres; se são pequenos, deixá-los-eis passar por vós. Se vos exaltais, é somente de maneira equilibrada. Utilizai vossa exaltação para tornar-vos maiores, para marchar um pouco mais além. É a faculdade do discernimento que distingue o santo e o sábio, do selvagem. Se o selvagem tem que fazer sua escolha entre duas coisas feias, ele provavelmente escolherá a mais feia; mas, o sábio escolhe entre o belo e o ainda mais belo, porque sua faculdade de percepção e discernimento cresceu com o exercício. Ele não tem mais que fazer sua escolha entre coisas pequenas, ele se desligou delas, está acima delas.

Deveis caminhar pelo cume das montanhas, não conservando o mesmo nível, mas subindo cada vez mais, sem nunca resvalar para trás. Se escorregais ao subirdes uma montanha, isto significa que tendes de fazer um esforço maior para alcançar o nível que antes havíeis atingido. Se quereis alcançar o cume, deveis continuar, não parar, não deveis relaxar vossos esforços. Podeis gastar tempo, mas, não resvaleis para trás.

Para conseguirdes discernimento, deveis aplicar tempo e trabalho nisso, deliberadamente e com paciência. Podeis agir rapidamente e subitamente, quando tiverdes alcançado certo estágio, pois haveis treinado na reta direção; mas nos primeiros estágios, deveis gastar tempo e pesar vossos motivos, vossas ações, vossos sentimentos. Tomai o exemplo do músico. Durante muitos anos ele se exercita privativamente, antes de se arriscar a apresentar-se ante o público.

É o mesmo que se dá com aqueles que estão trilhando a Senda da evolução; devem ter treinamento e mostrar meticoloso cuidado na escolha das coisas colocadas diante de si; pois, quanto mais percorrais essa Senda, maior será a necessidade de elevado discernimento.

Não negligencieis esta qualidade, pois, se a desenvolverdes, adquirireis também as outras. Se fordes a corporificação, a essência do discernimento, nenhuma outra qualidade necessitareis no mundo, porque esta inclui todas as outras. Se desenvolverdes esta qualidade até a sua perfeição, utilizareis vossa inteligência, vossas emoções, vosso corpo todo, para criar uma nova atmosfera. É porque não a adquirimos que estamos continuamente lutando. Uma vez a tenhais adquirido, nada no mundo poderá tocar-vos. E então começa a real felicidade, a real glória de pensar, sentir, agir e viver.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 7 e 8 (da anual em Inglês) –

Abril e Maio de 1929

A VERDADE NA LIMITAÇÃO

J. Krishnamurti

Uma porção das águas sagradas do Ganges pode ser recolhida e guardada em um pequeno vaso, levada às mais distantes partes da Índia e, cuidadosamente conservada como um tesouro, adorada e colocada como que em um altar. Mas, as águas perenes do Ganges continuam a fluir incessantes, a todos os momentos. Nenhum homem pode poluir ou macular a pureza de suas águas. São livres, incondicionadas e em contínuo movimento, rumo ao mar. Assim como o vaso do oleiro que contém um pouco dessa água sagrada, pode ser quebrado em múltiplos pedaços, assim aquele que adora o que é condicionado, o que é verdade limitada, que acalenta em seu coração uma verdade parcial e não toda a Verdade, descobrirá que nela jaz a corrupção, a decadência e a tristeza.

Cada homem cria uma sombra, para seu conforto, num fragmento da Verdade, ao invés de procurar a Verdade toda, em sua transcendência e pureza. Aqueles que procuram abrigo na verdade limitada, trouxeram para seus corações gurus e instrutores. Por maior que seja o Guru, ele não é o Todo, por mais nobre que seja o instrutor, ele ainda é uma limitação. Assim como nas águas do Ganges, que se conservam em vasos pequenos, há corrupção e poluição, assim, para os que procuram o conforto e adoram a parte e não o Todo, há tristezas; mas, para aquele que adora o Todo, não há tristeza – não há ilusões, pois a Senda da Verdade é a Senda do Bem Amado.

Assim como uma pétala não contém a vida toda do lótus e fenece quando separada da flor, assim para aquele que adora uma verdade parcial, ao invés da Verdade inteira, há também decadência. A parte pode ser corrompida, enquanto que, dentro do Todo, crescem e recebem nova vida todas as coisas. Uma verdade parcial pode, aparentemente, proteger e guiar por algum tempo, mas a Verdade inteira é o único guia real, o único amigo real. A parte pode e há de satisfazer os desejos daquele que a procura, mas se alguém quiser atingir o Bem Amado, que é Verdade, tem que deixar de lado essas coisas que assim alcançou. Se deseja trilhar a Senda direta – a Senda que leva ao Bem Amado, a Senda que conduz ao Todo, onde não há corrupção, a senda que é a própria Vida – deve enamorar-se da Vida toda e não de uma parte dela, deve enamorar-se, de preferência, da flor inteira em vez de apenas uma de suas pétalas, Se adorar a parte, encontrará a confusão, a luta dos gurus, o conflito das filosofias e religiões, das crenças e Dogmas. Enquanto que se adorar a Verdade toda, que é o Bem Amado, não haverá conflito, pois, assim, estará adorando a própria Vida.

Para trilhar essa senda, para atingir o Bem Amado, para a plena realização da Vida, nunca deve deter a sua busca, não deve nunca trazer para o seu coração os confortos momentâneos das verdades parciais.

Desejo mostrar o caminho para a Verdade toda, para o coração do Bem Amado, pois eu o atingí. A princípio, eu adorei a pétala, adorei os vários ídolos, as imagens gravadas que se abrigam nos templos; de começo, eu trouxe para o meu coração, aquilo que estava perto, porque tinha receio da distante, misteriosa e fugidia visão do Eterno. Trouxe para o meu coração aquilo que era agradável, suave, enganador. Assim como a montanha é misteriosa para o vale, assim a Verdade inteira se me afigurava misteriosa. Não compreendia que a parte se acha contida no Todo e que rejeitando o Todo, apenas estava criando confusão para mim mesmo. Mas, como tinha grandes desejos, eu fui movido pela tristeza, pela dúvida e pela fé, até compreender que quem deseja encontrar o caminho para o Bem Amado, não deve se abrigar no limitado, mas procurar a Verdade toda. Pelo fato de, com a mente limitada, não poderdes divisar o Todo – que é livre e ilimitado – tomais para vós o que é condicionado. E porque essa verdade condicionada se torna como uma muleta para vós, ela vos detém e vos enfraquece. Afim de abrir mão de todas as muletas, deveis convidar o sofrimento, deveis despertar a dúvida. A tristeza dá o perfume da compreensão e quando possuíis o conhecimento, não mais procurais os abrigos onde jazem a confusão e o caos.

Se trouxerdes para o vosso coração a visão da meta e não permitirdes que nenhum mediador vos empane essa visão, haverá certeza de propósito, certeza da consecução. Pela constante rejeição das coisas que não têm valor, não mais sereis envolvidos pelas controvérsias das crenças, das fés profissionais e das irrealidades transitórias. Transigi nas pequenas coisas, se o quiserdes, mas nunca contemporizai quanto à Verdade.

Adorai a própria Verdade, que é a vida em cada um, e aí descobrí o Bem Amado. Que a Vida, em sua plenitude, vos dê de sua experiência. Abrí as portas da Verdade incondicionada, pois ali jaz a única certeza, a única senda direta para a consecução. Todas as outras Sendas levam a uma traição da Verdade.

Os homens, por todo o mundo, procuram condicionar a Verdade, que não pode ser limitada; torná-la mais estreita. Rodeá-la de crenças, traindo-a, portanto. Com essa traição, criaram religiões, confusão, atritos, competições, uma luta insana. “Quero que adoteis as minhas crenças e quereis que eu adote as vossas. Vosso instrutor vos parece maior que o meu e este parece-me maior que o vosso”. Esse é o pensamento da maioria das pessoas. Cada qual quer que o condicionamento, sob seu ponto de vista, seja aceito, e uns competem com os outros, enquanto que a Senda para o Bem Amado, que é Vida, está plena na realização dessa Vida que é o Todo e não a adoração de uma das partes.

O Bem Amado é Vida, mas se adorardes essa Vida em sua forma condicionada, haverá sempre a luta, a incerteza e o atrito. Enquanto que se adotardes a vida incondicionada, que é livre e sem limitação, não precisareis de mediador, pois a Vida será vosso guia e vosso Guru e, então, descobrireis que vós próprios sois o Guru, o Bem Amado.

Enquanto adorei a verdade condicionada, enquanto me apeguei às coisas não essenciais, houve sempre incerteza em minha mente e o desejo de que outros também viessem para dentro da gaiola de minha particular limitação. Passei de uma verdade condicionada, de uma limitação a outra limitação, até perceber que o perfume total se contém no lótus inteiro e não em nenhuma de suas pétalas. Escapei de dentro de minha limitação e aspirei o ar da liberdade, trouxe para o meu coração o Todo, de preferência à parte, e realizei plenamente a Vida. E, assim, me tornei o Bem Amado. Para aquele que atingiu, que alcançou essa visão do Bem Amado sobre a face da vida, não há atrito, nem luta, nem condição, nem limitação, nem Guru nem discípulo, há somente a Vida. Enamora-se da Vida, porque viu a face do Bem Amado.

A compreensão da Vida jaz na descoberta da fonte e da meta e, no grande vácuo que há de permeio, encontrareis o Bem Amado.

UMA ENTREVISTA COM KRISHNAJI SOBRE PROBLEMAS DA ÉPOCA ATUAL

Uma Senhora que é membro proeminente de uma organização feminina internacional muito conhecida, foi apresentada a Krishnaji em Londres, e foi por ele convidada a vir ao Castelo de Eerde, na Holanda. Durante a sua estadia ali, ela lhe propôs, numa entrevista especial, algumas questões sobre problemas da época, especialmente no concernente as relações dos sexos e a educação de crianças. Esta senhora, que deseja permanecer anônima, permitiu-nos publicar esta entrevista no Boletim.

Entrevistante: Haveis dito que não há nenhuma distinção entre o homem e a mulher. Que quereis significar exatamente com isso?

Krishnaji: Ao dizer isso, tenho em mente – e assim tendes que pensar, senão pareceria que estou apenas jogando com as palavras – que a vida subjacente em toda forma é uma, as expressões desta vida não são de grande importância.

Entrevistante: Sim, mas direis que a expressão é diferente?

Krishnaji: A expressão é diferente, mas é insensato dar grande importância à expressão.

Entrevistante: Compreendo. Não deveríamos prezar a forma tanto quanto a vida subjacente em toda forma?

Krishnaji: A Unidade – sim – de preferência à diversidade.

Entrevistante: Mas, não diríeis que a função da mulher é diferente da do homem?

Krishnaji: Certamente.

Entrevistante: E que ela não desempenha a expressão da vida nela, se não preenche a sua função?

Krishnaji: Certamente que não.

Entrevistante: Deveriam ambos conservar suas expressões distintivas sem as exagerar? Ambos são expressões da vida?

Krishnaji: Penso que é absurdo emprestar importância tão tremenda às distinções entre homens e mulheres. Quando encontro alguém, encaro essa pessoa como um ser humano. Não digo: "Este é um homem; esta é uma mulher".

Entrevistante: Direis que é bom haver organizações para tratar especialmente dos problemas femininos, ou que é auxiliando os indivíduos a compreenderem a vida que resolveremos todos os problemas?

Krishnaji: É bom haver organizações, mas não exagerar-lhes a importância além das proporções de vidas.

Entrevistante: ao invés de organizações separadas para mulheres, não seria melhor que em cada caso, homens e mulheres trabalhassem juntos, de um lado e de outro?

Krishnaji: Eu optaria pelo último. É certamente melhor acentuar a unidade dos seres humanos, do que acentuar a diversidade das formas, isto é, dos homens e mulheres separadamente. Se mantiverdes organizações separadas para homens e mulheres, tendereis a conservá-los afastados uns dos outros, que é o que acontece no presente e é absurdo.

Entrevistante: Pensais que com a transformação das condições do mundo, também se transformarão os códigos que regulam as relações entre homens e mulheres?

Krishnaji: Seguramente, não há dúvida.

Entrevistante: Se cometerem erros, no processar da transformação, isso é ainda melhor que continuar a manter os códigos tradicionais de moralidade?

Krishnaji: Certamente. Porque, conservar-se sempre no mesmo lugar significa estagnar-se. Eu sou totalmente pela mudança, mesmo que ao processá-la se cometam erros. Os enganos pouco importam.

Entrevistante: Na Índia a mulher encara seu marido como um deus e o casamento é para toda a vida. Na América é justamente o oposto; ali há igualdade entre marido e mulher, e o divórcio é freqüente. Qual é, em vossa opinião, o sistema que melhor concorre para a felicidade da família, da nação, da maioria?

Krishnaji: Não podeis perguntar qual é o melhor sistema, porque não podeis estabelecer um sistema para servir de padrão a todo o mundo. Não podeis estereotipar um código de moral para todas as nações. Um sistema pode ir muito bem num país e muito mal num outro. Não podeis fazer crescer uma flor tropical num clima frio.

Entrevistante: Não admitis que em qualquer caso é inconveniente haver predominância de um sexo sobre outro?

Krishnaji: Admito, por certo.

Entrevistante: Achais, então, útil aos diferentes países que eles experimentem formas diferentes de relações entre os sexos, ainda que o resultado pareça às vezes indesejável?

Krishnaji: Sim. As pessoas devem fazer as coisas por si mesmas. Não é bom dizer: "Achei uma casa que se adapta a mim, e por isso todos devem adotar o mesmo tipo de casa".

Entrevistante: Diremos então que são justificáveis as experiências de dois seres humanos, em suas relações mútuas?

Krishnaji: Seguramente. Eles tem o perfeito direito de fazer experiências entre si se o desejarem.

Entrevistante: Tem sido geralmente aceito que um homem pode "conhecer o mundo", como se diz, antes do casamento, ao passo que uma mulher não o pode; mas os reformadores têm pleiteado um só padrão de pureza para os homens e mulheres. Esta defesa de um padrão único parece estar tomando rumo diferente do apontado pelos reformadores. Em vez de igualdade de pureza, parece que está resultando uma igualdade de licença. Direis que isto é uma etapa do progresso da velha convenção de um padrão para homens e outro para mulheres?

Krishnaji: Preferiria ir além de tudo isso. Quero dizer que este modo de encarar o problema só conduz a todas as espécies de discussões e de outros problemas. Mas, se compreendeis que a última felicidade, para todos, depende, não da desordem das emoções para qualquer sexo, porém da harmonização das emoções, todos estes problemas se desvanecerão.

Entrevistante: Que pensais das experiências comunais com referência à educação das crianças, que estão sendo agora feitas na Rússia e na Palestina?

Krishnaji: Devo dizer que, em certos casos podem ser excelentes, e em outros não. Repito que não podeis estabelecer um padrão que todos devam seguir.

Entrevistante: Direis então que é uma experiência interessante e que deveremos aguardar os resultados para ver?

Krishnaji: Suponde que uma criança necessite muita afeição; provavelmente a obteria no lar, e neste caso a vida do lar lhe seria preferível. Mas, se a mãe precisa trabalhar e está sempre fora,

então seria preferível uma espécie de instituição comunal. Mas insisto em pensar que não podeis ensaiar e sistematizar uma educação para todo mundo. Eu faria experiências em pequenas comunidades e escolas, para observar os seus resultados, em lugar de tomar as crianças de uma nação inteira, para submetê-las ao mesmo sistema. Entendeis o meu pensamento?

Entrevistante: Entendo-o. Na Inglaterra, por exemplo, temos agora em todo o país a vida do lar e a escola pública praticamente estandardizada para toda a nação. E nenhuma experiência se permite fazer nessa estandardização. Como podeis romper essa condição?

Krishnaji: Arremessando-vos contra ela.

Entrevistante: sim, mas em questão de educação é o vosso filho que tendes de arremessar contra ela.

Krishnamurti: Faria a experiência com o meu filho.

Entrevistante: Mesmo com o risco de que ele vos maldissesse mais tarde?

Krishnaji: Certamente: é vosso dever.

Entrevistante: Pensais que se tendes um ideal de vida diferente do da comunidade, é vosso dever educar vosso filho segundo esse ideal e tentar assim demolir a tradição?

Krishnaji: Acima de tudo, ele é vosso filho, e vós sois parcialmente responsável por ele. Fazei a experiência sem indagar se ele vos amaldiçoará depois. Afinal, ele poderá maldizer-vos do mesmo modo, embora sigais a tradição.

Entrevistante: Pensais que deve haver completa liberdade em todas as relações de família?

Krishnaji: Não entendo bem.

Entrevistante: Quero dizer, que não devia existir nem ciúme nem sentimento de posse?

Krishnaji: Certo que não, especialmente em relação às crianças.

Entrevistante: Quereis dizer que devemos compreender que a criança tem vida própria independente para desenvolver? Dissestes outro dia que os homens estão presos às suas próprias criações; aplicar-se-ia também isto às mães e seus filhos?

Krishnaji: Muito certamente. Se não dais liberdade a vossos filhos, quando eles crescerem se afastarão da família, e então vossos corações se triturarão.

Entrevistante: O pai prudente dará, pois, liberdade a seu filho, para ele aprender por seus próprios erros e por sua própria experiência.

Krishnaji: Certamente; afinal vós cresceis pela experiência. Mas, enquanto ele é jovem, deveis tentar colocar diante dele a sua meta final.

Entrevistante: A educação de uma criança começa antes que ela possa falar: como podeis então colocar a meta diante dela?

Krishnaji: Enquanto jovem, deveis protegê-la de prejudicar-se a si e aos outros; depois, mais tarde, por conselhos, lhe explicareis o que conduzirá a felicidade final.

Entrevistante: Como podeis inculcar disciplina sem repressão?

Krishnaji: Qualquer que seja a disciplina que exerçais, deve estar baseada na meta que a criança há de finalmente alcançar, isto é, a liberdade e a felicidade. Eu lhe mostraria a direção do seu crescimento, sua última perfeição, e a auxiliaria a adaptar-se nesse sentido. Deveis visar a meta em tudo que fazeis, portanto, vossa disciplina deve tender a auxiliar a criança a compreender que, a um certo estágio, ela transcenderá toda a disciplina.

Entrevistante: Muito bem. De fato a disciplina deve ser apenas uma ponte para a liberdade.

Krishnaji: Absoluta liberdade.

Entrevistante: Credes ser possível eliminar-se todo o temor da educação das crianças?

Krishnaji: Seguramente.

Entrevistante: Mesmo que as pessoas que as rodeiam ainda sofram de temores?

Krishnaji: Oh, absolutamente. Estou certo de que se pode conseguir isso. Está sendo feito na Califórnia. As crianças ali nada parecem temer.

Entrevistante: Direis então que o medo é, em grande parte, uma questão relativa ao meio; mas, algumas crianças não nascem mais nervosas que outras?

Krishnaji: Sim, mas isto pode ser auxiliado não se acrescentando a esse medo; medo de proceder mal, medo de cometer erros, e outros medos.

Entrevistante: Como ensinareis os jovens a vencer seus instintos e dificuldades sexuais?

Krishnaji: Expor-lhes-ia meu ponto de vista por um símile. Se desejais produzir uma rosa perfeita, tendes de cortar os botões que impedem o crescimento da flor perfeita.

Entrevistante: Mas antes que nasça o desejo de tornar a rosa perfeita, não continuariam a expressar-se os desejos menores?

Krishnaji: Certamente. Mas enquanto eles se expressarem, importa-vos exercer-lhes domínio para impedi-los de prejudicarem-se e aos outros.

Entrevistante: Por outras palavras, deve uma comunidade proteger seus cidadãos?

Krishnaji: Sim, porém, tendo sempre em vista esse ideal último.

Entrevistante: Então, ao elaborar as suas leis, uma nação deve ter também em vista essa meta final para todos os cidadãos?

Krishnaji: Certamente. O governo sábio levará em conta o que é melhor para o seu povo.

Entrevistante: Nesse caso definireis sábio o governo que guie seu povo para a liberdade última?

Krishnaji: Sim.

Entrevistante: Direis que não se deve temer os desejos, nem reprimí-los, e que quanto mais desejos tenhamos tanto melhor?

Krishnaji: Tanto melhor, sim.

Entrevistante: Mas como conseguir isso na prática?

Krishnaji: Consegue-se praticando. Se tendes muitos desejos, gradualmente os eliminareis um a um, até que permitireis que certos desejos predominem e outros fenecam.

Entrevistante: Então quereis dizer que, em certo estágio, cada qual deve satisfazer seus desejos, mas quando se exorbite, prejudicando o resto da comunidade...

Krishnaji: A comunidade sempre vela por si.

Entrevistante: Mas deve uma pessoa satisfazer os desejos que talvez possam prejudicar somente a ela?

Krishnaji: Certamente. Não podeis evitá-lo, ninguém pode fazer isso, nem mesmo as leis o fazem. Não podeis evitar que alguém se embriague, se esse é o seu desejo, mas quando ela se torne prejudicial, podeis então interferir.

Entrevistante: E antes disso, não procurais evitá-lo?

Krishnaji: Que podeis fazer?

Entrevistante: Quereis dizer que será preferível deixá-lo experimentar, a tentar forçá-lo a ser sóbrio.

Krishnaji: Certamente, pois se o forçais, ele realmente não mudará.

Entrevistante: Então direis que é má a proibição tal como está sendo praticada em alguns países?

Krishnaji: Não penso assim. Se interpretais o que digo sob um ponto de vista negativo, produzireis o caos, mas se tiverdes leis elaboradas por homens que viram a meta e necessitam auxiliar aqueles que ainda não a viram, a trabalhar para essa meta, resultará daí, então, a ordem.

Entrevistante: A meta de que falais pode ser o guia daqueles que a viram, mas qual deve ser o guia daqueles que não a viram?

Krishnaji: As leis estabelecidas pelos homens que viram a meta e que estão auxiliando o povo na consecução dessa meta.

Entrevistante: Dizeis que não há bem nem mal, mas que tudo é experiência; significa isso que toda experiência tem valor idêntico?

Krishnaji: Depende do indivíduo. Não podeis afirmar que toda experiência é de valor idêntico para todas as pessoas.

Entrevistante: Deve cada um percorrer as experiências chamadas do mal?

Krishnaji: Não, certamente, mas isso pode ser imprescindível para alguns; depende do desenvolvimento individual. Cada um deve percorrer todas as experiências, mas não necessitam percorre-las todas em realidade – podem fazê-lo por substituição, pela imaginação.

Entrevistante: Direis também que a beleza e a fealdade são ambas expressões da vida, ou que a fealdade é apenas uma falta de harmonia?

Krishnaji: Uma falta de harmonia, seguramente. E por certo o mal é a mesma coisa.

Entrevistante: De sorte que a fealdade e o mal são realmente uma deformação do bem, e a tristeza o reverso da alegria?

Krishnaji: Todos são necessários ao crescimento, mas podem ser experimentados por substituição.

Entrevistante: Que pensais da respectiva importância de uma boa hereditariedade e de um bom meio?

Krishnaji: Ambos são necessários. Não podeis comparar o filho de um selvagem com o de um homem civilizado.

Entrevistante: Isso quer dizer que se tirásseis uma criança de uma hereditariedade muito má, mesmo um bom meio não a transformaria muito?

Krishnaji: Certo que não. Necessitais ambas as condições para o completo desenvolvimento da criança.

Entrevistante: Que pensais de Voronoff e suas experiências?

Krishnaji: Penso que são bárbaros.

Entrevistante: Admitis que as experiências no mundo da forma podem prejudicar a vida?

Krishnaji: Não direi que prejudicam a vida, mas retardam seu desenvolvimento.

Entrevistante: O esforço para criar um homem-macaco...

Krishnaji: É retardar esse desenvolvimento.

Entrevistante: Pensais que um cientista essencialmente experimentador deve ensaiar tudo, ou considerais que certas experiências são inadmissíveis?

Krishnaji: Devo dizer que elas são inadmissíveis se envolvem prejuízos ou crueldade para com animais ou para a humanidade, como numa guerra.

Entrevistante: Achais inadmissível todas as experiências que se praticam nos animais? Pois nem todas elas envolvem crueldade, como por exemplo, a da dieta.

Krishnaji: Não podeis dizer quais são as cruéis e quais não. Podeis muito bem prejudicar um animal fazendo experiências com sua alimentação...

Entrevistante: Direis então que não se justificam quaisquer experiências nos animais, mesmo para o progresso do conhecimento humano ou o alívio do sofrimento humano?

Krishnaji: Sim, certamente.

Entrevistante: É acertado apelar-se sempre, para uma criança, para que proceda bem por amor a alguma pessoa?

Krishnaji: Não, por certo.

Entrevistante: O apelo a que me refiro é o freqüentemente feito às crianças: "Fazei isso porque teu pai ou tua mãe gostaria, ou porque agrada a Deus".

Krishnaji: Eu jamais faria isso. Eu lhe ensinaria a respeitar o que é justo – a palavra justo é muito difícil de se usar – eu lhe ensinaria a respeitar o valor intrínseco das coisas. Entendeis o que isto significa? A verdadeira proporção das coisas.

Entrevistante: Supondo, por exemplo, como freqüentemente acontece, principalmente numa casa pequena, a mãe com uma forte dor de cabeça e o filho fazendo barulho: não pedireis silêncio ao menino em atenção a sua mãe?

Krishnaji: Pedir-lhe-ia por certo. Solicitar-lhe-ia que respeitasse os vossos sentimentos como lhe respeitáveis os seus se ele estivesse atacado do mesmo mal. Devemos despertar os sentimentos de respeito mútuo; por outras palavras, despertar o desejo de amenizar o egoísmo.

Entrevistante: Se não se deve existir outro motivo de conduta senão o desejo de preencher a vida, não poderá esta atitude resultar num grosseiro egoísmo?

Krishnaji: O egoísmo sempre existe, convencamo-nos disso. O que nos compete fazer é purificar esse egoísmo.

Entrevistante: Permitti-me dar o exemplo de uma organização religiosa. Encontram alguém considerado pecador, e por apelos baseados no amor de Deus ou de um Salvador, procuram desviá-lo de seu caminho errado. Acreditais que este resultado tenha atingido a raiz do mal e que seja permanente?

Krishnaji: Não, certamente. É como se tapassem a superfície de um buraco. Põem-lhe uma tábua delgada em cima, e tão logo alguém pise nessa tábua, ela cede.

Entrevistante: Praticamente direis que os problemas que acabo de vos apresentar surgem porque a humanidade...

Krishnaji: Procura subterfugir da vida.

Entrevistante: Porque teme a humanidade encarar a vida em sua brutalidade, em sua crueldade?

Krishnaji: Em sua intensidade, em sua entusiástica intensidade.

Entrevistante: O que digo é que a vida é uma coisa cruel.

Krishnaji: Não digo o mesmo. A vida é uma coisa essencialmente alegre, mas quando amarrais a vida com todas estas rígidas moralidades e tradições, dogmas e credos, então vem a miséria.

Entrevistante: A miséria surge mais da escravidão da vida do que da sua liberdade?

Krishnamurti: Seguramente. Liberdade de vida não significa desordem de vida, não significa caos, nem cada qual fazendo o que lhe apraz. Isso não é liberdade de vida. A árvore, se a amparais e protegeis enquanto nova, crescerá direito, porque desenvolveu sua resistência; mas se a tornais delicada, ela se vergará.

Entrevistante: De sorte que se conclui praticamente que todas as crueldades, misérias, sofrimentos, pecados existentes no mundo provêm...

Krishnaji: Do medo. É em consequência do medo que a humanidade tem enfaixado a vida em códigos de moralidade e sistemas de crenças.

Entrevistante: E assim as leis e códigos elaborados pelos homens produziram as mesmas misérias que eles procuravam debelar?

Krishnaji: Certamente, porque as leis humanas foram elaboradas por homens que não haviam percebido a meta final para a qual se dirigem. E eis porque é tão importante insistir primeiro no objetivo final, e daí seguirão todos os regulamentos, todas as disciplinas.

Entrevistante: Prevedes que conseguireis pessoas suficientes para compreender vosso ponto de vista e realizar vossas idéias?

Krishnaji: Isso não me preocupa. Não me importa se no fim de minha vida tiver trinta ou trezentas pessoas que entendam. Sou como o artista que pinta um quadro porque esse é seu dever; do contrário ele se sentirá infeliz, e para não se sentir infeliz, ele deve obedecer a esse impulso criativo.

Entrevistante: Para quem percebeu, mesmo vagamente, o que é o preenchimento da vida, não é um desperdício de tempo estar preso a compromissos?

Krishnaji: Afirmo que quando percebestes ou atingistes a meta, não existem compromissos nem renúncias. Se vistes a meta, cessa a existência de compromissos. É então uma questão de atitude diferente.

Entrevistante: Eu preferiria isso de um ponto de vista prático. Supondo que um estadista compreendesse vosso ponto de vista, não seria para ele desperdício de tempo continuar a protelar o estado atual das coisas, em vez de renunciar à sua presente posição e penetrar até às suas raízes?

Krishnaji: Devo insistir que todo compromisso é um "retrocesso" da Verdade, é tentar reduzir algo que não pode ser reduzido, e que para quem compreendeu a vida estes compromissos são impossíveis.

Libertai-vos da pequena sabedoria, e a grande sabedoria vos iluminará.

Parábola

J. Krishnamurti

Havia certa vez um homem cujo coração estava satisfeito com a Vida. Ele amava a Vida e, por isso, amava todas as coisas.

Ele era amigo do mais humilde assim como do mais elevado.

Pois não é a Vida como as águas, que refrigeram o santo e o louco?

Este homem era muito procurado pela sua sabedoria.

Um dia, quando os céus estavam azuis e o sol quente, as formigas saíram de seus profundos ninhos e se espalharam pela superfície da Terra, de modo que o caminho parecia mover-se com elas.

Em sua clarividente sabedoria, o amante da Vida viu um homem se afogando no sorridente lago azul. Ele se precipitou no caminho para salvá-lo das águas ondulantes, mas esmagando muitas formigas.

O povo se perturbou e dizia: "Como pode ser este homem o verdadeiro amante da Vida, se ele destrói? Quão louco éramos ao esperar dele o amor!"

Agora ele vaga solitário entre as montanhas.

Ah! Quão pouco se ama!

POEMAS

J. Krishnamurti

I

Na corrupção do conhecido

Está o homem sufocado

Pelo pavor do ignorado.

Qual uma nuvem que vai, sozinha, à procura de um vale no eterno.

Assim, acossado pelo medo,

Cria o homem fora do conhecido
A projeção da imagem de Deus.
Com essa proteção multiplica-se o medo.
Estranho é o caminho na sombra do medo.
A voz do medo clama,
E o homem sobrecarrega a terra
Com a sedução de um Édem distante e o horror de um inferno próximo.
A sombra do medo cobre a terra.
Entre si e o medo.
O homem erige um templo para a imagem do seu Deus;
E em suas fundas sombras,
Nasce uma religião de grande panóplia.
Cuja ameaça é regulada por um padre amável.
Contra esse medo que ele denomina morte,
Procura, o homem, um caminho para a continuação da vida
E, nessa busca, o medo é o mestre de seu amor.
O sacrifício do ignorante está dominado pelo medo.
A sobrecarga da riqueza é o pavor do rico.
Os pobres são obcecados pelo desejo de possuir.
A inveja, o ódio, a ambição, o orgulho da dignidade, o juízo da convenção,
O bem, o mal e a crueldade de uma moral opressiva,
São os marcos no caminho do medo.
Se o medo for a fonte do pensamento,
Haverá escuridão na terra.
Se a borbulhante fonte do amor for corrompida pelo medo,
Suas águas claras criarão sede ardente
Na boca dos homens.
Ah, amigo,
O encanto da vida não é filho do medo,
Porém jaz na matriz do conhecimento.
O medo causa as lágrimas do mundo,

O riso alegre, no despertar de um amor leal.

O brejo seco anseia pela chuva próxima.

II

A dúvida é um precioso unguento,

Conquanto ainda há de curar excelentemente.

Eu te digo: chama a dúvida

Com toda a inteireza do teu desejo;

Apela para a dúvida

Todas as vezes que tua ambição

Sobrepujar os outros em pensamento;

Desperta a dúvida

Quando teu coração rejubilar de amor.

Porque eu te digo,

A dúvida gera o eterno amor,

A dúvida preserva a mente da corrupção.

Assim a estabilidade dos teus dias

Assentará no conhecimento.

Como as águas impetuosas rugem pelo vale

Assim, para proveito do teu coração

E para o grande vôo do teu espírito,

Deixa entrar os rojões da dúvida com sua impiedosa destruição.

Porque eu te digo:

Assim como as terras secas esperam as chuvas frescas,

Assim, no preenchimento da Vida,

A dúvida é precioso unguento

Para as feridas vivas das lembranças angustiosas.

Não entre a dúvida sombriamente em teu coração;

Que ela chegue, pelo contrário, como auras frescas das montanhas

Que acordam as sombras do vale,

Chame a dúvida à dança,

O decadente amor de um espírito contentado.

Eu te digo:

A dúvida é um precioso unguento;

Conquanto arda, há de curar excelentemente.

III

Não coloques teu amor no olor de uma violeta murcha.

Porém, guarda em teu coração esse amor que é Vida,

Esse amor que é o Bem Amado.

Como uma grande chama desafia toda a corrupção.

Assim é o amor do Bem Amado.

Oh, amigo,

Porque precisas tu da quieta gravidade dos templos

Quando a Vida dança na rua?

Oh, amigo,

Porque estás envolto no medo

Da morte, do isolamento, da mágoa,

Quando a Vida folga em redor de ti, nos campos olorosos?

Oh, amigo,

Porque buscas o conforto passageiro,

Quando a Vida nos dá o seu eterno conhecimento?

Oh, sê o criador de grandes montanhas

Em vez de procurar guias

Que te levem acima, por teus trilhos perigosos.

Sou a Vida, sou o Bem Amado,

A chama que desafia toda corrupção.

Ah, vem comigo.

Anda na estrada da Vida –

Ama o que não dá morte.

RENÚNCIA E TRANSIGÊNCIA

J. Krishnamurti

Para o homem que a si fixou, como objetivo da existência, o desenvolvimento e a plena realização da vida e a conservação da Verdade e da Felicidade, não pode existir isso que se chama renúncia. Haverá renúncia no fato da roseira florescer em rosa? A roseira produz a rosa porque não pode ser de outro modo. É de sua natureza produzir beleza e fragrância.

Muitas pessoas se apegam as suas pequenas vantagens e conseqüências, aos seus pequenos incentivos e pequenas esperanças, as suas estreitas crenças e dogmas; mas, ao procurar a Verdade, tem que abandonar estas limitações que eles próprios criaram para sua vida. Para estas pessoas é que há e tem que haver renúncia.

Através das idades, em todas as religiões, a renúncia vem sendo considerada como algo necessário para a conseqüência espiritual. Somente quando a Verdade foi limitada e condicionada e quando estais presos a esta verdade condicionada, é que, para vós, a renúncia se torna um ideal. Mas, se tiverdes fixado o vosso objetivo, se tiverdes constantemente, a visão da meta eterna diante dos olhos e se vos adiantardes continuamente em sua direção, então deixais de lado aquilo que acumulastes e que nenhum valor mais tem para vós; e nisto não pode haver renúncia. Não conservai convosco os incidentes de vossa vida, apenas recolheis em vosso coração e mente, a substância de tais incidentes. Se vos apegais ao próprio incidente, então é que há renúncia e sacrifício.

Assim como as ervas crescem nas águas estagnadas, assim complicações inúmeras envolvem o coração e a mente daqueles que estão cheios de contentamento em crenças e dogmas, daqueles que desconhecem as tempestades da dúvida. Para o homem que tem medo da dúvida, a renúncia existe. Sem a capacidade de duvidar, ele não pode ter a perspectiva verdadeira, que significa que não é capaz de rir-se de si mesmo. A seriedade afetada não leva à Verdade; conduz apenas à desilusão. Deveis ser capazes de ver a vida e suas variações, em proporção verdadeira e, para isto, deveis estar constantemente observando e deveis pesar tudo na balança da dúvida.

Como todas as coisas na natureza se acham continuamente lutando por novas expressões da vida, assim deveis constantemente estar rejeitando o passado que é morto e lançando-vos a novas realizações. Se tiverdes vossa visão constantemente fixada sobre a meta, não haverá dor nessa rejeição e sim, alegre preenchimento da vida. A idéia da renúncia se acha associada a da dor; não há, porém, dor em renunciar a algo que já ultrapassaste no vosso crescimento. Quando recolheis ao coração o resultado de uma experiência, não há sacrifício em passar além; vós a deixais, simplesmente de lado.

Quando derdes à vida sua plena expressão, crescereis retamente, pois tudo o que é torto resulta das peias impostas à vida pelas crenças e dogmas. Uma vida que é livre cresce naturalmente reta, e numa tal vida não há renúncia; mas para uma vida que foi tornada torta, há renúncia, sacrifício e transigências constantes.

A Estrela e Boletim Ano II No. 8 e 9 Agosto e Setembro de 1929

A DISSOLUÇÃO DA ORDEM DA ESTRELA

J. Krishnamurti

Nota Editorial

O Boletim Internacional da Estrela, dada a nova organização após a dissolução da Ordem, destaca-se da Revista, a partir do número de Agosto, para constituir publicação aparte. Será, porém, distribuído aos assinantes de A ESTRELA, juntamente com esta, até Setembro. Daí em diante, passará a ser distribuído só e em lugar desta última, que finaliza definitivamente seu curso com o número de Setembro, incluso nesta edição.

A todos os nossos amigos e cooperadores, os mais cordiais agradecimentos pela generosa co-participação e auxílio prestado.

O Editor Nacional

Vamos discutir, esta manhã, a dissolução da Ordem da Estrela. Muitas pessoas ficarão contentíssimas, outras tristes. Não é um assunto nem para regozijo nem para tristeza, porque é inevitável, como vou expor.

Deveis, talvez, lembrar-vos da história em que se diz que o diabo e um amigo caminhavam por uma rua e, em dado momento, viram um homem a sua frente que apanhou algo do chão, contemplou-o e meteu-o no bolso. O amigo perguntou ao demônio: "O que é que esse homem apanhou?" "Um pedaço da Verdade", disse o diabo; "Então, isto é uma mau negócio para você", retrucou o amigo. "Oh, não, absolutamente", retrucou o demônio, "eu vou ajudar a organizá-lo."

Eu sustento que a Verdade é uma terra sem caminhos e dela não podereis vos aproximar por nenhum caminho, por nenhuma religião, por nenhuma seita. É este o meu ponto de vista e à ele adiro de modo absolutamente incondicional. A Verdade, sendo sem limites, incondicionada, inacessível por qualquer caminho, qualquer que ele seja, não pode ser organizada: nem instituição alguma deve ser formada para guiar ou coagir as pessoas a seguirem por um caminho particular qualquer. Se entendes isto, primeiramente, então vereis como é impossível organizar uma crença. Uma crença é uma questão puramente individual e não podeis nem deveis organizá-la. Se o fizerdes, ela se tornará morta, se cristalizará, tornar-se-á um credo, uma seita, uma religião para ser imposta aos outros. É isto que cada qual, no mundo inteiro, está tentando fazer. A Verdade é reduzida e tornada um brinquedo para aqueles que são fracos e para aqueles que se encontram momentaneamente descontentes,

A Verdade não pode ser trazida para baixo, mas o indivíduo necessita fazer o esforço para elevar-se até ela. Não podeis trazer o cimo da montanha para o vale. Se quiserdes atingir o cimo da montanha, tendes que passar através do vale, subir gradativamente, sem vos atemorizardes com os perigosos precipícios. Tendes que subir para a Verdade, ela não pode ser trazida para baixo ou organizada para vós. O interesse em idéias é sustentado principalmente pelas instituições, porém as instituições somente despertam o interesse superficial. O interesse que não nasce do amor à Verdade, pelo seu próprio valor, e que, ao contrário, surgir de uma instituição, não tem nenhum valor. A instituição torna-se uma moldura na qual os membros podem adaptar-se convenientemente. Eles não mais se esforçam por alcançar a Verdade ou o cume da montanha, porém, pelo contrário, cavam para si um nicho conveniente, no qual se colocam ou deixam que a instituição os coloque, e consideram que, por esse modo, a instituição os levará à Verdade.

Assim, esta é a primeira das razões, sob meu ponto de vista, pelas quais a Ordem da Estrela deve ser dissolvida. A despeito disto, vós, provavelmente, vireis a formar outras ordens, continuareis a pertencer a outras instituições que busquem a Verdade. Eu não quero pertencer a instituição alguma de natureza espiritual, entendi isto, eu vos peço. Eu utilizaria uma instituição que me conduzisse a Londres, por exemplo; este é um tipo de instituição inteiramente diferente, puramente mecânica, semelhante a um poste de telégrafo. Farei uso de um automóvel ou de um vapor para viajar, pois são apenas mecanismos físicos que nada têm a

ver com a espiritualidade. Asseguro, mais uma vez, que nenhuma instituição pode conduzir o homem à Espiritualidade.

Se uma instituição for criada com esse propósito, se torna uma muleta, uma debilidade, uma prisão, que necessariamente deixa o indivíduo inválido e o impede de crescer, de estabelecer a sua singularidade, que está na descoberta por si próprio da absoluta e incondicionada Verdade. Assim, pois, dado o fato de ser eu o Chefe da Ordem, resolvi dissolvê-la. Ninguém me persuadiu a tomar esta decisão.

Isto não é um ato magnífico; é porque eu não quero seguidores e digo-o francamente. A partir do momento que segues a alguém, cessas de seguir a Verdade. Não me preocupa se prestais atenção ou não ao que eu digo. Pretendo fazer certa coisa no mundo e vou fazê-la com inabalável concentração. Somente me preocupo com uma coisa que é essencial: libertar o homem. Desejo libertá-lo de todas as gaiolas, de todos os temores, e não fundar novas religiões, novas seitas, nem estabelecer novas teorias, novas filosofias. Então, naturalmente, perguntar-me-eis porque percorro o mundo falando continuamente. Dir-vos-ei porque razão faço isto: não é porque eu queira fazer proselitismo nem por desejar um grupo separado de discípulos especiais.

(Como os homens gostam de ser diferentes de seus semelhantes, por mais ridículas, absurdas e triviais que sejam estas diferenças! Pois eu não quero encorajar esse absurdo). Não tenho discípulos, não tenho apóstolos, seja na terra ou seja nos reinos da espiritualidade.

Não é também a ilusão do dinheiro nem o desejo de viver uma vida confortável que me atrai. Se quisesse viver uma vida cômoda não viria para um Acampamento ou viver num país úmido! Falo francamente, pois desejo que isto fique bem estabelecido de uma vez por todas. Não quero que se perpetuem, ano após ano, estas discussões infantis.

Um repórter de jornal que me entrevistou considerou um ato grandioso dissolver uma instituição na qual existem milhares de membros. Para ele era um grande ato, e disse: "O que fareis depois, como haveis de viver? Não tereis mais seguidores, o povo não vos escutará". Se somente houver cinco pessoas que escutem e que VIVAM, que tenham suas faces voltadas para o Eterno, isto será suficiente. De que me serve possuir milhares de seguidores que não compreendam, que estejam inteiramente tomados por preconceitos, que não queiram o que é novo, porém, que ao contrário, pretendem torcer o que é novo para adaptá-lo às suas estagnantes e estéreis personalidades? Se falo assim, firmemente, por favor, não me entendais mal; não é por falta de compaixão. Se fordes a um cirurgião para ser operados, não é bondade de sua parte operar-vos, ainda que vos cause dor? Assim, de maneira semelhante, se falo diretamente, não é por falta de real afeto – ao contrário.

Como disse, tenho somente um propósito: o de tornar o homem livre, impeli-lo para a liberdade, ajudá-lo a romper com todas as limitações, pois somente isto lhe dará felicidade real, lhe dará a realização incondicionada do eu. Porque sou livre, não-condicionado, integral – não uma parte, não relativo, mas sim a Verdade inteira que é eterna – desejo que aqueles que buscam entender-me sejam livres; que não me sigam, que não façam de mim uma gaiola sob a forma de uma religião ou uma seita. Ao contrário, ser livres de todo o medo: do medo da religião, do medo da Salvação, do medo da espiritualidade, do medo do amor, do medo da morte, do medo da própria vida. Assim como um artista pinta um quadro, por encontrar deleite na pintura, pelo fato de ser isso a sua auto-expressão, a sua glória, o seu bem estar, do mesmo modo eu faço isto que estou fazendo, e não porque deseje algo, seja de quem for.

Vós estais acostumados à autoridade, ou a atmosfera da autoridade que pensais vos há de conduzir à espiritualidade. Pensais e esperais que uma outra pessoa possa, por seus extraordinários poderes – um milagre – transportar-vos para esse reino da eterna liberdade que é Felicidade. Todo o vosso ponto de vista sobre a vida encontra-se baseado na autoridade.

Tendes me escutado durante três anos, sem que mudança alguma se tenha operado em vós, exceto em muito poucos. Agora, analisai o que vos estou dizendo, sede críticos, afim de poderdes compreender completa e fundamentalmente.

Quando buskais uma autoridade para vos conduzir à espiritualidade, manifesta-se em vós, automaticamente, a tendência a constituir uma organização ao redor dessa autoridade. Pelo

fato da criação dessa instituição, que pensais, ajudará essa autoridade a vos levar à espiritualidade, sois colhidos em uma gaiola.

Se vos falo francamente, por favor lembrai-vos que não o faço por aspereza, nem por crueldade, nem pelo entusiasmo do meu propósito, porém porque necessito que entendais o que vos estou dizendo. É por esta razão que aqui estais e seria um desperdício de tempo, se não vos explicasse clara e decisivamente, o meu ponto de vista.

Durante dezoito anos vos haveis estado preparando para este acontecimento, para a Vinda do Instrutor do Mundo. Durante dezoito anos vos haveis organizado, tendes aguardado alguém que viesse dar um novo deleite aos vossos corações e mentes, que transformasse a vossa vida inteira, que vos proporcionasse um novo entendimento; por alguém que vos elevasse a um novo plano de vida, que vos desse um novo encorajamento, que vos tornasse livres e vede agora o que acontece! Considerai, raciocinai por vós mesmos e julgai de que modo esta crença vos tornou diferentes – não pela diferença superficial de ser o portador de um distintivo, o que seria trivial e absurdo. De que modo uma tal crença varreu em vós tudo na vida que não é essencial? Esta é a única maneira de julgar: de que modo sois mais livres, mais plenos, mais perigosos para todas as sociedades baseadas no falso e no não essencial? De que modo os membros desta organização da Estrela, se tornaram diferentes?

Como disse tendes vos estado preparando durante dezoito anos para mim. Não me importo se acreditais ou não, que eu seja o Instrutor do Mundo. Isto é de muito pouca importância. Dado o fato de pertencerdes a Ordem da Estrela, haveis dado vossa simpatia, vossa energia ao reconhecimento de ser Krishnamurti o Instrutor do Mundo e o haveis feito parcial ou plenamente; plenamente por parte daqueles que realmente estão buscando; parcialmente, aqueles que se acham satisfeitos em suas meias verdades.

Haveis vos estado preparando durante dezoito anos, e vede quantas dificuldades surgem no caminho do vosso entendimento, quantas complicações, quantas coisas triviais. Vossos preconceitos, vossos medos, vossas autoridades, vossas igrejas novas e antigas – todas essas coisas, sustentam, constituem uma barreira ao entendimento. Não posso ser mais claro do que estou sendo. Não quero que concordeis comigo, não quero que me sigam, quero que compreendais o que estou dizendo.

Este entendimento é necessário porque vossa crença não vos transformou, somente vos complicou, e isto pelo fato de não quererdes defrontar as coisas como elas são. Vós quereis ter vossos deuses pessoais – novos deuses em lugar dos velhos, novas religiões em vez das antigas, novas fórmulas substituindo as antigas – todas igualmente sem valor, todas elas barreiras, todas elas limitações, todas elas muletas. Em vez das antigas distinções espirituais, tendes novas variações espirituais, em lugar dos antigos cultos, tendes cultos novos. Todos vós dependeis, para vossa espiritualidade de uma outra pessoa, dependeis de outro para vossa felicidade e de outro dependeis para vossa iluminação; e apesar de vos haverdes estado preparando para mim durante dezoito anos, quando vos digo que todas estas coisas são desnecessárias, quando vos digo que necessitais deixá-las de lado e olhar para dentro de vós mesmos, buscando a iluminação, a glória, a purificação e a incorruptibilidade do eu, nem um de vós o quer fazer. Talvez haja uns poucos que o queiram, porém, bem poucos.

Então, por que ter uma organização?

Por que ter pessoas falsas e hipócritas seguindo-me, a mim que sou a corporificação da Verdade? Por favor, lembrai-vos, que nada estou dizendo de áspero ou desprovido de bondade, porém chegamos a uma situação em que precisamos fazer face às coisas tais quais elas são. Disse no ano passado que não condescenderia. Poucos me escutaram. Este ano tornei isto absolutamente claro. Não sei quantos milhares de pessoas, por todo o mundo – membros da Ordem – têm estado se preparando para mim, durante dezoito anos, e no entanto, não querem agora escutar, incondicional e totalmente, aquilo que eu digo.

Então, por que ter uma organização?

Como disse anteriormente, meu propósito é tornar os homens incondicionalmente livres, pois sustentam que a única espiritualidade é a incorruptibilidade do si mesmo que é eterno, que é a harmonia entre a razão e o amor. Esta é a absoluta, e a incondicionada Verdade que é a

própria Vida. Quero, portanto, tornar o homem livre, faze-lo regozijar-se como o pássaro nos céus límpidos, aliviado, independente, cheio do êxtase de sua liberdade. E eu, para quem vos haveis estado preparando no decorrer de dezoito anos, agora vos digo que vos deveis libertar de todas essas coisas; deveis ficar livres de todas as vossas complicações, de vossos emaranhados. Para que ter uma organização para cinco ou dez pessoas no mundo que compreendem, que estão esforçando-se e que puseram de lado todas as coisas triviais? E não pode haver uma instituição para auxiliar as pessoas débeis a encontrar a Verdade, porque a Verdade está em todos, não está longe, não está perto: está eternamente ali.

As organizações não vos podem libertar; nem o culto organizado nem a imolação de si próprio por uma causa, podem tornar-vos livres; nem vos constituirdes em uma corporação, nem o vos lançardes à realização de obras vos libertará. Você usa uma máquina de escrever para escrever cartas, mas você não a põe em um altar e lhe rende culto. Porém, é isso que acontece convosco, quando fazeis das organizações a vossa principal preocupação. "Quantos membros há nela?" Esta é a primeira pergunta que me fazem todos os repórteres. "Quantos seguidores tendes? Pelo número deles ajuizaremos se o que dizeis é falso ou verdadeiro". Não sei quantos há. Não me preocupo com isso. Como disse, ainda que apenas haja um homem tornado livre, isto será o bastante.

Uma vez mais, alimentais a idéia falsa de que somente certas pessoas possuem a chave para o Reino da Felicidade. Ninguém a tem. Ninguém tem a autoridade para ter essa chave. Essa chave é vosso próprio ser, e somente no desenvolvimento, na purificação e na incorruptibilidade desse ser é que está o Reino da Eternidade.

Assim, haveis de verificar quão absurdo é o conjunto, a estrutura que haveis criado buscando auxílio externo, dependendo dos outros para vosso conforto, para vossa felicidade e para vossa força. Estas coisas somente podem ser encontradas dentro de vós próprios.

Então, por que ter uma organização?

Estais acostumados a que vos digam o quanto avançastes, qual o vosso status espiritual. Que infantil! Quem, senão vós próprios pode dizer se vós sois bonito ou feio por dentro? Quem, senão vós próprios pode dizer se vós sois incorruptível? Vós não sois sérios nestas questões.

Então, por que ter uma organização?

Porém, aqueles que realmente desejarem compreender, que estão buscando encontrar aquilo que é eterno, que não tem começo nem fim, caminharão juntos com maior intensidade, serão um perigo para tudo que não seja essencial, para todas as irrealidades e sombras. E se concentrarão, se tornarão a chama, pelo fato de compreenderem. Tal é o corpo que devemos criar e esse é o meu propósito. Em virtude deste entendimento real haverá verdadeira amizade. E devido a essa verdadeira amizade – que pareceis não conhecer – dar-se-á a cooperação real da parte de cada um. E isto, não por causa da autoridade, não por amor da salvação, não pela imolação por uma causa, mas em virtude de realmente compreenderdes e daí serdes capazes de viver no eterno. E isto é algo muito maior do que todo prazer, que todo sacrifício.

Assim, essas são algumas das razões pelas quais, após cuidadosa consideração por dois anos, tomei esta resolução. Não é um impulso momentâneo. Nenhuma pessoa me persuadiu a isso – não me deixo persuadir em tais coisas. Durante dois anos tenho estado pensando a este respeito, lentamente, cuidadosamente, pacientemente, e agora resolvi dissolver a Ordem, pelo fato de ser seu Chefe. Vocês podem formar outras organizações e esperar por outra pessoa. Nada tenho que ver com isso, nem com o criar de novas gaiolas ou de novas decorações para essas gaiolas. Minha única preocupação é tornar os homens absoluta e incondicionalmente livres.

DISSOLUÇÃO DA ORDEM

D. Rajagopal

A dissolução da Ordem da Estrela indica um novo começo. Ela é o resultado lógico dos ensinamentos de Krishnamurti e corresponde ao desenvolver de seu pensamento. O problema geral, tornou-se o problema individual e tem que ser resolvido individualmente.

A instituição, como tal, cessou de existir. Em seu lugar, para fins práticos, foi criado um mecanismo que será suficiente para os interessados, porém, que não tem pretensão alguma de possuir significado espiritual.

Se a Ordem da Estrela do Oriente, fundada em 1911, expressou a intuição e a esperança de alguns; se em 1927 a Ordem da estrela, expressou a realização das esperanças de alguns; a dissolução da Ordem, como corporação separada, significa a queda de barreiras e privilégios, que se interpunham entre os poucos e muitos.

Essas barreiras não foram nunca tão obstrutivas que chegassem a impedir o mundo externo de reconhecer a grandeza de Krishnamurti e de por ele se interessar, porém tenderam para a cristalização – para a fossilização mesmo – e certamente com o andar do tempo, conduziram à formação de um novo culto. Seguramente, isto é o oposto daquilo que Krishnamurti tem em vista. Ele luta, sempre, contra a cristalização do pensamento que, para ele, é o que representam todas as religiões, e ele combate também a autoridade. A importância desta anteposição à autoridade demonstra-se pelo fato de que, ao passo que poucos reconheceram em Krishnamurti, mesmo em seus primeiros anos, o potente Instrutor, muitos não vêm nele agora esse Instrutor, e justamente aqueles que mais prontamente, a princípio, o aceitaram como tal, sob a autoridade de outrem, foram os primeiros a dele duvidar hoje.

O lado formal, a “letra”, cessou de existir e somente o espírito de convicção perdura. De agora para o futuro, somente o sopro desse espírito inspirará uma nova consagração na busca da eterna Verdade. Era muito fácil ceder a ilusão de que um simples certificado de filiação trazia consigo incluso, um certificado de entendimento. Era muito fácil o estar satisfeito com uma adesão nominal, porém, será difícil, sem o abrigo dessa formalidade, resistir à prova de liberdade. Somente na liberdade, porém, é que podemos por à prova a nossa força e julgar a medida do nosso entendimento.

A Ordem estava radicada na crença, porém essa crença não foi forte, tão vital que chegasse a modificar, integralmente, o caráter de quem a aceitou. As instituições jamais criaram grandes homens, ao contrário, os grandes homens têm aparecido, a despeito das instituições.

A grandeza de Krishnamurti não foi criada pela Ordem da Estrela, porém, pelo seu esforço e luta individuais. E agora ele necessita, para o seu trabalho, daqueles que forem grandes pelo entendimento e se acharem acesos de entusiasmo. Mais uma vez, isto deve ser a resultante do esforço individual.

Como instituição, não chegamos a produzir essa tempestade que tem de abalar o mundo e o perigo estava em que a Ordem, se continuasse a existir, tendesse a tornar-se um abrigo para os indiferentes e os fracos. A tormenta virá, porém, através de indivíduos e não por meio de uma instituição, qualquer que ela seja.

Para encurtar razões, a Ordem foi dissolvida pelo Chefe, atento ao fato de sua existência não mais se justificar.

O MECANISMO

O mecanismo acima mencionado, tirará proveito de algumas facilidades já existentes. Eerde continuará como centro Internacional de nossas atividades. Este lugar tão belo em si mesmo, e ao qual tanto auxílio generoso tem sido proporcionado, oferece oportunidades únicas para que o povo se reúna em número considerável e entre em contato pessoal com

Krishnamurti. O Acampamento de Ommen, famoso, agora, por todo o mundo, pode acomodar três mil pessoas e, seguramente, em parte alguma se pode conceber que exista um conjunto mais belo para a explanação dos ensinamentos de Krishnamurti. Posto que Krishnamurti deseje falar em cidades, salões, em quaisquer lugares que ofereçam ambiente adequado, é, no entanto, evidente que um Acampamento é o mais simples dos métodos para reunião de grandes multidões, por um certo período de tempo.

Ojai, na Califórnia, onde também anualmente se reúne um Acampamento, será o centro das atividades para a América.

A Índia suprirá as necessidades da Ásia, e a Austrália concentrará suas atividades em Sidney, onde o Anfiteatro erigido do lado oposto das cabeceiras da cidade oferece um local ideal para as reuniões. Em todos esses lugares, aqueles que se interessarem por Krishnamurti terão a oportunidade de entrar em contato pessoal com ele.

A seguir, em importância, vem o processo da palavra impressa, por meio de livros, panfletos, artigos, etc., que levarão as idéias de Krishnamurti a um público consideravelmente mais vasto. Este segundo departamento enquadra-se, naturalmente, nos domínios do Star Publishing Trust, que tem seu escritório principal em Eerde, Ommen, Holanda. O nome "Estrela", é conservado apenas para fins práticos e não tendo em vista qualquer significado oculto ou místico.

Este Boletim (o nome antigo é conservado por conveniência, até que outro melhor seja encontrado) tomará um caráter inteiramente novo e servirá de elo entre Krishnamurti e todos aqueles que se interessarem pelas suas idéias.

Não mais será apenas um registro dos afazeres internos de uma sociedade, porém uma revista que terá como uma de suas principais feições, relatos das palestras de Krishnamurti e de suas atividades, juntamente com artigos de interesse geral e bibliografias de livros e magazines. Esta revista capacitará todos os que o desejarem a terem informes autênticos relativos a Krishnamurti. As várias revistas da Estrela agora existentes por todo o mundo, cessarão completamente a sua publicação a partir de Janeiro próximo. A existência de Centros Internacionais, e a formação do Trust de Publicações foram tornadas possíveis em vista do generoso apoio daqueles que desejaram fazer chegar o ensinamento de Krishnamurti ao alcance de todos. Essa mesma generosidade é de intenso interesse assegurar a continuação do trabalho, sua prosperidade e crescimento. Krishnamurti tem insistido sobre o ponto de que se quisermos atingir a paz e harmonia internas e voltar nossas faces na direção da meta de libertação, temos que deixar de lado todas as coisas não essenciais. De nenhuma instituição se necessita para atingir a Verdade – como repetidamente ele o tem acentuado. A Verdade não poder ser sistematizada, não pode ser organizada e uma tentativa dessa espécie finalizaria pela traição à Verdade. A dissolução da Ordem simplesmente acentua o fato de que cada indivíduo é livre para expressar suas próprias crenças a seu próprio modo; e onde quer que esta convicção repouse sobre um alicerce seguro, produzirá sua florescência em uma vida nova.

A Estrela e Boletim Ano II No. 8 e 9 Agosto e Setembro de 1929

EXCERTOS

J. Krishnamurti

Por que suportar este turbilhão, esta angústia, este embate incessante de dor, de prazer, de sofrimento, de luta, quando pelo vosso cuidadoso entendimento do propósito da vida, podeis alterar, podeis remover essa nuvem que projeta uma sombra através do vosso caminho? Portanto, tendo a Vida como vosso Gurú, como vosso motivo, como a Verdade única, tornai-vos

discípulos dela. Então vossa mente conhecerá a verdade no verdadeiro, entenderá o falso na falsidade, e verá o real na realidade.

Um unguento que cura toda a tristeza, todas as feridas, todo o sofrimento, encontra-se naquilo que é durável, naquilo que é vida e é disso que eu falo.

Suponde que eu estivesse no mundo ao tempo em que o Buddha esteve na Índia, e por mim mesmo houvesse verificado que existia um grande ser humano que havia entendido a vida, que era a consumação da vida, que era a beleza da vida; em quem exista o todo e não a parte. Sabendo tudo isto e animado do ardente desejo de entendê-lo, pensareis que eu tendo-me voltado para ele, depois diria que tinha um outro serviço a fazer no mundo, que queria permanecer à sombra de uma religião ou funcionar por meio de um canal particular qualquer, quando ele próprio continha toda a Vida?

Pois de igual modo eu vos digo agora, e o digo sem vaidade, com entendimento próprio, com plenitude de mente e de coração, que eu sou aquela flor plena que é a glória da Vida, à qual todos os seres humanos, tanto individualmente bem como todo o mundo têm de chegar.

Ojai Star Camp, 1929

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 10

VISLUMBRES DO ACAMPAMENTO DA ESTRELA

Compilado de Relatórios

Diário do Acampamento

segunda-feira, 27 de Maio:

Começaram a chegar ao Campo pessoas vindas de todas as partes dos Estados Unidos, da Austrália, da Nova Zelândia, da Índia, Java, Cuba, Suécia, Holanda, Guatemala, México e Canadá.

À tarde, Krishnaji deu as boas vindas às setecentas pessoas que se tinham reunido nesse dia para um Camp-Fire sem formalidades, pois que a abertura oficial do Acampamento não viria a ter lugar senão no dia seguinte. Mr. Robert Logan de Filadélfia e o Sr. Luiz Zalk, gerente do Campo proferiram algumas breves palavras; o Sr. Yadunandam Prasad falou da aquisição de um milhar de acres de terra em Benarés, Índia, onde se planejou estabelecer uma escola.

terça-feira, 28 de Maio:

Krishnaji abriu oficialmente o Acampamento às dez horas da manhã. Os seguintes excertos são tirados de um relatório do seu discurso:

DISCURSO DE ABERTURA, DE **KRISHNAJI**

"Gostaria de vos perguntar a razão pela qual haveis vindo ao Acampamento. Como não podeis responder-me, responder-vos-ei eu. Haveis vindo de muitas partes da América, primeiro que tudo para verificar se o que os outros dizem acerca de Krishnamurti é verdadeiro; e em segundo lugar, para averiguardes por vós mesmos aquilo que Krishnamurti realmente é; e em terceiro lugar, para por vós mesmos descobrires os meios de viver retamente. Eu somente me preocupo com esta última parte: isto é, como viver retamente. Não me preocupa muito o que vós imaginais que eu sou. Eu sei. Muitos de vós pensais sobre isto o que vos disseram que pensásseis. Alguns sabem, por si mesmos, intuitivamente ou por meio do sofrimento e pelo entendimento da plenitude de meus discursos.

Aqui viestes para averiguar a maneira de viverdes, a maneira pela qual haveis de conduzir as vossas vidas afim de poderdes encontrar essa Verdade que é ininterrupta. Antes de descobrires isto, tendes que passar por um processo de rejeição e muitos poucos dentre vós o pretendem fazer... pelo fato de já estarem de posse de idéias muito precisas, e definidas daquilo que eu teria a dizer, acham muito difícil de compreender aquilo que eu realmente digo... É muito difícil isto, por já terdes em vossas mentes, muito clara e definidamente, a idéia daquilo que eu sou. Disseram-vos quem eu era e qual a modalidade de meu ensinamento; qual a forma de meu trabalho, quais os meus discípulos especiais, quais os movimentos que hão de vir tomar a dianteira. Portanto, tendes todas essas barreiras contrárias ao entendimento da Verdade...

A inteligência, a verdadeira inteligência, é o equilíbrio, entre a razão e o afeto. Quero, primeiro que mais nada, portanto, estabelecer em vossas mentes este equilíbrio, afim de que, por vós mesmos descubrais as coisas, em vez de serdes informados por outrem, sobre aquilo que eu pretendo dizer. Quero que por vós próprios compreendais aquilo que eu digo. E deixai que eu acrescente: digo exatamente aquilo que tenho em mente significar. Tenho considerado cuidadosamente cada uma de minhas palavras; e seria insensatez dizer "Ele não quer dizer exatamente o que diz." Muitos de meus amigos estão já principiando a dizer: "Nós o conhecemos melhor em outro lugar. É somente uma parte de sua consciência que está funcionando". Quão infantis são estas coisas! Eles não conhecem bem o Instrutor, nem Krishnamurti, porém externam opinião acerca de ambos. Agora, se aceitardes uma ou outra destas coisas, andareis de modo insensato. Não aceiteis nem uma nem outra. Nem o que eu digo nem o que outrem vos diz; raciocinai, porém, por vós mesmos, afim de que, por meio desse raciocínio, em vós nasça a flor do entendimento.

Agora, digo-vos que sou íntegro, - inteiramente incondicionado. Digo isto não para ter seguidores. Não pretendo coisa alguma de ninguém: nem seguidores, nem dinheiro, nem louvores, nem lisonja - tenho somente o desejo de estimular os outros à reta conduta na vida. Digo que sou íntegro e qualquer pessoa que diga o contrário, agirá insensatamente, porque não sabe. Não digo isto para vos convencer... pois tal não é o meu desejo... Quero firmar em vossas mentes e despertar em vossos corações o desejo pela Verdade; e, quando tiverdes esse desejo, encontrareis os meios, a técnica, o modo de a atingir. Assim pois, por favor, como vos disse, utilizai vossa análise crítica relativamente ao que digo. Não permitais que outrem, seja quem for, inclusive eu, vos convença de algo que não entendeis, por velho e amadurecido pela tradição ou por novo e moderno que seja. Pois não vedes, amigos? Todos vós aqui viestes acreditando ou não acreditando que eu tenha algo para dar e mostrar. Como podereis achar o que pretendes se vossa mente estiver já imbuída de preconceitos, se já estiverdes antecipadamente pensando: "Agora é Krishnamurti quem fala; agora é outra pessoa?" Direis que é Krishnamurti quem fala, quando tal vos convier; direis que é outra pessoa qualquer, quando vos satisfizer o que ele diz.

Andei ultimamente por todo o mundo, da Índia para a Europa e de lá para a América e por toda a parte, a mesma coisa. Todos sabem melhor do que eu o que se passa acerca de minha pessoa - alegra-me ver o que há de divertido nisto tudo, porém, o simplesmente vos divertirdes, não tem valor. Todos podemos rir. Muito me tenho rido com a falta de senso do que muitas pessoas dizem - isto, porém, é também de muito pouco valor. O que tem valia é o viverdes pelo fato de haverdes compreendido. Esta é a única coisa de importância; não meras

palavras, palavras e palavras. Não importa o que acreditais ou o que deixais de acreditar; a que sociedade pertenceis ou a que sociedade não pertenceis, tudo isso é infantil e ridículo.

Porém, aqui viestes como membros da Estrela, acreditando que Krishnamurti é o Instrutor do Mundo. Pelo menos haveis referendado essa crença. É uma infelicidade isto, porque não o sabeis. Alguns dentre vós sabem, porém a grande maioria dos que subscreveram seu nome a essa crença, não sabem. Se tivésseis esse conhecimento teríeis sido diferentes do que sois e vós não sois, de maneira alguma, diversos do homem médio comum; e aí é que está a tristeza de tudo isto.

Eis algo de semelhante: se vísseis um grande quadro, desejaríeis vos tornar pintores e ficaríeis entusiasmados por descobrir o mestre que o havia pintado; então iríeis até ele e dele aprenderíeis com todo o ardor. Vós, porém, não vos interessais por isso. Estais no presente momento, interessados em saber se quem está falando, é fulano ou sicrano, ou se é outra pessoa - porém, não se o que estou dizendo é ou não a verdade. Não vedes o que estais perdendo com todas essas contendas relativamente a coisas não essenciais? Não vos estou falando com dureza ou com falta de afeto. Ao contrário. Digo que encontrei essa flor que é a consumação de toda a vida, esse perfume que é o entendimento de toda a vida, essa Verdade que é contínua, à qual todo o ser humano tem de chegar. E para isto fazerdes também, tendes que abandonar todas as coisas, afim de encontrar essa, pois que a Verdade é íntegra, completa, contínua.

Quereis que essa Verdade seja para vós traduzida de um modo particular, segundo vossa própria estreiteza; quereis que ela seja trazida para baixo até vós, que vos seja dada em um símbolo especial. Não aceitareis a Verdade em sua inteireza. O Cristão dirá: "Eu quero a Verdade pelo Cristianismo." O Hindu dirá o mesmo relativamente ao Hinduísmo. Porém não alcançareis a Verdade deste modo. Nenhuma religião, seita ou sociedade contém a Verdade. Tendes que sair, vós mesmos, da sombra e ir para a luz do sol. Espero que considereis isto e que algo façais a este respeito...

Pensai, por um momento, por vós mesmos, como eu o tenho freqüentemente feito. Suponde que eu estivesse no mundo no tempo em que Buddha esteve na Índia, e por mim mesmo houvesse averiguado existir um grande ser humano que havia compreendido a vida e que era, ele próprio, a consumação da vida, a beleza da vida; em quem se encontrava o todo e não a parte. Sabendo de tudo isso e possuído do ardente desejo de compreendê-lo, pensais que eu, tendo estado junto dele, depois me voltaria para outro lado, dizendo que tinha outro trabalho a fazer no mundo, que queria permanecer na sombra de uma religião qualquer, ou funcionar através de um canal particular, quando ele próprio em si mesmo continha integralmente a vida?

Pois do mesmo modo eu vos digo agora - e digo-o sem presunção, com entendimento próprio, com plenitude de mente e coração, que sou aquela flor plena que é glória da vida, à qual todos os seres humanos, tanto indivíduos como o mundo inteiro, tem de chegar.

Alguns de vós podem verificar aquilo de que outros terão dúvidas e outros ainda, por sua conveniência, descobrirão frases que aderem em suas mentes e as fazem, assim, perder o perfume... Não vos digo isto como uma ameaça ou coisa semelhante; ou vós quereis a beleza, a perfeição da vida, ou não a quereis. Se a não quereis, deixai-a de lado. Se a quereis, tomai-a tão ardentemente que chegueis a sacrificar tudo por essa coisa única. Não é estreiteza isto - quando um homem que se afoga clama por ar, não o faz por estreiteza. Ele deseja o ar, afim de poder respirar e viver, ser feliz e regozijar-se. Isto não é estreiteza; não é limitação. Assim, tendes que tomar uma resolução sobre aquilo que pretendeis fazer: ou pertencer à congregação dos mortos... ou, despedaçar todas as barreiras, pôr de lado vossas coisas colaterais, coisas íntimas, não essenciais para poderdes sair para a luz do sol. Por favor, compreendei que jamais podereis atingir a Verdade por meio de um canal particular; pois que a Verdade é contínua e não pode ser dividida...

No fim de tudo, que é a Verdade? É vida, é a compreensão e a posse desta plenitude de vida que é felicidade, que é perfeição. Assim, para obterdes isso, tendes que abandonar todas as pequenas parciaisidades e correr de encontro à plenitude com ardente ansiedade.

Quando vem a luz do sol já não necessitais ler à luz de vossa vela, deixais de lado a vela, por muito que a ameis, por muito suave que seja a sua luz. Assim, se quiserdes aquilo que eu vos digo ser a absoluta, incondicionada Verdade, o todo - se quiserdes esta Verdade, então tendes que pôr de lado todas essas coisas infantis. Se quiserdes o que não é essencial, estou de perfeito acordo; unicamente apercebei-vos disto. Não jogueis com ambas as coisas.

Ou bem quereis essa perfeição que é Verdade, essa incorrupção que é a própria vida, ou quereis o conforto - conforto que respira autoridade, a qual por sua vez respira temor. A maioria dentre vós atemoriza-se de tal modo com aquilo que estou dizendo, que permanecem inseguros. Perfeitamente; porém, em meio de vossa incerteza não vos encontrais ansiosos por encontrar o que é certo. Quereis ser informado por outrem do que é verdadeiro e do que é falso, pelas vossas autoridades favoritas, pelas vossas tradições de ontem.

Assim, espero que vos apercebeis que chegou o tempo em que tendes que abandonar vossas amas, vosso estado infantil, para sairdes a buscar. Qual a diferença existente entre vós e o homem comum? Não é muito grande, sinto dizê-lo, consiste no fato de poderdes dizer: "Abandonamos as velhas formas da verdade."

Abandonastes todas as velhas idéias da verdade para descobrir as novas, porém não as haveis descoberto, por estardes estabelecendo novas formas, novas teorias, novos dogmas, novos credos, novos cultos, novos ritos, novos deuses. Este não é o modo de encontrar a Verdade. Para encontrar essa Verdade que é absoluta, incondicionada, livre, vós próprios tendes que ser incondicionados, livres, absolutos; isto é, tendes que varrer em redor de vós tudo quanto coloca uma limitação em vossas mentes, em vossos corações, e buscar essa liberdade que é a própria Verdade. Vindes ouvir-me todos os anos e ledes aquilo que freqüentemente digo, porém a todo instante traduzis o que digo para adaptá-lo às vossas conveniências. Tenho ouvido pessoas dizerem: "Oh, ele não quer dizer integralmente o que diz, ele lançou sobre isso uma complexidade, ele não possui o todo, porém nós conhecemos a integralidade e vos diremos o que é o todo. Isto é necessário e aquilo não o é. Isto está certo e aquilo está errado." Seguramente que não mais sois crianças para que se vos diga o que deveis fazer, o que deveis pensar, e por qual maneira vos deveis conduzir, o que tendes de cultivar e o que não tendes!

Senhores, que buscais? Sombras que obstruem a luz, conforto que não existe, em lugar da Verdade que proporciona esse entendimento que ultrapassa o conforto.

Que é que estais buscando? Se buscais conforto, vireis a ter deuses inumeráveis, novos santuários, novos ritos, nova literatura, que abafará a vida em vossos corações e mentes...

Que é que vós, como indivíduos que sofrem, que se regozijam, que pensam, que sentem, que lutam, que são colhidos pelas paixões, inseguros, incertos - que é que quereis?...

A borboleta queima-se na luz e feliz é a borboleta. E se vós vos quereis queimar nessa Verdade de que vos falo, sereis felizes também. Porém deveis querer, deveis estar ansiosos, deveis possuir o grande desejo que vos impulse a descobrir essa Verdade que é eterna.

Assim, que é que, como indivíduos sensatos, com propósito definido e sábios em sua escolha, quereis? Não vedes que disso depende o que haveis de alcançar, aquilo que ireis possuir? Não vedes que disso depende vossa capacidade de entender? Não vedes que disso depende a vossa força para atingir, a vossa firmeza de desígnio, o vosso êxtase, o vosso entusiasmo?

Não podeis aceitar idéias ou pensamentos de minha concepção, ou de outrem, porém, se vossas idéias nasceram daquilo que é eterno, duradouro, então podereis viver segundo essas idéias. Assim, para achardes o que é duradouro, o que é eterno, tendes que pôr de lado o que é passageiro, o que não é essencial, o que é trivial.

Vós me pedis: "Por favor, dizei-me o que é essencial?" Como posso eu dizer-vos o que é essencial? "Eu sei o que é essencial para mim, e sei como atingi isso que é essencial, que é incomparável, ilimitado, livre, absoluto. Para mim essa Verdade é o estar livre de todos os desejos, libertar-se de todas as experiências e a partir do momento que tendes vos apercebido disto, verificareis que ninguém vos pode salvar, exceto vós próprios.

A grandeza do homem consiste em ninguém poder salvá-lo; esta é a grandeza, a glória do homem. Porém, o que é que todos vós buscais? Quereis ser salvos, quereis adorar em altares feitos por mãos humanas, quereis cultuar deuses criados pela vida, e por isso é que vos digo: Adorai essa vida que está em todas as coisas, pois que a vida criou deus e homem, - a vida que é livre, ilimitada, incondicionada e absoluta. Pois esta é a Verdade...

Eu não me importo se no ano próximo houver somente duas pessoas no Acampamento.

... Um homem que seja sincero, que compreenda, vale por uma multidão que clama vãmente sem entendimento; pois que este homem viverá de eternidade em eternidade.

Assim, amigos, durante este Acampamento, espero ser capaz de vos ajudar em vossa escolha, a descobrires por vós mesmos e a perceberdes, por meio de felizes visões, aquilo que virá a estabelecer a paz e o entendimento em vossos corações, que vos dará apoio, aquilo que vos sustentará em vossa integridade. Pois não existe maior verdade do que essa de que vos haveis de unir a essa vida que é eterna, pois nessa vida está a imortalidade".

No Camp-Fire da tarde, o Sr. Henry Eicheim, o bem conhecido compositor e autoridade em musica oriental, fez uma conferência sobre a interpretação ocidental da musica oriental, com exemplos executados pela Sra. Eicheim. No fim da conferência, algumas de suas composições foram tocadas - impressões que ele colheira escutando sinos de templos, pregões na praça do mercado, canto de adorantes. Krishnaji esteve presente e iniciou a reunião pelo acender da fogueira.

quarta-feira, 29 de Maio:

Uma discussão foi travada, de manhã, em Oak Grove, dirigida por Mr. Robert Logan. Perguntas foram diretamente feitas pelo auditório - sobre educação, sobre entendimento da vida, sobre o uso adequado e o mal uso das instituições, - e discussões foram travadas, entre membros do auditório e Krishnaji. Entre outros, Mr. Burr Macintosh, amplamente conhecido nos Estados Unidos por o "Filósofo Divertido", falou dentre o auditório e prestou graciosa contribuição à Krishnaji. Esta nova espécie de reuniões evidenciou-se como uma experiência fascinante, e foi amplamente apreciada pelos assistentes. Algumas das observações feitas por Krishnaji são dadas abaixo.

À pergunta "Onde é que a obediência entra em vosso plano de educação?" Krishnaji deu resposta nos seguintes termos:

"Porque é que a criança, qualquer que seja, deve obedecer? Seria eu quem deverá levá-la a obedecer em certas coisas. Uma criança obedecerá a outra pessoa se por ela tiver respeito. Se dentro de mim eu tiver respeito pela criança, por mim e pelos outros, a criança me respeitará também e quando eu lhe pedir que faça certa coisa, sensivelmente ela o fará..."

Como sabeis, todos nós queremos fazer os outros nos obedecerem quando nós próprios não obedecemos... Os indivíduos que exigem obediência, reverência, autoridade, não deveriam ter lugar na educação."

Um outro inquiridor quis saber se havia graça que, vinda do alto, pudesse ajudar. De acordo com Krishnaji não há:

"Não há graça vinda do alto que possa ajudar... Se confiardes na autoridade exterior para vos ajudar, não alcançareis o que desejais. Ninguém pode cancelar vosso karma, como vós o denominais. Ninguém vos pode dar essa consecução, essa felicidade, esse entendimento que buscais, do exterior. É um processo contínuo de aquisição... Nenhum ser divino planta dentro de vós o entendimento. Nenhuma soma de culto, nenhuma porção de fé, de esperança, ou o quer

que vos apraza chamar, despertará essa flor em vós. Ela vem pelo vosso contínuo desdobramento, pela luta, pela angústia, pelo regozijo, pelo entendimento..."

Até onde levar a ausência de desejos sem estupidificar a ambição e por esse modo deter o progresso humano? Foi esta uma pergunta que confundiu certa pessoa.

"Por favor, não impeçais o desejo", foi a resposta. "Não podeis deter o desejo; isto é, se tentardes nulificar o desejo, estareis mortos, porém, se quiserdes que os vossos desejos sejam magníficos, livres, então vossa percepção da vida será magnífica..."

O assunto das instituições tornou-se muito popular. Disse um orador:

"Em nossa infância tivemos jogos adequados ao gozo dela. Porque não poderemos, agora, como adultos, fazer coisas na obra de nossas instituições para alegria deles, como se estivesses brincando com seres humanos?"

Krishnaji respondeu:

"A partir do momento em que organizardes o pensamento, ele torna-se uma religião e está morto. Se, porém, usardes de uma instituição para levar esse pensamento ao exterior, coisa que é muito difícil de fazer, então estareis perfeitamente justificados no utilizá-la..."

"Sr., porque é que buscais o contado com os vossos semelhantes? Para os ajudar, não é assim? Por isso é que essas instituições existem. Esta é a idéia primordial que está por detrás da maioria das instituições: auxiliar. Eu quero porém, que vós próprios verifiqueis se verdadeiramente estais auxiliando. Eu não vos estou pedindo que abandoneis instituição alguma. Não me interessa por isso..."

Uma observação sua, a respeito da unicidade individual, foi muito gráfica:

"Tendes um mosaico feito de pequenas pedras de cores inumeráveis. Suas dimensões precisam de ser perfeitas, suas cores também; cada pequena pedra necessita ser acabada, íntegra, e o conjunto precisa ser perfeito. Assim, cada pedra... necessita ser produzida em seu próprio eu, tão perfeitamente quanto possível; então ela se adaptará ao todo. Porém, primeiro tendes que possuir uma visão do todo e então a modalidade de vosso desenvolvimento será única."

Pela tarde, as crianças da Escola do Valle de Ojai e da Escola Média divertiram o Acampamento com danças e cantos. Em seguida Krishnaji agradeceu-lhes em nome do Acampamento e convidou-as a voltarem no ano próximo.

Uma passagem da palestra do Camp-Fire:

"...De corruptibilidade em corruptibilidade, por meio da corrupção, tendes que crescer para a perfeição: tendo, porém, estabelecido isso, que é o padrão - não do mundo, mas para o mundo - tendo este padrão como vosso guia, então vos tornareis, por vós mesmos, o guia verdadeiro, então vos tornareis o verdadeiro mestre de vossas ações; então estareis em posição de julgar, por vós mesmos, da qualidade de vossa incorrupção."

quinta-feira, 30 de Maio:

A nova forma - ou falta de forma - de meditação que está sendo experimentada neste Acampamento, parece ter obtido um grande êxito. Ninguém lê, ninguém canta, ninguém dirige, nenhum assunto é dado. As pessoas reúnem-se à hora designada, vibra-se um gongo, e cada pessoa, por si mesma, medita sobre qualquer ideal ou pensamento que deseje. No fim de cinco minutos o gongo soa novamente e a meditação está terminada.

Krishnaji na reunião da manhã fez referência ao propósito de Ihe fazerem perguntas, e depois respondeu a algumas delas, do seu ponto de vista. As notas seguintes, tomadas por alto, darão uma idéia do fio das respostas:

"Estas perguntas vão agora ser respondidas - não para resolver vossos problemas - mas, antes, para despertar maior interesse, ulterior entendimento em virtude das minhas respostas. Assim por favor, não penseis que pelo fato de eu as responder, as haveis solucionado. Ao contrário, estas questões já estão resolvidas por mim. Estas são as perguntas que gentilmente me haveis formulado e eu as responderei somente até ao ponto em que elas se me apresentem; e, se as aceitardes como autoridade final temo que chegueis a verificar que elas não resolvem vossos problemas.

PERGUNTA: Poderíeis descrever-nos, por favor, os sentimentos ou a reação, isto é, o estado de consciência experimentado no corpo físico por alguém que houvesse atingido a Libertação?

KRISHNAJI: Srs., eu vos posso descrever um sentimento que muito poucos, provavelmente não experimentado, porém de que vale isso? Eu vo-lo explicarei, até onde tal me for possível, por meio de palavras, porém é muito frustrante a tentativa de pôr algo em palavras! Quando atingis a Libertação, essa perfeição, vós sois todas as coisas, em vós todas as coisas cessam e têm o seu ser... Não é nada de sentimental nem intelectual, nem é coisa emocional, porém é como o vento, rápida como as águas violentas - ela é tudo. Em vós existe o processo integral desde o próprio começo até o fim - vos sois, ah, sois realmente, o criador, pois que aí encontrais absoluto equilíbrio...

... A Verdade não é relativa, é absoluta; e, para a pessoa que é apanhada pelo relativo, o absoluto escapa sempre, e assim é muito difícil compreender, a não ser que vos próprios vos tenhais tornado incorruptíveis; e eu estou interessado nisto e não em descrever-vos o que é e ao que se assemelha como sentimento. Isto sabereis quando houverdes atingido...

... A raiz da imortalidade é entendimento e o verdadeiro começo do entendimento é a verdadeira disciplina colhida do final preenchimento de toda a vida...

PERGUNTA: Em relação àqueles que não compreendem plenamente a vossa missão ou ensinamentos e mesmo que jamais possam plenamente vir a entendê-los mediante apresentação, pode algum mal resultar do esforço para compreender?

KRISHNAJI: Sr., porque tornais isto a minha missão e ensinamento? Não é isto o que vós pessoalmente desejais? Não quereis ser livres e felizes? Não é, pois, minha missão. É missão vossa. É o que vós estais buscando e não o que eu estou buscando. Pelo fato de a tornardes minha é que não compreendeis. Porque vos não apercebeis de vosso sofrimento, de vossa estreiteza, de vossas limitações, de vossa corrupção da vida, dais a outrem a autoridade de vos conduzir. E como eu não aceito essa autoridade, é inútil dizer que é meu ensinamento ou minha mensagem. É a mensagem e o ensinamento da vida, que está em todas as coisas e em todos; e a partir do momento que entendais isto, ela será vossa e não minha. Assim, pelo fato de ser vossa, meu propósito é somente despertar esse conhecimento, esse desejo, de por vós próprios descobrires. E, pelo fato de ser vossa, tendes que lutar e compreender...

PERGUNTA: Como se pode estimular o desejo da liberdade?

KRISHNAJI: Como pode o homem que se acha em uma prisão, estimular o desejo de liberdade? Que pergunta! Srs., não é o sofrimento de outrem, não são as lágrimas de outrem, o riso, o regozijo, a corrupção, suficientes para dar-vos esse desejo ardente de libertar aos outros e a vós próprios? Vós, porém, quereis estímulo artificial, uma droga, um incentivo, uma recompensa pelas vossas boas ações e quereis que eu vos fale de um novo Deus, ao qual possais fazer oferendas, para vosso estímulo, para construirdes um novo altar. Espero que estejais pensando nisto; não aceitando o que vos digo, nem rejeitando-o. As sombras que dançam, a luz clara do sol, o pássaro que voa, a luz sobre as águas, o sofrimento de homem ou da mulher, o deleite, o regozijo de vosso próximo - se isto vos não proporciona suficiente desejo, ai de vós!

... Assim como a vida é uma, as formas dessa vida são múltiplas. A partir do momento que compreendais que as formas têm pequeno valor, então elas terão seu lugar. Para, porém, chegar a essa vida perfeita, tendes que tornar vossa própria forma tão perfeita quanto possível.

PERGUNTA: Até que ponto existe liberdade de ação?

KRISHNAJI: Ela é absoluta. O homem é livre de fazer exatamente o que deseja, e o faz agora, de um modo ou de outro. Pelo fato de ser livre, quer encontrar desculpas para sua corrupção. Pelo fato de ser livre, teme andar errado e inventa teorias, credos, igrejas, templos... O homem, sendo livre, absoluta e incondicionalmente, sendo seu próprio senhor... está limitado, e através dessa limitação tem que lutar pela liberdade e este é o processo da vida...

PERGUNTA: O trabalho por uma sociedade tenderá unicamente a estreitar a nossa visão e eficiência?

KRISHNAJI: Uma vez mais, isto depende de vós, pois se vossa mente for estreita, tudo que fizerdes será estreito.

PERGUNTA: Que é que em nossa natureza nos faz executar coisas contrárias ao nosso melhor julgamento, e como vencer esta dificuldade?

KRISHNAJI: Não fazendo mal. Lutando. Mais uma vez, Sr., a idéia de vencer algo - não se trata de vencer. Não existe coisa que se pareça com falência. Se eu não tiver força para subir ao topo da montanha, faço o esforço, caio, e torno a fazer outro. Isto não significa que eu esteja falhando.

... Estragareis tudo se baseardes vosso entendimento nos indivíduos, mesmo que seja em Krishnamurti. Existe coisa muito maior do que esta forma a que chamais Krishnamurti, que é a Vida; e é dessa Vida que eu falo e dessa Vida eu vos compeliaria a vos tornardes discípulos, dessa vida eu vos convidaria a vos enamorardes..."

Pela tarde teve lugar uma reunião administrativa, durante a qual novos e importantes anúncios foram feitos. Em relação ao Acampamento da Estrela de Ojai, os planos para 1930 foram anunciados pelo Sr. Luis Zalk; e depois o Sr. Rajagopal falou acerca de propostas de modificações na Ordem da Estrela.

"Beleza" foi a nota fundamental do Camp-Fire, à tarde. Primeiro Krishnaji acendeu o fogo e cantou dois hinos Sâncritos, um à Luz, outro à Beleza; depois um trio oculto, de músicos, tocou. Krishnaji falou ligeiramente sobre a Beleza lendo em seguida três de seus poemas.

"Beleza é esse amor que é incapaz de perversão. Com este deve o homem preocupar-se antes de poder criar..."

sexta-feira, 31 de Maio.

... "Um único ato de entendimento colocará o homem em um pináculo de grande visão..."

De nada serve o meramente vos congregardes em um coro de concórdia. Se, porém, um de vós realmente viver um ato, um pensamento, que tenha seu alicerce na raiz da imortalidade - que é a própria vida - ou tenha um sentimento que radique no alicerce do eterno, então isto vos colocará em uma condição que vos proporcionará um entendimento maior, um maior regozijo, um maior desdobramento daquilo que é eterno...

Ignorância é aquilo que é criado pelo indivíduo, dentro de si mesmo, pela inter-mistura, e combinação do que é passageiro e do que é perdurável. Portanto a ignorância não tem começo, mas tem um fim...

Aquilo que é real, não prende. Aquilo que é passageiro prende, corrompe, e estabelece limitação. Assim, o sábio, tendo isto como medida para si mesmo, pela qual julga suas ações, seus pensamentos, suas emoções, sua vida inteira, como um todo, começará a desembaraçar-se da ignorância que é a inter-mistura do real e do irreal, da vida e da morte...

... Portanto, não podereis matar o eu, porém podeis fazê-lo crescer e tornar-se tão grande, tão vasto, que inclua toda a vida..."

Krishnaji, à tarde, sentou-se sem formalidades entre nós, no Camp-Fire, em vez de o fazer a certa distância das pessoas, como de costume. Ele e outros fizeram narrativa de varias lendas de diferentes países, que foram muito apreciadas pela assistência. Não houve palestra.

Sábado, 1.º de Junho.

Muitas perguntas foram feitas na reunião da manhã. Os pontos principais das respostas acham-se aqui resumidos:

"... No fim de tudo, se seguides a um indivíduo, criareis por meio desse indivíduo, um altar, e daí, pela limitação de vossos desejos, limitais aquilo que estais buscando... Não vedes que é isto que vos tenho estado dizendo por estes últimos dias; que a partir do momento que por vós próprios percebeis a meta, o objetivo, o preenchimento de toda a vida, então não mais quereis seguir a ninguém, exceto à Verdade; então não confiareis em ninguém mais, exceto na Verdade; então, não quereis o conforto de coisa alguma e de ninguém. Porém, do entendimento da Verdade, terá nascido a força em vós próprios.

... Se não dissésseis, como o fazeis, que Krishnamurti disse isto e aquilo, porém se verificásseis que o que eu havia dito era a verdade, pelo seu valor intrínseco, ela seria vossa e poderíeis repetí-la com segurança - com essa certeza que não pode ser abalada por nenhuma dúvida nem por pessoa alguma. Isto é o que eu quero criar em vossas mentes e em vossos corações; não o desejo de seguir a Krishnamurti, porque Krishnamurti morrerá... Todas as formas são coisas transitórias; elas guardam em si mesmas sua decadência última e aquilo de que vos estou falando não conhece decadência. A partir do momento que aderires àquilo que

não morre, então vossa integridade, vosso propósito, vosso êxtase será durável, fundamental, terá seu alicerce naquilo que é eterno."

—

"Srs., há revolta no mundo contra a ordem estabelecida, a tradição, etc., porém esta revolta não é inteligente, do meu ponto de vista. Esta revolta é semelhante a uma corrente que inunda suas margens; porém a revolta inteligente escolhe o que é essencial, selecionando essa coisa essencial na luz dessa liberdade, dessa perfeição que eu descrevi..."

PERGUNTA: "Qual, pois, é a verdadeira ou positiva função da mente?"

KRISHNAJI: Julgamento são e equilibrado, é a função da mente, porém para chegar a esse julgamento, a mente necessita ter sua contraparte igualmente equilibrada e esta é o afeto. Este é o perigo da divisão do coração e da mente. Como disse ontem, não podeis dividir a mente e o coração, são a mesma substância...

—

...Por favor, apercebei-vos de que tendes que atingir este oceano, este mar da vida, sem limitação, sem corrupção, que é livre e eternamente ativo. E dever-vos-íeis regozijar com alguém que o haja atingido e encontrado, tirando de si mesmo, boas novas para vos dar; e pela descoberta e pelo entendimento, alterar até as condições de vossos pensamentos, o estado de vossos corações, para que vós próprios venhais acolher-vos a esta sombra de perfeição...

... Não se trata de se necessitais ou não disso. É questão de se o quereis, se quereis ser felizes, se quereis ser livres, e estabelecer-vos, a vós próprios, na perfeição. E a maioria dentre vós não o quer e daí todas estas perguntas inumeráveis e vãs. Não quereis isto como um homem faminto deseja alimento. Não o quereis como um sedento deseja a água. Não o quereis como um homem que se afoga quer ar, como um homem que se acha coberto de feridas deseja um bálsamo curador. Um unguento que cura toda a tristeza, todas as feridas, todo o sofrimento, encontra-se naquilo que é durável e naquilo que é vida, e é disso que eu falo.

—

... Vós matais o futuro por meio do passado: estais mais interessados pelo morto de ontem do que pelo vivo de hoje e do futuro, a flor da vida de amanhã.

—

PERGUNTA: Não é a teoria da liberdade individual realmente anárquica e uma perigosa ameaça à vida social, pois que todas as comunidades contém indivíduos que são falhos em sua concepção quanto aos seus deveres para com outrem?

KRISHNAJI: Sr., porque vos preocupais acerca dos outros? Porque não viveis vós próprios? Sempre vos preocupais com o vosso próximo, com a sua fraqueza, suas murmurações, sua corruptibilidade - Preocupai-vos com o criminoso e a sociedade, enquanto que em vosso próprio coração é que está o criminoso. Chamais anarquia à liberdade individual. Se o indivíduo não é feliz, como não o é na época presente, ele cria o caos e a anarquia em redor de si, pelo seu egoísmo, pela sua crueldade...

... Todos vós estais tão preocupados em auxiliar a outrem. É uma coisa muito bonita o ajudar a outrem; porém que auxílio é o vosso? Levá-lo para uma outra gaiola, para outro caos, para outra sombra? Ou quereis torná-lo livre? Quereis por acaso que ele evolua em sua própria formosura? Há duas espécies de influências - uma tirânica, e a outra que proporciona animação, que proporciona entendimento, que dá simplicidade e afeto. Vossa influência é tirânica. Quereis que todos sejam de uma espécie particular e para isto é que tendes todas essas religiões, esses atos de moral.

Porém, existe uma outra influencia que, quando verdadeiramente compreendida, proporciona nutrição, encorajamento, pois que cada indivíduo precisa encontrar por si mesmo e através de si mesmo aquilo que é perdurável".

Um trio de peças em um ato para as quais o público fora convidado, foi representado a tarde: a adaptação de Michael de Tolstoi feita por Miles Malleson, Dark Lady of the Sonnets (A Dama Sombria de Sonnets) de George Bernard Shaw e Rosalinda de James Barrie. Os desempenhos foram dirigidos por Beatrice Wood e foram muito apreciados pelo auditório.

Fragmento da palestra do Camp-Fire:

"Que é pois que vós quereis na vida - amor, posses, ou esse sentimento de conforto que os homens chamam felicidade? Se esta é a jóia oculta no secreto santuário de vosso coração, então ide em busca dela e adquiri aquilo que desejas; se, porém, por outro lado, desejas a felicidade que é eterna, essa vida que é absoluta, incondicionada - se este é o vosso desejo, se é isto que está oculto no santuário de vosso coração, então procurai-o. Assim como o lótus utiliza a lama para produzir seus lindos botões, assim utilizareis a vida transitória para produzir a perfeita flor de vosso entendimento..."

domingo, 2 de Junho.

Em vista do interesse que a discussão livre de quarta-feira despertou, uma outra reunião semelhante foi combinada para esta manhã. Um certo numero de pessoas fez perguntas a Krishnaji e externou também suas idéias acerca dele e de seu trabalho. Como o público havia sido convidado, mais de um milhar de pessoas estiveram presentes. Entre as observações feitas, houve estas:

"Sinto," disse um orador, "que à medida que passa o tempo, a mensagem central de Krishnaji vai produzir mudanças absolutamente revolucionárias nos valores que são dados às artes... Presentemente elas são olhadas como luxo. As artes se tornarão tão essenciais na vida do estudante do futuro, como o alimento e a bebida".

A idéia de Krishnaji acerca de arte foi essencialmente a seguinte:

"No fim de tudo, pintar quadros, escrever poesias, são somente expressões do que se sente interiormente. Se sentirdes resumida, mesquinamente, vossos escritos, vossas pinturas, vossa inteira expressão será mesquinha; se, porém, souberdes como viver, então vossa arte, seja ela qual for, terá a marca do eterno..."

Expressou-se enfaticamente assim, sobre a inutilidade do medo:

"Sustento que nenhum propósito útil pode provir do medo. Não tem importância se se tem em vista obter comportamento reto, reta conduta ou paz. Se pelo medo fizerdes uma pessoa agir retamente, isso não será ação reta.

Srs., não podereis produzir a formosura por meio do medo, a beleza pelo temor e por isso é que tendes tantas catástrofes, guerras, tanto egoísmo, competição velhaca e corrupção - tudo isto provém do medo ou, da falta de verdadeiro entendimento".

Os cantores de Bach executaram vários trechos escolhidos na reunião da tarde, estes trechos foram seguidos da conferência pública de Krishnaji.

"...O homem é autoridade absoluta para si mesmo, o homem é seu próprio senhor, não é tributário das circunstâncias exteriores; ele, por suas próprias tristezas, pelas suas

complicações, pelos seus desentendimentos, faz parte do mundo e o mundo que o rodeia é sua expressão...

... A vida não tem processo técnico de preenchimento; a vida não tem um rumo especial que deva ser trilhado para atingir sua glória; a vida não possui meditação ou Yoga especial. É pela assimilação constante e pela rejeição, pelo exame, pela análise, pela cuidadosa consideração sobre cada pequeno acontecimento do dia, que se cresce para a perfeição...

... Nada podeis atingir pelo medo, seja em que tempo for, porque, a partir do momento que tendes medo em vosso coração e em vossa mente, estais antepondo uma limitação a esse desejo que busca a liberdade...

... Desejo é ser, e a purificação desse desejo é o preenchimento da vida.

Digo uma vez mais, para a verdadeira afeição o padrão reto é o amor que é desapegado pelo fato de ter apego à todas as coisas. É semelhante à flor que dá perfume a todo transeunte e não cuida de quem recebe a sua deliciosa fragrância; assim deve ser o verdadeiro amor. E na direção disto, todo o afeto deve lutar, deve evolver, deve progredir - na direção desse perfeito amor. Perguntar-me-eis agora: "Como havemos de fazer isto? Como chegaremos a esse perfeito amor?" Unindo-se a alguém, ainda que de maneira débil, de corruptibilidade em corruptibilidade, até que chegueis a essa incorruptibilidade do amor, que é requerida. Não existe outra maneira senão por meio da luta constante, do esforço, da colheita de grandes tempestades de amor e de sua rejeição..."

Em conclusão do programa público, Ruth St. Denis, a famosa dançarina, deu uma interpretação original de alguns dos poemas de Krishnaji.

"No realizar a grande Verdade, melhor fora que caísseis de uma grande altura do que da calçada. A mediocridade da vida, a pequenez da vida, consiste, não em cair, porém em cair de um lugar pouco elevado. Se caísseis de grande altura, do telhado das casas, das grandes montanhas, então o mundo se regozijaria e saberia que havia um grande homem, pois que sua queda fora grande.

Pois a mediocridade, a pequenez da mente e a pequenez da emoção, sufoca a Verdade e ela não se pode coadunar com aqueles que se acham temerosos de sua queda...

Pois, possuindo pleno entendimento dessa eterna Verdade, ou parcial que seja, vosso amor deveria de hoje por diante, resistir à vaga da corruptibilidade. Pois que, se dez pessoas houvesse, se houvesse uma realmente capaz de puro e desapegado afeto, desse que proporciona encorajamento, que se destaca sempre com clareza, no sentido da perfeição de todo o amor, então esse indivíduo único, despertaria no coração de muitos, esse amor que não pode ser manchado pela corrupção...

...Passaríeis pelas pessoas e elas se maravilhariam e receberiam conforto da vossa existência."

Deste modo terminou o acampamento de Ojai, de 1929.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No. 10

ANTES DO ACAMPAMENTO DA ESTRELA

Sábado, 20 de Abril, Krishnaji deu a sua primeira palestra de 1929 em Oak Grove, em Starland, Ojai, onde cerca de mil e duzentas pessoas, mais ou menos, estavam presentes para ouvi-lo. Na maioria eram pessoas não membros da Ordem da Estrela, vindos de Los Angeles, Hollywood, Santa Bárbara, Ventura; Santa Paula e outras cidades circunvizinhas em um raio de quinze a oitenta milhas de Ojai. Uma pessoa do auditório, viera de automóvel percorrendo duzentas milhas!

Oak Grove, pode-se dizer, é um dos mais belos recantos da vizinhança e o mais adequado a prover uma atmosfera em harmonia com os ensinamentos de Krishnaji. As folhas verdes novas, com o sol a brilhar através, o tapete de relva por debaixo, a sensação de paz, aumentada pela música dos pássaros, forneciam um conjunto apropriado à mensagem de Krishnaji, de liberdade e libertação. Eis aqui alguns trechos escolhidos de suas palestras, tiradas de apontamentos de meu livro de notas:

"Cultivai uma vida séria, não afetada - uma seriedade que seja lógica e crítica, porém, apesar disso, extremamente alegre... O pensamento criativo não é nacional nem ligado de maneira alguma pelas divisões artificiais que são obra do homem".

"Todas as pessoas têm os mesmos anseios e desejos, os mesmos pensamentos e emoções; o pensamento e a emoção são a essência da Vida, e somente a Vida é Verdade. Desde que a Vida não pode ser limitada nem separada por barreiras, o pensamento e a emoção do homem não podem ser repartidos. O preenchimento da vida é o perfeito equilíbrio do pensamento e da emoção. Se quiserdes encontrar a Verdade, não vos deveis deixar restringir por barreiras, deveis abandonar todas as seitas e mesmo as religiões, deveis ser livres para encontrar a Verdade".

"Tende que rejeitar tudo para tudo descobrir. Porém deveis rejeitar pela razão, não pela compulsão ou pelo medo e então o entendimento virá. Ponde de lado vossos preconceitos tirânicos, como vo-lo disse, e pensai livremente comigo, afim de poderdes caminhar comigo na integridade de vosso coração e não com o medo da perda de uma salvação futura... A coragem para lutar através da vida - livres e destemidos - somente pode vir com a segurança de propósito e com a visão ou percepção da Meta, e a certeza do propósito da vida, que não é uma dádiva divina ou uma visão misteriosa. É atingida pelo verdadeiro equilíbrio do pensamento e sentimento e a busca de experiência com um fim."

"As pessoas lutam, mas buscam o abrigo do conforto, do qual se origina o medo. Não vos abrigueis à sombra de um deus rememorado. Não permaneçais contentes pelo que houverdes alcançado. A maioria dos homens lutam na pesquisa da verdade e essa luta termina quando eles se filiam a um movimento religioso. Somente a tristeza e a dor os arranca do conforto desse abrigo para uma luta ulterior e posterior pesquisa. Assim eu lutei e pesquisei e atingi, porém digo isto não para que me cultueis ou me utilizeis como uma autoridade ou muleta na vossa incerteza, porém para mostrar-vos que a perfeição não é um capricho, ou um milagre e que pode ser atingida por todos por meio do esforço, por meio da luta e da incessante vigilância".

"Eu não vos quero ensinar a orar; não quero criar novas cerimônias em troca das velhas, pois que elas não tem utilidade real. Não vos quero dar novas teorias em lugar das antigas, pois que a Vida não será e não pode ser limitada por quaisquer teorias. Não pode efetuar-se uma salvação miraculosa em virtude da tristeza de outrem. A humanidade e o indivíduo, cada um pelos seus próprios esforços, tem de conquistar aquilo que é eterno e por meio disso estabelecer a harmonia".

Em outra reunião o auditório era ainda maior. Foi dedicada a perguntas e respostas, porém houve uma breve introdução, em palestra, na qual Krishnaji caracterizava os prosélitos como folhas agitadas pelo vento. Quando o vento parava, as folhas detinham-se e permaneciam estacionárias.

"O povo confia na intervenção divina para sua salvação", disse ele, "porém o indivíduo é livre. Se a intervenção divina fosse um fato, não haveria tanta tristeza e sofrimento no mundo, tanto desentendimento, do qual surgem as lágrimas da existência. Buscai por vós mesmos e

então, o que buscardes, será vosso para sempre. Um prisioneiro guardado na prisão que não tem a formosura das sombras, que não possui as frescas brisas, que tem um horizonte limitado, cujo gozo está encerrado nas quatro paredes da prisão, qual é o seu desejo? Ser livre! Similarmente um homem que tenha sofrido grandemente, que esteja colhido numa rede de tristeza, que esteja solitário, cuja tristeza se acumula como as nuvens acasteladas, qual será o seu desejo? Ser livre. Porém, se não houverdes sofrido, se não fordes um prisioneiro, embora na posse de muitas coisas, se não houverdes sentido a frieza, a solidão e o isolamento, se não houverdes lutado, se somente fordes um selvagem de calças, então a liberdade não tem significado para vós. Para atingir, tendes que caminhar através do vale da miséria, tendes que conhecer a tristeza ainda que não tenhais deleite no estar tristes. Na realidade não existe nem tristeza nem dor, pois é somente no vale que existem a sombra e a luz; porém, quando atingirdes, já não existirá tal coisa. Não há vida nem morte. Assim, para poderdes atingir, tendes que ter experiência; ela, porém, deve ser realizada com propósito, pois de outra maneira é meramente caótica e não criativa. Se possuídes este propósito da vida que é liberdade, felicidade e verdade, então toda a experiência deixará atrás de si um resíduo no qual podeis basear-vos e construir vossa força, vossa integridade e vossa grandeza; e então vos tornareis um deus, pois o homem é Deus e não existe outro Deus senão o homem tornado perfeito. Se buscardes, como auxílio, um deus externo, jamais o encontrareis. Podeis pensar que sim, porém ele não será eterno, pois somente a Vida é eterna e a Vida é Deus. Quando libertardes esse Deus interno, atingireis".

Fazendo uma analogia gráfica da pesquisa do homem em prol da Verdade, Krishnaji fez referência à estória de um grupo de borboletas que se haviam reunido à fresca sombra das folhas verdes na primavera, e estavam discutindo sobre a natureza do sol. Uma velha borboleta avançou e disse: "Eu vou sair para descobrir a verdade acerca do sol". Todas esperaram e quando ela voltou, disse: "O Sol é luz e a luz é muito poderosa, muito forte para que dela nos aproximemos". Outra borboleta replicou: "Isto não é bastante, queremos conhecer a verdade". Uma outra saiu à aventura e ao voltar disse: "O sol é quente e o calor é tão grande, tão poderoso, que nos não podemos nos aproximar muito. Chamusquei minhas asas". Mais uma vez as borboletas não se satisfizeram e uma terceira arriscou-se, voou em linha reta para o sol e destruiu-se na busca da verdade. Essa unificou-se com a verdade e não mais voltou.

Krishnaji, em seguida passou a responder a perguntas que lhe haviam sido feitas. A primeira surgiu das observações da tarde precedente e versava sobre se era preciso filiar-se a uma sociedade para a consecução. Krishnaji em resposta disse que não é necessário pertencer a uma igreja, o essencial é o entendimento da vida e isto não se alcança necessariamente pelo fato de a pessoa filiar-se a uma sociedade. A maioria das pessoas buscam conforto em uma instituição ou igreja, e daí seu esforço para entender a vida detêm-se quando se filiam a tal sociedade.

Uma outra pergunta inquiria se era possível a todos alcançarem a libertação nesta vida, ou se era apenas o começo de um esforço que por último conduziria à liberdade. Em resposta ele disse: "se o desejo em um homem for forte, cheio de propósito, constante, ele alcançará. Liberdade é perfeição e a perfeição não é um exotismo na natureza. É a resultante natural do crescimento, como o de uma flor perfeita".

A outra pergunta pedia provas da reencarnação. A resposta foi: "Não existe prova. A reencarnação é desnecessária à vida ou ao crescimento, porém eu vô-la explicarei rapidamente como idéia. Existe um abismo entre o homem e o seu propósito, ao qual damos o nome de tempo; e este tempo acha-se dividido por muitas vidas. O que é importante saber, não é se há muitas vidas nesse abismo e quantas, porém sim trazer a meta até nós, objetivando-a, tornado-a uma realidade atual, afim de evitar o abismo. Porém para isto conseguirdes, deveis estar constante e agudamente focalizados em vossa meta, em cada ação. Isto é mais importante do que uma prova da existência do abismo a que chamamos reencarnação. Isto é simplicidade e é do caráter do gênio o ser simples; porém, simplicidade não é crueza, é o mais completo refinamento".

A última pergunta foi se a Verdade era puramente intelectual ou assunto de convicção interior. Krishnaji respondeu rapidamente dizendo que não era uma coisa nem outra. A vida era o equilíbrio de ambas.

Ao encerrar desta reunião, declarou ele que não queria que as reuniões se tornassem congregações convencionais ou ajuntamentos formalísticos, porém, tomassem o aspecto de um esforço para buscar a Verdade, para raciocinar juntos, e criar entendimento juntos.

Uma vez, a despeito de ser uma tarde nevoenta e fria, cerca de seiscentas pessoas vieram para escutar a Krishnaji em sua palestra de fim de semana. Houve uma rápida introdução às perguntas e respostas:

"Para entender as respostas, não deveis julgar de imediato. Tudo que posso fazer é levar-vos a pensar e em vosso próprio considerar, a resposta vem. Para serdes um grande criador, tendes, que ser um grande destruidor. Deveis ter a coragem de derrubar e o gênio para construir. Isto vem somente em virtude de colocar de lado, pelo momento, o presente, o imediato, e pela luta com o pensamento."

"Se quiserdes criar beleza no mundo, se quiserdes criar uma ordem diferente no mundo, não deveis pensar tendo em vista o imediato, porém, apagando o presente, olhar o preenchimento da vida".

Uma pergunta que lhe fizeram, foi "Qual é a compulsão interna que nos propela na evolução?" Ao que ele respondeu: "Vós próprios, vossos desejos. A vida é semelhante a corrente de água numa montanha que cai desde o cimo, e ela, como um rio, busca libertar-se no oceano aberto. Conhecer os próprios desejos, e vê-los em operação na vida diária, controlá-los e dominá-los, - esta é a única coisa essencial- Um homem sábio, por meio do entendimento e do domínio dos seus desejos, modela a sua vida para a verdadeira liberdade".

Um outro inquiridor pediu-lhe a elucidação de seu enunciado sobre "a não existência do bem e do mal, sendo tudo matéria de experiência". Krishnaji explicou:

"Não existe mal nem bem, do ponto de vista do eterno, porém existe o bem e o mal para o homem que vive na sombra do presente que continuamente está mudando; e por isto é que ele se atemoriza tanto. Para atingir essa libertação, essa liberdade, deve ele haver ultrapassado o bem e o mal, o que significa estar para além de todo o medo - medo do presente, medo do passado e medo do futuro.

Em uma outra reunião de mil e duzentas pessoas, Krishnaji, disse:

"A vida é e deve ser simples, direta, e sempre orientada na persecução dessa verdade que é liberdade".

"A vida em cada um deveria ser tão direta que chocasse a todos, tão simples que fosse a absoluta cultura, tão genuína que nascesse da liberdade. Se quiserdes encontrar essa fonte de vida que se acha estabelecida dentro de cada um, posto que coberta por uma multidão de desejos, ambições, - para descobrires essa fonte da vida não deveis adorar em um altar qualquer que seja, nem emaranhar-vos no elaborado dos credos, das tradições e das complexidades das religiões".

"Deveis duvidar de todas as tradições, hábitos, costumes estabelecidos, e então somente, encontrareis aquilo que é durável."

"Quando digo que precisais voltar à simplicidade da natureza, não quero dizer que vos deveis tornar condicionados como a natureza o é, limitados como a natureza, inconscientes como a natureza. A natureza segue um padrão. O homem não pode seguir um molde. É livre."

"A vida não é conforto; a vida é um processo de luta contínua na direção da evolução, na direção da perfeição."

"Precisais ter, não somente a mentalidade que especula, porém a mentalidade que se deleita nas sombras".

Algumas notas ulteriores sobre pontos elevados de seu discurso, foram:

"Orais, adorais, executais ritos e cerimônias, buscais auxílio externo para vossa integridade, para vosso propósito na vida. Jamais o encontrareis assim. Se deixásseis de adorar, de orar, de executar ritos e olhásseis para dentro de vós mesmos e por esse modo estabelecêsseis um equilíbrio de entendimento na mente e no coração, encontraríeis o que desejais".

"O homem é Deus; e a partir do momento em que percevais que nesta vida que é limitação existe tristeza, então, nesse momento exato, começais a atingir".

"Primeiro tendes que verificar onde a Vida se consuma e qual o propósito da Vida, e então todos os vossos problemas de sexo e uma centena de coisas outras encontrarão solução. A experiência, com propósito, é divina, criativa; a experiência sem propósito é caótica, destrutiva".

"Tenho dito uma vez e outra que é desnecessário possuir um instrutor, que é desnecessário um mediador. É perfeitamente verdade que eu próprio já me sentei e adorei; porém voltei sempre sobre mim mesmo. Apenas aí é que tive de libertar-me a mim próprio e não no santuário de outrem ou por meio de um deus qualquer. Desde que assim encontrei a mim mesmo, o mesmo vos diria a vós que fizésseis. Não vos senteis em um templo, qualquer que seja ou aos pés de um instrutor qualquer. Não sigais a ninguém, não cultueis a ninguém, porém libertai essa vida que se acha na escravidão da tristeza. Então sereis capazes de dar liberdade às multidões."

"A vida não é somente desejo, pensamento, emoção ou outras coisas mais, porém algo que somente pode ser atingido pelo equilíbrio, pela harmonia de todas essas coisas; é isto o que eu entendo pela compreensão da vida; não é nada de misterioso que somente possa ser alcançado por meio da meditação profunda, intuitivamente, porém que pode ser adquirido por meio da luta constante, pondo de lado as coisas não essenciais."

"Que se entende por um homem inteligente? Um homem inteligente é um indivíduo que escolhe o perdurável entre o passageiro, que escolhe o essencial no não essencial, que diferencia entre o amargo e o doce e conhece a Verdade no verdadeiro, que distingue o falso na falsidade; um homem inteligente, um homem perfeito é um homem tal".

A vida é um rio que constantemente muda seu curso e o meio do entendimento é o seguir deste rio - não ao leito seco e deserto.

Boletim Internacional da Estrela Ano II No 10

QUE O ENTENDIMENTO SEJA A LEI

J. Krishnamurti

Na Sétima Concentração Internacional realizada em Erde, Ommen, Holanda, Agosto de 1928, foram feitas ao Sr. **Krishnamurti** muitas perguntas concernentes as questões que perturbam, na atualidade, a mente de numerosas pessoas. As respostas a essas perguntas foram de natureza tão fundamental e de tão vasto alcance, que julgamos imperioso publicá-las. Haverá muitas pessoas que encontrarão nas suas respostas uma solução para as próprias dificuldades.

Krishnamurti: Responderei a todas estas perguntas, segundo o meu ponto de vista, sem basear as minhas respostas em qualquer autoridade que seja. Sei que todos vós desejaríeis que se fundassem as minhas respostas na autoridade, mas sinto dizer-vos que ficareis desapontados a esse respeito. Não vou instar-vos a aceitar aquilo que tenho como a Verdade absoluta; deixo-o ao vosso critério, pois somente este é valioso, somente este é duradouro, e somente ele vos deve guiar, sustentar e proteger. Prosseguiremos, pois, tendo isso em mente, e peço-vos paciência e atenção, pois bem sei que no próximo ano se não compreenderdes inteligentemente, fareis as mesmas perguntas.

Pergunta: Certos conceitos que tem sido emitidos a respeito de vós e de vossa obra parecem diferir tão fundamentalmente de vossa doutrina e da Verdade que expondes, que gratos vos seríamos se nos pudésseis expressar uma opinião, a esse respeito. Em 1925 elegestes sete Apóstolos, sendo que cinco restantes não haviam ainda alcançado o necessário grau de Arhat. Dizeis agora que não tendes discípulos.

Krishnamurti: Repito que não tenho discípulos. Cada um de vós é discípulo da verdade, desde que compreenda a Verdade e não se ponha a seguir outros indivíduos. Não tenho seguidores. Espero que não considereis a vós mesmos como meus seguidores, porque, se o fizerdes, estareis pervertendo e traíndo a Verdade que eu defendo. Não tenho discípulos; não tenho seguidores; mas, se compreenderdes a Verdade que vos ofereço, em toda a sua simplicidade e grandeza, e amardes essa verdade pela sua própria beleza, tornar-vos-eis então discípulos dessa Verdade. Não tendes cuidados sobre quem é discípulo e quem não o é. Que empenho o vosso de julgar os outros! Aspirais à qualidade de discípulo com o fito de serdes persuadidos ou dissuadidos, com o fito de vos arrimardes em alguém, de serdes protegidos por alguém; mas, meu amigo, quando dependeis de outra pessoa, aí de vossa vida! – Espero, pois que esteja agora perfeitamente claro que não necessito de discípulos nem de seguidores; porque eu sustento que ser discípulo de um indivíduo qualquer é trair a Verdade. A única maneira de alcançar a Verdade é ser discípulo da própria Verdade, sem necessitar de intermediário. Não vos choqueis, não vos sintais desapontados – a Verdade nem sempre é aprazível. A Verdade é rude para aqueles que não compreendem, mas a Verdade é amável, delicada, generosa e encantadora para aqueles que compreendem. Nessas condições, amigo não existe a categoria de discípulo, a não ser para aqueles que compreendem que ser discípulos não é seguir indivíduos, porém só a Verdade em seu sentido absoluto, a Verdade infinita. E vós que tanto vos deleitais como vosso culto das personalidades, que tanto vos deleitais com vossos intermediários, achareis difícil aceitar a Verdade, mas não estou aqui para vos agradar. Não vos torneis seguidores nem discípulos de indivíduos, mas tornai-vos o tabernáculo da Verdade sem princípio nem fim, e então as questões concernentes a quem é apóstolo, quem é discípulo, quem é Arhat, se dissiparão, porque nenhum valor tem.

Quando galgais uma encosta elevada e encontrais pelo caminho indicadores da direção, vós vos detendes para adorar esses indicadores, ou prosseguis a marcha, deixando-os para trás? Ponderai com toda a seriedade sobre este assunto; deliberai, criteriosamente, com vosso coração, e por esse meio alcançareis o entendimento. Não há compreensão no culto das personalidades. Os rótulos que adorais carecem de significação. Bem sei que terei dúvidas sobre o que estou dizendo, e que minhas afirmativas suscitarão em vós um sentimento de incerteza, mas, meu amigo, eu vos digo que a verdade nada tem que ver com as personalidades mesquinhas e tirânicas que adorais, sejam elas quais forem. A Verdade transcende todas as graduações, porquanto essas graduações só existem por causa das limitações humanas.

Pergunta: A Igreja Católica Liberal e Ordem Co-Maçônica foram apontadas como duas organizações especialmente escolhidas pelo "Senhor" Maitreya para levar avante a vossa obra. Mas vós dizeis que todos os rituais e cerimônias são desnecessários e "reduzem" a Verdade.

Krishnamurti: Continuo a sustentar que todas as cerimônias são desnecessárias à evolução espiritual. Quanto vos agradaria se eu dissesse, pela maneira mais autoritária, que elas são necessárias, ou que não o são! Quanto vos deleitaria se eu dissesse: "A Vontade, senhores, continuais a celebrar as vossas cerimônias!" ou "Não, senhores, deixai de celebrar cerimônias" – porque vos sentiríeis então em vosso elemento.

PERGUNTA: A Igreja Católica Liberal e Ordem Co-Maçônica foram apontadas como as duas organizações especialmente escolhidas pelo "Senhor" Maitreya para levar avante a vossa obra. Mas vós dizeis que todos os rituais e cerimônias são desnecessários, e "reduzem" a Verdade.

KRISHNAMURTI: Continuo a sustentar que todas as cerimônias são desnecessárias à evolução espiritual. Quanto vos agradaria se eu dissesse, pela maneira mais autoritária, que elas são necessárias, ou que não o são! Quanto vos deleitaria se eu dissesse: "À vontade, senhores, continuai a celebrar as vossas cerimônias!" ou "Não, senhores, deixai de celebrar cerimônias" – porque vos sentiríeis então em vosso elemento. Mas, porque eu não digo tal coisa, porque não baseio o que expresso em autoridade alguma, ficais intrigados, e na vossa ansiedade dá-se uma confusão de propósitos, acentuando-se o que não é essencial e perdendo-se de vista o que é essencial. Eu digo que todas as cerimônias não são essenciais para o preenchimento da vida. Mas, replicareis: "Que direis das cerimônias da Igreja Católica Liberal e da Co-Maçonaria?". Amigo, vós deveis formar vossa opinião a esse respeito. Não é a mim que cabe formá-la. Como vos agradaria, se eu formulasse uma opinião para vós! Sois todos como crianças incapazes de se susterem nas pernas e caminhar desamparadas. Há dezessete anos que vos preparais e estais presos na vossa própria criação. Não vos sirvais de mim como de uma autoridade, não digais que Krishnamurti desaprova as cerimônias. Eu não aprovo, nem reprovo. Se desejais celebrar cerimônias, vós as celebrareis, e essa é uma razão suficiente em si mesma; se não desejais celebrá-las, não as celebrareis, e também essa é uma razão suficiente em si mesma. Tais dificuldades só se manifestam quando o indivíduo está empenhado em obedecer, quando está atemorizado – atemorizado pela idéia de perder o maná espiritual que julga existir na organização de que faz parte. Nenhuma organização, por mais amadurecida pela tradição, por mais firmemente estabelecida que seja, contém a verdade. Se desejais procurar a Verdade, deveis fazer-vos ao largo, distanciar-vos das limitações da mente e do coração humanos, e descobri-la então, – e essa Verdade está dentro de vós mesmos. Não é muito mais simples fazer da própria Vida o alvo, da própria Vida o guia, o Mestre e o Deus, do que ter intermediários, gurus, que inevitavelmente "reduzirão" a Verdade e, portanto, a traição?

PERGUNTA: Dizem que, com vossa vinda a evolução foi acelerada em todos os seres e que o número de Iniciados, no mundo, crescerá rapidamente. Mas vós dizeis que esses degraus, no Caminho, não são essenciais e que a libertação pode ser alcançada em qualquer fase da evolução.

KRISHNAMURTI: Digo que a libertação pode ser alcançada em qualquer degrau da evolução, pelo homem que compreende, e que não é essencial render culto a esses degraus, como vós o fazeis. Assim como tendes, na vida mundana, um sentimento de classe, que vos infunde reverência pelos títulos aristocráticos, assim também tendes um sentimento de classe de ordem espiritual; não há muita diferença entre estas duas coisas. Por essa razão, deveis desenvolver a compreensão e o desejo de alcançar vosso alvo, e esquecer todos esses graus e as pessoas neles situadas. Que valor têm eles para vós?

Porque perdeis de vista alvo da vida, porque não desejais alcançá-lo com todo o ardor, com todo o interesse e energia, esses graus, com os seus rótulos, vos prendem e escravizam. Seguramos um brinquedo à frente de uma criança, à fim de estimulá-la a andar, e a criança que é sensata não se põe a adorar esse brinquedo, porque o seu desejo é andar. Vós não sois crianças. Entretanto, estais adorando um brinquedo. Eu vos digo que a Vida é muito séria para brincar-se com ela, e, como já disse, é chegado o tempo de decidirmos se vamos continuar, como crianças, a admirar brinquedos, ou se vamos ser homens e mulheres adultos, dispostos a rejeitar tudo quanto é pueril, a fim de descobrir a Verdade. Encontrar e estabelecer a Verdade depende de vós mesmos e de ninguém mais. Se eu destruísse todos os vossos arrimos atuais, logo inventaríeis outros, para satisfazer o vosso desejo de apoio, inventaríeis logo outras idéias fantásticas. Direis que não creio em nada dessas coisas. Não creio nem descreio. Para mim elas têm valor insignificante, em comparação com a jóia mais preciosa deste mundo, que é a Vida.

Podereis alcançar a libertação em qualquer degrau da evolução, se possuídes um desejo ardente de alcançá-la, se nutrirdes o anelo de rejeitar todas as coisas que não são essenciais de vos agarrardes, tão fortemente como a morte, às coisas que são vitais, essenciais. E para determinardes o que é essencial e vital, deveis observar, deveis estar atento para tudo quanto se passa em redor de vós. A vida é uma tela tecida dos fatos comuns de cada dia e, se não utilizardes esses fatos, perdereis o significado das pequeninas coisas, com as quais as grandes coisas são construídas.

PERGUNTA: Disseram-nos que a Mãe Universal irá manifestar-se a fim de completar a vossa obra e que o discípulo através do qual Ela atuará já foi eleito. Mas vós nos dizeis que, na Verdade, não existem estas distinções de macho e fêmea, porque a Vida é uma só.

KRISHNAMURTI: Digo que a Vida é uma só, embora as expressões da Vida sejam múltiplas. Na Verdade, não existe nem macho nem fêmea; como pode existir? Tendes um corpo diferente do meu; mas, não tendes a mesma tristeza, as mesmas dores, as mesmas ansiedades, e as mesmas dúvidas? O de que necessitais é uma mente pura e um coração cheio de amor, e então todas essas coisas perderão a importância, Ninguém vai completar a minha obra, senão vós mesmos. Talvez o que digo não vos agrade e, por isso, desejeis outra imagem para adorar e tereis uma tal imagem, por vós mesmos fabricada, seja esta ou outra qualquer. Enquanto não aspirardes à Verdade no seu sentido absoluto, enquanto não aspirardes à liberdade, inventareis para vós mesmos muitas frases, muitas imagens, muitos rótulos, e vos enleareis nas complicações das filosofias e das crenças. Se desejardes a Verdade como um homem que se afoga deseja o ar, não necessitareis dessas complicações. Mas, preferis satisfazer-vos com coisas fáceis, agradáveis, suaves, a enfrentar uma luta rude com vós mesmos, a compreender a vós mesmos e, assim, vencerdes.

Não ides, depois, citar-me como autoridade. Recuso-me a servir-vos de apoio. Não irei para uma clausura, para ser venerado por vós. Quando trazeis para dentro de um quarto o ar puro da montanha, perde esse ar a pureza e sobrevém a estagnação: e nenhum homem judicioso se deixará prender nessas coisas que pervertem e fazem estagnar a mente e o coração.

Porque eu sou livre, porque encontrei esta Verdade que não tem limites, que não tem princípio nem fim, não me deixarei condicionar por vós. Podeis expulsar-me de vossos corações e de vossas mentes, mas eu não vos servirei de arrimo, nem me deixarei prender na clausura de vossas pequeninas ilusões.

PERGUNTA: Dizeis que não há Deus; que não há nem o bem nem o mal; que não existe lei moral. Em que difere, pois, a vossa doutrina da de qualquer materialista?

KRISHNAMURTI: Minha doutrina difere totalmente da do materialista, e se não o percebestes, lamento-vos. Eu nunca disse que não há Deus. O que eu disse é que só existe Deus conforme se manifesta em cada um de nós, e que, quando houverdes purificado aquilo que está dentro de vós mesmos, achareis a Verdade. É claro que Deus existe; mas não vou empregar a palavra Deus, porquanto ela assumiu um significado muito especial e estreito. Para uns ela sugere um punho possante e iroso; para outros, um ser de longas barbas; para outros, uma Inteligência Onipotente, Onisciente e, Suprema. Isso eu prefiro chamar Vida, porque nos aproxima mais da Verdade, porquanto vós tendes de lidar com a própria Vida, e não com o culto que rendais a um ser exterior, enganando a vós mesmo. A Verdade, tal como a Vida, é como o raio de sol: se sois sensato, abrir-lhe-eis as janelas; se não sois sensato, descereis as cortinas. Se estivésseis enamorado da Verdade, essas imagens não teriam mais valor nenhum para vós.

“... que não existe nem bem nem mal”. Está visto que não há nem o bem nem o mal. O bem é aquilo que não tememos; o mal, aquilo que tememos. Se, portanto, destruídes o temor, estareis espiritualmente preenchidos; mas, se ficardes condicionados pelo temor como o estais - continuará a existir o mal, o bem e a moral, para sustentar-vos, na vossa fraqueza.

Quando estiverdes enamorados da vida e puserdes esse amor acima de todas as coisas, e julgardes por esse amor, e não pelo vosso temor, desaparecerá então esta estagnação que chamais moral; o que ocupará vosso pensamento será, então, o quanto estais enamorados da Vida, e não quanto mal e quanto temor existe no vosso coração. Ou, melhor vós julgareis pelo

vosso amor, e não pelo vosso temor. Eu sei que vos proíbem de julgar; mas, como sempre julgais, porque então não julgar de acordo com a Verdade? E para julgardes segundo a Verdade, é preciso que estejais, apaixonados pela Vida; mas, então, nunca julgareis, em circunstância alguma. Porque não estais enamorados da vida, vós julgais pelos vossos padrões de moralidade; pelo bem e pelo mal; pelo temor de céu e inferno; e por isso opondes uma barreira àquele amor, àquela compreensão da vida.

PERGUNTA: Sustentam certas pessoas que, se bem o Instrutor Universal não se preocupa com a fundação de uma nova religião, o Bodhisattva Maitreya, em Sua Consciência Cósmica maior, se interessa por todas as religiões e credos, e os apoia.

KRISHNAMURTI: Mas, que idéia confortável! Como adorais as palavras! Vós estais enamorados de rótulos, e não da Verdade. Que significais por "Consciência Cósmica"? A Vida? Como é possível dividir a Vida em Instrutor Universal e Bodhisattva? O" gente de pouco entendimento! Percebeis o que esta pergunta implica? - O que vos agrada atribuis ao Bodhisattva; o que vos desagrade atribuis ao Instrutor Universal ou - quem sabe? - a Krishnamurti. Mas, que é que vós mesmos pensais? Onde ficou vossa compreensão, depois de tantos anos? Como enganais a vós mesmos com todas estas palavras! Dividis a Vida em Instrutor Universal e Bodhisattva, e o que é agradável procede de um, o que não é agradável procede do outro ou, se nenhum dos dois serve, então procede de Krishnamurti. Que tem a Verdade com os termos "Instrutor Universal", Bodhisattva, ou Krishnamurti? Que tem a vida com esses nomes? Se fordes arrebatada dos, agora, pela minha autoridade, sereis arrebatados, futuramente, por outra autoridade qualquer. Obedecereis a mando da autoridade e desobedecereis a mando da autoridade. Vossa compreensão fica muda, no caso. Desejais conforto a toda hora e esse conforto vós o encontrais em palavras na autoridade, nos deuses e dogmas.

Mas, se puderdes perceber que não existe conforto, e sim compreensão, não ficareis enredado em palavras, em idéias, ou no que dizem os livros, ou à sombra dos deuses que adorais. Que pressa tendes em julgar, sem conhecimento! Em aceitar, sem compreensão!

PERGUNTA: Disseram, também, que o Christo atua essencialmente através da Igreja Católica Liberal e somente uma parcela de sua Consciência se manifesta através de Krishnamurti. Podeis dar-nos vossa opinião a respeito desses dois pontos?

KRISHNAMURTI: Vós aceitais o que vos agrada, e rejeitais o que vos desagrade. A Verdade, que é a Vida, nada tem com pessoa alguma nem com organização alguma. Amigo, estais a brincar com estas coisas. Não são elas de importância capital para vós, mas para mim elas são de vital interesse. Importa-me muito a Verdade e o despertar em cada um de vós o desejo de descobrir essa Verdade. O que vos importa é a consciência de Krishnamurti. Mas como o podeis saber, se não conheceis nem Krishnamurti nem o Christo? Não sei quem vos diz essas coisas, mas, como vos seduzem os belos efeitos de palavras! -- Não me interessam organizações. Não me interessam sociedades, religiões, dogmas; o que me interessa é a Vida, porque eu sou a Vida. Não almejo a Vida e o preenchimento da Vida, que é a Verdade; uma passageira sombra de conforto, nesta ou naquela organização, uma dose de palavras suaves e de idéias agradáveis, são suficientes para vossa limitada compreensão. Assim, pois, amigo, estais preso nessas coisas. Porque à Vida vós antepondes as organizações, a autoridade de outro, as frases de outro, estais prisioneiro e sufocado. Eu vos falo a respeito do cume da montanha, que não conhece sombras, que nunca está toldado de nuvens, que é constante e eterno, e o que vos interessa são os vales que jazem à sua sombra. Se desejais compreender o cume da montanha, deveis deixar o vale, e não permanecer nele, adorando, de longe, o alto da montanha. - Amigo, não vos preocupeis sobre quem eu seja; vós nunca o sabereis. Não desejo que aceiteis qualquer coisa do que vos digo. Nada necessito de qualquer de vós; não desejo a popularidade; não preciso de vossa lisonja nem de vossa obediência. Porque estou enamorado da vida, nada preciso. Estas questões não são de grande importância; o que tem importância é o fato de que estais obedecendo à autoridade e permitindo que vosso julgamento seja pervertido por ela: Vosso julgamento, vossa mente, vossos afetos, vossa vida, estão sendo pervertidos por coisas destituídas de valor, e é nisso que reside o sofrimento.

Vi, num templo indiano, uma família de símios - pai, mãe e filho. O filhote estava sempre agarrado à mãe, não a deixando nunca. E, numa fazenda de criação de leões, na Califórnia, eu vi uma leoa com seu filhotinho. Este andava livremente pelos arredores, independente da mãe.

Que preferis: ser apegado como o macaco ou independente como o leão? O homem que deseja libertar-se de todas as suas limitações, deve jogar para longe todos os arrimos. Se desejásseis subir às alturas, não levaríeis convosco todos os vossos haveres, vossos títulos, vossos rituais e vossos amigos. Abandonaríeis todas essas coisas, para subirdes sozinho. Subir livre de embaraços não significa egoísmo. Não vos torneis a enganar com essa idéia. Se desejais subir, será sensato fazê-lo com determinação, com perseverança, sem a carga de complicações. A Verdade não depende de pessoa alguma, por mais que ameis essa pessoa. Ela está acima das pessoas, acima dos deuses que imaginais e dos lúgubres santuários dos templos. Eu sei o que sou; sei qual é a minha finalidade na Vida, porque sou a própria Vida, sem nome, sem limitação. E porque eu sou a Vida, desejo instar-vos a adorar essa vida, não na forma que é Krishnamurti, porém a vida que reside dentro de cada um de nós. Lançai fora toda essa bagagem de crenças, religiões e cerimônias, e encontrareis a Verdade.

PERGUNTA: Devemos entender que não há razão para temermos levar até às suas últimas conclusões o que as vossas palavras implicam?

KRISHNAMURTI: Porque o temeis? De que tendes medo? Medo de que o que eu digo seja a Verdade? Medo de abandonardes as coisas a que há tanto tempo vos apegais? Como julgais possível achar alguma coisa na vida se tendes medo de levar vossos pensamentos e sentimentos até as últimas conclusões?

Amigo, vós alcançareis a Verdade se deitardes fora o que haveis adquirido, e não se vos apegardes a essas coisas. Esta é a única maneira de se achar a Verdade. Se desejais dinheiro, não procedeis com crueldade para acumulardes vossas riquezas? Mas não desejais a Verdade por essa maneira. Não quero dizer que sejais egoístas e cruéis - porque, quando caminhais na direção da Verdade, não há lugar para o egoísmo e a crueldade. Se praticais qualquer ação impelido pelo medo ou a mando de outro, aí de vós, porque ao longo deste caminho jaz a tristeza e a dor.

PERGUNTA: Tendes uma doutrina para as massas, e outra para vossos discípulos escolhidos?

KRISHNAMURTI: Não tenho discípulos escolhidos. Quem são as massas? Sois vós. É em vossas mentes que existem as distinções entre as massas e os escolhidos, entre o mundo exterior e o mundo interior. É em vossas mentes que corrompeis, que "reduzis" a Verdade. Ó amigo! Se estais enamorado da vida, vós envolvereis todas as coisas nesse amor, tanto as transitórias como as permanentes. Quereis uma doutrina especial para uns poucos eleitos, porque em vossos corações existe a segregação, a separação; desejais ,confinar as águas puras da vida e guardá-las para vós. Podeis perguntar ao sol se ele brilha para as massas ou para uns poucos eleitos? Podeis perguntar às chuvas se elas se destinam às planícies ou às montanhas? Se não compreendeis, suporeis, como sempre se supôs, que o meu ensino se destina a uns poucos e por essa forma "reduzireis" e traireis a Verdade. Porque existe limitação em vosso coração, dividis a água da vida, que se destina aos reis e aos mendigos, indistintamente. Quer proceda de uma fonte de ouro, quer de um regato, essa água é a mesma e acalma a sede de todos, sem distinção de pigmentos, castas, credos e dos especialmente eleitos. É porque durante tantos anos; durante tantos séculos, durante tantas idades, a Verdade tem sido limitada e "reduzida", que novamente desejais limitá-la, e com efeito já o estais fazendo, quando perguntais "A Verdade destina-se às massas ou a poucos escolhidos?". Dizeis que as massas não compreendem; que lhes é difícil aprender; que somente uns poucos são capazes de alçar-se às alturas. Julgais que eu não possuo tanta afeição e tanto amor como qualquer de vós? Mas, porque já subi todos os vossos degraus, eu vos digo: Não subais esses degraus, mas evitai-os, deixai-os de lado e reuni as vossas forças para a ascensão.

PERGUNTA: Dizeis que Deus só existe em nós, e que não há outro Deus. Tereis a bondade de explicar um pouco mais essa importante asserção, já que todo o mundo crê num Deus fora de nós, um Criador, de todas as coisas, e vós mesmo falais do Bem-Amado, do Guru - o nome não tem importância - e outros falam do Budha, do Christo, de Deus. Como podeis conciliar esses conceitos?

KRISHNAMURTI: Uni-vos com a vida, e vos unireis com todas as coisas. Como está dito nessa pergunta, os nomes não têm importância. Se estais enamorado da Vida, então vós vos unireis com a Vida, quer a chameis Budha ou Christo, quer lhe deis outro nome qualquer. Como

podereis unir-vos com a Vida? Não o 'podereis, certamente, se criardes complicações, porem o podereis se criardes o ardente desejo da Verdade, o qual destrói todas as complicações. Mas dizeis: "Como poderei ficar enamorado da Vida?" Pela experiência. "Como poderei colher experiência?" Aceitando a experiência. "Como poderei aceitá-la?" - Não vos separeis da Vida. Vedes ao redor de vós tristezas e sofrimentos sem fim e, se vos limitardes a ver, sem observar, não haverá confortamento do coração nem purificação da mente.

PERGUNTA: Diz Krishnamurti que não devemos seguir nem obedecer a autoridade alguma. Até que ponto pode esse princípio aplicar-se aos membros da Sociedade Teosófica que, a muitos respeito, são governados pela autoridade? Ou, também, até que ponto é ele aplicável à autoridade do próprio Krishnamurti?

KRISHNAMURTI: Eu preferia que não dissésseis: "Diz Krishnamurti ...". Se citais a mim, ao lado de todas as outras autoridades a que vos submeteis, perdereis a água preciosa que eu vos trago. "Diz Krishnamurti que não devemos, seguir nem obedecer a autoridade alguma. Até que ponto pode esse princípio aplicar-se aos membros da Sociedade Teosófica que, a muitos respeito, são governados pela autoridade? Ou, também, até que ponto é ele aplicável à autoridade do próprio Krishnamurti?"

Quereis que vo-lo diga? Não obedeçais. Porque vos sujeitardes a outros indivíduos? Porque estais prontos a aceitar, vós criais a autoridade e essa é a raiz venenosa, essa é a semente que vos cumpre destruir. Desejais adquirir o conforto pela obediência. Não penseis que eu esteja em oposição a Sociedade Teosófica. Não estou. É desperdício de energia estar em oposição a qualquer coisa, que seja. Se começardes a espalhar que eu vos incitei à desobediência, estareis criando outra autoridade, à qual rendereis culto. E se obedecerdes, porque eu vo-lo aconselhei, estareis igualmente criando outra autoridade, à qual rendereis culto. Ignoro que na Sociedade Teosófica sejais impelidos à obediência. Ignoro-o; pode ser que sim, mas isso não me interessa. Se não for na Sociedade Teosófica que obedeceis, vós o fareis em outra organização qualquer. O desejo de obedecer é inato em cada um de vós e é esta a razão por que criastes essas organizações. O que me interessa é a purificação do vosso desejo e não o estabelecimento de uma autoridade. Desejo é vida, e se fortalecerdes esse desejo, se purificardes esse desejo, se o enobrecerdes, se lhe derdes vitalidade, lhe derdes o êxtase da demanda de um alvo, quebrareis então todas essas coisas pequeninas que vos barram o caminho. Não fui sempre instado pelos meus amigos a seguir esta ou aquela coisa? Não me disseram eles, sempre: "Cuidado com o que fazeis, com o que dizeis! - Tomai cuidado de vossa posição. - Deveis dizer isso e não deveis dizer aquilo. "A paciência é um dom divino! - Tivesse eu obedecido a qualquer deles, jamais teria encontrado aquela felicidade eterna e absoluta. Porque pus em dúvida justamente as coisas que eles sustentavam, porque nunca aceitei prontamente coisa alguma que me fosse apresentada, eu encontrei aquele Reino que é eterno e imutável; eu preenchi a Vida. E desejo dizê-lo a vós: Fazei o mesmo; mas não o façais porque eu o digo, porém porque vós também desejais entrar nesse Reino, vós também desejais encontrar aquela paz absoluta, aquela libertação que é o ápice de toda a experiência, aquela Verdade que não é criação de pessoa alguma, de nenhuma organização, de nenhuma igreja.

PERGUNTA: Sois o Cristo, de volta ao mundo?

KRISHNAMURTI: Amigo, quem julgais que eu sou? Se eu disser que sou o Cristo, vós ireis criar uma nova autoridade. Se disser que não o sou, criareis igualmente outra autoridade. Julgais que a Verdade tem algo que ver com o que vós pensais que eu seja? Vós não estais interessados na Verdade; estais interessados no vaso que contém a Verdade. Não desejais beber da água, mas desejais saber quem foi que modelou o vaso em que está contida a água. Amigo, se eu vos digo que sou o Cristo e outro disser que o não sou, onde ficareis? Lançai fora o rótulo, que nenhum valor tem. Bebei a água, se ela é pura. Eu vos digo que possuo essa água pura; possuo o bálsamo que purifica e que cura soberanamente. E vós me perguntais: "Quem sois? -

EU SOU TODAS AS COISAS, PORQUE EU SOU A VIDA!

